

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO

MARIO DE ALENCAR <i>da Academia Brasileira</i>	Carlos Peixoto, filho 277
F. J. OLIVEIRA VIANNA	Psychologia das revolu- ções meridionaes 298
AFRANIO PEIXOTO <i>da Academia Brasileira</i>	Paixão e glória de Cas- tro Alves 311
JULIA LOPES DE ALMEIDA	Padre José Mauricio 342
GUILHERME DE ALMEIDA	Poesia 359
ASSIS CHATEAUBRIAND	Sobre a jornada repu- blicana de 1817 : 364
FIRMINO COSTA	Vocabulario analogico 377
ALFREDO PUJOL <i>da Academia Brasileira</i>	"A Carne", de Julio Ri- beiro 384
COLLABORADORES	Resenha do mez 395

(Continúa na pagina seguinte)

PUBLICAÇÃO MENSAL

N. 23 - ANNO II

VOL. VI

NOVEMBRO, 1917

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA BOA VISTA, 59
S. PAULO - BRASIL



RESENHA DO MEZ — Brasil-Allemanha (*Alfredo Pujol*) — Bibliographia (*Augusto Rodin*) — A exposição do Sacy (*M. L.*) — *Notas de Sciencia* (As doenças do coração; a utilização dos ossos; a hora do heroísmo) *M. P.* — Th. Ribot — Brasil escreve-se com *s* (*Assis Brasil*) — A idéa de Justiça (*Pedro Lessa*) — O culto do passado e o centenário da Independencia (*Adolpho Pinto*) — O fundador da Republica (*Paulo Pestana*) — A bandeira do Brasil (*Escragnolle Doria*) — Alcoolismo, opilação e impaludismo (*Belisario Penna*) — Lourenço Coster, o inventor da imprensa — A guerra actual e os princípios de estrategia — A adivinhação e a guerra — A inimiga de Napoleão — Variedades — As caricaturas do mez.

ILLUSTRAÇÕES — *O Pensador*, de Augusto Rodin; *O Sacy e o caipira*, *O Sacy e as pretas*, de Richter; *O Sacy e a cavahada*, *A trança da crina*, de R. Cippichia; Retratos: Carlos Peixoto, Castro Alves, Padre José Mauricio, Augusto Rodin, Alfredo Pujol, por Wash Rodrigues.

As assignaturas começam em qualquer tempo e terminam em Junho ou Dezembro
A "REVISTA DO BRASIL" só publica trabalhos inéditos

REVISTA DO BRASIL

PUBLICAÇÃO MENSAL DE SCIENCIAS,
LETRAS, ARTES, HISTORIA E ACTUALIDADES

Propriedade de uma
sociedade anonyma

L. P. BARRETO

Directores: JULIO MESQUITA Redactor-chefe: Plinio Barreto
ALFREDO PUJOL Secretario-gerente: Pinheiro Junior

ASSIGNATURAS PARA 1917:

Anno	15\$000
Seis mezes	8\$000
Estrangeiro	20\$000
Numero avulso	1\$500
Numero atrazado	2\$000

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DA BOA VISTA, 52
Caixa Postal, 1373 — Telephone, 4210

S. PAULO

Toda a correspondencia deve ser endereçada ao secretario-gerente.

ALFAIATES:

ALFAIATARIA ROCCO—Emilio Rocco — Novidades em casemira inglesa. — Importação directa. — Rua Amaral Gurgel, 20, esquina na rua Santa Izabel. Tel. 5151 — S. Paulo.

JOLAS — Ouro, platina, caurtelas de casas de penhores e do Monte de Socorro de S. Paulo

— A CASA MARCELLINO compra e paga bem.—Praça Antonio Prado, 14 — Telephone 4.692 — S. Paulo.

CASA PAULISTA, de Moyses Gandelhman — Moveis, camas de ferro esmaltado, colchões, tapetes, etc., a dinheiro e a prestações. Rua Barão de Itapetininga, 14-A — Tel. 3046 Central. S. Paulo.

Joallierie — Horlogerie — Bijouterie

Maison d'importation

Bento Loeb

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 (en face de la Galeria)

Pierres précieuses — Brillants — Perles — Orfévrerie — Argent, Bronzes et Marbres d'Art — Services en Métal blanc inaltérable

Maison à Paris . 30, Rue Drouot, 30

Grande Loteria de São Paulo

FIM DE ANNO

EM 28 DE DEZEMBRO

200 Contos em dois grandes
premios de

100:000\$

100:000\$

INTEIRO	9\$000
MEIO	4\$500
FRACÇÃO	\$900

**Os bilhetes estão á
venda em toda a parte**

"A TRANSOCEANICA"

Empresa de viagens e excursões de recreio

A COOK BRASILEIRA

Sociedade Anonima autorizada a funcionar na Republica pela Carta Patente n. 33, expedida pelo Ministerio da Fazenda, e pela Carta Patente n. 1, expedida pela Delegacia Fiscal do Thesouro Nacional em 8. Paulo.

Secção de Clubs de Viagens

Esta secção garante aos seus prestamistas, por meio de sorteios diários, semanais, quinzenaes e mensaes, uma estadia em diversas estações thermaes e climatericas do paiz, Europa, America do Norte ou Rio da Prata, com passagem, cambiaes ou cartas de credito.

Club Americano

Sorteio diario de passagem ou cambiaes ou cartas de credito, feito por machinas Eicher, ás 4 horas da tarde, em presenca do fiscal do governo federal.

Série Brasil — Compõe-se de quatro grupos de dois algarismos em ordem subsequente.

BENEFICIO: passagens cambiaes ou cartas de credito no valor de 1 libra esterlina.

Série Argentina — Compõe-se de 2 algarismos.

BENEFICIO: passagens, cambiaes ou cartas de credito no valor de 3 1/2 libras esterlinas.

Série Chile — Compõe-se de 2 algarismos.

BENEFICIO: passagens ou cambiaes ou cartas de credito no valor de 35 libras esterlinas.

Série Uruguay — Compõe-se de 4 algarismos.

BENEFICIO: passagens ou cambiaes ou cartas de credito no valor de 263 libras esterlinas.

A prestação minima é de 18000. — A entrega dos beneficios, calculados ao cambio de 10 1/2 d. (libra a 225000) é feita uma hora após o sorteio.

O prestamista pôde escolher livremente os numeros que desejar e tomar quantas inscrições quizer, dentro dos limites das quatro séries.

Aos prestamistas não sorteados faz-se a restituição de uma quota de 1 % até 30 % do valor de suas contribuições.

Secção de Excursões de Recreio e Representações

Esta secção, organizada sob os moldes de suas congêneres, Cook, Lubin e Expresso Internacional, etc., tem por fim proporcionar aos seus clientes todas as facilidades na compra de passagens ferroviarias ou maritimas, reserva de camarões em hotéis, condução de bagagens, passeios, etc.

Esta secção fornece serviços individuais ou collectivos, á vontade do cliente.

A Estancia Thermal e Climaterica de *Pozos de Caldas*, denominada a "SUISSA BRASILEIRA", é a mais reputada e conhecida estação de cura da America do Sul.

"A Transoceanica" é a sua representante exclusiva no Brasil.

Pozos de Caldas está situado a 1.200 metros acima do nivel do mar. Clima 18° graus centigrados, thermas 40° graus. Estação de aguas, banhos sulphurosos e gazosos e repouso. **PRINCIPAES HOTÉIS:** — *Grande Hotel* (um dos mais luxuosos do Brasil); *Hotel das Thermas* (de tradicional reputação); *Hotel do Globo* (50 quartos); e *Hotel d'Oeste* (20 quartos).

"A Transoceanica" fornece gratuitamente todas as informações para uma viagem e estadia em *Caldas*.

Secção de Publicidade

Esta secção, organizada de conformidade com os methodos americanos, tem por fim facilitar ao commercio e á industria a propaganda de seus productos em jornaes brasileiros.

"A Transoceanica" é arrendataria do "Diario Mercantil", de Juiz de Fora, jornal de maior circulação no Estado de Minas Gernes.

Os annuncios deste jornal são taxados por um preço excepcional.

"A Transoceanica" é a exclusiva representante no Brasil de "THE URUGUAYAN PUBLICITY ASSOCIATION", grande empresa americana de reclames e publicidade, com sede em Montevideo e filiaes em Nova York, Chicago, Detroit, Atlanta, Kansas City e Nashville, na America do Norte.

Séde Social — Rio de Janeiro — Rua Sachet, 37.

Filial Autônoma — S. Paulo — Rua S. Bento, 65.

Endereço telegraphico — "Transoceanica" — Código Bideiro e A. B. O.

CARLOS PEIXOTO, FILHO

Mal acabava eu de escrever um artigo de saudade, já uma nova magoa me transvia o pensamento do curso tranquillo em que pudera refazer-se para a illusão. Nesta sombra que envolve o espirito não ha trabalho possivel; a cogitação da tristeza paraliza-me o esforço; desvanece-se o ideal, invade-me uma percepção nitida da inutilidade e



inanidade de tudo, a qual só se atenúa quando a penna quasi instinctivamente começa a cristalizar lembranças esparsas e trapos da pessoa perdida.

A morte é um phenomeno trivial e quotidiano, mas certas mortes, ainda sem levar em conta o que nos tiram pessoalmente, occasionam, como esta agora, um abalo moral tão forte, que equivale a uma parada de espectáculo; deixamos de ser comparsas e não somos espectadores, cessa o turbilhão, e o espirito ruma o nada, consciente do nada. Não ha propriamente dôr; a dôr se objectiva,

e é um allivio, na sua expressão ou revolta no grito ou de fraqueza na lagrima. Não ha espanto; ao contrario ha um sentimento agudo da realidade através da apparencia de que a revestiu a nossa imaginação. A vista alcança a uma distancia infinita, e tudo é deserto.

Quiz lêr; na leitura talvez achasse a suggestão de uma idéa de apoio. A associação de lembranças fez-me escolher um livro de Renan, que era um dos autores predilectos de Carlos Peixoto. Deste volume — *Pages détachées* — dei-lhe um dia um exemplar. O *Exame de consciencia philosophica* parecia-me appropriado a reerguer um ideal ou a firmar com o exemplo e a lucidez de um philosopho a impassibilidade da sabedoria; em qualquer caso a belleza dessas paginas devera produzir em mim o estado de anagogia.

Esperança van. Não pôde fallar á vida quem como Renan viveu fóra da vida, ilhado na pura ideologia; a sua communicação foi constante com o mundo universal, mas o telescópio a que tinha pregados os olhos, não podia abranger a humanidade contigua, senão a remota, já incrustada no todo distante. Fóra desse mundo, a sua vida discorreu numa cella, forrada de livros; e a regularidade do seu trabalho e a absorpção da sua intelligencia justificam a placidez do seu espirito e a sua quasi insensibilidade em presença do irremissivel. Depois de reduzir a humanidade no universo á proporção, cegueira, inutilidade e insignificancia de um formigueiro numa floresta virgem; acena, como num brinco de logica, com a esperança de uma consciencia que se ha de ir formando no decorrer infinito dos seculos. Optimista contumaz, sybarita das letras, a quem aprazia recommear a vida tal qual, não é Renan dos que podem falar diante de uma cova que vae receber o cadaver de um amigo.

Larguei o volume, no mesmo estado de espirito a que tudo falta. E então mias me pezou que a minha condição physica e moral não me houvesse consentido ir em pessoa acompanhar a scena funebre. No ceremonial mortuario ha uma actividade dos sentidos que equilibra a dôr moral. Associam-se também alli os que soffrem, e a cooparticipação do lucto é um motivo de encorajamento reciproco. Isolado e de longe, só me era dado seguir as horas em torno de uma morte, de que eu tinha certeza, sem a capacidade de entendel-a pelos olhos. Conjecturava o que ia occorrendo, e á hora em que devia passar o feretro na praia de Botafogo, fui aguardal-o á janella, de onde podia avistal-o no extremo da rua. Sentia necessidade de pôr este olhar anony-



mo, silencioso e distante, sobre aquelle esquife. Tinham os jornaes noticiado que sahiria o feretro ás 3 1/2 da Estrada Central. A's 4 1/2, depois de uma longa espera, vi apontar e passar um enterro. Bateu-me o coração; deixei passar os carros, e recolhi, considerando o escasso numero delles, ao todo uns 50. Não tive decepção. Vinte amigos, os representantes officiaes e os curiosos desses momentos tristes. O merito extraordinario de Carlos Peixoto parecia-me, por ser extraordinario, inacessivel á sympathia do maior numero.

E' certo que os jornaes haviam noticiado a sua morte com a justa apreciação de uma grande perda para o paiz, e algum fizera sentir a commoção de espanto e tristeza, pon-do em relevo a sua acção politica, a nobreza do seu caracter e os seus talentos de orador parlamentar. Eram traços de um desenho, que não fôra possivel fazer no imprevisto da primeira noticia, e denunciava a quieta reflexão de um necrologio antecipado. E' que se esperava o triste desfecho. Sabia-se da gravidade da molestia; mas em todo o tempo que durou, desde Abril, só tres ou quatro vezes lhe fizeram alguns jornaes uma breve referencia. Antes de adoecer, ex-cluída a phase em que elle predominou, a sua companhia era pequena; e as occasiões propicias para o reconhecimento do seu valor passavam desaproveitadas. A sua continuação na Camara devia-a elle á vontade de um eleitorado dirigido por amigos de prestigio local incontestavel. Elegendo-o e reelegendo-o para a commissão de finanças, serviam-se conscientemente das suas aptidões, sem que aos seus trabalhos, de excepcional valor e incansada diligencia, correspondesse nenhuma honra particular. Na Camara, amigo que o procurasse, tinha ensejo frequente de conversal-o fora de grupo; elle não trazia o sequito dos politicos de nota; e a sua ausencia por dias seguidos não era advertida, senão da meia duzia dos amigos de sempre, e na rua era facil encontrar-o sósinho. A lembrança da anterior e recente affluencia de gente em torno d'elle fazia sensível o relativo abandono actual, e elle mesmo notava-o e explicava-o com tranquillo scepticismo.

Era pois de esperar aquelle enterro simples. Quando verifiquei o meu engano, ao ter mais tarde a noticia de um



grande acompanhamento, pomposo e numeroso, quando li nos jornaes os discursos do Senado e da Camara, ahi é que tive surpresa, confortante sem duvida, mas surpresa. E perguntava-me sem amargor, mas sem entender: — Porque ao vivo aquelle desapareço, e ao morto esta glorificação?

Doia-me que não lh'a tivessem feito opportunamente, não em palavras, mas em acto, que fóra em summa um beneficio a Carlos Peixoto e á nação. Foi sincero o sentimento agora manifestado, e parece que tambem o julgaram sinceramente em vida, mas enquanto elle vivia, um instinto de defesa pessoal cohibiu nos seus admiradores a plena expansão de applauso e apoio. Carlos Peixoto tinha revelado sem reбуço a sua feição de dominador de homens e a sua inadaptação aos requisitos da chefia politica. A chefia politica, ao menos entre nós, nas condições actuaes que não permitem partidos de idéas, consiste num conchavo tacito de favores reciprocos. Não se agrupam os homens por conformidade de aspirações, senão por interdependencia de serviços, e torna-se chefe quem, por situação social e contingencia de posição, tem a maior somma de elementos accessorios de prestigio utilitario. Delegado particular e ostensivo do governo junto aos membros do poder legislativo e os governos dos Estados, representa o chefe ocasional uma força formada pela cooperação de todas as fraquezas individuaes, timidas ante o numero, confiadas na só vontade do governo central, e empenhadas em cooparticiparem da maioria. Cnstituída a maioria, o elemento numerico reflecte sobre o chefe para fortalecer-lhe o prestigio perante o governo: e tal seja a habilidade do chefe, póde elle ter a apparencia de dominador da vontade politica. Na realidade não o é, senão guia aleatorio, ou quando muito chefe nominal, mas executor passivo dos desejos, caprichos, desmandos, e até illegalidades reclamados simultaneamente ou successivamente pelos interesses dos partidarios, de um lado, e do outro pelo governo. Exerça o chefe a sua vontade liberal e isenta, e logo decahe o seu prestigio, e extingue-se o seu dominio.

Carlos Peixoto, se não tivesse a personalidade tão accentuada e o pensamento independente, teria conservado até á morte a posição de chefe da politica brasileira, por el-



le occupada durante tres annos e meio, e a que elle por vontade reflectida renunciou. A sua permanencia no posto de chefe dependia só da sua accommodação aos momentaneos interesses alheios: mas elle tinha idéas, principios, amor proprio, orgulho e desdem dos homens. Era um dominador ativo e de feitio autoritario: ninguém contaria com elle para uma transacção, e os mesmos amigos sabiam que elle não usava da sua autoridade para prestar-lhes favores: e assim quasi todos, com admiralo, temiam-no, e os amigos, com amal-o, preferiam, sem o dizer, que elle continuasse a ser o amigo a ser a autoridade que pudéra magoalo-s. Só por isso elle não foi o chefe perpetuo da politica republicana, desde 1906. Não quiz sel-o, como eram os outros, mescla de mandante e mandado, senão completo e unico, pelas idéas; e durante algum tempo elle proprio teve a illusão de que o seria. A sua autoridade foi então extraordinaria, quasi irresistivel; insinuada pela intelligencia, pela palavra, pelo encanto pessoal, pela cultura, e pela força do seu sorriso dominativo, quasi hypnotizador.

Eleito para a legislatura de 1903, não era um principiante no parlamento. Tinha sido na assembléa de Minas membro da commissão de finanças e leader da maioria; a sua eleição para deputado federal resultou assim mais da sua valia propria do que da complacencia do partido. Ignorado ainda na Camara, não se deu pressa em revelar-se, como faria um bisonho ambicioso fiado nos seus louros oratorios. A primeira vez que fallou foi em fim de 1903 para defender uma emenda sua ao orçamento da receita: foi breve e claro, como convinha no momento; mas em poucas palavras fazia reparo á infracção regimental dos oradores inoportunamente dilatados, e firmava a sua preferencia pelo proteccionismo economico. O seu segundo discurso foi proferido em circumstancias notaveis. Discutia-se a licença para o processo do deputado Alfredo Varella. Durante algumas sessões vozes opposicionistas clamaram com rethorico fervor contra o que seria uma violencia inominavel applicada a um membro do poder legisla-



tivo. Prestava-se o assumpto á eloquencia sentimental: a opinião publica estava commovida como é de praxe, quando se aprêgoa uma victima de algoz no poder. A camara permanecia em alvoroço; tribunas cheias, galerias apinhadas de gente popular ao faro de um escandalo. E ao influxo da especção crescia o ardor tribunicio. Um dos discursos tinha sido uma cachoeira de objurgatorias e apostrophes, rolante em tonitroante voz, que alternava os be-moes e sostenidos, e imitava todos os timbres sonoros desde o ruffo do tambor até a tenuidade da flauta. Estava a serviço todo o arsenal de tropos oratorios. Offegavam de commoção os assistentes. E o tribuno, no auge da eloquencia, como uma pythonisa possessa do deus oracular, fez a peroração sonora com um appello ás tradições libertarias de Minas e S. Paulo: e ouviram-se os écos das torrentes despenhadas das serras historicas, resoaram os nomes de heroes na orchestra das florestas profundas sacudidas dos ventos: e por desfecho impressionador, abriu o tribuno com cava evocação os pavimentos da Cadeia Velha, resurgindo do subterraneo entre a assistencia aturdida a figura do primeiro martyr da liberdade, ao signo tremendo — *Libertas quæ sera tamen*. Pareceu na verdade que se abriam os pavimentos da Cadeia Velha, tal o estrondo dos applausos. A commoção era de um triumpho absoluto. Estalavam os abraços e os vivas. E a custo cessou a resonancia do vendaval oratorio.

Ao appello feito a Minas respondeu na seguinte sessão a bancada mineira pela voz de Carlos Peixoto. Não era ainda *leader*, mas a escolha na ocasião solemne attribuia-lhe a qualidade de chefe de facto. Definiu-se então o que era um orador parlamentar.

Fallou serenamente, com o tom, a expressão, a intelligencia, o commedimento de um legislador, conscio da differença que ha entre a tribuna do fôro e a do parlamento, entre as attribuições legislativas e as judicarias, entre a rhetorica de demagogo e o discurso de estadista. Nenhum tropo, nem exordio calculado nem peroração engenhosamente architectada. Explicou a attitude silenciosa da bancada, como um proposito passivo de não prolongar a agitação infecunda; desemmaranhou o assumpto do sentimenta-



lismo, considerou-o sob a sua feição constitucional, converteu a victima em delinquente confessado, mostrou como convinha o processo, e reafirmando os sentimentos de liberdade dos mineiros, concluiu, como no fecho de uma palestra entre homens de pensamento: *Libertas sub lege*. O presidente foi obrigado a chamar á ordem as galerias, que não cessavam os applausos. Era o triumpho da pura razão. Conheceu-se que havia enfim um orador, que sabia persuadir com a simples coordenação dos argumentos, sem mais recurso que o conceito esclarecido, e sem outro ornato que a pureza da propria palavra, limpida e direita, de uma dicção natural, que prendia, enlevava, seduzia, pelo seu mesmo tom e pela figura do orador, senhoril, mas cortez, seguro de si mas attento. A sua grande força na tribuna provinha, como alli se manifestara, da propria vocação de um talento que só operava orando, da sua convicção sincera, do uso opportuno da palavra, e talvez principalmente de um intimo desdem pelo auditorio.

O auditorio seria sempre inferior a elle, e assim nunca o intimidaria, nem lhe desviaria o pensamento: e elle na tribuna, ainda vencido, era um dominador.

Leader de facto já em 1904 e *leader* nominal da bancada mineira logo depois, *leader* da maioria da camara, em 1905 e 1906, foi no inicio de 1907 eleito presidente da Camara. Tinha 36 anos incompletos, e quatro de mandato federal. Um anno antes, quando os seus admiradores na Camara esboçavam o desejo dessa presidencia, havia da parte de outros, que mais tarde foram amigos d'elle, uma surpresa de protesto na allegação de que elle era muito moço. Teria para a sua eleição á presidencia da Camara influido a presidencia de João Pinheiro em Minas? De certo, mas em parte pequena. Quem fosse então assiduo na companhia de Carlos Peixoto podia observar o ascendente pessoal que elle ia formando sobre um e um de todos os deputados. Os mesmos que não lhe quizessem bem, sentiam-se máu grado seu arrastados á admiração e sobretudo ao respeito. Nem Pinheiro Machado ficou insensivel a esse prestigio envolvente.

Descendo a esse tempo de uma visita a Carlos Peixoto no Hotel da Lapa, encontrou-se o presidente do Senado com



o deputado Arnolpho Azevedo, que alli se hospedava. Falaram de Carlos Peixoto, e o senador lhe disse: — Cultive essa affeição; esse moço vai ser o chefe de todos nós. Era ainda em 1906, quando Pinheiro Machado dirigia sem resistência a politica de todo o paiz. Aquellas palavras implicavam o effeito consciente do sorriso de Carlos Peixoto. Não era um sorriso intencional: era uma expressão nativa da sua intelligencia; não se particularisava nos labios, nem escolhia momentos; estava no total das suas feições e inseparavel dellas, traduzia adequadamente os seus sentimentos, tanto de pesar como de alegria: era como a irradiação da personalidade vivaz. Quem ficasse algum tempo ao alcance dessa irradiação, soffria-lhe o encanto, e em presença d'elle era preciso uma força nova e rara para quebrar o magnetismo.

E assim podia elle, sem nada perder, continuar a sua maneira de homem chão. O cargo não parecia ser uma honra para elle, senão um posto commum de serviço. Por comodidade sua, deixou o hotel e morava com tres amigos, Primitivo Moacyr, Afranio Peixoto e Eloy de Souza, em economia de republica. Não alterou o seu trato pessoal com os amigos e camaradas; acabando de presidir uma sessão, não era raro vel-o sahir em companhia de um simples official da secretaria e abancar-se com elle a uma mesa de café. Mas não se alterava a sua autoridade; e ia-se desenhando a sua acção politica á feição de uma trama que vae surgindo ponto a ponto em uma tela de bastidor. Foi assim a candidatura de João Pinheiro á presidencia da Republica. A primeira noticia foi uma surpresa; fez sorrir a alguns incredulos e torcer o nariz á maior parte. Quasi ninguem conhecia João Pinheiro, e começou-se então a fallar do industrial do Caeté. Dentro de alguns mezes não havia divergencia, em voz alta, e a candidatura estava definitivamente assentada.

Mas a Pinheiro Machado, essa candidatura affectava como uma diminuição publica do seu prestigio, até alli mantido, de grande eleitor. Tivera que concordar, e não era a primeira vez, — mas agora não lhe consentiram as circumstancias dar ao facto o aspecto de deliberação em que predominara o seu voto ou fosse d'elle a iniciativa. Era evi-

dente a iniciativa de Carlos Peixoto, e para este forçosamente se inclinava a atenção e a consideração de todas as esperanças publicas. Compreendendo o risco de se oppor á candidatura de João Pinheiro, mas não se resignando a perder tão depressa o apparente predominio, o senador rio-grandense tentou vencer pessoalmente Carlos Peixoto. Apeado que este fosse da posição dirigente, elle com o seu apoio áquella mesma candidatura e a direcção dos trabalhos da Camara, recuperava o prestigio, que sentia escapar. Fôra já significativa a abstenção de alguns deputados na eleição de Carlos Peixoto á presidencia da Camara m 1907; houve 6 votos em branco. Ao terminar o anno já se denunciava a opposição manhosamente movida no Senado com o apoio de um pequeno nucleo na Camara.

O trabalho era surdo, e escaparia ao atilamento dos mais intelligentes, como occorreu ao Dr. James Darcy; *leader* da maioria da Camara e mesmo *leader* da bancada rio-grandense, amigo e partidario de Pinheiro Machado, e amigo pessoal de Carlos Peixoto, a sua rectidão moral conservava-se alheia aos manejos subterraneos. Foi pois com surpresa e indignação que se lhe deparou no discurso de um companheiro de bancada, o rastilho da mina. Irrompeu na tribuna altivamente, desaffrontando-se com vehemencia e brilho: houve explicações, mas o brioso deputado comprehendeu que o seu character era incompativel com aquella politica; e renunciou o mandato, para não trahir a amizade de Carlos Peixoto. Esse é um dos actos exemplares na historia politica republicana; e não deve ser esquecido.

Declarada a opposição, começou o trabalho habitual dos manejos.

Nas vespersas da abertura do parlamento, em longa e solenne conferencia com Affonso Penna, o senador Pinheiro Machado solicitava-lhe que interferisse na eleição da mesa da Camara afim de não ser reeleito presidente Carlos Peixoto. Allegou a hostilidade que soffria, e accentuava sua acção decisiva na eleição de Affonso Penna, e para forçar-lhe a vontade chegou ao proposito de abnegação, manifestando-se disposto a abandonar a politica. A um amigo, a quem narrou logo em seguida essa conferencia, disse que nunca fôra tão eloquente; fallara cerca de tres horas *ex-abundantia*



ensaios astutos da opposição, que prevendo a possível victoria de David Campista, queria transpol-a para o seu activo.

Nesse proposito visitou-o uma vez Pinheiro Machado em sua casa particular da rua de S. Clemente. Ia propor-lhe um conchavo quanto á vice-presidencia da Republica; a meio ou ao termo da conversa, apparecendo na sala a senhora do candidato, saudou-a Pinheiro Machado com emphatica amabilidade: — *Senhora presidenta!* Mas a combinação proposta não fôra acceita. Affonso Penna era voluntarioso e irritadiço, e julgou que podia ser intransigente e até caprichoso, em represalia aos manejos opposicionistas. Não attendeu, por falta de discernimento politico, ou por excessiva boa fé, á disposição moral dos membros do ministerio, susceptibilizados alguns da preferencia do presidente pelo collega da fazenda. E foi justamente no ministerio que a opposição achou o seu melhor elemento.

Entretanto Carlos Peixoto mantinha com desinteresse o seu procedimento sincero de apoio ao governo e á candidatura David Campista. Era elle ainda o chefe politico na Camara: seria maior a sua força, se a questão principal lhe despertasse fervor de acção, ou se o presidente Penna lhe confiasse a directiva da lucta, ao em vez de assumir canhestramente como fez a responsabilidade do pleito.

Em começos de 1909 a opposição chegara ao termo dos seus estratagemas, e explorava a inconsciencia, com a cumplicidade da consciencia e autoridade de notaveis politicos.

Carlos Peixoto, que tudo previra, aproveitando a occasião de um discurso ao ministro da guerra, na partida deste para as manobras militares na Allemanha, definiu o papel do militar na politica. Ouvi que esse discurso produziu no Marechal Hermes uma impressão muito forte, não diminuida annos depois: para elle o talento era Carlos Peixoto. E Carlos Peixoto gostava d'elle, mas estimava-o como homem e como militar. Com maior flexibilidade de caracter, maior complacencia, e menor rigidez de principios, podia elle aproveitar-se do instrumento da opposição, que foi a candidatura Hermes, e transformal-a no mais solido alicerce da sua propria ascensão politica da chefia permanente á futura presidencia da Republica. Pessoalmente era-



lhe porventura mais sympathico o Marechal Hermes do que David Campista: além de que o primeiro podia ser como cera molle que o pensamento de Carlos Peixoto moldasse a sua feição. E estou que o Marechal não desejaria melhor conselheiro que aquelle moço de talento e character, que lhe causava uma admiração empolgante. Mas Carlos Peixoto, acima da sympathia pessoal, acima das mesmas conveniencias da acção politica, não suas, mas da nação a que continuaria a servir, e mais efficazmente apoiado na força passiva de um chefe militar considerava a sua lealdade e os principios republicanos na pureza com que sempre os comprehendeu.

Ao agradecer no dia 6 de maio de 1909, em nova legislatura, a sua reeleição á presidencia da Camara, feita por 133 votos contra 13 da bancada rio-grandense (dessa vez declarados no deputado Soares dos Santos), Carlos Peixoto denunciou a perversidade politica e frisou o seu pensamento alto e honesto. As suas palavras são todas sinceras, precisas e significativas nesta falla, que será sempre opportuno reler e admirar:

“Meus senhores e caros collegas. — O presidente e os vice-presidentes, hontem eleitos, exprimem á Camara, neste momento, a sua profunda gratidão pela honra consideravel que receberam; e, antes mesmo que esta Assembléa, depois de constituida, possa tributar merecida homenagem á memoria do nosso antigo presidente, ultimamente extinto, desejamos deixar aqui, desde logo, consignados os nossos sentimentos de affectuosa saudade ao finado dr. Paula Guimarães, cujo passamento tanto nos commove a todos.

Igualmente cabe-me agradecer aos nossos distinctos secretarios de edade os serviços que vêm prestando á Camara.

Elegendo-me pela 3.^a vez seu presidente, a Camara (sensivelmente identica á da ultima legislatura), deu-me a honra de consagrar com a sua approvação a conducta que tenho mantido no exercicio das funcções politicas que a generosa benevolencia dos meus collegas approvou confiar-me desde 1907.

Só posso receber esta prova de perseverante confiança como significativa de que meus collegas entendem não



haver eu faltado aos deveres da imparcialidade no dirigir os seus trabalhos, e aos da dignidade no defender as prerogativas da Camara.

Nem outro movel pode jámais determinar, em casos taes, o voto de homens capazes de julgar, pela propria, a dignidade e a honestidade da conducta alheia. (Apoiados geraes). Iniciando nós os trabalhos de uma nova legislatura, no momento em que a Republica entra no seu 20.º annos, não se ria talvez arriscado tentar um retrospecto deste já não pequena periodo de vida democratica, no qual temos, pelo menos, demonstrado que somos capazes de praticar a liberdade civil, impedindo que ella degenerasse na demagogia inconsciente, que conduz á anarchia e abre assim caminho facil a perigosas aventuras de violencia, fonte e matriz do cesarismo e da tyramnia (Muito bem, muito bem).

Sem embargo, ha porém toda uma immensa tarefa a realizar e para isto acredito que esta nova Camara, em que reside a directa representação popular, não medirá esforços nem sacrificios.

Tenho fé irreductivel no futuro da nossa patria e de nosso povo, redimido dentro em breve por uma instrucção racional e bem orientada e tornado assim capaz de amar a Republica, fazendo della, na phrase de um estadista eminente "uma perpetua victoria sobre a ignorancia, a miseria e o vicio, o mais alto desenvolvimento da personalidade humana, aos influxos da liberdade, da justiça e da solidariedade".

Carlos Peixoto foi escutado com profundo interesse pela Camara; mas com diverso entendimento e impressão nas diversas bancadas. Percebiam-se as allusões, que pesavam ou não nos espiritos conforme o seu estado de consciencia. Carlos Peixoto por ventura ainda se illudia quanto ao effeito da advertencia moral e do appello ao bom senso, á razão, á continuidade do esforço por um ideal commum; ou já descrente dos homens, contentava-se com oppor-lhes a declaração de que os conhecia e não confiava nelles. A Camara, a que fallava e presidia, era *sensivelmente identica á da ultima legislatura*, e isso devia significar identico procedimento e programma aos do anno anterior, em que a politica do governo e a candidatura David Campista tinham



o apoio de toda ella menos, a bancada rio-grandense do Sul. De quasi todos ouvira, ainda na vespera, o protesto vehemente de solidariedade contra a politica de absorção e de mando feitoral, que não olhava obstaculos, nem tinha regra senão a vontade caprichosa, sobreposta ao voto, ás leis, á Constituição. O empenho principal manifestado reiteradamente a Carlos Peixoto por esses adeptos fervorosos era pugnar com elle contra aquella tyramnia commoda, que assentada num reducto de fortes muralhas, desmanchava eleições, ainda as incontestadas e incontestaveis, de voto descoberto, e vinha á Camara improvisar deputados, riscando nomes de eleitos, substituindo-os por nomes não votados e reconhecidos pelo só recurso de uma laconica emenda. Ouvia-os credulamente Carlos Peixoto, mas não foi longo o seu engano. Tinha noticia de como a opposição agia, acoroçoando a inconsciencia e a vaidade. Chegavam-lhe informações acerca de conluios: circulava já sem sigillo o senho e santo de aquartelados, e os timidos tomavam o partido do seu interesse, assustados de perder posições e apostados em dar alviçaras ao poderoso.

E' que o desfecho do plano opposicionista tinha sido uma surpresa. O espantelho tomara a serio o seu papel na intriga politica, e já não queria despir o trajo da representação. O ponto sahiu a explicar o desenlace aos espectadores boquiabertos, numa linguagem sybillina, que prevenia todos os espantos, e a deslocação do eixo passou a ser o mote da elasticidade politica.

Ao par de todo o *sucesso*, a elle alludia Carlos Peixoto naquellas palavras que, se não fossem suas, podiam considerar-se uma ironia: "mas capazes de praticar a liberdade civil, impedindo que ella degenerasse na demagogia inconsciente, que conduz á anarchia e abre assim caminho facil a perigosas aventuras de violencia, fonte e matriz do cesarismo e da tyramnia".

Acabando de ouvir-lhe esse trecho, o deputado Germano Haslocher exclamou de si para si, mas bastante alto, que o percebessem os que lhe ficavam vizinhos na bancada: *Cabra de coragem!*

Era na verdade um acto de coragem naquelle tempo



conservar uma convicção e manifestal-a em voz alta contra o erro avassalador de consciências.

Aquelle mesmo deputado, poucos dias antes, dissera a Coelho Netto na minha presença: — Carlos Peixoto trata-nos a nós deputados como a meninos de collegio; não nos dá liberdade.

Era um protesto de opposicionista e uma confissão de vencido moral. Reconhecia-se assim o valor do presidente da Camara cuja força repousava no sentimento do dever, na coherencia das ideas, na elevação do espirito e na posse de um caracter.

Onze dias depois de agradecer o sua reeleição, a 17 de maio, Carlos Peixoto, aberta a sessão pelo vice-presidente, surgiu na bancada mineira e pediu a palavra pela ordem:

"Sr. presidente, meus senhores.

Relevará V. Exa. que não occupe tribuna; não consegui, enquanto presidente desta casa, que os meus collegas tomassem esse habito; a tribuna ficou reservada para as occasiões solemnes e eu não venho senão dizer quatro palavras á Camara.

Disse que o não consegui, quando fui presidente, porque só occupo a attenção dos meus collegas, neste momento, para lhes communicar o proposito deliberado de renunciar o logar de presidente da Camara, devolvendo-lhes, assim, a liberdade na escolha de quem me substitua.

Tive a honra de ser durante largo tempo o *leader* e director desta bancada de republicanos, deparando-se-me mesmo, não ha muito tempo, a oportunidade de, agradecendo a minha eleição para presidente desta casa, accentuar que attribuia principalmente a essa minha qualidade de *leader* da bancada mineira, a honra da escolha que a Camara fazia do meu nome.

Por outro lado, não ha quem, me conhecendo, não saiba que não sou um accommodaticio e que jámais pude ou poderia conservar-me em uma situação simulada, por um momento sequer. Dou esta explicação á Camara porque seria um desprimor negal-a, dizendo seccamente que renuncio o meu logar.

Tendo deixado de dirigir a bancada de Minas e havendo já publicamente declarado que, tambem como seu



director, tinha merecido a escolha para presidente da Camara, renuncio igualmente este alto posto.

Poderia ir ao encontro de qualquer curiosidade ou critica indiscreta que indagasse porque, ao mesmo tempo, não renuncio o mandato de deputado.

Responderia desde logo antecipando, que não o faço porque é ao eleitorado que me elegeu que devo contas, e é isso acto de exclusiva iniciativa minha. Só me resta, não devendo alongar-me, declarar á Camara que voltando a reoccupar a cadeira que me cabe como deputado eleito e reconhecido pelo Estado de Minas, hei de procurar, como até aqui, manter-me sempre na mesma linha recta e firme de altiva dignidade e de honra, a serviço da Republica. (*Muito bem, muito bem. Estrepitosas palmas no recinto.*)

Essa renuncia simultanea do posto de *leader* da bancada mineira e da presidencia da Camara, foi, mais do que uma surpresa, uma lição pratica de rectidão e de orgulho. Mas a Camara pareceu sacudida de surpresa: aquella tranquilla altivez de um moço, que não podia conservar-se em uma situação simulada por um momento sequer, impressionou ainda os mais affeitos a todas as commodações. A Camara sabia que era inutil recusar essa renuncia a um homem de nobre energia, mas contra o unico voto de Cassiano do Nascimento, que por aquella razão o fundamentou, foi a renuncia recusada por 142 vozes nominaes.

E' ainda para registrar a resposta de Carlos Peixoto:

"Exmo. Sr. Dr. Estacio Coimbra, Muito digno 1.º secretario da Camara dos Deputados.

Accuso a recepção do vosso officio de hoje, communicando que a Camara, em sessão de 17, em votação nominal, deliberou por 142 votos contra 1, não acceitar a renuncia que fiz do alto posto de seu presidente, e peço leveis ao seu conhecimento a minha profunda gratidão por mais essa benevolencia, accrescida ás tantas com que me tem distinguido.

Obedecendo ainda, e tão sómente, a exigencias de um dever moral, não posso retirar a renuncia que apresentei, e da extrema bondade da Camara fio me concederá manter a resolução que, neste momento, lhe permite toda a liberdade na escolha de seu presidente.



Não julgo excessivo renovar, mais uma vez, os agradecimentos que, muito sinceramente, confesso dever á Camara pela sua grande generosidade".

Vi-o redigir esse officio. Estavam no seu gabinete os companheiros de casa e mais dous ou tres amigos. E a casa dos Laranjeiras passou a ser visitada sómente dos amigos que não eram politicos e de alguns poucos que continuavam a sel-o apesar de politicos.

Carlos Peixoto sorria daquela deserção, e contente de si mesmo delineava um novo teor de vida, fora da politica em que parecia dever cessar a sua actividade. Tinha ainda tres annos de mandato, que lhe davam folga para reencetar a profissão de advogado. Em seis annos de Camara despendera o pequeno capital de economias trazidas da sua advocacia provinciana, e estava pobre. Era preciso recommear esforço, e abriu escriptorio.

A candidatura Ruy Barbosa agitava entretanto a opinião nacional, e Carlos Peixoto, ainda que incredulo de tudo, não desertou a posição, a que a sua notoriedade e proeminencia o obrigavam e impelliam. Absteve-se porém de discutir: certo da inutilidade dos discursos, e antiparlamentarista de convicção, olhava com pena ou quando muito com indifferença a altercação dos oradores extremados, que se afadigavam a retaliar-se em pendencias pessoases. Elle nem se demorava no recinto para ao menos assistir á porfia oratoria. Consummado o mal, o que convinha era reparal-o quanto possivel: os homens passariam, o que não era ephemero e era superior aos homens e ás suas pequenezas e paixões, era a nação: relevava pois cuidar della, fora dos partidos, no terreno neutro, onde as medidas eram positivas urgentes. Reeleito deputado em 1912, contra a sua expectativa, por uma manifestação de eleitorado independente, que em Minas a esse tempo demonstrou uma notavel força de opinião em mais de um districto, Carlos Peixoto applicouse ao estudo de finanças, e com a sua habitual sinceridade e a sua forte intelligencia em pouco tempo era dos mais notaveis sabedores dessa materia. Na commissão de finanças em annos seguidos coube-lhe a parte mais importante do trabalho e era a voz principal.



Absorto nessas cogitações pouco frequentava a tribuna; orava sómente para discutir sobre o seu parecer de redactor da receita. A tribuna parlamentar dera-lhe o renome de primeiro orador da camara, e é de reparar por isso mesmo na sua abstenção oratoria, como uma característica de superioridade. Orador por vocação (elle não redigia escrevendo, senão dictando), curioso de todos os assumptos que se debatiam, tendo sobre cada facto da vida politica uma opinião propria, firmada em saber vagaroso; habil na dialectica, pouco susceptivel de commoção nervosa, desdenhoso do auditorio por intima confiança em si mesmo; foi pouco assiduo na tribuna, porque não acreditava na efficacia da tribuna.

Era uma das contradicções daquelle espirito. A outra contradicção era a sua absoluta desconfiança nos homens, a par da sua confiança no regimen republicano. Dominador por indole, intransigente nas idéas, irritavel na contestação, estava talhado para um governo de multidão passiva, e pugnava no entanto sinceramente pela representação popular. Foi com empenho e o gosto de um exito da democracia que elle diligenciou pelo reconhecimento do deputado Monteiro Lopes. Neste paiz em que são tantos os mestiços, notava-se uma absurda repugnancia em todos pela entrada de um negro na Camara: Carlos Peixoto ao contrario, naquella qualidade, pejorativa para a cutis melindrosa da representação, acava o cunho de uma legitima victoria do esforço democratico. E teve disso ainda a prova na hora do reconhecimento e posse do deputado negro: as galerias desfizeram-se em palmas e flores, irromperam pelo recinto pombos festivos, ennastrados de fitas, e uma commissão do povo aguardava Carlos Peixoto na sala da presidencia para offerecer-lhe um ramo. Era o reconhecimento publico da certeza de que só a Carlos Peixoto era devido aquelle triumpho, mais importante que a propria eleição das urnas. Firmava-se ou reafirmava-se alli o principio republicano, tão apregoado e tão esquecido, da egualdade dos direitos. Era o que interessava ao republicanismo sincero de Carlos Peixoto. O que não impedia por outro lado que elle julgasse com descredito e desvalia o voto popular.



Outras contradicções teria elle, mas todas resultantes do seu proprio feitio original, nenhuma consequente do interesse de pessoa, immediato ou remoto. Ninguem foi mais probo, ninguem mais rigorosamente honesto. Ao tempo em que reencetara a advocacia, teve convite para ser advogado de uma importante firma brasileira; acceitou e pediu que lhe mandassem desde logo os pleitos em andamento para o seu estudo. Chegaram-lhe alguns papeis de consulta; devolvidos, nada mais recebeu... e Peixoto não mais pensou nessa advocacia; mas ao fim de tres mezes, o amigo intermediario do convite informou-lhe que tinha a receber os seus honorarios atrazados de um anno á razão de conto e quinhentos mensaes. Carlos Peixoto respondeu-lhe que não os recebia nem lhe convinha essa advocacia de partido, tão liberalmente gratificada e desoccupada, e teimou na sua recusa contra todas as razões persuasivas do amigo e collega. E é de notar que já elle nada tinha das suas antigas economias.

Homens assim como elle era, integro, formado em equilibrio de character e de talento, estudioso, culto, diligente, pratico e idealista, homens assim não apparecem muitas vezes. E ainda menos com aquelle semblante singular, que não tinha belleza de linhas, mas irradiava belleza, mixto de força e de encanto, num sorriso total e dominativo.

A mim interessava-me nelle menos o politico que o homem de engenho superior, que me conversava e me aprazia. Mas, por amor delle, eu folgava em vel-o todo dado á politica, pois só ahi se expandia em sua plenitude a força do seu temperamento. O meio é que lhe era talvez inadequado ou inferior; o meio ou a forma de governo, que elle propugnava, tão avesso ao seu feitio moral. A sua propensão de predomínio infundiu a pouco e pouco em todos os que se approximavam pela admiração, o receio de serem dominados, sem a capacidade de posterior resistencia.

E assim na maioria, não obstante o sentimento sincero na morte, a sua morte foi, com a impressão de uma grande perda nacional, um allivio para a fraqueza individual escondida.

Disse uma grande perda nacional, e parece-me ter repetido uma van banalidade. Não ha perdas nacionaes, nem



grandes nem pequenas: não as ha, nem mesmo locais, para o conjuncto dos seres, em movimento. No mar humano, que vale uma onda mais que uma gotta d'agua, senão no momento em que a onda se ergueu? Desfeita, que vestigio, que lembrança deixou, no marulhar das outras que vão vindo e volvendo?

Lembrança, vestigio, da onda ou da gotta d'agua, fica para o espectador sensível que olha á margem do embate. E são neste caso os amigos, sou eu, que me preso de o ter sido. Sinto a sua falta, sinto que me doe a idéa de não poder mais vel-o e ouvil-o. Doe-me a recordação da sua molestia insidiosa e lenta. A principio um resfriado, que todos convencidamente desmoralizavam, como mal passageiro. Elle escutava com prazer, entre os sustos de um presentimento. Tinha apego á vida — "E' o que nós temos de mais precioso, a nossa vida" disse-me elle uma tarde, ao principio da molestia; "e isto fica á mercê dos outros. Creio que não estão acertando neste caso". E consultava o thermometro, via as horas do remedio. Depois no Internacinal, nas Palmeiras. Estava barbeado, e o seu aspecto pareceu-me melhor. Ouviu-me com os olhos reanimados.

Confiava no ar da montanha, sobretudo na distancia da athmosphera marinha. Em Jacarepaguá alarmaram-no os escarros de sangue. Mas cessaram os escarros. A febre declinava, e chegou a remittir. E elle depois de quatro mezes, mais forte, ergueu-se, em corpo e espirito. Fazia planos de trabalho, esboçava um livro. A morte, que se era forçoso levar-o, podia ter vindo durante o somno, foi brutal, appareceu-lhe ante os olhos abertos, dando-lhe o aviso sem disfarces na hemoptyse repentina.

Elle exclamou aterrado — *Está tudo perdido!* Durou minutos; mas que minutos! que infinito de desespero, de tortura na consciencia do acabamento de uma vida que elle amava e que devera ter sido longa para a expressão completa daquella personalidade pujante!

E está debaixo da terra para sempre!

29 de agosto — 20 de Setembro de 1917.

MARJO DE ALENCAR



PSYCHOLOGIA DAS REVOLUÇÕES MERIDIONAES

(RIO; S. PAULO; MINAS)

Je me renferme dans les considérations purement humaines; je mets du côté tout élément étranger aux conséquences naturelles des faits naturels.

Guizot.

I

Para reagir contra a tyrannia e a oppressão dos que estão com o poder, e os seus arbitrios, os seus abusos, as suas usurpações, as suas violências, as suas brutalidades; para, em summa, organizar uma revolução civil, alliciar tropas, equipal-as, mobilisal-as, manobral-as, sustental-as; e enfrentar as forças regulares do governo, as suas bayonetas, as suas metralhas, os seus canhões, e lutar, persistir, vencer; — para tudo isto são precisas da parte da massa popular qualidades e condições de ordem material, de ordem social, de ordem moral e de ordem politica, que raramente se encontram reunidas:

— consciencia clara e vibratil do direito violado; tradições de liberdade politica, profundas e vivas;

— exemplos na historia nacional ou local de resistencia material á autoridade constituída; uma classe prestigio-



sa e rica, donde possa sahir um escól capaz de direcção e commando; uma forte capacidade de organisação militar e cooperação social;

— um certo humor militante, intrepido, aggressivo; uma certa capacidade de persistencia, obstinação e tenacidade na consecução de um fim ideal e remoto;

— certas condições materiaes favoraveis: resistencia physica da raça, particularidades offensivas ou defensivas do meio geographico, etc.

Sem estas condições de viabilidade e efficiencia, organisação e vitalidade, as revoluções politicas de character popular perdem cedo a importancia, desviam-se dos seus objectivos superiores, para acabar dissolvendo-se nestas varias fórmas da anarchia diffusa da populaça: as correrias, as arruaças, os motins, — fórmas de que os governos (ou os despotas) sorriem com desdem, e que rapidamente debellam e varrem a patas de cavallo ou a rajadas de metralha.

— Estas capacidades moraes e materiaes, sociaes e politicas, que tão difficilmente se reúnem num dado povo, ou num dado momento da historia de um povo, só o anglo-sexão parece, no mundo europeu, possuil-as de um modo effectivo militante. Entre os povos americanos (excluidos os anglo-americanos, feitos da tempera saxonica) os de origem hespanhola, principalmente os que habitam as regiões do llanos e pampas, revelam grande poder de combatividade material. Entre nós, o typo regional do "gaúcho mostra uma sensível aptidão para a resistencia contra a autoridade. Em relação á coragem physica, pode-se ajuntar tambem o typo representativo das nossas populações septentrionaes o sertanejo das regiões deserticas, o jagunço do São Francisco, o cangaceiro do Itapicurú, do Cariry e do Parnahyba.

Não é, porém, do gaúcho e da sua vibratil psychologia politica, nem do sertanejo e da sua tempera retrincada e ainda barbara sob varios aspectos, que temos que tratar.

Estes pontos serão estudados nos seus logares proprios, quando fizermos a analyse historica e social destes dois typos regionaes. O que por agora nos preoccupa é apenas o



homem do meio-dia, o matuto, do Rio, de Minas e de São Paulo. Isto é, estas populações, que habitam as nossas regiões centro-meridionaes, e cuja hegemonia tradicional sobre as outras populações do norte e do sul as faz particularmente interessantes ao estudo da nossa evolução politica. E tudo consistirá então em dar uma resposta objectiva e concreta a estas duas perguntas:

—Existem porventura nestas populações condições de ordem physica e moral, de ordem social e politica, taes como as que acima alludimos, que capacitem os seus elementos populares e os seus chefes, a improvisar, promover e sustentar revoluções armadas?

— Nestas agitações em que as vemos envolvidas, ha quasi um seculo, quaes os traços que se podem discernir e extremar como característicos da psychologia dellas, e da psychologia de suas revoluções politicas?

Eis a these que vamos desenvolver, procurando, tanto quanto possível, manter-nos dentro do criterio da mais estricta objectividade.

Antes de tudo, uma observação. Esta observação: — de que, nesta série de considerações em torno do typo centro-meridional, muitos dos tributos e particularidades, que iremos dar, como distinctivos e característicos da sua psychologia, não são privativos deste typo regional; mas, estão mais ou menos no temperamento politico dos grupos do norte e do extremo-sul; e são propriamente nacionaes. Si os damos como privativos do grupo centro-sul é que neste grupo elles podem ser estudados de uma maneira mais perfeita e cabal — e isto porque aqui é que se mostram mais definidos e visiveis, mais completos e integrados.

E' opportuno recordar sob este ponto aquella sagaz observação que, ao estudar a psychologia do povo americano, faz o illustre Henry van Dyke sobre o sentimento da *self-directions* — Todos os homens, por sua propria natureza, mais ou menos o possuem, — diz o autor admiravel de *The Spirit of America*. Todos elles desejam ser os senhores de si mesmos, modelar por si mesmos a sua vida e dar-lhe por si mesmos a direcção. Entre elles a differença resi-



de na clareza e no vigor com que concebem este direito, e o poder e o dever de assim fazerem. *The difference among men lies in the clearness and the vigour with which they conceive their own right and power and duty so to do.*"(1)

Tendo sempre em mente esta advertencia, vejamos até onde chegam, entre as nossas populações centro-meridionaes, as capacidades de organização de revoluções armadas contra o poder.

II

Tocante a este ponto, o que uma analyse rigorosamente objectiva evidencia é que nestas populações, nem na sua *psychologia politica*, nem na sua *tempera physica*, nem na sua *organisação social*, nem no seu *meio geographico*, nada ha que possa favorecer, ou desenvolver, a capacidade para a lucta cívica, no terreno material.

Em relação, por exemplo, á combatividade physica, os homens do centro-sul são indiscutivelmente inferiores aos homens do sertão e do pampa. Tomando como base da nossa these o typo mais representativo destas populações, que é o matuto de Minas, de S. Paulo e do Rio, um rapido confronto com aquelles dois typos mostrará com clareza o grau desta inferioridade.

— O campeador do pampa é o mais brilhante batalhador da nossa historia. Tem para isto, primeiro, essa indole impetuosa, que as rudes fainas da actividade pastoril lhe affeçoaram, feita para a violencia das arrancadas e para as aggressões fulgurantes; segundo, uma treinagem de cem annos de guerras com o estrangeiro e o poder; terceiro, o habitat adequado, o meio geographico propicio, a grande planicie illimitada do pampa, sempre limpa e desafogada, que lhe serve de campo admirabilissimo de manobras. O matuto, tolhido pela massa das florestas, pelo cerrado dos capoeirões, é, pelo contrario, quando muito, o homem da emboscada e da tocaia, e sempre forçado, pelo meio physico, a dividir, a fragmentar as suas massas de guerra.

(1) H. van Dyke — *The Spirit of America*, pg. 42.



Com seus apêros de pastor e as patas do seu cavallo, o gaúcho está assim, admiravelmente armado; si se lhe põem na mão uma lança, é um guerrilheiro temível. Ora, deante d'elle, com a sua caçadeira de cano trochado, de carregar pela bocca, o matuto é de uma inferioridade lamentavel.

Para mobilisar mil homens no pampa, bastam mil cavallos e mil lanças; para mobilisar mil homens nas mattas, precisam-se mil espingardas e muitos mil kilos de polvora e de balas..

Mil cavallos, no pampa, em um momento se reúnem; mil cavallos, nas mattas, são um problema embaraçante. Cem cavallarianos gaúchos valem, como elemento strategico e tactico mil infantes matutos. Estes cem lanceiros gaúchos inquietarão uma brigada; mas cem infantes matutos della se farão prisioneiros. — "Oh! quantas vezes — exclamava Garibaldi nos seus enthusiasmos pelos nossos batalhadores do sul, — quantas vezes tenho desejado nestes campos italiânos um só esquadrão de vossa cavallaria de centauros, avezada a carregar uma massa de infantaria com o mesmo desembaraço como si fosse uma ponta de gado!". Quanto ao caboclo do noroeste, o jagunço, cangaceiro, o que o torna superior aos ruraes do centro-sul é, em primeiro logar, a "caatinga" impenetravel e hispida que o protege como uma blindagem mobil e aggressiva; depois, a sua indole intrepida, a sua natureza feroz, os seus instinctos ainda selvagens.

Onde, porém, está a "caatinga", ponde a floresta tropical, espessa, compacta, embaraçante, e onde essa indole feroz e instinctiva, ponde um natural tímido, sensível, placido, morigerado pelo labor agricola: — e tereis o matuto meridional, tal como o modelaram o seu meio e a sua historia, o fluminense, paulista, o mineiro, isto é, os tres representantes mais placaveis e brandos da nossa nacionalidade. (2)

(2) É claro que este confronto é feito considerando os tres tipos regionaes, taes como vivem dentro do seu meio regional respectivo, com os recursos que lhes dá o modo normal de vida e de trabalho. Fora dahi, dentro das organizações regulares das tropas de linha, a capacidade combativa dos tres tipos deve ser sensivelmente igual.

— Note-se, porém, que esta relativa incapacidade combativa é recente; data realmente do IV seculo. Nos seculos anteriores estes meridionaes, hoje tão calmos, são, ao contrario, temibillissimos; ostentam habitualmente attitudes de insurrectos; é immensa a sua combatividade. Recordem-se, por exemplo, os caudilhos paulistas do II seculo. Recordem-se os feitos estupendos dos “descedores” de indios; e o impeto, fulminante dos conquistadores de La Guayra; e o formidavel poder militar dos chefes paulistas na guerra dos “emboabas”. Recordem-se os 999 indios frecheiros de Manuel Preto; e os 3.000 guerrilheiros de Antonio Raposo; e os 2.000 combatentes de Paschoal Guimarães; ou Gurgel do Amaral com os seus 1.300 homens de armas.

E só depois dos meados do III seculo, que esta temivel capacidade offensiva começa a attenuar-se; o seu declinio é consequencia, ao mesmo tempo, da desintegração da “gens” rural ao sul e da pressão crescente da grande reacção syncretista, iniciada neste seculo. Sob a acção intensiva e prolongada destes agentes reductores, estes possantes caudilhos se vão moderando e enfraquecendo na sua combatividade, e acabam apresentando esta feição morigerada e pacifica que tanto distingue o homem das mattas meridionaes do homem do sertão, ou dos pampas.

III

Estas desvantagens physicas e individuaes, resultantes das particularidades geographicas do habitat em que vivem estes ruraes do sul, e da sua carencia de recursos materiaes de luta, e da sua indole mansa e pacifica, poderim ser compensadas, entretanto, por outras qualidades ou capacidades de ordem moral. Por exemplo: um sentimento do direito mais claro, energico e tenaz; uma consciencia mais vivaz e lucida das franquias politicas; uma percepção mais segura dos limites do poder do Estado; habitos radicados e generalisados de solidariedade social e cooperação politica.

O anglo-saxão é um dos typos mais pacificos e disciplinados de cidadão. Mas, quando lhe ferem a sensibilida-



de civica, quando o poder se torna arbitrario, quando entra pelo caminho da violencia e da oppressão, este lavrador pacifico põe de lado a charrua, toma resolutamente da espingarda e, como os "yomen" de Cromwell, recommenda a sua alma a Deus e conserva a polvora secca. E' que os instinctos civicos, o sentimento do direito violado, a consciencia das liberdades publicas, têm nelle essa energia incomparavel, que o faz um dos mais bellos, sinão o mais bello, "animal politico" da historia.

Entre nós, brasileiros, em que ha, typos physicamente bravos, como o gaúcho e o sertanejo, esta energia e lucidez do sentimento civico não existem. Já dentre os elementos formadores do nosso povo, a raça superior, como todas as suas irmãs em latinidade, não possuia, como não possuie ainda grandes aptidões para a vida publica, por maneira a transmittil-as ao typo derivado, como aos saxões-americanos os saxões insulares. Quanto ás outras duas raças, eram de primitivos, que ainda não havia sahido das fórmias gregarias mais rudimentares do clan, da horda e da tribu.

Por outro lado, os multiplos factores de transmutação social e politica, que actuam durante os quatro seculos da nossa formação, realisam muitas alterações no dominio das instituições sociaes, operam muitas differenciações no seio da massa nacional; mas, em nada contribuem para corrigir no povo e no individuo esta depressão inicial do senso politico e vigorisar a fibra da nossa reactividade civica. Os bellos exitos, que temos tido a esse respeito encontram a sua plena explicação em outras qualidades superiores do povo, que não as suas aptidões de "animal politico".

Ha sobre este ponto, entre nós, uma sensível confusão entre as qualidades moraes da raça, que são grandes, selectas e de primor, e as nossas qualidades politicas, que são deficientissimas. Costumamos attribuir a estas, que presumimos tão completas como as de nosso paradigma europeu, aquillo que não se teria operado, ou não haveriamos conseguido, si não fora a acção tutelar, ou correctiva, daquellas.

Com effeito, em nosso povo os agentes mesologicos que laboram a sua evolução historica e a sua formação social,



concorrem todos, e poderosissimamente, para guardar e conservar, e mesmo, sob alguns aspectos, para reforçar e exaggerar, essas finas e superiores qualidades de sensibilidade moral, que herdamos dos colonisadores peninsulares. Certas qualidades ha que se refinam e apuram sob a acção de circumstancias particulares a cada numero regional, como a bravura physica no sertanejo e a bravura marcial no gaúcho. Exceptuando, porém, esses predicados particulares e differenciaes, é, por exemplo, commum a todos os brasileiros do norte, do sul e do centro, além de outros attributos de eleição, uma sensibilidade extremamente exigente e melindrosissima em pontos de lealdade e fedelidade nas amisades; em questões de respeito á palavra dada e de probidade em materia de dinheiro; em factos de hospitalidade e acolhença; e, principalmente, em casos de pundonor pessoal e de honra domestica. Quaesquer violações destes deveres, principalmente entre as nossas populações ruraes, dão causa, ás vezes, como sabemos, a vindictas crudelissimas. Neste particular a nossa fibra moral offerece uma reactividade prompta, immediata, infallivel e, quasi sempre, cavalheirescamente exaggerada. — Em questões, porém, de sensibilidade propriamente politica, relativa a infracções dos deveres civicos por parte dos governantes, a nossa capacidade nacional de reacção, isto é, a nossa reactividade civica é indiscutivelmente insignificante, rudimentar e fraquissima.

Neste ponto, é que as nossas populações centro-meridionaes resumem, com fidelidade perfeita, o nosso temperamento nacional. E' proverbial a sua incapacidade para apaixonar-se por uma questão politica de uma mneira duradoura e pertinaz. Nos seus maiores momentos de agitação, cedo, ou quasi de subito, sobrevem o cansaço. Sente-se que entre ellas a consciencia popular não póde conservar por muito tempo este estado emocional super-agudo, sem o qual as revoluções estão condemnadas a fracassar pela deserção ou pelo desanimo.

Realmente, todas revoluções operadas no meio-dia não duram; são breves, passageiras, como as effervescencias de um mar de madria. Ou vencem, ou são vencidos num



momento. Nascem, culminam e morrem dentro do circulo brevissimo de alguns dias. Quando muito prolongam por mezes a sua duração; mas não attingem a annos. Typo de emotividade superficial, mas brilhante, o homem do meio-dia não os sustenta, senão em quanto persistem nelle, com o impeto dos arranques, a emoção do enthusiasmo.

Dahi esse aspecto caracteristico que todas ellas, mesmo as mais populares, apresentam aqui: o aspecto desordenado, tumultuario e ephemero do motim e da bernarda. Nenhum character profundamente popular, como as do pampa. Nenhum character de persistencia e durabilidade, como nas dos sertões. Em todas: as surpresas do motim-bomba, ou da bernarda improvisa, precedidas, ás vezes, da gritaria infernal das arruaças, mas sempre seguidas do restabelecimento immediato da ordem, sob a acção oportuna das espadeiradas do governo, disciplinando á direita e disciplinando á esquerda...

Sondae a nossa historia meridional, em ambos os seus aspectos, a do interior e a dos littoraes, e vereis que ella reflecte, na sua evolução syncopada, subita, explosiva, uma das feições psychologicas do homem que a escreveu. Nella nada ha que se compare ás arrancadas do caudilhismo gaúcho, á tenacidade dos "farrapistas" de Bento Gonçalves e David Canabarro, sustentando com as armas na mão, durante dez annos, a bandeira republicana de Piratinim. Nada que se compare á obstinação, á teimosia, á prodigiosa resistencia dos sertanejos da guerra dos "Balaíos", ou dos jagunços de Canudos: aquelles, incansaveis e inapprehensiveis nas suas guerrilhas; estes, indomaveis e tigrinos dentro das fraguas dos seus rochedos.

O espirito de combatividade é aqui pouco vigoroso e resistente. Mesmo entre o escól dirigente, cuja sensibilidade é mais fina e vibratil, esta incapacidade de persistencia se verifica. Os grandes enthusiasmos politicos ou doutrinaes passam aqui com uma rapidez extrema; da febre para a acalmia a transição é, pela brevidade, desconcertante. Fogo de palha, diriamos, por analogia a certos temperamentos impulsivos.



Por outro lado, o sentimento da indignação politica é superficial nos centro-meridionaes; está á flôr da sua affectividade; não tem raizes no instincto; e é uma saudação vaga e imprecisa, que logo desaparece, desde que cessa a impressão que a suggere. Nas suas reacções politicas, pode-se dizer que são apenas impressionistas nesta a ordem de factos; nunca se tomam e repassam da paixão, desta paixão, que é a emoção em permanencia, no dizer de Ribot: — “E’ a paixão, na ordem affectiva, o que é a idéa fixa na ordem intellectual: a emoção em permanencia.”

Mesmo entre os mais cultos e intelligentes, sente-se que não podem nunca “fixar” a emoção civica, fazel-a permanente, dominante, absorvente no campo *sentimental* da consciencia. Equivale dizer, em technica psychologica, que nelles a imagem intellectual da reacção contra o poder não tem um valor efficientemente emotivo, isto é, á idéa da reacção falta energia bastante para abalar os centros da *affectividade* e da *vontade*, de modo a objectivar-se em *actos*, em formas exteriores de conducta.

Donde lhes provem isto? como explicar esta falta do seu temperamento politico?

E’ interessante estudar. Ha, é verdade, as causas geraes, que se filiam á psychologia das proprias raças formadoras, e a que já fizemos, em linhas anteriores, uma referencia incidente. Ha, porém, causas particulares, que se prendem á historia mesma da nossa formação mental.

IV

Dentre essas varias causas particulares, que explicam este aspecto inconstante, superficial e ephemero das revoluções meridionaes, ha que contar, em primeiro logar, como principal, esta: — *o character exotico, extra-nacional das suas origens*. Todos esses chamados movimentos de opinião, como todas essas rebelliões imprevistas que aqui

se formam, exprimem e resumem sempre idéas e doutrinas estrangeiras, aspirações e reclamos d'outras raças, sem o menor lastro nas nossas tradições nacionaes, sem o menor traço de realidade na consciencia do povo. São, por isso transitorias e infecundas. Nos seus objectivos, nas suas "reinvindicações", fazem-me apenas reflexos dos objectivos e das reinvindicações de outros povos. Nada ha nella de nacional e brasileiro; nenhuma alta impulsão que seja como a satisfação de uma grande necessidade collectiva; nenhuma aspiração poderosa que busque os pontos da sua vitalidade nas subconsciencias da nacionalidade. Criações exclusivas de philosophos, de doutrinadores e de letrados, em cuja formação mental não collaboram, aliás, as inspirações do meio nacional, o campo da sua acção ficou restricto, por sua propria natureza, ás altas regiões do pensamento e da palavra: ás cathedras das academias, ás columnas dos jornalismo, ás paginas do publicista, á tribuna das conferencias, á eloquencia dos grandes oradores ou ás rimas dos grandes poetas — todos illuminados ao clarão de idéas, elaborados em climas muito differentes do nosso, mas alheios inteiramente ás realidades dos nossos problemas americanos. (3)

Nesses centros de puro intellectualismo, onde tudo se rege pela dynamica soberana dos principios e dos dogmas univêrsaes, é que se armam essas bellas procellas doutrinarias, magnificas como a luz da aurora, que na nossa historia politica têm o nome sonoro de "campanhas liberaes". Nessas alturas sublimadas das idéias puras é que ellas pintam, crescem, e se adensam; é alli que se enchem de raios olympicos, brilham do fulgor das imagens, illuminam-se de claridades messianicas, desferem o relampejo dos anathemas, bramam o estridor das coleras propheticas.

Bellas tempestades radiantes, a que a nossa imaginação tropical parece dar uma violencia capaz de subvertir o universo, resolvem-se, entretanto, noventa e nove vezes sobre cem, em estrepitosas agitações parlamentares, impo-

(3) V. os paragraphos VIII e IX deste ensaio.

nentes pela majestade e a altitude das figuras em lucta, e cujo epilogo infallivel é uma reforma liberal de estrondo. E' o acto addicional. E' a questão servil. E' a eleição directa. E' a liberdade religiosa. E' a constituição federativa.

Outras vezes, e isto muito raramente, descem dessas espheras luminosas e altas, e affectam apparencias de reacção democratica. Desencadeiam-se então contra a ordem publica nos furores apedrejantes da populaça. Ou penetram os quarteis, pegam o fogo liberal ás tarimbas e fazem saltar cá para fóra, aos magótes, a militança amotinada. Recorde-se a questão militar. E o 15 de Novembro. E estas varias "procissões", mais ou menos infelizes, com que a nossa historia republicana costuma virgular, *secundum arbem liberatis*, os seus periodos quadriennaes...

E' facil de ver, porém, que essas agitações, mesmo quando, deixando as alturas superiores da idealidade é da doutrina, se impregnam dos instinctos grosseiros do militarismo e da ochlocracia; é facil de vêr que, pela instantaneidade da sua explosão, ou pelo exotismo das suas origens, tem todas um dynamismo puramente intellectual, e passam pela consciencia popular á maneira das tempestades epilepticas: rapidas, deslumbrantes, fulminadoras, deixando apenas na eversão dos codigos antigos os rastros da sua existencia impetuosa e peregrina.

Obras de reflexo, obras de imitação apressada de idéas, cujos centros de formação estão muito longe de nós, méros productos do entusiasmo de minorias intelligentes e letrados, estas campanhas e agitações liberaes interessam, vingam e vencem em nosso meio, não porque a liberdade haja porventura soffrido aqui realmente essas vicissitudes que soffreu no mundo europeu; mas porque, pelos seus altos e formosos intuitos, falam á imaginação generosa e idealista da raça, ás suas tendencias espontaneas de bondade e justiça, á nobresa ingenita da sua indole, a este fundo sentimento da bellesa moral, que nos faz tomarmos pela Democracia, pela Republica, pela Federação, pela Liberdade, emfim, attitude desinteressada, quixotesca e platonica de cavalleiro andante pela sua dama.



Cessados, porém, os sopros da grande tormenta, e normalisada a nossa emotividade, já não nos lembramos mais daquelles delirios, nem comprehendemos mais o valor dessas "conquistas liberaes". E o abandonamos. E os esquecemos.

Não tem sido este o destino de todos esses direitos e franquias, que ardem, como gemmas, nos escriptorio das nossas duas legislações politicas?

(Continúa)

F. J. OLIVEIRA VIANNA.



PAIXÃO E GLORIA DE CASTRO ALVES

(CONFERENCIA REALISADA NA BIBLIOTHECA NACIONAL,
EM 6 DE NOVEMBRO DE 1917)

Só o que é humano interessa ao homem. Directamente, quasi sempre, indirectamente no que parece escapar a esta regra. No dominio do sentimento ella não tem excepção. Por isso a nossa intelligencia é van quando imagina, e o sonho ou a ficção não commove e não se grava na alma, se em vez da humanidade sensível, se não sentida, deu-nos o artista uma criação maravilhosa do seu engenho. As cem paginas de *Manon-Lescaut*, *Adolpho* ou *Werther*, sobreviverão ás bibliothecas com que o romantismo alastrou pela terra o seu delirio de imaginação, fantasiado e, por isso, ephemero. E'



a razão por que aos romances e fabelas dos grandes homens prefere-se o romance ou a fabula que foi e é a vida de um grande homem, que se lê ou se adivinha com maior curiosidade que os outros que elle escreveu. Não que seja mais verdadeiro, mas será por certo mais verdadeiro. Toda a gente tem o seu romance, pois que o romance é apenas uma historia de amor, e amar é sina do mundo. Raramente a historia interessará, se as personagens não forem interessantes: por isso a grande difficuldade do officio litterario está menos em contar a anedocta do que em apresentar e inspi-

rar sympathia humana aos heroes das novelas. Ora, mais facil será invocar o heroe vivido, e que já nos interessa á memoria pela sua intelligencia, sua bondade, seus feitos, com o que conquistou o direito de se nos impôr como exemplar humano, digno de ser admirado. E' a razão pela qual as obras de fantasia vão rareando, e as indiscreções sobre a vida intima dos grandes homens são os romances hoje em dia mais lidos. Que nos importam os cem volumes de George Sand? Com elles conquistou ella apenas a gloria de ser uma personagem no vasto romance do mundo real: o episodio de sua vida nos commove mais do que as milhares de palavras vans que escreveu com esse destino. Não é impiedade mais a de revolver cinzas, flores fanadas, cartas amarellecidas pelo tempo, recompôr com o testemunho, a lembrança, as conjecturas, as adivinhações, essas novelas do paesado, porque não só elles nos encantam como os melhores livros, mas nos dizem menos imperfeitamente de um homem ou de um autor do que as apologias, as criticas, os juizos tontos e parciais dos contemporaneos ou sobreviventes. A obra de um sabio será melhor conhecida na historia da sua intelligencia: a de um estadista na do seu character; a de um poeta na do seu coração. O de Castro Alves tem a mais linda historia. Propuz-me a vê-la recordar, porque ella explica a sua gloria. Procurarei fazel-o com as palavras delle: ao menos esses versos queridos que lembraremos juntos, essa peregrinação sentimental que vamos fazer através da sua obra me alcançarão a vossa indulgencia e darão por bem paga a vossa fadiga.

INICIAÇÃO SENTIMENTAL

Data de 1863, tinha elle apenas 16 annos a iniciação amorosa. E' bem o primeiro amor, tímido, recolhido, que se desabafa nas estrophes do meu segredo. O poeta diz que tem um, guarda-o dentro da alma, receloso do escarneo do mundo. E' a senhora D..., que vira talvez num baile, a dona desse amor:

Criei-o numa noite não dormida
Após vê-la entre todas — a rainha,
.....
A imagem que eu seguia? E' meu segredo!
Seu nome? Não o digo... tenho medo.

Entretanto, prefigura o poeta:

Que ventura! Aos teus languidos olhares
Beber, louco de amor seiva de vida...
Sorver perfume em teus cabellos negros,
Sentir a alma de si mesmo esquecida...
E de gozo de amor, louco, sedento,
Viver a eternidade num momento.



.....
 Que ventura! Fitar-te os negros olhos
 Desmaiados de amor e de quebranto...
 E reclinada a fronte no teu seio,
 Sentir languido arfar em doce calelo...

Mas esses sonhos são loucura... o amante continuará a amar em silêncio: nunca a amada ouvirá sequer uma palavra de amor e menos desmaiará algum dia nos seus braços... embora por-ella viva e tresnoite-seismando em suas graças... nada ousará, se treme só ao roçar do seu vestido... (*)

Quem foi essa mulher? Ninguém o sabe. Xavier Marques, num bello livro, a melhor biographia do poeta, acredita que já seja Eugenia da Camara, a actriz que nesse anno de 1863 estreára no Recife, com grande successo. A poesia vem datada da Bahia, de Junho desse anno, quando ahí não estava Castro Alves. Será errada a data ou o logar. Seria a actriz, applaudida de longe, ou dama da sociedade, essa dona da trança negra e dos olhos negros? Seja quem fôr, foi nelles, febril e delirante que o poeta

Bebeu de amor a inspiração primeira,
 Mas de um desenganano teve medo
 E guardou dentro d'alma o seu segredo.

A quem falta essa coragem e tem ansioso o coração depara o mundo o amor facil e nem por isso ás vezes menor doloroso. Parece que encontrou Castro Alves um desses, pois que em 64, nos versos immortaes da sua *Dalila*, chora todas as lagrimas da paixão trahida e vilipendiada. Era uma betaíra.

(*) Merejkowsky encarece a arte de Tolstoi mostrando como o cuidado da realidade se lhe impõe na notação exacta dos pequenos incidentes materiaes, que dizem melhor de uma situação do que epítetos e comparações. Este simples exemplo citado de Castro Alves está a merecer o mesmo elogio, tanto é frequente na obra do poeta:

Quasi aberto o roupão, solto o cabelo
 E o pé descalço do tapete rente.

 Por mim eu sei que ha confidencias ternas
 Um poema azudoso, angustiado,
 Se uma rosa de ha muito emurchecida
 Rola acaso de um livro abandonado

 Inda a almofada em que pousaste a fronte
 O teu perfume predilecto exhala.

 E o seio que palpita a rebentar a seda...

A imagem de Castro Alves e a sinceridade da sua notação daria um estudo de esthetica dos mais interessantes.

..... Em noite nevoenta
 Ella passou, sózinha, macilenta,
 Tremendo a soluçar...

.....
 E eu disse-lhe: — Tens frio? — arde minha alma
 — Tens os pés a sangrar? — podes em calma
 Dormir no peito meu.

.....
 Seu passado esqueci... lavel com prantos
 Seu lodo e maldição.

.....
 E amamos... Este amor foi um delirio...
 Foi ella minha crença, foi meu lirio
 Minha estrella sem véu...
 Seu nome era o meu canto de poesia.
 Que com o sol — pena de ouro — eu escrevia
 Nas laminas o céu

Durou pouco, como é sorte desses amores e o poeta tem, no desengano, aquelle mesmo desespero exaggerado que Tolstol attribue ás decepções do prazer physico, no inicio dos primeiros amores

Mas um dia acordei... E mal desperto
 Olhei em torno a mim... Tudo deserto,
 Deserto o coração
 Ao vento que gemia pelas franças
 Por ella perguntei... de suas tranças
 A' flor que ella deixou...
 Debalde... seu logar era vazio...
 E meu labio queimado e o peito frio,
 Foi ella que o queimou.
 Minha alma nodou no osculo immundo
 Bem como Satanaz —, beijando o mundo
 Manchou a criação.
 Simoun — crestou-me de esperança as flores
 Tormenta — ella afogou nos seus negros
 A luz da inspiração...

Ameaça-a com o bordel, em que terminam as hetairas de luxo, e com a mortalha, que recebe tambem aos que viveram nas orgias... Depois, um gesto clemente de generosidade, de quem a si proprio attribue as meias-culpas do Amor:

Não te maldigo, não! Em vasto campo,
 Julguei-te — estrella — e eras — pirilampo,
 Em meio á cerração.
 Prometteu — quiz dar luz á fria argilla...
 Não pude... Pede a Deus, louca Dallila
 A luz da redempção!!

Quem foi esta? Tambem não o sabe ninguem, o que não importa supponham ser ainda Eugenia da Camara. Segundo esta e a outra supposição o poeta teria em 63 medo de lhe confiar o seu segredo, como a Vestal cujo recato reconhecia; um anno depois já amado e desenganado, amaldiçoaria com horror a rameira que lhe manchara o coração. Dessa interpretação não ha prova. Os accen-

tos da poesia são sentidos, vívidos, mas nada diz dessa influência pessoal. Eugénia da Camara era então uma artista festejada, que o amor de um estudante de 17 annos — que não se revelára ainda Castro Alves! — não devia exalçar, proteger e menoa talvez contentar. A actriz dá-lhe apenas as comparações com as personagens que vivia no palco e eram na occasião applaudidas por todo o palz, a Leonora, da Dulla, de Octave Feuillet, a Marcó, das Mulheres de marmore, de Barriere e Thiboust, replicas á *Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho, e que negavam, contra este, a redempção das hetairas. A de Castro Alves seria uma dessas, naia provando que fosse a actriz que as representava por esse tempo, percorrendo triumphalmente, de sul a norte, o Brasil. A não ser que lhe desse desejos e esperanças não correspondidas ou continuadas com a partida da actriz para as suas excursões artisticas, o abandono ou a traição na mente inflammada do adolescente.

Como quer que tenha sido, ganhára o poeta experiencia e, amando, abreviara a idade dos amores. Timido em 63, desesperado na primeira decepção em 64, vamos achal-o, ainda no Recife em 65, nos seus 18 annos, na paz bucolica de um idyllo, em que o amor de uma jovem e formosa mulher não lhe impede realisar tambem, o coração satisfeito, as suas ambições de poesia e de gloria. Regueira Costa, seu condiscipulo e amigo, ao qual dedica uns versos traduzidos de Hugo e publicados nas *Espumas Fluctuantes* narrou a Alfredo de Carvalho (*) o começo dessa amizade, depois de uma noite de triumpho do poeta, dos seus primeiros triumphos publicos, com a recitação d'O Seculo, no salão de honra da Faculdade de Direito, em 10 de Agosto de 65. "Residia então Castro Alves na rua de Lima, em Santo Amaro, e ahí o fui encontrar no doce convívio de sua encantadora Idalina, a preparar o poema d'Os Escravos. — Estou muito satisfeito com os meus vizinhos, dizia-me elle, — allí — os doídos (referia-se á Casa de Saude do dr. Ramos), a direita os mortos (alludia ao Cemiterio Publico)." Nessa vivenda, continua Regueira Costa, além de mim e de Fagundes Varella, poucos o frequentavam, não porque se esquivassem de se approximar do laureado poeta, mas pelo retrahimento em que este vivia, obedecendo á influencia natural do seu temperamento." O proprio Castro Alves melhor exprime a razão desse retiro:

O poeta trabalha... A fronte pallida
Guarda talvez fatidica tristeza...
Que importa? A inspiração lhe acendo o verso
Tendo por musa — o amor e a natureza.

(*) ALFREDO DE CARVALHO — *Estudos Pernambucanos* — Recife — 1907 p. 216,-7.



O amor era essa Idalina, cujo nome não escreve, (poderia acaso escrevel-o?) a quem chama Julietta, Adalgiza. Ella, emfim, nessa formosa poesia que viria a escrever mais tarde, em 70, e em logar distante, no Curalinho, com a saudade do coração que não esquece, lembrando por epigraphe aquelles outros versos de Fagundes Varella, que conhecera a musa encantadora da casinha de Santo Amaro:

Pensava em ti nas horas de tristeza
Quando estes versos pallidos compuz.

D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, a dilecta irman do poeta m'o testifica: "Em Pernambuco diz-me ella, ligou-se a uma moça, chamada Idalina. Amores ligeiros, passados em uma casinha pittoresca, fóra da cidade. As "Aves de arribação" são uma reminiscencia desse episodio amoroso." Entretanto a obsessão de Eugenia da Camara, fez acreditar a mais de um biographo que ainda essa poesia lhe era devida como inspiração.

Foi uma doce aventura, destinada a durar pouco, amores de aves de arribação que encheriam essas férias de 65 e com ellas acabariam na primavera proxima, chamados nos deveres abandonados. E' um quadro delizioso que elle descreve:

Era o tempo em que as agéis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados
E inquietas conversam, perescrutando
Os pardos horizontes carregados...

Em que as rolas e os verdes periquitos
Do fundo do sertão descem cantando...
Em que a tribu das aves peregrinas
Os Zingares do Céu formam-se em bando!

Viajar! viajar! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes
A primavera desafia as asas
Voam os passarinhos e os amantes.

Fol assim, que

Um dia Elles chegaram. Sobre a estrada
Abriram-se á tardinha as persianas;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das tremulas lianas

Quem eram? Donde vinham — Pouco importa
Quem fossem da casinha os habitantes.
— São noivos: — As mulheres murmuravam
E os passaros diziam: — São amantes!

Ella era risonha, tinha os olhos brandos, os cabellos ondados
 faziam inveja ás lhanas e como eram moços o idyllo cantava noite e
 dia (é o poeta indiscreto como todos os amorosos quem o diz)

E a casa branca á beira do caminho
 Era o asylo do amor e da poesia

Quando a noite aureolava os descampados,
 O monte, a selva, a choça do serrano,
 Ouviam-se, alongando a paz dos ermos,
 Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa
 Uma voz de mulher se levantava
 E o passaro inclinava-se dos ramos
 E a estrella do infinito se inclinava.

Quando não cantavam, não riam, não se amavam na casinha,
 sahlam jutinhos, ás tardes, para vel-as morrer e buscarem ao amor
 uma melancolia. Aos felizes vae bem por contraste uma pontinha
 de tristeza:

O' crepusculos mortos! Voz dos ermos!
 Montes azues! sussurros da floresta!
 Quando mais vós terais tantos affectus
 Vicejando comvosco em vossa festa?

E o sol poente inda lançava um ralo
 Do caçador na longa carabina
 E sobre a fronte d'Ella por diadema
 Nascia ao longe a estrella vespertina.

A' noite, enquanto ella dormia, velava o poeta... e nessas
 vigillas começou Castro Alves a realisar esse poema d' Os Escravos,
 que foi a sua maior aspiração, e a sua gloria, de apostolo da liber-
 tação de uma raça inteira de opprimidos.

Hoje a casinha já não abre á tarde
 Sobre a estrada as alegres persianas,
 Os ninhos desabaram... no abandono
 Murcharam-se as grinaldas de lhanas.

Que é feito do viver daquelles tempos?
 Onde estão da casinha os habitantes?
 A Primavera que arrebatou as asas
 Levou-lhe os passarinhos e os amantes.

Ficou apenas a saudade e a recordação nesses versos, dos mais
 formosos que Castro Alves escreveu. Por mim, não me esquece
 :ambem essa encantadora Idalina que deu ao poeta a serena fel-
 cidade para realisar a sua obra e cuja suave lembrança é tão vivaz
 que lhe inspira, ainda depois do tumulto de outros amores, esses
 versos deliciosos, que nós dão por ella uma doce ternura commo-
 vida.

O GRANDE AMOR

Em 66 é que collocarei o facto culminante da vida amorosa de Castro Alves: a sua paixão por Eugénia Infante da Camara, a actriz portugueza que percorria o Brasil desde 1858, que elle conhecera e talvez applaudisse de antes, se apenas isso (*) ahi mesmo no Recife. Tenho as minhas razões. Por ellas discordo de Mucio Teixeira que, embora sem ousar nomeal-a, descreve uma scena de fascinação do poeta pela "Dama Negra", como lhe chama tomando o appellido ao poeta (no *Gondoleiro do Amor*, e outras poesias), acontecida em 62, teria elle 15 annos, na cidade da Bahia. Xavier Marques transfere a scena do coup de foudre para o anno immediato, pois nesse de 62 nem Castro Alves nem Eugénia estavam na Bahia, e transfere-a para o Recife, onde estreára em 63 a Companhia dramatica do actor Furtado Coelho, da qual era "estrella" aquella actriz. Xavier não produz prova nesse sentido, a não serem as allusões do *Meu Segredo*, da *Dalila* e até as reminiscencias das *Aves de arribação*, que nada dizem sobre o caso e até se dirigem, duas pelo menos, a outras pessoas. Tenho razões, repito, essas positivas, para collocar em 65 a paixão de Castro Alves por Eugénia da Camara.

A primeira é esta. Eugénia que estreára em Lisboa em 52 no Gymnasio, "onde fez bella carreira, diz Souza Bastos, (**) veiu ao Brasil em 58, ao Rio de Janeiro, "onde agradou muito, não só ahi como em todos os theatros do Imperio", que percorreu. Com effeito, encontram-se traços festivos de sua passagem em Santos (1860), em S. Paulo (1861), em Santa Catharina, nesse mesmo anno, no Recife finalmente em 1863. Ahi sempre com a sua companhia e com o seu repertorio produz grande successo, mas não se

(*) Nestes assumptos, convém deixar sempre logar á duvida. E' o caso de lembrar aquella pergunta da marquez de Laassay a seu marido, muito affirmativo num caso destes — Comment faites vous pour être sur de ces choses-là?

Na familia de Castro Alves havia, desde 64, receloa de Eugénia, cujo retrato fôra achado na bagagem do moço, vindo de Pernambuco, em Setembro e que até o fez perder o anno.

O pae do poeta, (fallecido em começo de 65) recejava por esse tempo que viesse a descurar dos estudos com taes enthusiasmos. N' possível que esta ultima palavra seja um euphemismo.

E então as relações iniciadas em 63 ou 64, interrompidas pela partida da actriz em fim desse anno ou no outro ditara a *Dalila* em 64, e visita á familia e á terra natal para se consolar ou esquecer. Em 66 haveria então a *reprise* ou a ligação definitiva. Conjecturna. Apesar de minha opinião, não me apogo a ella, para não incorrer na ironia da marquez de Laassay.

(**) SOUZA BASTOS — Carteira do artista — Lisboa 1898 — artigo Eugénia da Camara, dia 9 Abril 1837.

defezem: no fim deste anno está no Pará, onde começa o de 64, chegando em Março ao Ceará. Eugénia da Camara, autora de um livro de versos, Esboços poeticos, publicados em Portugal, faz d'elle uma segunda edição sob o titulo *Segredos d'alma*, impressos na Fortaleza em 64. (*) Nesse volume publica tambem varias poesias a ella dedicadas, "durante as suas viagens no Imperio do Brasil." Ahí estão versos de Augusto Emilio Zaluar, de Fagundes Varella, de Victorino Palhares e outros menos conhecidos, de Santos, de S. Paulo, do Recife, do Pará. Nada de Castro Alves. Seria possivel fosse o poeta discreto com a mulher de sua adoração, não lhe manifestando o enthusiasmo que outros não encobriram, e elle mesmo, mais tarde viria a proclamar de publico em 66? Tambem não creio que si Castro Alves houvesse feito versos a Eugénia, não os publicasse ella entre os outros. Não é crível que se a cristalização, para falar como Stendhal, já tivesse operado nesse tempo, fosse o poeta reservado, ou a actriz discreta: concluo que em 64 ainda nada havia entre os dois, a não ser os applausos e talvez os desejos de um tímido rapaz a uma actriz festejada, da qual se não approximara intimamente.

A minha segunda razão é que em 65 houve Idalina, a encantadora Idalina da casinha de Santo Amaro onde Regueira Costa e Fagundes Varella a encontraram amando ao poeta, que escrevia *Os Escravos*. Não é de crer que se Castro Alves amasse Eugénia desde 63, se tivesse mostrado além de indifferente á sua gloria, allencioso á propria paixão, para em 64 lhe exprobar como um monstruoso crime tal-o deixado, elle que sabia ser fado das artistas em excursão peregrinarem de déu em déu: a Dalila é uma exaltação injusta, ou não é a actriz portugueza. Seria mais illogico ainda, elle que sabia queixar-se dessa infidelidade nella, consolar-se facilmente, pouco depois, na casinha de Santo Amaro, "tendo por musa o amor da natureza".

E' exacto que estou pondo logica nessas coisas de amor, onde, parece, ella nunca existiu: as razões oppostas são entretanto sem nenhuma coherencia. Como foi ella a actriz portugueza, a grande paixão de Castro Alves, todos os factos obscuros de sua vida amorosa, todas as discordancias de data desses seus romances de co-

(*) *Segredos d'Alma*. — Poesias da actriz Eugénia Infante da Camara. Nova edição seguida de uma collecção de varias poesias dedicadas á mesma actriz durante as suas viagens no Imperio do Brasil. Fortaleza, Typographia Constitucional — 1864 — in-8 pequeno. Contém poesias de A. E. Zaluar, Fagundes Varella e outros datadas de Santos, S. Paulo, Santa Catharina, em 60 e 61. Do Recife, em 62, ha de Virgilio Peixoto Palmeira, Victoriano Palhares, Francisco Ignacio Ferreira, Victoriano Palhares ainda. Do fim de 63 e em 64 ha duas do Pará e uma do Ceará.



ração, são summariamente resolvidos, com attribuição a Eugenia da Camara.

Finalmente, a terceira razão que acredito a mais poderosa, se não decisiva. Ella se funda num testemunho digno do maior credito, o do sr. dez. Souza Pitanga, amigo intimo e collega de Guilherme de Castro Alves, o irmão do nosso poeta e contemporaneo d'elle, no Recife, desde 66, quando para alli fôra no começo desse anno concluir os seus preparatorios. Castro Alves estava então no seu 2.º anno e já era o poeta consagrado na Academia, nos saraus, nos espectaculos publicos: o seu jovem patricio recém-chegado acompanhava com sympathia e admiração essa gloria precoce. Foi desse anno a campanha theatral que dividiu os estudantes, a sociedade e o publico em geral, em favor de duas atrizes, dois partidos como tantas vezes viram os theatros do Brasil. Souza Pitanga não podia esquecer, pois, os factos e a data precisa delles: é o anno de 66. Eugenia viera do norte do Brasil, de uma das suas excursões artisticas, directamente do Natal ao Recife, na companhia de um amante, seu patricio, Verissimo Chaves, guarda-livros abastado, dado a letras e que convivia com a mocidade intelligente da época. Depois dos espectaculos e das festas, havia ceias alegres, convivas eram jornalistas e estudantes, poetas e oradores, todos entusiasmados pela actriz, tambem poetisa, que os seduzira nos estos arroubados da Dalila, da Bufalia, das Mulheres de Marmore... Foi ahi que Castro Alves, antigo admirador, se approximou da comediante e dahi, dessa convivencia, que se gerou a paixão mutua que os prendeu, aos dois, nos seus êlos de fogo... ao menos durante algum tempo. É factos que por elle abandonou o outro amante, e com elle foi morar numa casinha do Barro, povoado acima de Afogados, caminho de Tejipió e Jaboatão. Os commentarios e os doestos não faltaram — os que os amantes felizes têm sempre — e na roda dos antigos convivas, agora desfeita, até as vivacidades armadas, una porque condemnayam o acto do Castro, outros porque o justificavam: assim, por exemplo aconteceu entre o estudante Manuel Pedro Cardoso Vieira, depois deputado geral pela Parahyba e o letrado portuguez Belmiro Salgado, certa noite, depois do espectaculo.

Portanto, em 66, Castro Alves se apalxona e é correspondido por Eugenia da Camara que tão forte influencia teve sobre o seu genio e na sua vida. Tinha elle então 19 annos e era o mais formoso rapaz, o mais bello homem que se pôde imaginar. Alto, forte, esbelto, de tez levemente morena, ampla testa, olhos negros, rasgados e pestanudos, nariz direito, labios sensuaes sombreados por um buço arrogante, formosa bocca, queixo dominador e, sobretudo, na cabeça poderosa a coma negra, retinta, luxidia, de uma basta cabelleira, ondeada cuja seducção elle conhecia. Conta-se que mul-

las vezes, ao sahir de casa, penteava-se com afago, com os dedos entreabertos da mão, e agitando na cabeça o custoso chapéu do Chile dizia, sorridente:

— Tremei paes de familia... D. Juan vae sahir!...

A voz quente, de notação grave, abaritonada, máscula e melodiosa, sabia corresponder ao gesto e á presença, quando dominava as multidões, da academia ao theatro, presa aos accents de bronze das suas estrophes. Fossem a *Visão dos mortos*, *Pedro Ivo*, *O Seculo*, *O Livro e a America*... o enthusiasmo era o mesmo, e indescriptivel. Se os homens não lhe regateavam applausos, como resistiriam as mulheres aos afagos? A Eugénia da Camara, pelo muito mal que della se ha dizer, não se lhe negará que não resistiu e o amou, como ponde e quanto ponde. (Caberia aqui a palayra do sceptico: os homens põem a eternidade no amor, diz Anatole France, não é culpa das mulheres...) A prova é que por elle, um simples estudante, abandonou o amante rico, e pelo conforto da cidade trocou a casinha do Barro; a prova é que mais tarde, quando a Companhia Furtado Coelho embarcava para a Bahia "com todo o seu elenco, diz Xavier Marques (*) ella ficou. E ficou por amor do poeta, e para elle." Trocava por elle um empresario amigo e esperançado, antigo amante talvez, pois diziam que era delle uma filhinha que a acompanhava; em todo o caso, perdia novas glorias e outras fortunas ou aventuras. Por enquanto, bastava-lhe o poeta. Elle ama-a, e de publico celebra-lhe o talento no *Vôo do genio*, que é de Maio, e A uma actriz (no seu beneficio), em Setembro de 66. Nesses allude á guerra que dividia a platéa do theatro de Santa Isabel: alguns partidarios da atriz Adelaide do Amaral, chefiados por Tobias Barreto, menos numerosos e por isso mais violentos, que invectivavam o outro partido a favor de Eugénia da Camara, encabeçada por Castro Alves, mais fervorosos e enthusiasmas. Ficou memoravel essa campanha artistica a que não faltou, na regra, o doesto ou a invectiva. O nosso poeta consola a sua dama de algum agravo, dizendo-lhe:

Do genio a maior grandeza,
O ser divino é soffrer.

Na hora das acclamações havia de sentir

Longe os silvos das serpentes
Que tentam morder-te os pés...

A razão, e de uma philosophia profunda elle a diz ainda

(*) XAVIER MARQUES — Vida de Castro Alves — in *Homenagem do Instituto Geographico e Historico da Bahia* — Vol. I, Bahia 1916, pag. 129.



All' quem sobe ao Capitoll'o
Vae precedido de pé...

Haverá exaggero sobre esse genio e essa gloria. Nesse tempo para tal mocidade não havia outros epithetos para as fãmas do theatro: não é só Castro Alves, são todos os poetas e oradores, para todos os artistas de algum merecimento. Um dessa geração, Manuel Victorino, embora vice-presidente da Republica, virá dizel-o a uma actriz peregrina. Nós de hoje perdemos, com o enthusiasmo ás cousas do theatro, a comprehensão desses arrebatamentos: ficou-nos por consolo a compostura. Mais queridas ainda que as representações theatraes, eram as actrizes que representavam; dos sorrisos e applausos trocados germinavam paixões. Isto explica talvez uma das razões da de Castro Alves. Embora Fagundes Varella em S. Paulo, em '61, dissesse a Eugenia

Tens no rosto a belleza, o genio n'alma
Linda flôr d'alem mar...(*)

ella não era bonita. Ainda que Stendhal prove que todos os actores e actrizes que nos commovem ou nos enthusiasmam têm belleza, o reparo constante, como que surpreso, que acode a biographos e testemunhos quando referem a paixão de Castro Alves, é sempre este... ella não era bonita! Como se amadas fossem apenas as mulheres bonitas, quando quasi sempre não são as mais amáveis. Raramente dessas se fazem as grandes amorosas. As fêlas sabem mais amor e essa é sempre a melhor condição para ser amada. Sirva de exemplo Julie de Lespinasse. Demais, no jogo ou na guerra do amor, como em toda guerra ou qualquer jogo, cumpre não esquecer o antagonista. Os bonitos não são difficêls e em caso de formosura satisfazem-se com propria, pedindo apenas ao parceiro uma compensação, de outra natureza. Castro Alves tinha belleza para dois.

Se não era bonita, tambem não seria fêla: (**) Eugenia era graciosa, intelligente, experimentada na vida e ãa galanteria, mulher

(*) In Eugenia Infante da Camara — *Segredos d'alma* — Fortaleza 1864, pagina 19, do appendice.

(**) Nem bonita, nem fêla, graciosa — é o depoimento dos que a conheceram e ouvi a respeito: o Dex. Souza Pitanga, o Dex. J. J. da Palma, o Conde João Augusto Nelva. Esbelta, de meia altura se não mais que mediana, basta cabelleira, tez pallida, grandes olhos, bocca rasgada, seria delgada, mas bem feita, o que se chama *fausse maigre*. No periodico *A Ordem* que se imprimia no Recife (n. de 16-Abril-67) ha uma allusão, em moftina, ás suas formas ricas e aos seus requebros e transportes, que constitulam o melhor dos seus encantos.

Voltaire dizia das Informaçôes: não estou certo, porque me disseram. Nem quando vemos podemos estar certos, poisque vemos mal. Os olhos de Eugenia seriam claros (Dex. Pitanga), castanhos claros

feita e bem-feita, iniciadora preciosa e apreciada de um adolescente, bello e intelligente como um semi-Deus, que por ella e com ella abreviaria todas as provações de uma grande vida sentimental. Que precisava de mais?

A differença de idade — tinha ella 29 annos, elle apenas 19, não seria uma posição: bem pelo contrario. Um dos typos encantadores de paixão humana é aquelle Cherubim, da *Mariage de Figaro*, cujo amor de menino commove como se tivera mais vinte annos. Estou que chegando á côrte de Menelau, á procura do pae, Telemaco attentaria male na divina Helena, que na terna Hermione: era essa a opinião de Jules Lemaitre. Na vida como na ficção: os adolescentes se parecem todos com aquelle jovem embaixador de Hespanha, cuja nobreza não esperava idade para o cargo, e que dizia nos salões da princeza de Lieven, a amiga de Guizot, deante de Lady Seymour, a mais nova e radiosa belleza do seu tempo:

—Muito moça e muito fresca; gosto das mulheres um pouco passadas...

Eugenia da Camara era principalmente, não o esqueçamos, uma mulher de theatro. Essa condição vale por um conjunto de mais encanto e seducção que o da muita belleza peregrina, enquadra na serenitas e severas relações familiares. São, incontestavelmente, as actrizes as mulheres mais amadas. De tanto solicitadas, para o pendor mais fatal da natureza, para o unico pendor natural do sexo, é incomprehensivel que não acabem na galanteria,

(conde Nelva), castanhos escuros (Xavier Marques) e negros para Castro Alves.

Teus olhos são negros negros
Como noites sem luar

O cabelo era castanho claro (Nelva), alourado (Pitanga) e também negro, para Castro Alves.

Na torrente caudal de seus cabellos negros...

A oz tinha um pronunciado sotaque portuguez; falava por isso com bom acento o francez e o hespanhol. Talvez dahi viesse ao poeta o gosto de chamal-a andaluza e imaginal-a de mantilha.

Convém lembrar que 20 annos ficou no Brazil, de 58 a 79, quando morreu, aqui no Rio, perdido o encanto, passado o enthusiasmo, dada a desregramentos (Souza Bastos), o que altera o retrato que della fazem em épocas diversas os contemporaneos; por isso não dá idéa de qual-quer seducção a photographia, se é authentica, que della publicou o Dr. Pires de Almeida á pagina 449 do *Brazil-Theatre*, Rio, 1903-4.

A faceira, despachada e desenvolta que seduziu a Castro Alves teria mimos secretos com que o apaixonou e, para todos os que a applaudiram e com ella conviveram, a graça, que, dizia Lafontaine, era mais bella do que a belleza.

como aliás é a regra, tão difficil é não contentar a alguns dos innumerados que as desejam. Estes têm tambem as suas razões, das quaes a maior é sem duvida aquella que o futuro marquez do Tres Rios definia pittorescamente, no camarim de uma dellas, talvez a Candiani, (*) quando entre dois chamados a scena gosava-lhe das caricias, ao som dos estrepitosos applausos cujo eco lhes chegava da platéa:

— Parece que é a mim que elles estão applaudindo...

Esse amor deu-lhe a vida, até ahí reservada e discreta, a despeito de alguns triumphos de academia ou de theatro, uma vibração nova e interna, da "republica" da rua do Hospicio passou a morar com Eugénia, na casinha do Barro. Acompanhava-a aos espectaculos, depois ás ceias alegres, "gastando em duas ou tres noites a messada", (**) dando a amante, travessa e licenciosa a festa querida de seu temperamento e dos seus habitos. Depois, tresnoitado, ainda lhe velava o somno, compondo na vigilia hymnos de amor, odes civicas, escrevendo o drama *Gonzaga* ou a *Revolução de Minas*, que ella devia representar. A saúde e os estudos eram deixados, mas o coração ardente do poeta se queimava nas aras do amor que delle havia de fazer o nosso maior e melhor lyrico, ao sopro da paixão publica com que seria apostolo da abolição e da Republica e por isso o nosso mais alto poeta heroico e até agora o nosso unico poeta épico (***)

Assim, até o começo de 67, quando deixaram a casinha do Barro e a vida do Recife, para continuarem o idyllio na Bahía. Com ella se hospeda no Hotel Figueiredo, na praça que hoje tem o seu nome, e depois se transfere para a Boa Vista, agora Asylo de São João de Deus, casa de infancia, então abandonada pela familia do poeta que passára a habitar o palacete do Sodré, onde ora é o Collegio Florencio. Continuou a amar e a poetar, inda feliz, airada e folgazan, com amigos e admiradores que logo conseguiu, cuidando principalmente em representar o seu drama. Eugénia se engaja na

(*) Artista lyrica que despertou grande enthusiasmo no Rio. No romance "O Moço Louro", de Joaquim Manuel de Macedo, a scena inicial é uma contenda, em 44, entre dois apaixonados, um pela Candiani, outro pela Delmastro. No Brazil não se sabia admirar a arte sem partidos, muitas vezes turbulentos.

(**) XAVIER MARQUES — loc. cit. pag. 127.

(***) Não é sómente minha esta opinião. Alberto de Oliveira, que está á altura de julgar o outro, diz que, á excepção de algumas estancias camoneanas não conhece na lingua versos tão vibrantes de heroismo como alguns de Castro Alves. Para não deixar sem exemplo, podíamos citar estróphes, versos e imagens, do *Pedro Ivo*, da *Ode ao Deus de Julho*, *Deusa Incrumenta*, *No meeting do Comité da Palm, Adeus, meu canto*, *A visão dos mortos*, *Navio Negroiro*, etc., nas quaes o epico se revela não só o maior como o unico que tivemos.

companhia que trabalhava no theatro de S. João, e estréa com pleno successo a 20 de Junho. Abre-se uma série de noitadas ruidosas, a applausos e enthusasmos para a atriz e para o poeta, cujos versos vibrantes são recitados do palco por ella, e por elle, que assombrá, a chamado da multidão, de um dos camarotes da sala, para fazel-a inteira estremecer de acclamações. Emfim, a 7 de Setembro sobe o *Gonzaga* á scena, representando Eugenia o papel de Maria, festa litteraria memoravel que consagrou definitivamente o poeta, coroado em scena aberta, no delirio da turba que o conduziu nos braços ao festim de um banquete num hotel, e depois até á casa, sempre sob ovações.

Eugenia, além de participar dessa gloria, tinha o seu quinhão reservado pelos admiradores que lhe surgiam, lhe offerciam uma corôa de prata no seu beneficio, e, quando veiu a romper com a companhia do S. João, que lhe construíram um theatro improvisado, na baixada do Bomfim, para os seus espectaculos. Descontado o que era devido á artista, ficaram ainda homenagens á mulher. Começou o ciúme a magoar ao amante. Apesar de a guardar bem na Boa-Vista, de afastar della os importunos admiradores, não raras scenas violentas narram testemunhas, tributo forçado dos zelos, sem os quaes dizem não ha amor que conte.

Reconciliados, os amantes davam-se a novos espectaculos e outras festas, nas quaes se passaram os ultimos mezes de 67. No começo do anno seguinte cumpria seguir para o sul, a terminar os estudos em S. Paulo e, de passagem, conquistar o Rio. Pensava em publicar *Os Escravos* e o *Gonzaga*. Com Eugenia embarcou em Fevereiro de 68 para aquil, onde encantou a José de Alencar e ao cacól das letras e da sociedade carioca, produzindo espanto no reticente Machado de Assis, cuja admiração a prazo esperava que a emphase lhe passasse com a mocidade.

Em Março já estava em S. Paulo, sempre com Eugenia da Camara. A mocidade da academia e da imprensa dada ás letras e á politica cerca-o, encoraja-o e leva-o a se exhibir nas sessões civicas e commemorativas, e nos espectaculos publicos. Testemunha aqui presente e que me não deixará mentir, contou-me que na sua vida assistira ás mais ferventes campanhas do abolicionismo e da Republica, ouvira os mais inflammados e cultos veracos de que ha noticia no Brasil, mas nada se lhe comparou nunca ás manifestações do enthusiasmo com que era acclamado Castro Alves, recitando a *Visão dos mortos*, ou o *Pedro Ivo*, "Vinha abaixo ó theatro", na phrase expressiva dessas ruidosas communhões de sentimento, quando o poeta com a sua voz de bronze quente e o seu vulto de jovem semi-deus martelava as estrophes cyclopicas dos seus poemas revolucionarios.



Distrahi-la a vida mais intensa de idéas, a vida mais dispersiva de sociedade, dos seus cuidados de amor? Pode-se crer. Eugénia procurar-se-ia do outro lado distrahir-se tambem com outros amores. Dizem contemporaneos que ella lhe fôra sempre infiel, sem por isso deixar de ser constante. Ha quem não comprehenda essas mulheres, comquanto sejam muito vulgares os homens que correspondem a taes mulheres. Tambem Manon amava a Des Grieux e, apesar das infidelidades, até o fim, não lhe faltou constancia: foi por ter copiado da realidade esse typo de mulher que o abbade Prevost, que a amou e a soffreu, fez uma obra prima. Castro Alves como todos os apaixonados veio a saber-o muito tarde, só ahí em S. Paulo, quando com a experiencia da cegueira do amante, Eugénia foi menos cuidadosa na dissimulação. Na *Canção do Bohemio*, entre risonho e triste, tornando talvez impessoal o seu caso, elle se revela:

E tu fugiste, presentindo o Inverno,
Mensal Inverno do viver bohemio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomara a primavera a premio

.....
Se tu viesses... de meus lábios tristes
Rompêra o canto... Que esperanza ingloria
Ella esqueceu o que jurar-lhe viestes
O' Paulicêa, ó Ponte Grande, ó Gloria!

E' entretanto apenas impaciencia:

Batem!... Que vejo! Ell-a afinal commigo...
Foram-se as trevas... fabricou-se a lux...
Ninil' pequel... dá-me exemplar castigo!
Sejam teus braços... do martyrio a cruz!...

Era o desapego que antecedia ao abandono. O poeta previa-o e pedia ao somno o esquecimento:

Com teu divino balsamo
Cala-me a anciedade,
Atata-me esta saudade
Apaga-me esta dôr.

.....
Mas quando ao brilho rutillo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim
Então, ergue-me subito
E' minha aurora linda
Meu anjo... mais ainda
E' minha amante enfim.

Viu finalmente Castro Alves o que em São Paulo se via sem nenhum resguardo, e dava commentarios brejeiros a toda a mocidade do tempo. O poeta com a reminiscencia de alguma scena

real vivia a descrever essa traição naquella Pagina de Escola Realista na qual um namorado moribundo é enganado pela amante, impaciente de passar a outros braços. Teria sido durante aquelles crudelissimos momentos em que soffreu do corpo e do espirito, noites e dias amargurados que se seguiram a um accidente de caçada na qual recebera um tiro (11 de Novembro de 68), empregando-se toda a carga de chumbo no calcanhar? Dessangrado, febril, em risco de perder, se não a vida — o pé, que vein a perder de facto, operado, dolorido, accesos padecimentos pulmonares que viriam a terminar na tuberculose... tudo soffreu o poeta, embora cercado de collegas e amigos... talvez sem ella. Um anno depois, em Novembro de 69, aqui no Rio, mutilado e não resignado, no doloroso Adeus que lhe dirige, relembra:

Sabes o que sepultar-se
Um anno inteiro na dôr,
Esquecido, abandonado
Sem crença, ambição e amor
Ver cahir dia após dia
Sem um riso de alegria
Sem nada, nada, Jesus!
Ver cahir noite após noite
Sem ninguem que nos acolte
Ninguem que nos tome a cruz?

No fluxo e refluxo do coração, que condemna e perdoa, que insulta e desculpa, elle escreve, sob uma impressão *Immensis oribus auginis* e o Tonel das Danaides. Como a india adormecida que á cobra

Entrega um seio nu', moreno e luzido
.....
Assim minh'alma deste o seio (ô dor immensa)
Onde a paixão corria indomita fremente!
Assim bebau-te a vida, a mocidade, a crença
Não bocca de mulher, mas de fatal serpente!

Como o tonel das Danaides, que se não faria, assim e o coração da fria Messalina: é o della!

Na gruta do chagal ao menos restam ossos
Mas tudo sepultou-me aquelle amor cruel

Na poesia E' tarde, ella é a negra feiticeira, a libertina, lugubre bachante... na Fabiola, dos Anjos da meia noite, ella ainda:

E' sangue que referve-te na taça
E' sangue que borrija-te estas flores
E este sangue é meu sangue... é meu... desgraça!

Entretanto, quando lhe diz Adeus, lembra-se do passado e se commove ao perdão

Que saudades eu tenho do passado
Da nossa mocidade ardente e amante...
Meu Deus! Eu dera o resto da existencia
Por um momento assim, por um instante.

Amava-a ainda, Ella é que mudára

Viste e creste um momento
Qu'inda me tinhas amor!
Pobre amiga! Era lembrança
Era vaidade, era dôr!

Obrigado! Mas na terra
Tudo entre nós se acabou
Adeus! E' o adeus extremo
A hora extrema soou!

Esse adeus ella o recebeu e a elle responde por carta, que se perdeu, e por versos que se conservam e vão, embora sem belleza, de alguma emoção. Não se consola com o jámais! que elle pronunciou; diz-se descrente da felicidade:

Póde-se encontrar outra alma
Depois de reinar na tua?

Relembra a morte fatídica:

Aquella noite! Oh! silencio
Noite de fel e de amor
Em que dentro de duas almas
Houve um poema de dôr...

Apesar disso:

Eu não me iludo. Eu te amo
Quer na vida, quer na morte;
A um só dos teus olhares
Será tua a minha sorte.

E concide

Adeus! Se um dia o Destino
Nos fizer toda encontrar
Como irmã, ou como amante,
Sempre! sempre! me has de achar.

E' Manon!... não ha que ver! Cada vez que Des Grieux lhe apparecia, era todo d'elle, como o coração sempre fôra, ainda quando se dava á outros. Desgraçadamente os Des Grieux nem sempre comprehendem como o corpo se lhes vae, ás vezes, longe do coração. Castro Alves viria muitas vezes a lembrar-se ainda, mas apenas com a saudade de amor, que dôe mais do que as outras:

Vento frio do deserto
 Onde ella está? Longe ou perto...
 Mas como em halito incerto,
 Responde-me o eco ao longe,
 Oh! minha amante onde estás?...

.....
 E hoje que o meu passado
 Para sempre morto jaz...
 Vendo finda a minha sorte
 Pergunto aos ventos do norte
 Oh! minha amante onde estás?(*)

ULTIMOS AMORES

Embora a grande paixão o occupasse sempre, ao poeta sobrava tempo e coração, senão apenas estro, para pequenas aventuras de sentimento, *flirts* como se diria hoje, que têm entretanto a sua poesia. Assim, em 66, vindo do Recife á terra natal, namorou-se de duas formosas raparigas que moravam em frente da casa, duas bellas judias, filhas de Isaac Amlazack, rabino na Bahia, e escreveu-lhes *A Hebréa*, joia de poesia bíblica que Tobias Barreto ouviria mais tarde rezada em louvor da Virgem numa egreja do norte. Manda-lhes com uma dedicatória á mais bella, o que produz naturalmente discordia ás irmãs, cada qual se julgando com direito á prenda. Coube a Semi, (*) a cujo casamento anunciado para breve o poeta não poudo resistir de despeito, apunhalando-se á

(*) A influencia de Eugenia da Camara se depara na obra de Castro Alves explicitamente, nas poesias — *O vôo do genio* (Recife, Maio 66), *A uma actriz* (Recife, Set. 66); alusivamente em poesias sob o dístico "Dama Negra" — *Os tres amores* (Recife, Set. 66), *Fatalidade* (Recife Out. 66), *O Gondoleiro do Amor* (Recife, Jan. 67)...; por supposições mais ou menos fundadas — *Dallila* (Recife 64), *Canção do Bohemio* (S. Paulo, Junho 68), *Hymno ao Sonno* (S. Paulo, Julho); *Boa Noite* (S. Paulo, Agosto 68), *O tonel das Danaides* (Rio, Out. 69), *Immensa orbibus auginis* (Rio, Out. 69), *E' tarde* (referencias Rio, Nov. 69), *Adens* (Rio, Nov. 69), *Pabiola nos Anjos da Meia-noite* (Santa Iza-bel, Agosto 70), *Uma pagina da Escola realista* (70), *Onde estás* (Bahia)...

O drama *Gonzaga* escripto ao lado della (66-67, Recife) foi feito para ser representado, como foi, por ella.

Quanto á formosissima poesia *Adormecida*, datada de Nov. 68, em S. Paulo parece a Souza Pitanga reminiscencia da casinha do Harro, no Recife, onde conheceu o jasmimbeiro dando sobre a janella. A scena não se podia passar em S. Paulo, onde não ha rãs. Mas á adormecida diz o poeta "Virgem! tu és a fiôr da minha vida!" Na segunda estrophe dos *Os tres amores* é assim que elle a sonhava. O amor faz milagrea: Eugenia poderia pois repetir o verso celebre de *Marion Delorme*: "et ton amour m'a fait une virginité..."

vista della... com um punhal de papel. Semi Amzalack mereceu esse trecho do "Cantico dos Canticos" e estou que hoje me ouvindo, porque deve estar aqui presente, a memoria lhe representará com a suave emoção que dá sempre a saudade da juventude e da belleza, o formoso poeta que lhe rendeu o preito dos mais lindos versos que suspirou:

All' guia o passo ao viajor perdido
Estrella vesper do pastor errante!

Esther, a outra teve a sua compensação. Mais tarde, nos **Anjos da meia noite**, quando a sombra das mulheres que amou lhe passa pela memoria, lá esta ella:

Qual nas algas marinhos desce um astro
Linda Esther! teu perfil se esvae... F'escôa
Só me resta um perfume... um canto... um rastro...

Por S. Paulo, em 68, escreveu o **Lazo de fita**:

Não sabes, criança? Estou louco de amores,
Prendi meus affectos, formosa Pepita,
Mas onde? No tempo, no espaço, nas nevoas?
NÃO rias, prendi-me — num laço de fita.

Eu preferiria continuar... mas me obriguei a dizer-vos quem é essa formosa Pepita. Contou-me illustre jurisconsulto, condiscipulo de Castro Alves em S. Paulo, o dr. Sancho de Barros Pimentel, que o vira em aula, ao seu lado, entretido a rimar e corrigir esses versos. Soube então que eram feitos a uma bella menina, de nome Maria Carolina, filha, do dr. José Carlos de Almeida Torres e enteada de d. Marianna, sua esposa, Irman de Alvares de Azevedo. Outro depoimento, igualmente fidedigno, de letrado e entusiasta do poeta, o dr. Antonio Baptista Pereira, refere que o **Lazo de fita** foi feito a Sinhá, filha do dr. Lopes dos Anjos, medico e amigo de Castro Alves, o qual deu a poesia á sua Musa, em meio de um baile, na casa paterna, á rua do Imperador, hoje Marechal Deodoro: era companheira da jovem a mãe do depoente, que assistira ás emoções dessa leitura deliciosa. Qual das duas é realmente a Pepita? Concluo que ambas, e outras ainda, que não faltariam ao poeta, Castro Alves seguia neste passo, não o seu habito que era dar nomes diversos a mesma amada, (*) mas a usança classica,

(*) Idalina é Adalgisa, Julietta, Ella na mesma poesia (**Aves de Arribação**); Eugenia é Julia a hespanhola dos **Tres Amores**, é a **Dama Negra do Gondoleiro do Amor**, é Maria talvez de **Bão noite**, é **Pabiola dos Anjos da Meia noite**, é Sylvia da **Pagina da Escola Realista**, é Nina da **Canção do Bohemio**. Leonidia é Mariete nos **Anjos da Meia noite**. Agnese Murri é Carlota nos **Remorsos**, é **Consuelo**, finalmente.

que veio a ser a de Lamartine, o qual só fez versos a uma mulher... Graziela é Elvira, Julie Charles também é Elvira... até madame Lamartine será Elvira. Maria Carolina e Sinhá Lopes dos Anjos foram a Pepita: a fidelidade no amor é mais fácil aos poetas do que aos outros mortaes.

No Rio, em 69, atravessando as angustias que terminaram na mutilação do pé, buscava-o o carinho dos amigos. Luiz Cornelio (a quem elle dedicou os lindos versos *A Luiz*) e sua esposa, em cuja casa, á rua Silva Manuel, se hospedára, foram sua familia. Para entreter o poeta martyrisado mandavam vir moças amigas, que com elles lhe faziam conversa e companhia. Ficaram lembradas duas dessas, *Candida* e *Laura*, nos *Anjos da meia noite*.

Crianças que trazeis-me a primavera...

Eram as duas, irmãs, ambas formosas: o poeta teria no seu destino sempre dividido, o coração. Uma, *Maria Candinha*, "rosa de amor, celestial *Maria*" inspirou-lhe os deliciosos versos d'*Os murmurios da tarde*, onde supplica

Minh'alma é rosa que a geada esfria
DA-lhe em teus seios um asylo brando
Leva-me! Leva-me ó gentil *Maria*!...

Da outra foi a impressão mais intima: despertou paixão á doce criatura e della falava na *Bahia* com o maior enlevo. Era seu appellido em casa *Dendem*, de *Dulce*, talvez, como lhe chama o poeta, num outro soneto dos *Anjos da meia noite*:

Se alguém pudesse ao infeliz preclto
Dar logar no banquete da ventura
E trocar-lhe o velar da insania escura
No poema de beijos — infinito...
Certo serias tu, donzella casta
Quem me tomasse em meio do Calvario
A cruz de angustias que meu ser arrasta!

Na *Volta da Primavera*, que foi para elle esse amor, com exaltação mystica exclama

... eu digo ao vêr tua celeste fronte
O céu consola toda dôr que existe...

Entretanto, não podia o poeta corresponder (ou mostrar que correspondia) a esse casto amor, mas o coração se lhe desabafou na queixa daquella triste poesia *E' tarde!*

E tu, visão do céu... Vens taeteando
O abysmo onde fuma luz sequer não arde.
Ai não vás resvalar no chão lodoso
E' tarde... E' muito tarde!



Sem esperanças, restaria ao poeta o ultimo consolo

Mas se tudo recusa-me o fadario
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz do teu rosario.

Entre estas e com estas ha outras. Ha uma nos *Devaneios*
"pallida madonna dos meus sonhos" que faz impio ao poeta

Amar-te, ainda é melhor do que ser Deus!

Alguem inspirou o *Adeus de Thereza*. Ha uma Barbosa nos
Anjos da meia noite. Quem seriam das suas tres Marias, a da *Confidencia* (de Outubro de 65, no Recife: Idalina?) e a da *Bôa noite* (de Agosto de 67 em S. Paulo: Eugenia?...) E outros, e outras...

São tantas, que faz lembrar *Sainte-Beuve* quando fala das
amadas de *Chateaubriand*: são como as estrellas do céu, mais a
gente as contempla, mas ellas apparecem!

Tornando á *Bahia* ha um encontro a bordo, numa noite de
mar que o poeta não pôde esquecer:

Ignex! nas terras distantes
Aonde vives talvez
Inda lembram-te os instantes
Daquella noite divina?
Estrangeira, peregrina
Quem sabe... Lembras-te, Ignex?
.....
Meus olhos nos teus morriam
.....
Não era cumplicidade
Do céu, dos mares? Talvez!
.....
E como um véu transparente
Um véu de noiva... Talvez,
Dá lua o raio tremente
Te enchia de casto brilho
Cahia a teus pés, Ignex!
E essa noite delirante
Pudeste esquecer? — Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspiras, moça formosa
Talvez te lembres, Ignex...

Não terminei ainda... Entre os mais lindos versos de *Castro Alves* estão certamente *O Hospede* e *Os Perfumes*... Ambas essas
poesias são datadas de *Currallinho*, do anno de 70. Dizia-me o pre-
sentimento que eram inspiradas pela mesma criatura. *Os Perfumes*
trazem uma enigmatica dedicatória a L. Na correspondencia do poeta
ha uma carta á irman preferida, na qual elle lhe pede que a L.



mande a *Vida Parizense*. Quem seria? Devia eu tentar saber: conseguí confiança, que não me autorison entretanto a dizer tudo. Não sei porque... Estou que sirvo a historia enternecedora desses dois corações, em não ser reservado.

L. foi Leonidia Fraga, bonita moça, intelligente e meiga, que o poeta conhecera ainda criança, revira em 65 num namoro innocente e, tornado em 70, a que renuncia, com a morte na alma, *ELLE*:
• diz na poesia *Fé, Esperança e Caridade*

Quando a infancia corria alegre á tóa
Como a primeira flôr que na lagôa
Sobre o crystal das aguas se revê,
Em minha infancia reflectiu-se a tua

Depois eu te reví... Na fronte branca
Radiava entre perolas mais franca
A altura c'roa que a belleza trança

Hoje é o terceiro marco dessa historia

Por ti em rosas mudam-se os martyrios

Fé, Esperança e Caridade que ella foi successivamente, podia o poeta dizer na epigrapha que "eram tres anjos e uma só mulher".
Ella é ainda a Marieta dos Anjos da meia noite:

Furtivos passos morrem no lagado...
Resvala a escada do balcão discreta...
Matam labios os bellos em segredo...
Afoga-me os suspiros, Marieta!
O' surpresa! ó palor! ó pranto! ó medo!
Ai! noites de Romeu e Julieta!...

Com o disfarce rustico da serrana é ainda Leonidia quem acolhe "o hospede" e que lhe pergunta depois, quando elle quer tornar

Onde vaes, estrangeiro! Porque deixas
O solitario albergue do deserto?
O que buscas além dos horizontes?
Porque transpor o pinçaro dos montes
Quando pôdes achar amor tão perto?

Queres voltar a este paiz maldito
Onde a alegria e o riso te deixaram?
Eu não sei tua historia... mas que importa?
Boia em teus olhos a esperanza morta
Que as mulheres de lá te apunhalaram

A choça do deserto é nua e fria
O caminho do exilio é só de abrolhos
Que familia melhor que os meus desvellos
Que tenda mais subtil que meus cabellos
Estrellados no pranto de teus olhos

Talvez tenhas além servos e amantes...
 Um palacio em lugar de uma choupana
 E aqui só tens uma guitarra e um bello,
 C'o o fogo ardente do ideal desejo
 Nos seios virgens da infeliz serrana

No entanto Elle partiu... seu vulto ao longe
 Escondeu-se onde a vista não alcança
 Mas não penseis que o triste forasteiro
 Foi procurar nos lares do estrangeiro
 O fantasma sequer de uma esperança!

Só depois que elle morreu, ella se casou, sem achar entretanto a felicidade, porque veiu a enlouquecer. No seu delirio não lhe esquecia o amor passado, conservando todas as reiquias delle — flôres, fitas, desenhos e poesias — que lhe segredavam ainda as lembranças do seu poeta. Amor divino que sobrevive a duas mortes, do coração amado e da razão amante, que não deviamos esquecer sem ingratição. Essa aventura de Leonidia terá na vida de Castro Alves o cheiro suave e terno das flôres do campo, entretanto penetrante e vivaz como aquelles *Perfumes* que ella lhe inspirou.

Tornou á Bahia, não a buscar "o fantasma sequer de uma esperança", como elle dizia á sua serrana, mas veiu achá-la. Cercou-o no palacete da rua do Sodré não só o carinho de familia, mas a admiração de toda a sociedade culta da Bahia. Nem lhe faltou a sua cõrte predilecta, a das mulheres, que o amaram sempre. O seu prestigio era tamanho que nas festas a que concorria nenhuma moça se compromettia a dansar, antes que o Castro fixasse a sua escolha. Elle já não dansava, impedido pelo seu pé de borrarra, dissimulado, porém incapaz; mas enquanto os pares revolteavam pelos salões, elle conversava com a dama que distinguira e que as outras todas invejavam.

Foi nesse meio que se lhe deparou o ultimo amor: era uma jovem e formosa italiana, actriz que viéra com uma companhia lyrica e na sociedade da Bahia ficára a ensinar piano e canto. Passados trinta annos, conhecia-a, a Agnes Trinei Murri — que ainda vive na Italia — e pude ainda comprehender toda a paixão do poeta. Era alta, esbelta, alva como um marmore de Carrara, mãos aristocraticas, olhos e cabellos negros, bocca e voz deliciosa, a bocca e a voz das florentinas, principalmente tinha coração sensível e dado a admiração. Amaram-se como se amam os moços apaixonados. Ella foi todo o encantamento, toda a occupação do derradeiro periodo de sua existencia. Foi a sua "Consuelo", com "Aquel-

la mão". (*) Consolo em que o coração do poeta pode adormecer alliviado, coroada a fronte dos louros que elle quizéra:

Uma noite sonhei que em minha vida
Deus acendia a **estrella** promettida
Que leva os **Reis** ao berço da ventura.
Mas quando, ao longo da poenta estrada
O suor me escorria de amargura
Passava em meus cabellos perfumada
Aquella mão tão pura!

Durante um temporal, deslembado do perigo de coriscos e vagalhões, elle só nella pensa:

Tu és meu céu azul, meu lago morno
Onde canta a Esperança em noite calma
Para mim só ha raios em teus olhos
Procellas — em tua alma!

Desdenharia os perigos da terra se tinha por onde attingir a bemaventurança:

o A divina Consuelo em frente à noite immensa
No gesto dominando a furia do escarcéu...
Na voz clara; sonora, ardente, larga, extensa
Escada de Jacob — prendia a terra ao céu!

E' ella ainda quem lhe inspira Noite de maio, A um coração,
A Virgem dos Ultimos Amores, Remorsos, Em que pensas, Gesso e bronze...

O poeta poderia entretanto dizer numa de suas ultimas poesias:

E — perto de morrer — o amor anelo ainda

Esse a que se refere é, porém, o amor sagrado, que elle votou e lhe foi retribuido pela mais santa e dedicada das irmans, que em vida o amimou, o protegeu, o admirou, velou-lhe as insomnias, consolou-lhe os pezares, deu-lhe confiança na gloria e ainda agora, quasi cincoenta annos depois que elle se extinguiu chora-lhe a lembrança, exalta-lhe a memoria com um fervor que só alto e grande coração, digno do genio de Castro Alves, seria capaz. E' dona Adelaide de Castro Alves Guimarães, a irman mais moça do poeta, tambem poetisa, musicista, desenhista, de fino gosto artistico, viuva do dr. Augusto Alvares Guimarães, amigo e companheiro dedicado de Castro Alves, jornalista de nomeada na campanha

(*) Trecho de carta de D. Adelaide de Castro Alves Guimarães, sobre Castro Alves, ao autor que lhe pedia informações sobre incidentes da vida amorosa do poeta. Por ellas é seu nome escripto aqui com todo o reconhecimento.

liberal pela abolição. Ella será ainda por longos annos a zeladora dessa memoria sublime, até que Castro Alves seja inteiramente possuido por aquelle ultimo fantasma dos Anjos da meia noite, que elle vira em sonho, que "buscara do sul ao norte", "bella e branca desposada", o eterno amor — a Gloria! — que elle mereceu, e que finalmente alcançou.

A GLORIA DE CASTRO ALVES

Castro Alves, não vacillo em o proclamar, é o primeiro poeta nacional: foi o poeta da minha adolescencia. Se esta é a razão de nossas preferencias durante a vida, segundo a aguda observação de Anatole France, sou immediatamente levado a acrescentar que elle foi neste meio seculo o poeta do maior numero de brasileiros, porque nenhum logrou o favor de tantos leitores. Impressionava a José Verissimo — e agora a Alberto de Oliveira — o numero de edições dos versos d'elle, tanto que a seu pedido investiguei uma bibliographia do poeta, que o critico não chegou a conhecer. Comtudo no seu livro posthumo a *Historia da Literatura Brasileira* lá vem alludidas "oito ou dez edições" das *Espumas Fluctuantes*, o que o faz dizer "poucos livros brasileiros, e menos de versos, tem sido tão lidos". (*) Verissimo ficou aquem da realidade, porque só no Rio de Janeiro conseguí examinar nada menos de dezeseite, o dobro da parada, sendo algumas dellas, como as de Garnier de muitos milheiros de exemplares. (**)

(*) JOSE VERISSIMO — *Historia da literatura brasileira* — Rio, 1916 p. 334-6.

(**) Esta é a nota provisoria das edições que encontrei das obras de Castro Alves. Opportunamente publicarei um ensaio mais minucioso.

ESPUMAS FLUCTUANTES

I	1.a edição — C. L. Masson & Cia. — Bahia	1870
II	2.a edição — P. Olivieri — Bahia	1875
III	3.a edição — P. Olivieri — Bahia	1878
IV	4.a edição — P. Olivieri — Bahia	1880
V	5.a edição — Cruz Coutinho — Rio de Janeiro	1881
VI	5.a edição — Seraphim Alves — Rio de Janeiro,	1881...
VII	nova edic. — B. L. Garnier — Rio de Janeiro	1883
VIII	nova edic. — B. L. Garnier & E. Mellier — Rio-Paris ..	1888
IX	nova edic. — Carlos Pinto & Cia. — Peletas-Rio Grande	1888
X	nova edic. — B. L. Garnier — H. Garnier Suc. — Rio-Paris ..	1896
XI	nova edic. — H. Garnier — Rio-Paris ..	1897
XII	nova edic. — Laemmert & Cia. — Rio de Janeiro	1898
XIII	nova edic. — H. Garnier — Rio-Paris ..	1901
XIV	nova edic. — H. Garnier — Rio-Paris	1904

Não só é o mais lido dos nossos poetas, como é o melhor e mais intimamente querido d'elles. Lamartine succudia os hom-bros aos seus censuras, com desdém: "tenho por mim as moças e os rapazes!" Além destes Castro Alves tem ainda as pessoas gra-ves e os homens sisudos. Cada um de nós terá provas deste acer-to: cito de passagem dois factos. Tornáva de viagem á Europa e um dos meus companheiros de vapor, sabio de nascença que a vida desviára para a alta finança, apesar da idade e das responsa-bilidades, recitava-me poesias inteiras de Castro Alves. Ainda ha poucos dias ouvi numa sala severa da Córte de Appellação, vene-rando juiz e jurisconsulto declamar, a proposito de um incidente da vida sentimental do poeta, as estrophes candentes da Immensis orbibus anguis.

Esse fervor já tem cincoenta annos e não diminuirá, porque as edições e os leitores se succedem, mudados é verdade, como diria o nosso Constande Alves; mas tantas são as razões de admi-rar que o culto permanece, e hade permanecer, inalteravel. O poeta accordára cedo. Na adolescencia ha como que um estonteamento de emoções e de idéas, sentimentos cuja novidade deliciosa nos tira o somno, idéas cuja reflexão não conseguia ainda exprimir-se em forma precisa. A enphase é e será um peccado dos vinte annos: a caudal de um talento ainda latente, na represa de uma ambição que não achou seu caminho, ferve em cachão e a vela liquida que

XV	nova edic. — Carlos Echenique — Porto Alegre	1909
XVI	nova edic. — Livraria Garnier — Rio-Paris	1913
XVII	nova edic. — Livraria Magalhães — São Paulo	1915

GONZAGA

I	Cruz Coutinho — Rio de Janeiro	1875
---	--------------------------------------	------

CACHOEIRA DE PAULO AFFONSO

I	Imprensa Economica — Bahia	1876
---	----------------------------------	------

CACHOEIRA DE P. AFFONSO E MANUSCRIPTOS DE STENIO

I	Serafim José Alves — Rio de Janeiro	1883
---	---	------

CACHOEIRA DE P. AFFONSO, MANUSCRITO DE STENIO, GONZAGA

I	Livraria de B. L. Garnier — Rio	1839
II	H. Garnier — Rio-Paris	1895
III	H. Garnier — Rio-Paris	1902
IV	H. Garnier — Rio-Paris	1906

As edições Garnier nem sempre trazem a data no rosto: foram identificadas por cotejo ou pela data na subscrição. A edição Serafim Alves é posterior a 81 porque traz uma poesia de Mello Moraes feita no decenario de Castro Alves.

primeiro lhe deriva hade ser turva e revolta. Por isso a mocidade — e falava exactamente da mocidade d'elle — dizia José de Alencar a Machado de Assis — era uma divina impaciencia. Essa ancia de dizer tudo o que nos suffoca, na expressão de nossas tumultuosas e atrevidas emoções faz aos jovens não só emphaticos, mas obscuros, apocalypticos, absurdos, nunca mesquinhos. Nem sempre se os entende: haverá contudo outros moços que os entendam, possuidos do mesmo delirio, o que lhes dá uma clarividência de intuição, que a razão estreita não pôde explicar e por isso que os autores difficeis — as sybillas, os prophetas, os mysticos, os metaphysicos, os simbolistas — têm nos ephebos os seus adeptos mais fervorosos, devotos que os comprehendem de primeira mão. Não ha difficuldades para um cerebro de dezolito annos; nessa idade a admiração prescindê da razão e adora exactamente porque não pôde perceber. Não ha gloria mais duradoura e mais estridente do que a desses autores felizes porque terão por si a fiel mocidade, eterna, ainda quando arrependida nas edades menos bellas e menos tentas que lhe succedem.

A emphase de Castro Alves era porém comprehendida por todos, pois que o paiz atravessava todo elle a sua crise de puberdade, com as vehemencias do romantismo literario, com a exaltação humanitaria do abolicionismo, com a idealisação liberal da Republica... de sorte que aquellas "bombas" atiradas á populaça, repercutiam em animos preparados nos ecos retumbantes da victoria e da aclamação.

O seu publico, a multidão das praças e dos theatros não desejava senão isso. De Bocage, o improvisador popular, disse Garrett: "mais ella repetia eternidade, orbes, furias, gorgonas", "mais dobrava o applauso, mais delirava elle, mais o admiravam: ao cabo nem elle a si, nem os outros a elle o entendiam". O nosso Castro Alves era sentido, senão entendido, quando se arroubava e arrebatava aos outros, clamando pelo porvir, no arrebol, ao infinito, sobre os Andes, para a amplidão... Contudo, a imagem nunca lhe sahio ridicula, ainda quando absurda. O Jehovah que criou a America é um "estatuário de collossos." O continente "molhado ainda do diluvio, tem "os Andes petrificados como braços levantados" que apontam para a amplidão, isto é para a sublimidade dos seus idees. O livro é um andar guerreiro, que conquista o mundo inteiro, sem nunca ter Waterloo", "Num poema amortalhado nunca morre uma nação", "Quando o tempo entre os dedos, quebra um seculo uma nação, encontra nomes tão grandes que não lhe cabem na mão". "O motim, Nero profano no ventre da cova, insano, mergulha os dedos cruéis. Da guerra nos paroxismos, se abrumam mesmo os abismos e o morto morre outra vez!" A noite e os astros debruçados do céu, contemplan a pugna da Inde-

pendencia. E' "o Inglez, marinheiro frio que ao nascer no mar se achou, porque a Inglaterra é um navio que Deus na Mancha ancorou". A França é muito pequena "para conter tantos heroes". "A Terra é como um insecto, friorento, dentro da flôr azul do firmamento, cujo calix pendeu!".

E sempre assim, para falar com elle, proceloso, magnifico, divino! Com esse verbo heroico e genial fez a campanha da abolição, maior que Pedro II, que Paranhos, que Nabuco, porque falar do throno, leis preparatorias, arengas parlamentares não moveram tanto a opinião nacional, de adultos endurecidos no egoismo do interesse, como essas versos martelados em bronze, essas rimas estrelladas de pranto que se dirigiam aos adolescentes e ás mulheres, edade e sexo da generosidade, preparando então essa aspiração nacional. — que não o era então — a abolição da escravatura — mas que viria a sel-o, de facto, dez a vinte annos depois. Os juvenes brasileiros do tempo de Castro Alves e depois delle tocados da sua graça, contaminados de seu enthusiasmo liberal formaram duas decalhas após, a geração dos libertadores.

Depois de servir á causa nacional, com que foi o unico poeta heroico que possuímos, ainda o genio lhe sobrou para servir á propria causa, coroando-se o maior dos nossos poetas lyricos.

Demonstrou José Otílica, o mais lucido dos seus criticos, que delle provêm a elle melhor representa a poesia genuinamente nacional, Indianista, colonial, portugueza, arcadica, classica... o que quizerem... até ahí, com os que o precederam, só com elle ella é verdadeiramente brasileira. Apenas Casemiro de Abreu e Fagundes Varella, com sinceridade, mas sem o mesmo prestigio, se approximaram delle. (*)

Pela primeira vez, a nossa natureza reflectiu-se em estrophes magnificas. (**) Contaram-me que um dia a Eça de Queiroz lêra Eduardo Prado ás Aves de arribação:

A's vezes quando o sol nas matas virgens
A fogueira das tardes acendia...

(*) JOSE' OTÍLICA — Um ponto de litteratura brasileira — in "Jornal do Commercio de 25 Dez. 1913 paginas 21 e 23. Neste artigo magistral o critico prova, sem delongas, que Castro Alves criou essas tres coisas que não existiam na poetica nacional antes delle: a **paisagem brasileira**, o **estilo brasileiro**, o **thema social brasileiro**.

As razões de meu juizo a esse respeito darei em tempo, em estudo ulterior. Os criticos de Castro Alves, onde ha muito ponto curioso de exegese litteraria a elucidar.

(**) Veja sobre esse passo toda a *Cachoeira de Paulo Affonso*, o mais brasileiro dos poemas nacionaes, além de estrophes e versos de toda a obra do poeta, ás vezes regionalista.



O grande artista deteve o outro, para exclamar:

— Ah! está, em dois versos, toda a poesia dos tropicos!

Nos outros, em muitos dos outros de Castro Alves está toda a poesia do Brasil. Poesia innata, vivida, sentida, não imitada dos livros lusitanos ou copiada das modas francezas, como esses versos sem poesia que tanto, e demais, por ahí encontramos. Ouvi a vereda, como se fosseis, o poeta:

As nuvens ajoelhadas
Nos claustros arcos e vãos
Passam, quaes contias douradas,
As estrellas pelas mãos

.....
E as estrellas no céu scintillam languidas
Perolas soltas de um collar sem fio...

.....
Que flores de ouro pelas veigas bellas!
Foi um anjo com a mão cheia de estrellas
Que na terra as perdeu.

.....
A surdina da tarde ao sol que morre lento...

.....
Hontem a tarde, quando o sol morria
A natureza era um poema santo
De cada matta a escuridão sahia
De cada gruta rebentava um canto,
Hontem a tarde quando o sol morria

.....
Estava aberta a janella... um cheiro agreste
Eralavam as selvas da campina
E ao longe num pedaço do horizonte
Via-se a noite placida e divina...

Eu poderia multiplicar os exemplos. Se em vez dos quadros da natureza, interrogarmos a elevação do pensamento, ficamos espantados dessa facilidade do concerto philosophico que nos mostra um mundo interior tão formoso quanto o outro que via cá fóra o poeta. O genio é como Ahasverus:

Invejado a invejar os invejados.

.....
E sempre a caminhar, sempre a seguir
Mas quando a terra diz — elle não morre
Responde o desgraçado — eu não vivi!

.....
(Porque eu sei que o filhé torpe
Faz o morto soluçar...)

.....
O seculo — traça que medra
Nos livros feitos de pedra
Ree o marmore, cruel
O tempo — Attila invisivel

Quebra com a pata insensivel
Sarcófago e capitel

.....
Oh! jardim solitario. Reliquia do passado
Minh'alma, como tu, é um parque abandonado
Fala-me o teu silencio — sugo-te a solidão
.....
Natureza eu voltel — eu sou teu filho!

Quereis mais? Nenhum dos nossos poetas exprimiu o amor, não o amor-convenção, mas o amor amado, sentido, soffrido, melhor do que elle:

No selo da mulher ha tanto aroma!
Nos seus beijos de fogo ha tanta vida!...

.....
Sta vasto o nosso leito ...
Sta vasto o mundo inteiro...

.....
Sem Ella o que é a vida?

.....
Mulher do meu amor! Quando aos meus beijos,
Treme tua alma como a lyra ao vento:
Das teclas de teu selo que harmonias
Que escalas de suspiros bebo attento!
Al! canta a cavatina do delirio,
Hi, suspira, soluça, anseia e chora
Marion! Marion! E' noite ainda
Que importa os raios de uma nova aurora,
Como um negro e sombrio firmamento
Sobre mim desenrola o teu cabello...
E deixa-me dormir balbuçando
Bôa-noite! Formosa Consuelo!...

Para comprehender esse prodigio de expressão das scenas da natureza, da elevação do pensamento, das intimidades do coração, em um rapaz que viveu apenas vinte e quatro annos num terço dos quaes realisou essa obra maravilhosa que ainda agora nos commove e nos enthusiasma, pensei que a belleza e o genio com que nasceu e se lhe desenvolveram no seu ninho, tiveram sua eclosão e sua maturidade apressados pelo amor com que viveu, gosou e soffreu, como se tivesse longa vida, e esforço de sobra para lhe traduzir fielmente os encantos e as maguas.

Foi só por isso, para vos proclamar uma, que eu quiz por miudo por dizer a outra, que a explica, e a faz comprehender, que vos entretive aqui sobre a Paixão e a Gloria de Castro Alves.

AFRANIO PEIXOTO

PADRE JOSÉ MAURICIO ⁽¹⁾

Foi na festa do "Centenário das Artes no Brasil" que, no ouvir uma symphonia do Padre José Mauricio, eu senti acordar em minha intelligencia, uma viva curiosidade por esse autor, cujo nome todos nós conhecemos, mas cujas obras todos nós ignoramos.

No salão resplandecente da Escola Nacional de Bellas-Artes a música admiravel evocava a figura alta e modesta do nosso maestro, com a sua batina surrada de padre philosopho, as grandes mãos inquietas, como as de todos os nervosos, seguindo o rythmo da orchestra, e o longo rosto escuro, de larga fronte e olhos pe-

netrantes, voltado para o vaeo, que é onde os artistas sentem preluzir a futura comprehensão da sua obra...



Por entre os festões de rosas brancas e o esplendor das luzes que nessa noite memoravel interromplam o somno do Palacio das Artes do Rio de Janeiro, a sombra negra do triste musico, surgido das ondas das suas proprias harmonias, passava como um espectro attraente dos que souberam em vida estrelejar a terra de pensamentos nobres e inspiradores. Reviviam nesses instantes evocativos, os seus compridos dias de desesperança e soffrimento, e os seus curtos dias de felicidade imperfeita; desde

aquelles em que, ainda muito moço, na anela de um estudo incompleto e insufficiente procurava segurar com os dedos ávidos a Arte

(*) Conferencia realizada a 3 de Novembro de 1917, na Sociedade de Cultura Artistica, S. Paulo.

esquiva; até as mais brilhantes horas a sua existência, quando nos salões doirados do Palácio real, D. João VI, entre o oratório e o cravo, o ouvia commovido e em extase...

Desejando prolongar, cultivar mesmo, a sensação delicada de ir, através do Tempo, ao encontro desse interessante vulto histórico, pensei em procura-lo ainda na lembrança da nossa cidade estonteada. Mas os grandes centros americanos desconhecem ainda o gozo de conservar vestígios das épocas mortas e dos seus homens extraordinários, arte encantadora, que sabe guardar algo da vida dos que morreram, como certas rosas que, mesmo depois de murchas e longo tempo guardadas, ainda conservam e desprendem das pétalas ressequidas um aroma suave... Desse modo, no Palácio dos Reis, que o padre José Maurício encheu com o tumulto do seu sentimento e a poesia da sua música, nada existe hoje que o faça lembrado. Tudo ali é diverso: em vez do mobiliário tradicional, em que a convivência das magestades tivesse imprimido um quê de sua própria feição, esse caracter especial que mesmo as cousas inertes adquirem na intimidade dos indivíduos de forte personalidade, ha só hoje frias estantes de muséu, vidraças uniformes em que as pedras preciosas ainda não lapidadas escondem dentro de si o fogo inquieto da sua alma imperiosa, e que, na envolveria do cheiro da naphthalina, figuram, hirtos e catalogados, os mais variados productos da fauna e da flora brasileiras.

Decididamente, seria melhor procurar a sombra de José Maurício fóra de portas, errando ao acaso dos passos por alguma das nossas noites de verão, em que o ar veludoso guarda, com o cheiro dos manacás, o fremido das ultimas cigarras, e em que o ritornelo das ondas nostálgicas, insinua na gente música divinas...



Era na praça de S. Jorge, dizem as chronicas, que o povo se reunia ao sol-posto para ouvir a banda da fragata em que viera a archiduqueza, primeira imperatriz do Brasil, tocar os doze "divertimentos" compostos pelo Padre-mestre. Essa série de música constitua uma novidade para a população carioca, que até então mal conhecia, ou não conhecia mesmo, alguns instrumentos de sopro. O enthusiasmo communicativo da musica estendeu-se pela cidade inteira. Toda a população se movia para ir apreciá-la. Os homens, com a pitada de rapé entre os dedos suspensos, dilatavam os ouvidos, á escuta; as mulheres, de braços nus, rosas no cabello empomadado, e coraca no pescoço e nos pulsos, abafavam o ruge-ruge das salas engomadas e paralisavam os leques



abertos sôbre as rendas finas das camisas de luxo, visto que em mangas de camisa, talhada em forma discreta, se apresentavam em sua casa ou em público.

Qual das nossas praças representará hoje essa de S. Jorge, em que a alma transbordante do compositor vibrou delirantemente pela bocca dos pistons e dos clarins metallicos? O Rocio, naturalmente. Mas do Rio desse tempo o que talvez poderia ainda guardar um pouco da sua feição antiga, seria a 'velha Rua do Nuncio, hoje baptisada com o nome do musico illustre, e onde elle morou e morreu. Mas exatamente esse trecho da cidade parece agora menos brasileiro do que armênio ou turco.

Pelas lagedas das calçadas formigam crianças de expressão differente das nossas; as mulheres têm outro typo, e os homens falam entre si uma linguagem estranha.

Convicta de não encontrar na confusão da nossa capital cosmopolita e sempre renovada, uma suggestão viva que me indicasse siquer algo da personalidade do nosso pobre artista, fui á Bibliotheca Nacional revolver cinzas de paginas esparsas, em sua busca. Afinal, é sempre na literatura do livro, ou do jornal, que os vultos de eleição deixam traços da sua passagem neste mundo. São ainda, e sempre, os escriptores os que zelam pelas glórias nacionais — da sua, ou de alheias artes.

Num paiz em que aos grandes vultos nacionaes fôsse rendido o devido preito, já pelo menos os conscienciosos estudos biográficos de Porto Alegre e do Visconde de Tonay sobre José Maurício, teriam passado das respectivas revistas em que appareceram, para um pequeno volume, em edição popular de facil divulgação. Não é tão grande ainda a galeria dos nossos artistas para que deixemos dissolver-se no esquecimento a figura deste musico, que os seus biographos chamam genial, que figurou em um dos mais interessantes periodos da nossa vida nacional e que nem ao menos pôde ser aprofundado pelos estudiosos, porque a sua obra copiosa, que ficou em manuscrito, só tem verdadeiramente aervido para a engorda e o gáudio das traças voracissimas.

• •

Nasceu José Maurício em 22 de Setembro de 1767, oito annos depois de terem sido expulsos do Brasil os jesuitas pelo grande Marquez de Pombal.

Chamava-se seu pai, Apollnário Nunes Garcia; natural da Ilha do Governador freguezia de N. Senhora d'Ajuda; chamava-se sua mãe Victoria da Cruz, e era uma ercolua filha de uma preta da Guiné.



Tinha José Maurício apenas seis annos quando lhe morreu o pai. Para o amparo da sua meninice ficaram-lhe a mãe e uma tia materna, uma doce tia embaladora de inextinguível bondade, que teve uma grande preponderancia na sua vida. Entre essas duas mulheres analfabetas, que para assegurarem a sua subsistencia trabalhavam dia e noite em officios grosseiros, é que se foi incompreensivelmente desenvolvendo a intelligencia e o gosto do pequeno José, pardinho de olhar vivo e voz afinadíssima.

Dócil e socegado de génio, elle passava horas esquecidas sentado a um canto do quarto ou na soleira da porta, fazendo violinhas com pequenas tábuas e fios elásticos arrancados das botinas, para os acompanhamentos dos seus improvisos. Nessas occasiões, por mais que os garçotos seus conhecidos o fossem desafiar para as partidas de pião na calçada, ou para o lançamento ao ar dos papagalos fascinadores, elle preferia a tudo o continuar nas suas meditações, ou ir cantar xâcaras e solãos para divertir as senhoras da vizinhança. Nem sequer se inquietava se os companheiros irritados o chamassem — "pamonha" — e acabassem, como acabavam, por não contar com elle para cousa nenhuma.

Assim a distancia começou cedo a fazer-se sentir entre elle e os outros...

Confinado em uma casa da pobreza e de ignorancia absoluta, dir-se-ia que era o vento que lhe traxia, de longinquas e mysteriosas distancias, o segredo divino da harmonia dos sons. Desse modo aprendeu de ouvido e sósinho a tocar viola, que era o instrumento mais accessivel da época.

No seu trato rude, a familia mal teria vagar para sabidas, a não ser ao domingo para as obrigações da Igreja. É fácil de imaginar como então o pequeno se coseria ás saias da mãe, com os olhos pasmados para os altares resplandecentes e os ouvidos sofregamente abertos para as ondas harmoniosas do orgão e das vozes das crioulas e dos crioulos ensinados pelos jesuitas na fectoria agricola de Santa Cruz.

A intelligencia das crianças é de uma absorvencia espantosa. Tudo que agita a atmosphera que as circunda é sorvido por ellas na avidex sem par de conhecerem a Vida e recolherem impressões, que actuarão depois na sua mocidade e ás vezes mesmo na sua idade madura. O menino voltava para casa com febre na alma, e nessas noites, ao revolver-se na sua pobre cama, é possível que a mãe o ouvisse delirar cantando baixo e em lágrimas. E assim, num tar de indifferença e de miseria, desabrochou aquella vocação, maravilhosamente, como a grande nymphéa azul das aguas mortas... E era tão evidente, essa vocação, tão radiosa, que a propria mãe inculta, a comprehendeu e a amparou! Por traz de todo o homem de génio está uma mãe admiravel, dizem os livros.

Esta, preta, analphabeta, algemada por todos os modos ás mais precárias condições da vida, e que além de tudo fazia parte de uma sociedade, em que mesmo as mulheres de mais alta linhagem só sabiam rezar e comprehender a linguagem das flôres, como diz Oliveira Lima, se não teve inspiração senão o seu amor prophético, representa um caso de rara beleza moral na história da humanidade. Se um meio indifferente hostilisa e aniquilla mesmo as intelligencias mais esclarecidas, que animo poderá elle incutir ou que fascinação exercer em cérebros ainda entapados pela ignorancia e de mais a mais de uma raça sem tradições intellectuaes nem provada capacidade artistica? Descendendo de africana, e portuguezes, como attestam o seu nome e a sua mestiçagem, José Mauricio herdara do ascendente branco a sua faculdade de arte criadora. Não ha, supponho, exemplo de grandes artistas ou grandes homens de sciência de pura raça negra. O filão espirital, o velo luminoso que suica as almas de poesia, é transmitido ao mestiço pelo sangue europeu. Se o nosso maestro não tivesse tido senão avós africanos, teria sido apenas um interprete, talvez apreciavel, de boa musica, como ha muitos, e de resto o mesmo homem próbo e bondoso que foi; mas a sua arte teria acabado no mesmo dia em que elle tivesse fechado os olhos para sempre. E' já assombroso qn a mãe tivesse acertado no modo de conduzir a sua educação.

Foi ella que um dia, com as mãos calejadas ainda quentes do ferro de engomar, correu a matricular seu filho na Escola do Mestre Salvador José, pardo tambem, e cujos recursos musicaes estariam talvez ainda bem longe da perfeição. Timida, desatando do nó do lenço os oitenta réis da mensalidade, ou dois patacos, como então se dizia, e que era o preço estipulado por alumno, ella executou sem o pensar, o mais bello gesto de toda a sua existencia! E assim a criança prodigiosa, a quem a orphandade paterna talvez tivesse auxiliado na realização do seu sonho, ainda inconsciente, começou a cursar as aulas de theoria e de musica ao violão.

Era esse o instrumento mais usado no Brasil desse tempo, em que o cravo e a espineta só existiam nos salões de luxo. Em poucos annos o joven estudante sabia tanto como o mestre, e creio bem possivel que ainda soubesse mais... E' que, ao arrebatamento da sua imaginação correspondia nelle uma grande lucidez de intelligencia, bem como o instincto da ordem, que lhe facilitou com certeza o estudo. A' proporção que se tornava adolescente já ao seu espirito não bastava a musica. Elle queria alargar o raio da sua illustração, dar o pão do saber a sua fome intellectual. Bateu então á porta de um mestre régio, chamado Elias, que lhe ensinou a fundo o portuguez e o latim, materias que, com a musica eram então ensinadas nas aulas publicas.



Adquiridos uns conhecimentos elle trabalhava immediatamente para a aquisição de outros, aprendendo assim a pouco e pouco historia, philosophia e linguas, para que a claridade de outros horizontes projectasse brilho sobre a arte da sua preferencia.

Emquanto estudava, adivinhando, na emmaranhada rôde das regras de composição, o que o mestre Salvador não lhe soubesse explicar, o estudante teria tido as suas crises de desesperança, além dessas tristezas e medos de incompetência, que assaltam todos os espiritos no período mais intenso da sua formação. O ambiente ainda era novo, não tinha alma. Quaes as correntes musicaes que nelle pudessem ter favorecido o genio do joven José Maurício?

Imaginemos!

Já na memória das cousas nada existiria das vozes dissonantes dos indígenas, quando tangendo o tamboril ou soprando em bores, trombetas feitas de bambú, elles percorriam as mattas nativas afugentando as aves do arvorêdo; ou, quando tendo amarrado a sua victima com a corda mussurama, como nos conta Varguagen, dansavam ao redor della de axorcas de cascavels nos artelhos e maracás em punho, dando patadas no chão, ao som da pancadaria compassada e soturna feita num tambor oblongo por velhos agachados e crianças delirantes. Sendo a musica, depois da palavra, a expressão natural do homem, o indígena não podia deixar de ter a sua. Tinha-a, tinha-a de guerra, de morte, de dansa e de glorificação; mas tão áspera e desarticulada seria a sua contextura e tão pouco impregnada de poesia a sua propria essencia, que della nada ficou ecoando por esses rochedos de beira mar nem pelos valles do interior.

Quanto maior é a incapacidade de um povo para exprimir o seu pensamento pela palavra, maior pareceria dever ser nelle a necessidade de cantar, porque dos tres rythmos a que obedece a voz humana o rythmo da prosa o rythmo do verso e o rythmo da musica, é este o mais propicio á expansão dos sentimentos instinctivos da alegria ou da tristeza. Está entretanto verificado que não é assim, porque os povos que menos falam são tambem os que menos cantam, e quando o fazem as suas vozes têm maior estridência e monotonia do que verdadeiramente ebriedade e paixão.

Por isso, talvez, nada ficou no Brasil das suas sonancias primitivas.

Vieram depois as caravelas portuguezas singrando águas virgens e batendo no ar as azas palpitantes das suas velas brancas

e logo pelos areiaes das praias, a maruja, "bebendo o leite azul" do luar tropical, encheu o espaço atônito com as suas modas, os seus solás e as suas serranilhas, em que a emoção sentimental da raça glorificava as estrellas de outro hemispherio...

A essas cantigas de carinho e simpleza, seguiram-se os canticos dos missionarios, os hymnos com que os jesuitas arrebanhavam gentios, atrahindo-os, docemente, irresistivelmente, como a flauta do pastor atrahi as viboras do monte. Padre Navarro compôz e escreveu então musicas e versos em lingua tupy; e Anchieta, com as suas mãos pallidas e aguias, imitou-lhe o gesto, acenando ás crianças selvagens que o seguissem cantando por selva a dentro! E em pouco tempo, toda a floresta se embeveceu, transpassada pela religiosidade dessas lóas sagradas, cheias de unção. Foram ellas que fizeram cahir da mão agil do indigena a flexa e o tacape guerreiro e que o ensinaram a erguer os olhos para a cupua do céu, numa interrogação esperançosa...

Já de ha muito não se ouvia o som da Cangoeira, flauta indigena talhada em ossos de inimigos mortos, quando á doçura vencedora deixada pelos hymnos sacros, e á indole amorosa e clara da musica portugueza se vieram juntar os batuques onomatopai-cos e monotonos dos africanos. Por muito tempo essa musica so-urna, de que só de longe em longe se evolava, num vôo medroso, uma pequena phrase melodica, prolongou entre nós a sua amargura nativa e cansada; e tanto a prolongou que ainda hoje nas festas do entrudo é o rythmo compassado do samba que serve de acompanhamento ao estridor desenfreado das turbas carnavalescas. Deste modo, crelo, foram a musica popular portugueza; a musica liturgica, e a musica africana, as tres primeiras sonoridades harmonicas que vieram substituir nas plagas do Brasil a estridência fanhosa das buzinas de bambú e o rumor atrevido dos "curuquis", tambores feitos com madeira óca.

Tinha sido esse o preparo do ambiente para a acclimação das escolas scientificas da Arte Italiana e Allema, que a gente das capitancias e depois as familias dos governadores trouxeram consigo.

Comprehendendo quanto a musica alivia pesares e aligeira o esforço dos trabalhadores ruraes, ao mesmo tempo que desperta nos templos a religiosidade dos devotos, iniciaram os atilados Jesuitas o seu ensino e prática na sua fazenda de Santa Cruz, onde faziam os escravos cantar e tocar vários instrumentos para o serviço da Capela. Seria essa naturalmente uma escola muito rudimentar, de accôrdo com a intelligencia completamente inculta dos discipulos, incapazes naturalmente de apprender certas regras, mesmo da mais facil theoria musical; mas tal era a habilidade dos mestres e taes as disposições naturaes de ouvido, afinação, e voz dos crioulos que essa Escola conseguiu criar discipulos de

certo merecimento e diffundir o gosto pela musica, principalmente — ou exclusivamente — pela musica.

Quando José Maurício começou a sentir a sede da arte, o seu refúgio natural, a sua fonte consoladora compreende-se que as achasse na Igreja, — onde as composições do Padre Manoel da Silva Rosa, o primeiro musico brasileiro, chronologicamente falando, lhe serviram de estímulo, se bem que os seus biographos affirmem que esse compositor em nada influia na sua educação musical. Mas se de facto o padre Rosa mereceu os elogios que lhe fizeram esses mesmos historiadores, é justo supôr que a sua arte tenha de algum modo, mesmo que indirecto, animado a de José Maurício...

Era no templo, entre os vapores aromaticos do incenso e os canticos de Palestrina e Cimarosa, que a alma de poeta que havia em José Maurício se ia ampliando e criando vigor para o yôo em que se deveria lançar mais tarde. Elle não ia à Igreja para rezar, nem só em obediência à vontade materna; ia para ouvir música! A música foi a verdadeira religião do seu espirito, a Nossa Senhora Immaculada, ante a qual se ajoelhou a vida inteira num extase sublime e arrebatado. Ella, mais do que o prestigio que o presbyteriato tinha nessa época de grande poderio monacal, mais do que a fé nos dogmas do catholicismo, mais do que tudo, o attrahiu para o serviço divino, porque só ella lhe enchia a imaginação de sonhos transcendentos e o fazia vibrar de enthusiasmo...

Disse alguém que "a arte, como a magia, é uma metaphysica practica"; e em nenhuma os effectos sobrenaturaes, que transportam os individuos ao setimo céu do gozo, são tão evidentes nem tão arrebatadores como na musica; por isso o filho da humilde crioula engomadeira, ajoelhado nas duras lajes da nave, julgava-se pairado entre as mais altas nuvens...

...

Era ainda muito moço quando, percebendo ter já capacidade para ensinar e por esse meio ganhar a vida, José Maurício começou a dar lições, a uns por dinheiro, que bem pouco seria, a outros por amor da sua arte e piedade da pobreza. Era um motivo de júbilo para elle, esse trabalho, com que procurava manter a familia, recompensando a mãe e a tia dos seus árduos labores e sacrificios passados, e em que disseminava ao mesmo tempo pela sua cidade agreste e inculta, a semente do gosto pela música...

Sem meios para comprar um cravo, mesmo já usado, para a sua sala desgarnecida, servia-se o esforçado mestre na sua aula, para exemplificação do ensino, do mesmo instrumento de que se servira o seu mestre Salvador: uma viola de cordas metálicas.

Apezar de todas as luctas, o seu orgulho de homem e de artista começava a sentir-se satisfeito. Methodisava o trabalho, compunha, ensinava, e, pouco a pouco, transformava o seu lar desconfortado, em um recanto atraente e carinhoso.

Mas a felicidade não foi inventada para os pobres, e por isso, numa formosa manhã do ano 1790, manhã certamente de calor e de moscas, coisas que nesse tempo eram inseparáveis do Rio de Janeiro, lhe morreu a querida tia embaladora, a sua segunda mãe, deixando-o profundamente amargurado e saudosos.

Tendo vivido sempre dentro do amoroso e apertado círculo de uma família já de si pequena, a falta dessa bondosa criatura abriu deante d'elle um vasto de deserto. Confidente talvez das suas aspirações e das suas angustias, ella fôra inconscientemente o apoio moral nas suas indecisões e nos seus temores, a doce alma feminina cuja sensibilidade é tão grata ao soffrimento dos artistas. A pungência desse golpe decidiu-o a tomar ordens; e para isso um negociante amigo fez-lhe doação de um prédio, o que lhe facilitou a entrada na carreira ecclesiastica. Constituia esse predio o dote exigido pela Igreja no sábio intuito de, obrigando os pobres a possuírem alguns bens, fazê-los praticar o sacerdócio nobre e desinteressadamente.

Tinha José Mauricio vinte e cinco annos e já uma vasta erudição musical quando envergou as vestes talares e disse a sua primeira missa. Nessa manhã, envolvido na meia sombra do corpo da Igreja, com os doridos joelhos no chão duro e as mãos enclavilhadas no ardor da oração, uma pobre e humilde crioula assistia ao officio divino como se elle fôra ministrado pelo proprio Christo!

Menos preocupado com as exigencias materiaes da vida, podia agora o Padre José Mauricio abrir mais facilmente a válvula á sua imaginação torrentosa, deixando-a arrastar livremente os motivos, sempre renovados, da sua música. Como o padre Assunção, do romance "A Intrusa", tambem elle comprehendia que nenhuma arte pode ser tão apropriada á prática de um sacerdote como essa, que um escritor francez (1) chamou — "perfume sonôro das idéas" — e que Madame de Staël com maior propriedade denominou — "architectura dos sons" — e que resume, na fórma a mais abstracta e mais sensível, toda a agitação do sentimento humano.

Padre e músico, José Mauricio parecia fazer das suas duas profissões uma só: orava cantando e compunha rezando. Na grandiosidade dos seus cantos litúrgicos devia sentir-se a palpitação de um coração de homem sacudido pelas tempestades da vida terrena; deveria sentir-se isso que fez dizer a Alfred de Musset:

(1) Dubufe.

"Les chants désespérés sont les chants les plus beaux
Et j'en sais d'immortels qui sont des purs sanglots".

No recolhimento religioso da sua alma, José Maurício olhava para a arte como para uma Virgem, recamada de ouro byzantino e toda estrelada de pedrarias coruscantes, de que só transparecia o brilho sob os véus de etherea castidade. Maravilhosamente triste, dessa tristeza que se traduz em poesia e em beleza, e que é profunda, porque é inspiradora, ella apontava-lhe o céu, onde se refugiara o seu amor de criança e a sua saudade de homem...

O desejo de criar e de compôr igualava nelle o de lêr e de estudar. Recolhido á noite dos seus deveres de ecclesiastico e de professor, accendia tranquillamente a sua lampada e folheava até horas mortas livros e partituras dos grandes mestres allemães, haurindo dellea, como diz Taunay, a energia polyphonica e a valente textura da sua musica.

Dir-se hia então que as palayras do seu breviário eram compostas por mínimas e semibreves. Elle via tudo atravez da musica. As suas composições exprimiam pma luta viril contra a banalidade; havia nellas tento de elegiaco como de humano; havia a lueta do animal vivo com a irreallidade sonhada, um quê de monte rochoso e de balanço de nuvem...

E nada ficou dito sôbre a sua maneira de compôr.

Beethoven e Wagner concebiam as suas musicas como Guerre Junqueiro os seus poemas: — andando e gesticulando, em idas e vindas, ora sobre a alcatifa das salas, ora sôbre a urze das charnecas.

Pela indole das suas obras dir-se-hia que as do padre José Maurício eram compostas de joelhos, nas horas em que a Igreja deserta acolhia melhor a sua alma de sonhador, ou em frente ao modesto oratório da sua casa da Rua do Nuncio, que a mãe floria candidamente de sempre-vivas e de alecrim cheiroso. Assim, clérigo, latinista, philosopho e prégador, elle era e foi sempre principalmente—musico; e na bondade do seu coração achava ainda forças para ensinar gratuitamente o povo. Na sua casa da Rua das Marrecas, antiga das Bellas Noites, acolhia generosamente os discipulos, na idéa de que entre elles alguns, ou algum haveria cuja triste infancia tivesse analogia com a sua...

Dessa Escola, que manteve heroicamente por largos annos, sahiram, entre mais alguns compositores de merito, o musico Francisco Manuel da Silva, o inspirado autor do Hymno Nacional. Se o padre José Maurício não houvera existido ou não houvera diffundido o ensino da musica tão liberal e patrioticamente, talvez que Francisco Manuel não tivesse chegado a comprehender as suas proprias qualidades musicas, e na tristeza de ignoral-as não nos tivesse deixado o legado que deixou.



Apezar da modéstia natural do seu caracter e da prodigiosa capacidade de trabalho de que era dotado e que o trazia sempre distraído, o glorioso padre-mestre, sentindo em tôrno do seu talento a indiferença glacial de um público sem gosto nem compreensão artistica, é bem possível que principiasse a soffrer de certo enfado pela existência... O enfado do isolamento!



Chegou porém um dia em que factos inesperados vieram alterar em absoluto o modo de ser da vida brasileira. O Príncipe Regente, depois D. João VI, desembarcava com a sua real família e luzida côrte nas plagas do Rio de Janeiro.

Era no verão; o sol de Março chispava fulgurantemente nas ramagens dos pluvias de seda dos sacerdotes allahados no caos, e no ouro dos thuribulos, com que os noviços insensaram as magestades ao vel-as saltar da galeota para a terra firme. O povo enchia as ruas de curiosidade e de alegria. Repicavam os sinos estrídula e festivamente, e flores e folhas atapetavam o chão por onde o cortejo passava, a caminho da Igreja e do Paço.

la começar uma era nova; uma era feliz.



Feito de contradições, D. João era um homem intelligente, progressista, espirituoso, ao mesmo tempo que bonachão e beato. Tendo de guardar as conveniências de uma individualidade á parte, elle só desabafava na confidencia da oração os seus desesperos de filho de louca e de marido atormentado. Fazendo, com a sua apparencia de indolente, a obra grandiosa da organisação de um paiz; sabendo escolher os seus ministros — tacto politico de quem dispõe de uma psychologia fina e meditada; e sabendo ainda melhor aproveitar as occasiões apropriadas para os impulsos de iniciativas difficéis de pôr em acção; elle tinha gestos abstractos, interrompidos materialmente pela intercorrência de idéas e de cuidados superiores...

Para a agitação intellectual e moral em que forçosamente vivia, só encontrava o príncipe refrigerio e consolo na música, que adorava, como todos os Braganças. Grande conhecedor da arte de Palestrina e das práticas do culto, ia frequentemente a missas cantadas e a "Te-Deums" ajudar o cantochão. Uma vez, na Cathedral, impressionado pelos accordes de uma musica nova, desconhecida para elle, pousou as suas bonitas mãos brancas e polpudas sobre o



acolchoado de seda carmezim da tribuna real, e voltou os olhos atônitos para o côro. Um maestro pardo, alto, de fronte larga, regia admiravelmente a orquestra e o côro de vozes bem escolhidas. Acabado o officio quiz D. João communicar-lhe a deliciosa impressão que a sua musica lhe produzira e mandou-o chamar. Se o individuo modesto, humilde mesmo que era José Maurício, estremeceu de confusão pela deferência do príncipe, o seu orgulho de artista, qu'era nelle grande e legitimo, exultou! A apresentação estava feita, e pela melhor maneira. Desde esse momento o maestro começou a ser indispensavel ao rei.

Foi então nomeado mestre de capella da Cathedral, com o ordenado de seiscentos mil réis annuaes, o que não era mesquinho naquelle tempo, em que uma libra de assucar custava dois vintens e um frango alentado oitenta réis.

Vendo a sua subsistencia assegurada, José Maurício começou a trabalhar com enthusiasmo e a produzir louca e febrilmente. Emfim! havia alguém em que o seu sentimento repercutia, a quem a sua commoção inebriava! Desde então D. João VI foi todo o seu publico, todo o seu estímulo. E elle era inacessivel, o príncipe! a cada composição ouvida, pôdia logo outra, na certeza de que conhecia o seu homem, e previa tudo quanto elle podia dar. E o repentista fulo, estimulado pelo applauso real, vibrando ao delicioso frémito da inspiração, escrevia originaes novos para cada sessão a que ia no Paço, e compunha em vinte dias a sua famosa missa — "A Degolação de S. João Baptista"; e escrevia tambem em prazo precipitado a sua opera para o Theatro de S. João — "Le due Gemello". — Os seus autores queridos eram Beethoven, Haydn e Mozart, a divina triade da musica. Essa preferéncia, demonstrativa do seu bom gosto, é tambem reveladora de independéncia de character artistico, pois naquelle tempo era o amor á escola italiana o que imperava na sociedade de que elle fazia parte, e á qual hongearia se transigisse de algum modo com a sua maneira de sentir... Mas elle não era valdoso, era sincero; não escrevia para os outros, mas para si mesmo, como todo o artista verdadeiro. Repellido sugestões de outras músicas e de uma roda de amigos mal orientados, elle revelava-se assim um espirito de eleição, sem nada de banal.

Era um espontaneo, sim, mas um espontaneo que sabia apurar na arte as exuberancias das sua espontaneidade, moderando-lhes os impetos, dando-lhes cohesão, na pureza de uma contextura rigorosa, sem entretanto lhes tirar a frescura nem a graça primitiva.

Nos salões do Palácio, entre os setins rocgantes da estonteadada D. Carlota Joaquina e o lamentoso ulvar da "Rainha Triste" elle se sentia como em um mundo diverso, em missão misericordiosa...

Eram os accordes das suas grandes mãos escuras no pallido teclado inglez do piano do Paço real que apaziguavam o peito alancado do Principe Regente.

Depois de amargas e impertinentes discussões, emquanto pelas alamedas do parque ou pelas ruas esburacadas da cidade galopava a toda a brida a fogosa princeza, D. João VI, pálido, silencioso, mãos cruzadas sobre a seda do colete que o ventre arredondava, lábio pendente, olhos semi-cerrados, ficava-se a ouvir enternecidamente, religiosamente, as harmonias do autor mestiço, longe das intrigas da cõrte, alheado dos tormentos da sua vida, tão agitada no scenario politico como no scenario domestico.

. . .

Se outros lá fora, e mesmo dentro do Paço, motejavam por inveja ou preconceito de raça do pianista de cõr, sua alteza sentia por elle amizade e admiração crescente.

Talvez porque lhe tivessem chegado aos ouvidos alguns concertos desagradaveis ao maestro, elle aproveitou o primeiro e melhor ensejo para lhe dar testemunho publico do alto preço em que o tinha. Para essa prova escolheu uma hora em que os salões do Paço estavam repletos de fidalgos e de cortezãos e pediu a José Maurício que improvisasse ao piano. Era uma noite de festa, uma dessas noites suggestivas, que transmitem á imaginação de um artista facilidades mais vivas de expressão. De tal modo José Maurício se sentiu electrizado e tocou, que ao ouvir-lhe a ultima nota o Principe ergueu-se, todo a vibrar de enthusiasmo, e foi tirar do peito de um fidalgo, o visconde de Villa da Rainha a commenda de Christo que em seguida pregou no do maestro. Houve um momento de silencio na sala estupefacta. O infante D. Pedro applaudiu o gesto, com um olhar de moço entusiasta e D. Carlota Joaquina repenhou nos dedos impacientes as varetas de madrepérola do seu loque hespanhol...

Nessa noite José Maurício entrou em casa a arder na febre do enthusiasmo e foi acordar a mãe que dormia. Quando a pobre crioula abriu os seus cançados olhinhos de velha e viu reluzir sobre o peito do filho aquella estrella rutilante, rompeu a chorar de felicidade e de orgulho...

Estabelecida a cõrte no Rio de Janeiro, foram chamados ao Brasil alguns maestros europêus. Com a colónia artistica dirigida por Lebreton para fundar a Escola de Bellas-Artes veio para professor de música o maestro alemão Segismundo Neukom, homem de muita competencia profissional e que tendo ouvido o Padre



José Maurício declarou considera-lo — "o maior repentista do mundo".

Essa espontaneidade foi também apreciada pelo maestro Marcos Portugal, a quem os biographos de José Maurício se referem com injustificada antipathia pelo motivo de ter havido entre ambos os maestros certas rivalidades artisticas...

Entretanto essa circumstancia só poderia ser ilsongeira ao maestro mestiço porque Marcos Portugal trazia já da Europa um nome feito e considerado. Auctor de mais de quarenta operas applaudidas pelas principaes plateas do mundo, elle era tão notavel que fôra eleito sócio correspondente do Instituto de França por indicação dos grandes compositores Lesueur, Monsigny e Mehul, que o tinham na conta de um dos homens "que mais serviços prestaram ás artes". Pessoa culta, viajada, de modos naturalmente muito diversos daquelles a que o nosso povo estaria então acostumado, viu levantar-se contra si certas prevenções.

Começou assim com elle a rivalidade para o talento de José Maurício. A manifesta preferéncia de D. João VI por este, suscitou no publico a criação de partidos. Houve com isso uma illusão de inimizade entre os maestros; illusão apenas, que o tempo desfez, porque acabaram amigos.

A maior parte das vezes, a ogeriza notada entre certos individuos é meramente originada por insinuações de terceiros, que por inveja ou por outro qualquer sentimento, dos infinitos que o coração humano cria e alimenta, açulam ódios ou malquerenças...

Marcos Portugal morreu pobre, amparado pela marquesa de Aguiar.

.
. .

Com a volta de D. João VI a Portugal, esmoreceu o estro de José Maurício. Foi pena que o grande Rei o não tivesse levado consigo. Lá, o espirito impressionavel do artista encontraria um meio mais propício ao desenvolvimento do seu trabalho, e uns bafejos nunca antes sonhados para os seus ideaes.

Bastaria para isso sentir o seu pensamento unificar-se á grandeza das architecturas historicas, quando sob as abobadas dos vastos mosteiros e cathedraes fizesse soar a sua musica sacra. Mas, ou porque o Rei o não tivesse convidado, o que não pôde parecer provavel a ninguem, ou porque elle mesmo, preso talvez por novas afeições especiaes não quizesse ter ido, o caso é que aqui ficou na banalidade de uma vida sem enthusiasmo nem emoções artisticas, entrando logo a entristecer-se e desilludir-se...

A sua música não era a da índole do Rei novo, D. Pedro I, moço arrebatado, destre, airoso, amigo do exercicio physico e cuja educação musical tinha sido feito pelo maestro allemão Segismundo Neukom, — porque tambem elle, D. Pedro I era compositor musical de certo merecimento. Embora não morresse de amores pelas profundezas do cantochão, nem fosse de índole a se impressionar com o mysticismo dos canticos religiosos, escrevera uma missa e, além do Hymno da Independencia, que todos conhecemos, compuzera tambem uma symphonia de grande orchestra, uma opera em portuguez cuja abertura foi executada num grande concerto do Theatro Italiano de Paris, no mez de Novembro de 1832, com outros trechos seus, citados por Fetto, segundo notifica a Grande Encyclopedia.

A nova era trazia assim outras idéas, e outros hábitos, e gostos. Passavam-se agora os dias sem que o Padre José Mauricio subisse as escadarias do Paço, e fôsse acariar com os seus fortes dedos escuros o teclado inglez do esplêndido piano, de que o Rei moço tirava sonoridades differentes e profanas. Sem deixar de trabalhar, o Padre José Mauricio sentia, desanimado, que a sua música se enfraquecia, entrava na desesperadora phase da decadencia; escreven, por desenfado, algumas peças de estylo Italiano, mas não o animou a experiencia.

Oh, os bons tempos que iam desaparecendo na vertigem das horas enigmáticas!

Com D. João VI, elle sentia faltar-lhe todo um publico; e um artista a quem falte o publico é como um navio a que falte calado sufficiente: — encalha.

Já com o passo tardio e a mão frouxa, José Mauricio continuava sempre a espargir em torno de si a sementeira próspera e gratuita das lições de musica, e tão proficua foi ella, que tornou o Rio de Janeiro, no dizer de um dos seus biographos, na — cidade dos pianos. — Esse era o seu modo de accender luzes no altar em que a Arte lhe sorria, como uma Nossa Senhora de belleza humilde...

*
*
*

No mesmo dia em que a Rainha louca, D. Maria I, descansava do seu soffrimento cerrando os olhos á vida, morria placidamente entre os braços do filho, e já velhinha, a bondosa crioula da Guiné a quem coube a glória de ser mãe de José Mauricio. A dor profunda dessa perda deu elle desabafo escrevendo a "Missa de Requiem" para os funeraes da soberana, obra que passa por ser



a mãe bella entre todas as que escreveu, porque a traspassou talvez com as suas próprias lágrimas... Desde então o padre José Maurício podia dizer como o poeta Alfred de Vigny — "Sempre a mesma vida; deixo a doença pelo desgosto e o desgosto pela doença". — Num dia de melhor saúde, sahindo de casa elle caminhou para a Igreja com a idéa de ir tocar órgão; mas logo á porta do templo estacou a ouvir extasiado uma linda música que se tocava lá dentro. Uma expressão de verdadeiro gozo espirital espalhava-se pelo seu longo rosto, que a idade avangada ou a sombra de tantos trabalhos e desgostos, tornava mais escuro.

Um dos seus antigos discípulos aproximou-se ao vê-o e cumprimentou-o, e elle por unica resposta perguntou-lhe:

- Que musica é esta?
- E' sua, Padre-Mestre, pois não se lembra?
- Minha? mas quando a escrevi eu?...
- No tempo do Rei velho,
- Ah...

A evocação de D. João VI encheu de lágrimas os olhos do maestro e elle murmurou a meia voz, commoivamente:

— Naquelles tempos, quando me assentava á mesa para trabalhar, eu via deante de mim a figura de El-Rei, e tinha nos meus ouvidos uma orchestra immensa e prodigiosa! Muitas noites não pude dormir porque essa orchestra me acompanhava, e era tal o seu effeito que não conseguia fechar os olhos...

Por desgraça nunca pude escrever fielmente aquillo que ouvia..."

E depois, com fingida resignação:

" Hoje, só oiço o cantar dos grillos, os meus gemidos, e o garrir dos cães, que me entristecem e me incomodam..."

E nesse desconsôlo, mas sempre trabalhando, sempre fazendo as suas notas diarias com que methodizava e commentava a vida, ou procurava talvez disfarçar a dolorosa melancolia da decadencia, elle resistiu até que, numa manhã de Abril de 1830, adormeceu para sempre... Morreu ouvindo talvez os sons longinquoos e intraduziveis daquella orchestra immensa e prodigiosa, a que alludira tão saudosamente. Amortalhou-o o filho, filho nascido não sei do que amor, a que não ha referencias na sua historia: talvez pela certeza de que em verdade elle só amou a uma noiva e só quiz profundamente a uma amante: a — Arte! E tanto que para a sepultura não levou as suas vestes talares de sacerdote, mas aquellas com que em casa escrevia as suas composições: — calças e jaquetão de seda roxa, e não sei se por travessolro não lhe teriam posto sob a cabeça alguns dos seus manuscritos...



Estas linhas em que procurei esboçar a figura modesta do Padre José Maurício, não têm pretensões a biographia; representam apenas uma reverência de gratidão ao artista que tão apaixonadamente se esforçou para legar á sua terra um espólio glorioso, e um incentivo para quem possa ainda juntar pelo menos algumas das suas paginas esparças, e as faça imprimir, e reviver!

JULIA LOPES DE ALMEIDA.



POESIA

SIMPLICIDADE, FELICIDADE...

*Simplicidade, simplicidade...
Ser como as rosas, o céu sem fim,
a árvore, o rio... Porque não ha-de
ser toda a gente também assim?*

*Ser como as rosas — bocas vermelhas
que não diascram nunca a ninguém
que têm perfumes... Mas as abelhas
e os homens sabem o que ellas têm.*

*Ser como o espaço, que é azul de longe,
de perto é nada. Mas quem o vê
— arcure, ou ave, ou olhar de monge —
busca-o, sem mesmo saber porque.*

*Ser como o rio, cheio de graça,
que move o moinho, dá vida ao lar,
fecunda as terras e, rindo, passa
tão descuidado, sempre a cantar...*

*Ou ser como a árvore — aos lavradores
dá lenha e fructo, dá sombra e paz;
dá ninho da ave, ao insecto flores...
Mas nada sabe do bem que faz!*

*Felicidade — sonho sombrio!
Feliz é o simples que sabe ser
como o ar, as rosas, a árvore, o rio:
simples, mas simples sem o saber!*



AS ARVORES DA RUA

*Que tristes arvores, cortadas!
Eu tenho tanta pena dellas!
Doentes, rachiticas, plantadas
em longas linhas parallelas...
Que tristes arvores, cortadas!
O' minhas verdes esiladas!*

*Crescer alli sem liberdade,
no alinhamento de uma rua;
sentir a vida da cidade
e não poder viver a sua!
Crescer alli sem liberdade...
Moças, mas — ah! — sem mocidade!*

*Si conseguissem ir mais alto!
Mas sentem presas as raizes
sob a pressão quente do asphalto.
Ellas seriam tão felizes
si conseguissem ir mais alto,
galgar, tomar o céu de assalto!*

*Cortam-lhes galhos, cortadinhas;
nem lhes dão tempo de florir-as!
Fazem-n'as todas eguaesinhas,
como as meninas dos asylos...
Cortam-lhes galhos, cortadinhas,
e ellas parecem orphãsinhas...*

*Ninguém lhes quer, nem as entende;
ninguém procura a sua sombra;
nem a seus pés nunca se estende
o verde fresco de uma alfombra...
Ninguém lhes quer nem as entende:
ah! só minha alma as comprehende!*

*Nas suas ramas pensativas
nunca se esconde o amor de um ninho,
nem borboletas fugitivas
vôam, nem canta um passarinho...
Das suas ramas pensativas,
porque fugia, aves furtivas!*

*Quando o luar tem tons de prata,
nas pobres arvores da rua
nunca ninguém gravou a data
de um beijo... Apenas quando ha lua,
quando o luar tem tons de prata,
sob ellas chora a serenata...*

*Si geme, em tardes mysterioas,
o harmonium mystico do vento,
ellas se benzem, religiosas,
na solidão do alinhamento.
Si geme, em tardes mysterioas,
o vento, benzem-se medrosas...*

*Parecem freiras cochichando
nos corredores dos mosteiros,
com suas toucas brancas, quando
ha névoas no ar... Quando ha nevoeiros,
parecem freiras cochichando,
parecem monjas desfiliando...*

*Que tristes arvores, coitadas!
Eu tenho tanta pena dellas!
Doentes, rachiticas, plantadas
em longas linhas parallelas...
Que tristes arvores, coitadas!
O' minhas verdes calladas!*

*Na Via Sacra desta vida,
tambem ha tanta creatura
plantada em linha aborrecida...
Por esta Rua da Amargura,
na Via Sacra desta vida,
vive tanta arvore esquecida!*

PELAS ESTRADAS SILENCIOSAS...

*Pelas estradas silenciosas,
andam sonhando os namorados...
Cantam os anjos debruçados
no céu; na terra abrem-se as rosas...
Andam sonhando os namorados,
pelas estradas silenciosas...*

O' namorados, cautela,
 que os anjos pôdem chorar!
 O' namorados, cautela,
 que as rosas pôdem murchar...

Pelo silencio das estradas,
 beijam-se os noivos, ao sol-posto...
 Tímida, a tarde esconde o rosto,
 e as nuvens, no alto, estão coradas...
 Beijam-se os noivos, ao sol-posto,
 pelo silencio das estradas...

Cuidado, noivos, cuidado,
 que as nuvens vos pôdem vêr!
 Cuidado, noivos, cuidado
 que a tarde pôde soffrer!

Pelo socego dos caminhos,
 os namorados vão chorando...
 Piscam estrellas, namorando;
 chãos de paz, dormem os ninhos...
 Os namorados vão chorando,
 pelo socego dos caminhos...

O' noivos, chorae mais baizo,
 que as estrellas pôdem rir...
 O' noivos, chorae mais baizo,
 que os ninhos pôdem sorrir...

MORTE

Si ella tiver que vir, que venha ao menos
 num domingo de sol;
 que a manhã seja clara, as céas serenas,
 bem alvo o meu lençol!

Alvissimo, da côr das cousas puras:
 eu gosto desta côr.
 Detesto o negro, o luto, as amarguras,
 a tristeza... Que horror!

Que os sinos cantem, nessa madrugada,
bem altos: dlon! dlin! dlan!
E passe muito gente endomingada,
no ar fresco da manhã!

Vestidos velhos, de limpeza extrema,
em que o tempo veloz
guarda as dobras e o cheiro de alface
das arcas dos avós...

Que perpassem, de leve, nas calçadas,
com muita devoção,
criancinhas saudáveis e enfeitadas,
que vêm da comunhão...

Que desfilem na rua as orphãzinhas
de olhar casto e imbecil,
nas suas saias muito engomadinhas,
carregadas de anil!

E que as boas velhinhas, escutando
os sinos: dlon! dlin! dlan!
passem muito felizes, tropeçando
nos seus chales de lã!

Que haja sol, que haja luz, que haja alegria
no dia em que ella vier,
porque a terra terá, doce e macia,
um calor de mulher!

E eu passarei, no meio desse povo,
religioso e feliz,
endomingado, no meu terno novo,
com botas de verniz...

Si tudo fór assim alegre e puro
no dia em que eu morrer,
eu levarei no meu calção escuro
vontade de viver!

GUILHERME DE ALMEIDA

(Do livro "Simplicidade").



SOBRE A JORNADA REPUBLICANA DE 1817

A. J. Pires Brandão.

A derradeira romagem espiritual do sr. Oliveira Lima é atravez dos fastos da revolução pernambucana de 1817. Elle estudou-a nos archivos de Londres, de Washington e do Rio de Janeiro; sentiu-a na sympathia dos homens da sua terra e do seu meio. Eu já disse, e agora accentuo, como as suas annotações guardam um cunho de probidade e de concisão, que illustram, sem diminuir, a obra commentada; como ellas vermelham a tocha liberal accesa, ha oitenta annos quasi, por Muniz Tavares; como os seus pulmões robustos sopram e avivam a labareda crepitante de 1817, que a intelligencia desmemoriada do brazileiro ia deixando apagar-se no borralho da indifferença, na cinza de uma desestima cruel pelo ouro fino das qualidades que luxuriaram naquelle vergel innocente, onde loirejam os fructos mais sazoados do idealismo, da bravura, das energias moraes e das virtudes civicas da nacionalidade.

Nós tivemos varias crises de independencia, desde o meio lendario Amador Bueno até a Inconfidencia. Nenhuma, porem, com o surto definitivo, a seiva, grossa de consequencias, como a pernambucana.

A Inconfidencia é genuinamente lyrica.

Alóra Tiradentes, que era o unico com vocação para martyr, são todos poetas, sem capacidade de acção, os eternos hospedes do sonho, amando a existencia tranquilla, os ocios illustres do espirito, e que um capricho do des-



tino fez os actores acabrunhados de remorso da tragedia mais pungente em que elles deveriam ter pensado. Mas para imaginar a qualidade moral dos Inconfidentes é preciso ver Villa Rica, deixar-se trespassar dá poesia que se desprende das pedras daquela cidade heroica, da doçura do seu clima, da benignidade christã do seu ar de recanto devoto; lembrar Gonzaga, um enamorado bucolico, desentranhando-se nos poemas do amor mais casto que ainda verteu um coração honesto e uma alma tímida, Alvarenga Peixoto uma vontade hesitante; evocar um momento aquellas collinas rematadas pelo azul ceeste, aquella agua que desaltera até a sêde d'alma, para ver que de um tal ambiente só poderiam emergir visionarios candidos, sonhadores, espiritos nostalgicos para as emoções secretas, devorados de exaltação lyrica, e nunca os temperamentos crepítantes de entusiasmo, os nervos trepidando numa vibração superaguda, o destino assignalado por uma vocação irresistivel de revolucionarios, de que está cheio o movimento pernambucano.

Tambem os nossos "patriotas" eram vizinhos da linha equatorial, e tinham o Atlantico, num espectaculo de força, desafiando audacias e heroismos, a rugir-lhes aos pés... Domingos Theotonio, José de Barros Lima, Antonio Henriques e Pedroso são soldados; Domingos José Martins é um magnetico, que enfeitiça as massas e as affeiçoa e dirige com o pulso vigoroso; Luiz de Mendonça é um advogado de instincto, esperto e chicanista; Padre João Ribeiro nutra-se da medulla dos encyclopedistas; Padre Tenorio, um doutor de Coimbra, com uma capacidade administrativa notavel, Padre Fortuna uma visão lucida e penetrante; todos são assim, commerciantes, doutores, militares, padres amancebados, que são maçons e lascivos alguns delles, e commentam a revolução franceza, guardam o culto napoleonico, ávidos de iniciativas, meio aventureiros, convertendo as energias proprias em instrumentos de dominio e em vontades creadoras.

Por isso o traço sobretudo suggestivo da revolução é a Intelligencia. A maioria dos revolucionarios, os pionei-



ros do movimento, são todos elles figuras de mentaes, sobrelévando como uma élite sem povo. Todos os seus gestos patrioticos, todas as suas aspirações impacientes de independência, os assomos de um patriotismo remordido da ancia de sacrificios cada vez maiores, tudo isso morria sem echo nem agasalho, no torpor de uma população de 260.000 escravos, 60.000 negros livres, 160.000 mulatos, 40.000 indios e 50.000 brancos, segundo estimativas mais provaveis.

E, com excepção de Parahyba e do Rio Grande do Norte, os demais meridianos da nossa esphera politica nenhum estremeceu á maternidade ardente de Pernambuco. A tensão de sua febre, á seiva da sua exuberancia, á miragem do seu sonho libertador e ao crystal das suas intenções, respondiam a inercia, o silencio de pantano, sem uma crispação de correnteza, o hebitismo de uma nação infiltrada até ao cerne dos germens negros da corrupção e da morte. Balda assim de ponto de apoio, duma força exterior ou das sympathias populares, em tres mezes, a revolução encontrava-se fallida, insolvavel. E era um organismo esplendido, esse que desaparecia sem responsos nem can-tochão!

O que havia em todos os seus fautores era um extraordinario sentimento politico. A conspiração preparou-se dentro dos conventos, nas lojas maçônicas, onde o clero trava das mãos com livres pensadores e militares, emparceirados para a tarefa nativista. Os padres, esses, foram um dos elementos mais consideraveis da explosão revolucionaria. O Sr. Oliveira Lima chega mesmo a dizer que 1817 foi uma revolução de pádres: pelo menos constituiram, accrescenta, o seu melhor elemento, o que mais provas deu de sinceridade, de isenção e devotamento, aquelle onde se recrutaram, com poucas excepções os seus dirigentes. Tollenare observa a erudição surprehendente que elles patenteiam da revolução franceza e do cathecismo liberal.

Ao contrario do que se verifica na Irlanda e em muitos paizes da Europa, onde a hierarchia romana é separada por antagonismos profundos do clero nacional, aqui to-



dos, conegos, governadores de bispado, vigarios, coadjutores, regulares e seculares participam, com insufflação d'alma, da lucta, apaixonados por ella, dominados de tendencias politicas, tendo o rosto varonil ao embate e arrostando-o sem pestanejar. Desse modo, a hierarchia mesma romana, os "proconsules" do imperialismo catholico, obediētes á autoridade da curia, a cuja oligarchia de cardeaes se movem cegamente, porque o sangue lhes corre nas veias oxydado á algida temperatura da disciplina, da conveniencia e da submissão, sobrepoem aos interesses da Igreja as suas aspirações particularistas e fazem suas as ideas revolucionarias. Pode-se a medir o nível radical do clero pela pastoral do governador do bispado, deão Manoel Vieira de Lemos Sampaio, declarando que a revolução não era contraria ao Evangelho por isso que a posse e o direito da casa de Bragança fundavam-se em um contracto bilateral, desfeito porque a dynastia, antes da colonia, faltara aos seus compromissos.

Embora! a revolução é conservadora e tolerante e não "é matter of fact", ou melhor, positiva nas suas reivindicações. Pessoalmente os chefes professam opiniões avançadas. Querem a abolição do trafico negreiro e a da escravidão; mas transigem com uma e outra cousa; collocam os destinos da sua obra sob o patrocínio da religião; estabelecem a supremacia da ordem civil sobre a militar; projectam o Parlamento baseado sobre a propriedade immovel como condição do censo eleitoral, affastando assim, qual pondera com razão o Sr. Oliveira Lima, a demagogia de cor da representação nacional, constituindo-se o congresso de elementos ruraes e do commercio, isto é, da burguezia e da aristocracia territorial.

Ella tem muito do temperamento brasileiro, de nossa indole infinitamente doce, inclinada ao perdão e avessa ao castigo, commutando sempre, claudicando e prevariando só pelo receio de não parecer excessiva e cruel. A Minerva brasileira é uma dama extremamente sensivel e delicada.



Será difficil encontrar nas revoluções triumphantes aquelle raio de humanidade e de clemencia, que aquece e doura a nossa de 17, cercando-a de uma onda mansa de sympathia e de respeito. Não persegue; não confisca; usa de uma esponja para as desintelligencias do passado; mostra-se rico dos sentimentos de que são avaros os partidos victoriosos. Onde se levou mais longe o respeito do vencido? O Padre Miguelinho faz-se notar pelo seu "espirito evangelico". E' uma alma onde não se aninha a vingança. Luiz de Mendonça, demonstra tal horror pelos processos demolidores, que ao ver a bernarda na rua, tenta adial-a, convencido que a propaganda é uma força maior que a revolução. O Juiz do crime e da policia da villa do Recife nomeado pelo Governo provisorio, Felipe Nery, exerceu esse cargo, segundo os seus adversarios, com "doçura e humanidade". O proprio Luiz do Rego, espirito bronco e sem cultura, dizia: "Pela conducta que teve o chamado Governo provisorio, tanto a respeito do povo como a respeito dos cofres, bem se vê que todos foram mais criminosos do que perversos. E' alguma cousa não ter sido morto um só homem por ordem do Governo rebelde..."

E o que encanta e commove nesta moderação é que a exerceram homens, cujos antepassados ha um seculo soffreram, depois da guerra dos Mascates, os horrores das devassas, da deportação, da cadeia e da forca, numa proporção consideravel.

Aliás, sem pretender diminuir o fulgor dessa conducta, forçoso é confessar que os portuguezes por seu lado não demonstravam nenhuma velleidade de reacção. A graça revolucionaria cahia sobre uma legião de assombrados. Emmudeceram. Havia, de certo, um partido a tirar para os rebeldes, um interesse em mostrar a revolução doce e humana, honesta nos seus intuitos e nos seus actos aos inimigos della.

Os patriotas comquanto não tivessem feito os preparativos de natureza militar que um natural instincto de conservação e de defeza lhes estava inspirando, para enfrentar a reacção da metropole, contavam com ella. Que



necessidade haveria, de complicar a situação externa difficil, com outra interna mais delicada? Não seria mais habil conservar o elemento lusitano, que tinha de ser um dos factores da contra revolução, senão sympathico á obra revolucionaria, ao menos tranquillo quanto aos designios della? Foi o que Cesar fez depois de Pharsalia. Foi a mesma linha de conducta dos pernambucanos depois de 6 de Março.

Os seus adversarios não souberam tratá-os assim no dia seguinte ao da victoria. Aquelles republicanos generosos, são mettidos numa floresta de bayonetas, e marcham para o supplicio da forca. O povaréo, que enxameia nas ruas, assiste, entre applausos, o lugubre canto de morte do cadafalso vingador. Os portuguezes tratados com brandura até a vespera, formam centros de intoxicação reaccionaria, os porta-vozes das devassas, insufflando os crimes torvos da contra-revolução, silvando anathemas, distillando peçonha contra os chefes da Junta. O governo real castiga-os com um dogma de terrorismo dir-se-ia alimentado do succo gastrico de feras. Os golpes da sua inclemencia estavam longe daquella doce razão intuitiva da sementeira revolucionaria: abria as veias aos culpados, deixando-lhes correr o sangue maldito, como expiação e exemplo.

Pernambuco, esse, retalharam-n'o logo pelo seu rasgo de rebeldia. Perdeu Alagoas, e, mais tarde, em 1824, a comarca de São Francisco, incorporada á provincia da Bahia.

Porque motivo teria sossobrado assim a jornada republicana de 1817?

Uma revolução é um phenomeno complexo, cujo exito ou insuccesso depende de condições differentes. Ha causas, porém, que agiram com uma latitude tão nitida no fiasco politico e militar da nossa, que explicam os embaraços gravissimos em que ella veio a encalhar.

Foi um bello e sonoro grito, sem eco. A gente, para qual ella pedia o "self government", era a mesma por todo o territorio brasileiro, que Lindley, (citado pelo sr. Capistrano de Abreu) descreve sem vida social, porque não



havia sociedade, desinteressada das questões publicas, porque da ordem social ella só sabia, quando a sobresaltavam os desasoccos da guerra, ou o meio resomnava em calmaria.

A unica realidade viva para os povos abastardados nesse estado de degradação intellectual e moral, é o facto economico. O interesse é sensível e egoista. Onde o supponmos mais embrutecido, mais lethargico, elle apenas repousa em hybernação. Burke sustentava aliás que as commoções intestinas da Inglaterra nascem quasi todas da tributação.

Vejamos como é transparente, no desastre de 1817 a influencia do facto economico. A repercussão desse facto foi espantosa como era natural, na existencia collectiva. O povo, que esperava ingenuamente, vantagens da revolução, um periodo agudo de prosperidade, via-se ludibriado. A esperança perdida é tão feroz quanto o odio. Em vez de permittir-lhe continuar a usufruir os proventos da "franquia commercial", que Portugal lhe concedera em 1808, a revolução estrangulava-a, graças a medidas que a salvação publica impunha e ao bloqúeio estabelecido pela esquadra real.

De sorte que aquillo que na America hespanhola, como nota o Sr. Oliveira Lima, foi dado pela secessão, no Brazil perdia-se (que importava áquella gente que fosse momentaneamente?) com ella. O commercio é por toda a parte sem entranhas, judeu. Elle padecia irritado, murmurando, as consequencias dos actos vexatorios para a sua liberdade de acção, decretados pelo Governo, e, com elle, o povo olhava ir de agua abaixo, um dos foros, que accelerara o movimento das permutas, arruinando-se-lhe a fortuna, bafejada pelo ímpeto da onda da vitalidade commercial trazida com a abertura dos portos. A revolução dir-se-ia que não se relacionava com a prosperidade das classes trabalhadoras, tanto que era incapaz de estimular-lhes as actividades mais uteis e essenciaes.

Ora, a massa, inepta para comprehender o alcance politico dos acontecimentos, e que infelizmente não sabia jejuar com principios, já em meados de Abril, isto é, pou-



co mais de um mez após a Republica, ardia de fome. E lembrava-se que no tempo de El Rey Nosso Senhor vivia mais gorda, com a tripa mais forra. E era, como os portuguezes, tambem restauradora.

O padre João Ribeiro tinha modificado as suas theorias acerca do Governo popular. José Luiz de Mendonça começa a preferir o logar das autoridades destituidas na cadeia, á magistratura no seio da Junta. O bloqueio esfomea-os e enlanguesce tudo. Nos povos banhados pelo oceano e que fizeram delle uma das suas estradas de communicação com o mundo, o mar equivale a uma das vias respiratorias. Não ha saúde perfeita, sangue rico, num organismo oxygenado por um só pulmão, e esse mesmo fraco. A Republica tinha a planta do pé do inimigo sobre o seu pulmão mais forte. Asphyxiava, sem ar. Em tres mezes, o espolio revolucionario liquidava-se, e a Republica tinha galvanizado em heroes, com o coração cheio de virtudes antigas, os homens que a haviam talhado com o gume das espadas e a suggestão da palavra.

Por outro lado, a metropole não era mais Portugal. Graças a Napoleão, nós tinhamos o principado. Praticamente a colonia era Portugal. Essa vantagem, de ordem politica, que acarretou necessariamente beneficios de outra natureza, retardaria o facto da independencia, pelo menos até o dia em que a testa coroada portugueza permanecesse no Brazil, fazendo-o desfructar proventos de povo emancipado. Com o arranco de movimento nacional, a revolução nascera inviavel e temporã. O paiz não respondeu ao appello de Pernambuco. As outras provincias, com excepção de Parahyba e Rio Grande do Norte, deixaram-se ficar intrataveis. Era o melhor meio de, cordialmente, desejar a ruina do esforço pernambucano.

O problema se antolhava aos patriotas infinitamente melindroso. Mas a principio tudo leva a crer que elles não perceberam a gravidade da situação. A intentona estalara sem se esperar. Conspirava-se abertamente; mas ao reventar a revolta, não havia um plano concertado, uma conjuração feita e marcada. Que confiança cega não-deveriam, por este facil triumpho, ter os revolucionarios na



sua estrella! O prestigio da "chance" contaminou-os. Agredidos inopinadamente por ella, tomaram-n'a ao seu serviço, elegeram-n'a sua ajudante de ordens; e, como eram um estado maior de imaginativos, que ignoravam a energia tyrannica com que já desde aquelle tempo o methodo vinha esganando o "acaso", jogaram no exito revolucionario, até que o poder central não se mexeu, aquillo a que Doris Vinci chama a "esperança moral" por opposição á "esperança mathematica". E, partindo d'ahi, ou negligenciaram muito a hypothese do insuccesso, ou admittiram-n'a logo cedo. De qualquer forma se entregaram ao acaso. A coincidencia benigna que lhes deu a victoria, quasi sem effusão de sangue, sobre Caetano Pinto, que fizera a revolta, depois da eslocada fulminante de Leão Coroadado no brigadeiro Barbosa, uma passeata — foi um pouco a desgraça delles. Acreditaram que as portas da fortuna lhes estavam imantadas. Ou então, viram-se logo perdidos, e desanimaram.

Certo ha entre elles animos energicos, resolutos, activos e atrevidos. O patibulo documenta-o.

Estas virtudes, porém, não se polarizam em esforços coordenados e perseverantes de organização e previdencia, maximé do ponto de vista militar. Falta-lhes uma vontade que galvanize as outras; um braço-synthese; uma destas individualidades fortes, dominadoras, levadas ao maximo do vigor, a cujo apparecimento se succede a submissão e a penumbra de todas as almas, e cuja existencia é indispensavel para que um concurso de esforços fragmentarios se coordenem e se fortaleçam. Seria preciso combinar a pureza moral do Padre João Ribeiro com o vigor de encantamento pessoal de Domingos José Martins e uma capacidade militar de chefe, que a revolução não revelou.

Aturdem os episodios que se seguem á contra-revolução. O rio São Francisco era uma antemural. A resistencia em Penedo, ou onde as forças reaes tentassem transpor-o, impunha-se á mais elemental defeza das fronteiras do territorio da republica. Cogominho de Lacerda atravessa a grande torrente e Penedo recebe-o de gambiarras.



O commandante legalista attinge Serinhaem, a 15 leguas do Recife, e elles o suppoem ainda em Alagôas! Faz uma marcha expedita, triumphal, terminada num mez e pico, sem encalhar num tropeço, sem perder-se numa emboscada, sem defrontar um obstaculo de ordem militar serio, a não ser o encontro, epilogado por uma debandada, com as tropas do general Paula, que iniciando a batalha com forças muito reduzidas, logra até á noule deixar indeciso o combate, fazendo recuar o inimigo á medida que elle procurava conquistar terreno. Porque os portuguezes avançam, algumas cidades acclamam El Rey. O que havia a fazer não era pretender suffocar esses movimentos sem importancia, senão dominal-os na sua origem, isto é, atacando os invasores que vêm do sul. A Junta prefere dispersar soldados em mandar abafal-os, quando, desbaratados que fossem os regimentos d'El Rey, aquellas matizes de elaboração contra-revolucionaria locaes estariam dissolvidas.

Nem se diga que a Republica estava sem exercito. Exercito não se podiam chamar as tropas legaes. Os por escarneo denominados Scipiões do Conde dos Arcos, constituam-n'os 800 homens, de soldados bisonhos, indios armados de flechas, lavradores alistados á força, na marcha da expedição, e, afora a cavallaria, eram antes uma caravana do que um exercito. Hajam vista as pprehensões que devoravam sobre a sua sorte o Marechal Raymundo da Cunha Mattos.

Os patriotas achavam-se em condições de oppor uma resistencia muito maior á improvisação militar legalista do que aquella que desenvolveram. Julgo, porém, que o bloqueio foi o fluido terrível, que desde os primeiros movimentos do poder central os teria fulminado. O bloqueio e as suas consequencias.

Chave de quasi todo o norte, Pernambuco, dada a sua posição geographica e o contacto e o escambo de ideas em que se encontrava com a Europa, deveria ser o pioneiro das crises liberaes nesta parte do Brazil, thesaurizando-lhe as reservas inexgotaveis de energias moraes. O solo ensangentou-se-lhe nas campanhas coloniaes con-



fra a infiltração hollandeza. Erupção violenta da sua extrema sensibilidade, é a guerra dos Mascates em 1710. Não colhe o argumento de Muniz Tavares, allegando que os olindenses "não haviam cessado de respeitar a autoridade real". Ha em todas estas crises o inconsciente da historia, deante da qual a palavra dos homens, a sua vontade e o seu capricho, são absorvidos e annullados na furia dos acontecimentos como a agua sorvida pelo areal. 15 de Novembro é a principio dirigido contra o ministerio, e acaba tragando o rei no vagalhão democratico. 14 de Julho é uma profissão de fé dos realistas parisienses ao seu monarcha. A preia-mar humana, que se atira contra as oito flechas da Bastilha, sob a acção já das descargas electricas que a vinham convulsionando, toma a velha prisão aristocratica, gritando — "Viva o Rey!"

A aurora de liberdade só avermelha o horizonte a 10 de Agosto de 1892. E' quando desthronam o rei; o parlamentarismo começa a ser uma realidade, e a monarchia abandona as Tulherias, que passam a ser occupadas pela Convenção. Mas na maré crespá de 14 de Julho, agitam-se as correntezas e espumam as maretas das aguas vivas e transparentes de 92, tentando submergir o promontorio do despotismo feudal.

1710^o é um surto de nativismo inebriante como o impeto raivoso de 1817. Os imponderaveis que os estimulam, são os mesmos. Ha todavia na ultima um fermento de excitação intellectual e de debate que illustra a cultura de Pernambuco naquella epoca. Uma só figura define-a: o Padre João Ribeiro. O francez Tollenere chama-o um illuminado. A sua lealdade, o seu pathetico inflammado, a sua doçura, o seu espirito admiravel, a sua obstinação, communicam-lhe uma faixa de qualquer cousa de divino. Suicidou-se como Brutus, de preferencia a entregar-se. Era preciso fechar a vida, pouco importava com que gesto, comtanto que fosse digno. E matou-se. Sorveu o veneno mas o veneno não bastou para entoxicar aquelle coração sagrado. Então, enforcou-se. Que esperança poderia mais animal-o de chegar o dia em que viesse a derramar sobre a sua patria as riquezas da sua fé e os thesouros do seu



amor? Agio com uma lucidez, que o supplicio dos companheiros, dias depois, viria confirmar. Assistio o seu ideal moral amortalhado; mas não lhe enxergou, como os outros, o feretro cuspido e enxovalhado.

O Sr. Oliveira Lima é um historiador de tempera e de raça. Ha mais de cinco lustros que se vem especializando nesse periodo de menina e moça da nacionalidade, em que ha nella ainda um pouco de menina e já um pouco de mulher. Tivemos o vasto quadro do reinado desse malandro coroado, que foi D. João VI; o das difficuldades diplomaticas do reconhecimento da independencia; o commentario da revolução de 17 e vamos ter a Historia da Independencia. E' uma obra de possibilidades immensas.

O Sr. Oliveira Lima analyza a revolução de 17 como um phenomeno natural, revestido da fleugma de um sociologo desinteressado, a cujos escrupulos não seduzissem as interpretações generosas dos factos e dos acontecimentos. Inventariou costumes do tempo, ideas, opiniões tudo, espremendo um succo de ideas geraes verdadeiramente notavel. Sobre a sensibilidade ainda febril de Muniz Tavares, não é raro vel-o applicar de quando em vez a razão fria da historia e as reflexões da verdade. O Luiz do Rego que conhecemos atravez de Muniz Tavares' é um monstro de perversidade. Elle humaniza-o com documentos que nos permittem fazer algumas concessões á animabilidade do capitão-general. E, nesta como em outras annotações, reconhecemos o methodo do pesquisador probo e infatigavel, perseguindo o documento até ás suas origens obscuras, para revelal-o na sua puréza e na sua realidade.

1817 tendo sido um movimento regional, embora nacionalista nos seus propositos, mas processado sem ramificações com o sul, em uma zona geographicamente circumscripta, verificado o seu triumpho sobre a autoridade real e estabelecido o seu governo, não teria sido a desagregação do Brazil? Os patriotas pernambucanos, com a sua administração autonoma, se sujeitariam mais tarde á tutella politica de um governo do Rio?

A independencia realizada por nós mesmos sómente, nos levaria á solução republicana. Seria ella do nosso in-



teresse? O vínculo da unidade nacional poderia ser mantido com a indissolubilidade que nos legou o Imperio?

Julgo que não. Como se fragmentou a confederação de Bolivar, ter-se-ia esboroado a nossa.

Dirá, porém, um homem de sentimento, que se lembrar que o fracasso da jornada republicana dos nossos antepassados deu a palavra ao carrasco, em cujas mãos foi trucidada uma geração ardente de missionarios, de politicos, de soldados, de idealistas e de heroes — que esta argumentação calculada só a póde formular com o coração ligeiro, o espectador de um seculo, assás recuado daquelles dias tragicos, pela coordenada do tempo, para não lhes soffrer mais as consequencias.

Recife, Setembro de 1917.

A. Chateaubriand.



VOCABULARIO ANALOGICO

V

COLLECTIVOS

- Abotoadura**, collecção de botões para um vestuário.
- Accrvo** de tolces, de asneiras.
- Ala** de batalhão, de prestito, de procissão.
- Alavão** significa, no Alentejo, o rebanho que dá leite pela ordenha. G. Vianna, Apostilas, I, 33.
- Alcatéa** de lobos, de pantheras, de hyenas e outros animaes feroces.
- Aléa** de palmeiras e outras arvores.
- Alphabeto**, abecedario, abc, conjuncto das letras de uma lingua.
- Anthologia**, collecção de trechos literarios; florilegio, chrestomathia, selecta, analectos, collectanea.
- Aparelho** de chá, de café, de jantar, etc.
- Apeiragem**, conjuncto das correas necessarias ao carro ou ao arado; trem de lavoura; apeiro.
- Apontoado** de disparates, de injurias, de blasphemias.
- Archipelago**, grupo de lhas.
- Armada**, marinha de guerra, conjuncto das forças maritimas de uma nação; esquadra, frota.
- Armento** ou armentio de bois.
- Arceo**, aparelho de animaes de sella ou de carro, jaez.
- Arregaçada**: — "E' o que annuncia, como boa nova, ao caduco, uma "arregaçada" de saudades, um chorão, um gorgêo estivo, e prateados rulos da lua para cima da cova." Castilho, Amor e Melancholla, 197.
- Assembléa**, reunião de membros de uma sociedade regularmente constituida.
- Assistencia**, conjuncto de assistentes ou espectadores, concorrencia.
- Associação**, reunião de pessoas para um fim commum.
- Atilho**, compõe-se de quatro espigas amarradas. Taunay, Innocencia, 77.
- Atlas**, collecção de cartas geographicas.
- Auditorio**, reunião de pessoas para ouvirem um discurso, um concerto, uma conferencia, etc.
- Baixela**, conjuncto dos utensilios para serviço de mesa.
- Banda** de musica, charanga, philarmouica.
- Bando** de ciganos, de malfeitores, de aves. Era preferido na fórma feminina: Voam as pombas que "bandas", conforme

- João Ribeiro, *Selecta Classica*, 64: "As bandas" de trocazes escurecem o sol, ruidosas e vorazes." Bulhão Pato, *O Livro do Monte*, 85.
- Barda:** — "Fez cair no chão uma "barda" de pratos d'estanho." Herculano, *Monge de Clister*, 285.
- Bastida**, conjuncto de muitos objectos bem unidos: "Em uma grande "bastida" de alemos." F. de Moraes, *Palmeirim*, II, 16.
- Batelada** de arroz, de feijão, etc.
- Bateria**, fileira de peças de artilheria; bateria electrica; bateria de cozinha.
- Bibliotheca**, collecção de livros.
- Boana**, cardume de peixe mudo, *Dicc. Aulete*.
- Bolada** de notas, bolo de notas.
- Bouquet** de flores, ramalheté.
- Braçada** ou braçado de flores, de feio.
- Cabido**, conjuncto dos conegos de uma cathedral.
- Cacho** de uvas, de bananas, de cabelos.
- Caderno** de papel.
- Cáfila** de camelos, de ladrões, etc.
- Camara**, corporação de vereadores, de deputados, de commerciantes.
- Cambada** de peixes, de rádios.
- Cambulhada**, mólho, enfiada.
- Cancioneiro**, collecção de canções.
- Caravana**, multidão de viajantes, que se reúnem, para atravessar o deserto. "No momento em que uma "caravana" de formigas ia passando pelo peltoril." M. de Assis, *Quincas Borba*, 204.
- Cardume** de peixes.
- Carrada** de razões, de argumentos.
- Carreira** de arvores, de cadeiras, etc.
- Catadupa:** — "Como vai a doente? perguntou distrahidamente Cyrino, cortando aquella "catadupa" de palavras." Taunay, *Inocência*, 147.
- Catalogo** de livros, de plantas, do museu.
- Caterva** de vagabundos, de desordeiros.
- Cavalgada**, grande numero de cavalleiros.
- Cenaculo**, reunião de pessoas, que tem as mesmas idéas ou trabalham para o mesmo fim.
- Chafardel** de ovelhas, G. Viana, *Apostilas*, I, 278.
- Choldra** ou choldrholdra de assassinos.
- Chorrilho** de asneiras. "Este "chorrilho" de falsidades." E. Ennes, *Guerra d'África*, 162.
- Chusma:** — "Chusma de cães reúne e caçadores para o poder matar." Odeirico Mendes, *Ilhada*, 119.
- Chuva** ou chuvaico de balas, de pedras, de setas. "A reluctancia, porém, provocou uma "chuva" de verdeladras cacetadas." Taunay, *Inocência*, 110.
- Cingel**, junta de bols, abesma, jugo; lavadeira.
- Claque**, reunião de espectadores ajustados para aplaudir ou patear.
- Classe**, grupo de alumnos de uma aula, etc.
- Clero**, ou clerezia, classe clerical.
- Clientela**, conjuncto dos clientes de um advogado ou de um medico.
- Club**, sociedade de pessoas para um fim commun.
- Cohorte**, gente armada: multidão de pessoas.
- Collecção** de sellos, de quadros, de medalhas, de moedas, etc.
- Collectivos**. Alguns collectivos tem sentido appreciativo, como "phalange" e "pleiade", e outros são pejorativos, como "cafila" e "corja".
- Collectivos numericos**. Entre os collectivos encontram-se alguns, que indicam um numero determinado de partes: — "casal" de pombos, "junta" de bols, "par" de botinas, "parilha" de cavalos; "taller" (faca, garfo e colher); "quadricenio"; "caderno" de papel; "semestre"; "semana"; "oitava".

- estrophe de oito versos; "nove-na"; "dezena", etc.
- Colligação**, alliança de varias pessoas ou de varias nações para um fim commum.
- Colmeal**, grande numero de colmeias.
- Colmeia**, grande quantidade de coisas ou de pessoas; enxame de abelhas.
- Colônia**, reunião de immigrants de um mesmo paiz.
- Comboio**, a locomotiva com os carros movidos por ella. Comboio de escravos, de prisioneiros.
- Comicio**, reunião popular para tratar de assumptos publicos.
- Comitiva**, pessoas que acompanham a outro de certa importancia.
- Commentario**, serie de notas sobre algum escripto.
- Commissão**, conjuncto de pessoas encarregadas de funções especiaes.
- Comunidade** de religiosos, confraria, congregação, irmandade, ordem.
- Companha**, equipagem: agremiação de pescadores.
- Companhia** dramatica, equestre, etc.
- Concilio**, assembléa de prelados catholicos, em que se tratam assumptos dogmaticos ou disciplinaes. Dicc. Figueiredo.
- Conclave**, reunião de cardeaes para eleger o papa. Até que o conclave eleja novo papa, exerce o governo da Igreja o camerlengo ou camerlengo, cardeal que preside á Camara Apostolica.
- Confederação**, reunião de Estados, que em relação aos estrangeiros formam um só, reconhecendo o mesmo chefe.
- Congerie** de angustias, de penas, etc.
- Congregação** de religiosos, de professores.
- Congresso** de sabios, de diplomatas, de deputados, de industriaes, etc.
- Conselho** de ministros, de jurados.
- Consistorio**, reunião de cardeaes, sob a preslencia do papa, para tratar de negocios da Igreja.
- Constellação**, grupo de estrellas.
- Convenção**, reunião politica para apresentação de candidatos, etc.
- Conventiculo**, reunião secreta de pessoas para urdir alguma inal. conciliabulo.
- Copia**, grande numero: "copia" de soldados.
- Cordão**, o mesmo que fileira: cordão de formigas.
- Cordilheira**, serie, cadeia, de montes, serranias.
- Cordoalha**, conjuncto dos cabos de um navio, enxarcia.
- Corja** de velhacos, de bebados, de vadios.
- Côro**, reunião de pessoas que cantam juntas.
- Corpo** de jurados, corpo legislativo, eleitoral, sanitario, docente, discente, etc.
- Corporação**, conjuncto de pessoas sujeitas ao mesmo estatuto.
- Correição** de formigas. Pedro Leal, Dicc.
- Correspondencia**, conjuncto de cartas e jornaes que se recebem ou que se expedem.
- Curso**, cordume de sardinha. Dicc. Fig.
- Cortejo**, comitiva pomposa.
- Curso**, serie de lições sobre determinada materia: "curso" de litteratura; conjuncto de materias ensinadas em uma escola: "curso" da escola primaria.
- Data**, grande porção: uma "data" de pancadas. "Ah! vosmecé vae tomar uma boa "data" de riso." Taunay, Innocencia, 213.
- Decalogo**, os dez mandamentos da lei de Deus.
- Dentadura**, conjuncto dos dentes, nas pessoas e nos animaes.
- Despotismo**. "Sobretudo quando me lembro do "despotismo" de miserias, que vae por estas terras afóra." Taunay, Innocencia, 47.
- Diccionario** da lingua portugueza,

- de medicina, etc.; glossario, lexico.
- Diluvio.** "A multidão acotheu este brado com um "diluvio" de palmas." Alex. Herculano, O Bobo, 325.
- Disparate,** despropósito, despotismo, mundo de gente, grande quantidade de pessoas.
- Elenco,** conjuncto dos artistas de uma companhia theatral.
- Enfiada** de perolas, de asneiras, de mentiras, etc.
- Enxame** de abelhas.
- Enxarcia,** cordoalha de navio, cordame, massame.
- Enxoval** de casamento ou de baptisado.
- Equipagem,** tripulação do navio, marinagem, companhia, maruja.
- Espicha** de sardinhas, de camarões.
- Esquadra,** certa quantidade de navios de guerra pertencentes a uma armada.
- Estrophe,** conjuncto de versos, estância.
- Estudantina,** grupo de estudantes, que cantam ou tocam em common.
- Exercito,** conjuncto das forças militares de uma nação. O exercito comprehende "divisões", que se formam de "brigadas", e estas de "regimentos". O regimento, si é de infantaria, compõe-se de "batalhões", os quaes constam de "companhias"; si elle é de cavallaria, divide-se em "esquadrões"; si é de artilharia, contém "baterias". As baterias são formadas de "secções"; os esquadrões e as companhias, de "pelotões", sendo estes constituídos de "esquadras".
- Exuberancia** de vida, de vegetação, etc.
- Familia,** o pae, a mãe e os filhos; pessoas que vivem na mesma casa, etc.
- Farandula,** ou frandulagem "Aquillo é uma casa de malta, uma "farandula" continuada de birbantes, de malandros, de boberões, e madraços." Castilho, Colloquios, 105.
- Fardo** de fazendas.
- Farragem,** conjuncto de coisas mal ordenadas.
- Fartão.** "O sr. me deu um "fartão" de alegria." Taunay, Innocencia, 154.
- Fato,** terno, costume, andaina, o conjuncto das peças do vestuario, comprehendendo o paletó, o collete e a calça; rebanho: — "fato" de cabras.
- Fauna,** conjuncto de animaes, proprios de uma região.
- Feixe** de lenha, de capim, de varas.
- Ferragem,** conjuncto de peças de ferro, necessarias a um prédio, etc.
- Ferramenta** de carpinteiro, de sapateiro, etc.
- Festão,** ramalhete de flores e folhagens.
- Fieira.** "Deixando a bocca meio aberta ver uma "fieira" de excellentes dentes." Taunay, Innocencia, 224.
- Fila** de cadeiras; fileira, linha.
- Fio** de perolas, de contas.
- Flexão generica.** Com alguns substantivos o masculino exprime idéa de unidade, e o feminino tem sentido colectivo: "grito" e "grita"; "lenho" e "lenha"; "madeiro" e "madeira"; "marujo" e "maruja".
- Folchlore,** conjuncto das tradições, conhecimentos ou creanças populares, expressas em proverbios, contos ou canções. Conjuncto das canções populares de uma época ou região. Dic. Fig.
- Fornada** de biscoitos, de bacheleis, etc.
- Freguezia,** freguezes de um negociante.
- Frota,** grande quantidade de navios de guerra; armada.
- Gado,** conjuncto dos animaes criados nas fazendas para diversos fins.
- Galeria** de quadros, de estatuas.
- Gavela,** feixe de espigas; pavela.
- Girandola,** conjuncto de foguetes

- dispostos em uma roda.
- Granizo** de pelouros, de flechas.
- Grei.** "Bravla a tropa, derrotada.
[aos nossos
Tudo largou: de ovelhas
I "greis" cincoenta,
Iguaes vacum manadas, e
[não menos
Varas de porcos e de ca-
[bras fato."
O. Mendes, *Ilhada*, 147.
- Gremio**, corporação, communidade, sociedade.
- Grupo**, reunião de pessoas ou de cousas.
- Guarnição** de um navio, ou de uma praça de guerra; "guarnição" de botões; "guarnição", — os punhos e os copos da espada.
- Herbario**, collecção de plantas, para exposição ou estudo.
- Horda** de vândalos, de saltadores.
- Horror** ou "rôr" de gente.
- Hoste**, exercito; multidão.
- Hymnario**, collecção de hymnos.
- Immundície.** "Trouxeram de lá uma "immundície" de gente emarrada".
Taunay, *Innocencia*, 156.
- Instrumental**, os instrumentos de uma orchestra, de qualquer officio mechanic, de cirurgia.
- Jogo** de dictionarios, de ferramentas, etc.
- Jolda.** "Bestialidade grande praticaram os lusos, admitindo um santo da Gran-Bretanha na vanguarda d'uma "jolda" de verlhacos." Cast. Branco, *Bohemia do Espirito*, 240.
- Jugada** de bois, uma junta de bois.
- Junta** de credores, de medicos.
- Jury** de sentença, etc.
- Legião** de soldados, de anjos, de demoules.
- Lenha**, troncos e ramos de arvores para serem queimados: carro de "lenha", feixe de "lenha", pau de "lenha".
- Lerna**, grande copia, abundancia.
Dice. Moraes.
- Leva.** "A desgraçada encontrara no caminho uma "leva" de facinoras, que la embarcar para o degredo." Fialho, *Cidade do Vicio*, 134.
- Liga**, nome dado a certas sociedades, como "liga" anti-analphabética, "liga" do bem publico, etc.
- Lio**, feixe, mólio.
- Lista.** Póde-se considerar como collectivo, exprimindo reunião de nomes. Acham-se em eguaes condições os seguintes termos: — alistamento, relação, rol, arrolamento, matricula, recenseamento, enumeração, inventario, catalogo.
- Literatura**, conjuncto de obras litterarias.
- Lote** de burros, etc.
- Louça**, productos de ceramica.
- Maço** de papels, de cartas.
- Magisterio**, professorado, classe dos professores.
- Magote** de gente, etc.
- Malhada**, rebanho de ovelhas.
- Maloca**, bando de indios.
- Malta** de ladrões, de capoeiras.
- Maltezia**, rancho de maltezes, trabalhadores.
- Manada** de cavalos, de porcos.
- Mancheia**, mão-cheia. "Uma "mancheia de nozes." Ramalho, *Hollanda*, 107.
- Manga** de arcabuzeiros.
- Manipulo** de ervas.
- Manta.** "Repontou agora, na altura dos Ganchos, uma "manta" de peixe que é um Deus nos acuda." V. Varzea, *Mares e Campos*, 34.
- Mão.** Exprimindo o conjuncto de cousas que se podem abranger com a mão, tem como synonymos: — mancheia, mão-cheia, manipulo, manelo, manhuço, manajo, manolho, mança.
- Mãozada.** "Agora, meu filho, vai ao curral grande e apanha para mim uma "mãozada" de folhas de laranjeira da terra." Taunay, *Innocencia*, 105.
- Maquina.** "Olhe, é preciso pôrte forte, porque hoje mesmo ha-de lhe chegar uma bou "maquina" de doentes." Taunay, *Innocencia*, 223.

- Maquinismo**, conjunto de máquinas ou de peças de um aparelho.
- Mare-magnum**, grande quantidade: estou envolvido em um "mare-magnum" de negócios.
- Marinha**, armada, conjunto de navios; marinha de guerra; marinha mercante.
- Maromba**, manada de bois.
- Massa**, multidão de povo.
- Massiço**, de vertura, de plantas.
- Mastreação**, conjunto de mastros de uma embarcação.
- Material didactico**.
- Matilha** de cães.
- Matula** de malandrins.
- Mêda ou mêda**, agrupamento de cousas da mesma especie, etc.
- Meeting**, reunião popular para resolver assumptos publicos.
- Ministerio**, conjunto dos ministros de Estado.
- Mô ou mole** de gente.
- Mobilia**, os trastes de uma casa, mobiliario.
- Moita** de bambú.
- Mólho** de chaves, de cenouras, de couves.
- Monte** ou "montão" de pedras, de palha, etc.
- Multidão** de cousas, de pessoas.
- Mundo**, "Querem metter-me na cabeça um "mundo" de coisas." Bilac, *Theatro Infantil*, 87.
- Myriade** de insectos.
- Ninhada** de pintos, de ratos, etc.
- Noticiario**, conjunto de noticiás.
- Nuvem** de gafanhotos, de maribondos, de pó, de setas, etc.
- Onda**, "A primeira "onda" de fiéis enche logo o ambito restrito da capella." Euclides, *Os Sertões*, 178.
- Oviario**, rebanho de ovelhas.
- Palamenta**, conjunto de mastros, vergas, croques, etc. de uma embarcação pequena; os objectos necessarios ao serviço de bocas de fogo.
- Pandemonio**, reunião de individuos para o fim de praticar o mal.
- Pandilha** de ladrões, de cavalos. Romaguera, *Voc. Sul Rio-Grandense*.
- Pannal** de palha.
- Papel**, Os collectivos referentes a papel são os seguintes: — "caderno", cinco folhas; — "mão", cinco cadernos; "resma", vinte mãos; "bala", dez resmas.
- Partida** de soldados, de contrabandistas, etc.
- Pavcia**, feixe de palha ou de feno.
- Penca** de bananas, de laranjas, de chaves, de filhos.
- Pessoal** de uma fabrica, de uma repartição publica, de um grupo escolar.
- Phalange** de heróes, de trabalhadores.
- Piara**, vara de porcos, manada de eguas, recua de cavalgadas.
- Pilha** de livros, de tabuas.
- Pinha**, aglomeração de cousas ou de pessoas muito juntas.
- Pleiade** de poetas. "Seguiu-o ao Brasil uma "pleiade" de sábios e artistas." Ramalho, *A Hollanda*, 181.
- Poder** de gente.
- Polyanthêa**, collecção de escriptos em homenagem a alguém ou a algum acontecimento.
- Ponta**, "Fura estes sertões todos e vem tangendo "pontas" de gado que mettem meio." Tannay, *Inocencia*, 86.
- Postura**, os ovos que uma gallinha põe durante certo tempo.
- Povo**, os habitantes de um mesmo paiz, estado, municipio, cidade ou povoação; a população; o publico; a gente.
- Praga** de persevejos, de gafanhotos.
- Profusão** de luz.
- Punhado** ou "pugillo", pequena quantidade.
- Putici**, "Mas, assim mesmo, não se pôde dar vencimento ao "putici" de povo, que vem derramado por esse sertão afóra." Domingos Olympio, *Luzia Homem*, 31.
- Quadrilha** de ladrões, de bandidos.
- Quartirão** de casas, de sardnhas.
- Raivel**, quantidade importante: Via-se na mesa um "raivel" de fructa. Bessa, *Giria Portuguesa*.
- Ramal**, o mesmo que enfiada; "ramal" de contas, de perolas.

Ramalhete de flores, ramo de flores.

Rancho de peregrinos.

Rebanho de ovelhas.

Recova ou "recua" de gatinhos, de cavalgadas.

Relação de livros, de encomendas, de brinquedos, etc.

Renque de velas, de columnas. Substantivo masculino ou feminino.

Repertório, collecção de dramas, de operas, de leis, etc.

Restea de cobolas, de alhos.

Reunião, agrupamento, junção, agregação, aglomeração, ajuntamento, conjuncto, etc.

Revoada de pardaes. "Uma "revoadá" de memorias entrou na alma de Sophia." M. de Assis, Quincas Borba, 233.

Roda de homens.

Rodada de pintos.

Rol de roupa, de testemunhas.

Rolo de papéis, "rolos" de fumo, etc.

Ronda, grupo de soldados, que percorre as ruas, velando pela ordem publica.

Rosario. "Longo "rosario" de mai concertados exemplos." Carnet-ro Ribeiro, Código Civil, 329.

Roupa branca, "roupa" de cama.

Ruma ou "rima" de papéis, de pratos.

Saraiva. "Esta "saraiva" de chufos e dicitérios." Alencar, O Garatufa, 124.

Scenário, conjuncto das vistas para a decoracão das scenas.

Sem conto. "Não se poderiam estabelecer num "sem conto" de lotares, uns aqcedolras pasageiros?" Castilho, Colloquios, 103.

Sem numero. "O que resulta de um "sem numero" de documentos." Alex. Herculano, Hist. de Portugal, 2.º, 176.

Senado, camara de senadores.

Sequela de adúladores.

Sequencia, série de cartas do mesmo naipe.

Sequito, conjuncto de pessoas que acompanham ontra.

Serie de animaes, de objectos, de acontecimentos, etc.

Serviço de chá, de mesa.

Sociedade, associacão, etc.

Sortimento de armarinho, de chapens, etc.

Sucia de velhaes.

Suffixos. Ha suffixos, que servem para a formação de collectivos e que facilmente se reconhecem nos seguintes exemplos: "fumaça", "boiada", "professorado", "officialdade", "folhagem", "colmeal", "cordoalha", "diabeirama", "vasilhame", "H-vraria", "vocabulario", "arvoredo", "cabelleira", "formigueiro", "dezena", "ferramenta", "camarilha", "mulherio", "palavrório.

Syndicato, associacão de interessados na mesma empresa e que põem em commum os seus titulos.

Synodo, assemblea de caracter religioso.

Systema nervoso, circulatorio, etc.

Talha, equivale a cincoenta metros de lenha.

Tapeçaria, conjuncto de estofos e alefifas.

Teclado, conjuncto das teclas de um instrumento.

Tertulia, reunião de parentes e amigos.

Theória. "Era longa a distancia que tinham de percorrer, a julgar pela "theória" de archaifos que balastravam a passagem rutilante." C. Netto, O Paraiso, 112.

Torrente de eloquencia, etc.

Trem de cozinha, de lavoura; trem de ferro.

Troça de ebrios, de desordeiros, de vagabundos.

Troço de soldados.

Troféu de bandeiras.

Troixa de roupa.

Tropa, grande numero de soldados, de animaes de carga, etc.

Tropel de cavalleiros.

Tropilha, (bras. do sul), porção de cavallos do mesmo pello.

Turba de desordeiros.

Turba-multa de malfetores.

FIRMINO COSTA.

PAGINAS ESQUECIDAS

A "CARNE" DE JULIO RIBEIRO

(CARTA)

Acabo de lêr o novo romance de Julio Ribeiro, tão ansiosamente esperado, e em torno do qual se levantára uma como onda de escândalo, que serviu para dar ao livro o arslinho sympathico do fructo prohibido do Paraiso.

Lê-o com avidez, cheio de curiosidade por essa obra que diziam atrevidamente offensiva á moral publica, obra de rebeldia, de revólta, diziam outros, cheia de verdade nua e de observação exacta, fillada á grande corrente do naturalismo, a mais bella, a mais grandiosa, a mais admiravel manifestação da arte n'este seculo.

Attrahido, preso, seduzido pelo poderoso estylo de Julio Ribeiro, deixei-me levar, da primeira á ultima pagina, chumbado a uma cadeira, experimentando fortissimas sensações, ora de prazer e de admiração, ora de tristeza e de magua, direi quasi, de nojo.

Eu esperava muito do talento de Julio Ribeiro; e, habituado á leitura das epopéas de Zola e Flaubert; dos ternos dramas, tão profundamente humanos e tão fielmente copiados, de Guy de Maupassant; das formosissimas paginas, de um sabor tão genuinamente naturalista, espalhadas nas obras de Alphonse Daudet; habituado á leitura de todos os mestres e ainda sob a impressão recentissima d'esse livro monumental dos *Maias*, onde o grande escriptor Eça de Queiros attingiu a perfeição no processo naturalista, — eu suppunha que o livro de Julio Ribeiro fosse digno da escola a que se fillára, que encerrasse um estudo meditado, profundo, sério, honesto, inteiramente vasado nos moldes que produziram *Germinal*, *Madame Bovary*, *La Terre*, *Sapho*, *Une vie*, *Primo Basilio*, *Padre Amaro*; livro digno da arte suprema e digno de Julio Ribeiro, um escriptor feito, um escriptor



notavel, respeitado, conhecido, invejado, estimado por muitos, admirado por todos.

Frustrou-se, porém, a minha expectativa.

A *Carne* não é um padrão de justo orgulho, de justa gloria, de justo desvanecimento para um escriptor da tempera de Julio Ribeiro.

Considero uma affronta ao seu talento suppôr este livro á altura d'elle.

A *Carne* é uma obra de escandalo; não visa fim literario. É um mixto de sciencia e de pornographia; é um *pandemonium* sem classificação na historia litteraria.

Contém, é certo, paginas de uma ousadia dominadora, de um colorido encantador, de um brilho surprehendente, de uma feitura verdadeiramente magistral; ao lado, porém, dessas bellezas, ha uma falsissima intuição da arte moderna, ha *ficelles* tremendas, ha o mais completo falseamento na comprehensão da esthetica naturalista.

Il épouvante et il déconcerte.

A acção do romance é a mais simples que se possa imaginar; o circulo dos personagens limitadissimo.

O dr. Lopes Mattoso, viuvo, tem uma filha intelligentissima, Lenita, a quem manda ensinar diversas linguas, o Grego inclusive, Mathematicas, Sciencias physicas e naturaes, Sociologia, — a cujos problemas mais complexos não era extranha a menina, — e dá-lhe, ao demais, uma educação artistica de primeira ordem.

Morre Lopes Mattoso, e Lenita, ainda sob a acção do violento abalo moral que lhe causára a morte do pae, retira-se para a fazenda do coronel Barbosa, velho amigo da casa, e tutor, que fôra, de Mattoso.

Pouco depois da installação de Lenita na fazenda, volta do sertão, onde andára á caça, Manuel Barbosa, filho do coronel, sujeito já velhusco, exquisitão, que vivia separado da mulher, muito mettido com seus estudos e com suas caçadas. Sabendo da proxima chegada do *homem*, Lenita prepara-se em desusada toilette para recebê-lo, sofrendo triste decepção ao deparar-se-lhe um caipira sordido, suarento e barbado, mal ageitado, quasi brutal.

No dia seguinte, ou dous dias depois, vae surprehendi-la, no jardim, um cavalheiro correcto, trajando bem, barbeado de fresco, bem penteado, gentil e palavroso. Era o proprio Manuel Barbosa, cuja metamorphose teve para Lenita o effeito de um milagre.

Este Barbosa, que o leitor julga a principio um caçador vulgar, sabe-nos então um grande letrado, que andára pela Allemanha, pela Inglaterra e pela França, e fôra discipulo de Darwin, de Haeckel, de Paul Bert.

Ora, Lenita conhecia mais sciencias e mais linguas do que o imperador; travou-se de palestra com o Manuel Barbosa, e logo montou

na fazenda um gabinete completo de Physica electrologica, com os mais complicados e os mais modernosapparelhos, onde faziam ambos grande numero de experiencias; entrou a traduzir, com o outro, Lucretio e Epicuro, começando para os dois, uma vida de grande intimidade, determinada pelas affinidades intellectuaes que os arrastavam um para o outro.

Dentro em pouco, Lenita, com a carne eriçada de desejos, toma-se de amores pelo collega. Partindo este para Santos, a negocios do pae, Lenita, em um dos seus passeios ao campo, assiste a duas scenas de ligação physiológica e entra na posse real do segredo da reprodução da especie.

Os mil agulhões de reclamantes desejos continuam a picar-lhe dolorosamente a carne, até que uma noite, tendo Barbosa regressado, Lenita vae, sem dizer uma palavra, entregar-lhe o corpo immaculado.

Passam-se dous mezes de intimas relações, — durante as quaes o letrado revela-se devasso consummado, — e, ao cabo d'esse tempo, em uma nova ausencia do amante, resolve Lenita partir para S. Paulo: resolução brusca, repentina, determinada pelo odio que lhe inspirára Barbosa, depois que ella lêra, no quarto d'aquelle, certas cartas reveladoras de que o seu amante de hoje tivera amantes outr'ora.

Chegando a S. Paulo, Lenita escreve a Barbosa longa carta, communicando-lhe a resolução que tomára de casar com um bacharel, descrevendo minuciosamente a capital, e concluindo por umas phrases sem pudôr, de mulher que attingiu o ultimo grão na escala da devassidão.

Barbosa, com toda a calma, reflectidamente, pensadamente, pausadamente, suicida-se.

E' este, em resumo, o entrecho da *Carne*. E' um drama ruim, inverosímil, impossível, com personagens phantasticos, desenrolado em um scenario estupendo, por entre quadros e paysagens inexecdiveis, em que a natureza brasileira palpita cheia de vida e a exuberancia tropical se ostenta em toda a sua intensidade, em todo o seu vigor.

A *Carne* é um caso de hystericismo que arrasta a sua victima á prostituição; é uma *névrose* que apparece depois de uma sensação violenta, na época das transformações porque passa o organismo da mulher, sujeito a uma infundade de accidentes psychologicos, de mais ou menos gravidade.

Mas, são tão complexos os symptos da hystéria, — a grande enfermidade do seculo, — que o romancista psychologo vê-se a braços com uma série variadissima de typos, na formação dos quaes a *imaginação* fica perfeitamente á vontade.

Na grande familia psychologica das *névroses* apparecem tantas e tão variadas manifestações do hystericismo, com caracteres tão in-

constantes, tão *personae*, tão varios, que o romancista pôde crear á vontade o seu typo, dar plena liberdade á phantasia, porque tudo quanto elle imaginar deve-se crêr *natural*, desde que não seja *impossible*.

Assim, fallece ao escriptor a margem para revelar suas qualidades de observador, para *contar*, para *descrever*, para *photographar*; deve haver, necessariamente, um falseamento do principio naturalista.

Aluizio Azevedo, no *Homem*, apresenta-nos Magdã, cuja *névrose* vae á monomania religiosa e á personalidade dupla, terminando na loucura, que arrasta ao homicídio.

Julio Ribeiro, que parece ter concebido a *Carne* depois da leitura do *Homem*, havendo, mesmo, entre os dous romances, intimas affinidades, — creou Lenita, uma mulher illustradíssima, que se deixa levar pelos instinctos carnaes até á prostituição.

Onde o naturalismo, na dualidade psychica de Magdã?

A dupla personalidade d'esta, a sua vida real e a sua vida de sonhos eroticos, são descriptas, no *Homem*, com todos os detalhes, com todos os incidentes da vida observavel; mas a verdade é que Aluizio Azevedo fugiu á arte, desviou-se da essencia do naturalismo, seduzido por um caso de hysteria, que repelle, em absoluto, o domínio da observação.

O que ha de *natural*, no *Homem*, é a parte que Aluizio ampliou em um novo romance, aluda inédito; é tudo quanto se refere ao *cortico*, paginas soberbas, comparaveis ás melhores do auctor do *Assomoir*.

Lenita, como um exemplar da moça brasileira, é um typo falso, absurdo, puro resultado de phantasia, mas de phantasia infeliz, que não conseguiu dar-lhe condições psychologicas que determinassem o fim a que chega Lenita.

No domínio da Physiologia, — nos traços geraes da *névrose*, — pôde o typo ser verdadeiro. De facto, é perfeitamente scientifica a *fôrma vaporosa* em que a principio se manifesta a hysteria de Lenita, bem como a *fôrma psychica*, em que degenera aquella, produzindo a perversão do character e a tendencia impulsiva que conduz á prostituição.

Mas o typo não é de pura observação; as circumstancias accessorias que se prendem á enfermidade, a direcção mesmo que toma esta, os mínimos incidentes que formam a vida, o todo, o organismo do livro, podem ser productos de pura phantasia, determinados por uma dada ordem de idéas, que, na *Carne*, se resumem no proposito feito de escrever obra escandalosa, de escrever conto pornographico, creando typos incoherentes, devassos, mesquinhos, pequeninos, sórdidos, infames, que absolutamente *não se encontram* na sociedade, cuja existencia de *fôrma* alguma se pôde admittir.

Lenita pôde ser um producto da leitura de Houchard, Bouchut, Küss ou Briquet; é uma criação, inteltramente livre, do romancista.



Ella podia ter-se entregue ou não ao Barbosa; ter casado honestamente ou ter resvalado na infamia da prostituição; ter enlouquecido ou ter abafado, com um rigoroso regimen, os instinctos brutaes de sua carne exigente.

Todas essas hypotheses se admittem; todas são igualmente *possiveis*.

De sorte que a *verdade*, n'este caso, é tudo quanto se considera no dominio da *possibilidade*. A imaginação trabalha livremente: pôde fazer de Lenita uma esposa casta, uma concubina ordinaria ou uma prostituta devassa; pôde tornal-a sã ou fazel-a enlouquecer...

Barbosa é um individuo repulsivo. Nem personalidade tem, o misero. Julio Ribeiro precisava de um *homem* que se approximasse de Lenita; inventou um filho de fazendeiro, velhote já, exquisito, dado a caçada e a leitura. O sujeito revêla-se um sábio, e a cada passo impinge a sua *sciencia*, ou por outra, a sciencia de Julio Ribeiro, que a gente surprehende constantemente por detraz do Barbosa. Apesar de sua idade e de sua erudição este senhor, — exquisito, mettido consigo, misanthropo, — é um devasso.

Julio Ribeiro fez d'elle um devasso e teve ensejo de perpetuar as scenas do mais consummado deboche em seu estylo fluente, vernaculo, atrahentissimo.

Doloroso espectáculo, esse desmoronamento da verdadeira arte, essa abdicção do merito em favor do escandalo, essa prostituição da penna em troca de um arruído inglorio!

Ponto de parte o falseamento da escola, que noto na *Carac*, devo dizer que não foi o assumpto melindroso, escolhido por Julio Ribeiro, o que me encheu de tristeza, de verdadeira mágua no correr da leitura de seu livro.

Toda a obra artistica deve ser estudada no plano em que a concebeu o auctor, deve ser criticada segundo a direcção que lhe imprimiu o artista.

A critica estuda a obra, como ella é, explica-a pelo *meio*, pelo *temperamento*, aceita-a como ella sahiu das mãos do auctor, fazendo abstracção do assumpto, para attender, simples e unicamente, á fórmula, aos meios empregados, aos elementos constitutivos do todo esthetico.

O assumpto, escabroso ou não, sublime ou ridiculo, indecoroso ou casto, bello ou terrivel, desde que tenha um fundo de honestidade, de sinceridade, de verdade, em nada importa á critica.

O assumpto não se discute, absolutamente.

"Todos os generos pertencem á arte, que abrange tudo quanto possa ser susceptivel de exercer sobre nós um attractivo ou uma repulsão." Disse-o M. Milsand, o auctor da *Aethetica Inglesa*.

A escolha do assumpto, escreve Ramalho Ortigão, explica-se como um facto do temperamento, do character, da idiosincrasia mental do artista, mas não se impõe, e por consequencia, muito menos se censura.

O que ha a indagar, em todo producto da arte, é se o auctor, na reprodução da natureza, na successão das scenas, na photographia dos caracteres, na pintura, em summa, de todos os elementos organicos de uma obra, foi *honesto* e foi *sincero*, dando a medida exacta, rigorosamente exacta, das cousas exteriores, sujeitas á observação, em relação ao curso psychologico de uma certa ordem de idéas, ás quaes filiou-se o assumpto escolhido.

A perfeição no desdobramento das impressões recebidas, a verdade na perfeição, e a honestidade, a sinceridade na expressão do real e do verdadeiro, ou, ao menos, no que, de boa fé, se presume verdadeiro, é um principio inherente á propria noção da esthetica, é o credo do verdadeiro artista.

No estudo, pela, da *Carne*, compete á critica examinar a realidade que o livro contém, e explicar o temperamento que produziu os desvios de verdade n'elle observados.

Julio Ribeiro foi verdadeiro, foi sincero, foi fiel á natureza, na elaboração da *Carne*?

Parece-me que não o foi.

Fazendo abstracção da escolha do assumpto, — que encerra um desviamento de escola, um falseamento da arte, — examinemos a fórmula, o processo empregado na *Carne*.

O grande defeito que encerra este livro é a *personalidade* do auctor, que a gente surprehende a cada passo, dirigindo-nos a palavra, como se o estivessemos a ouvir em palestra scientifica.

A todo instante, põe Julio Ribeiro na bocca do devasso Barbosa preleções eruditas de Botanica, de Zoologia, de Physiologia, de Medicina, de Orographia, conhecimentos que o notavel philologo possde e que empresta a um sujeito inverosimil, impossivel, intratavel, ora pela necessidade de o approximar da illustrada Lenita, — o que é um *tour de force* infelicissimo, — ora pelo simples prazer de exhibir erudição.

Em um passelo á chacara, á vista de umas *ameiçeras* e de uns *ananazeiros*, Barbosa falla em *nespilus japonica* e *broniella ananaz*, cita Gonzalo Hernandez, Levy e Bensoni, Christovam Acosta, refere a opinião de Fernando, o Catholico, sobre o ananaz, enuméra as variedades da fructa, os paizes onde ella se acclimatou...

Em uma carta que de Santos escreve a Lenita, carta que vai da pagina 113 á pagina 139, Barbosa faz a descripção scientifica da viagem, desde os campos de Piratininga, (tendo o máo gosto de citar, de passagem, o desarranjo intestinal de Pedro I) até a Villa de S. Vicente, descripção minuciosa, cheia de verdadeira sciencia, citando o con-

de de Lahure, Kidder e Fletcher; estudando a ostra de Santos, comparando-a com as *rosaceas* do Mediterraneo, as *lamellosas* da Corsega, as de Ostende, as de Cancale, as de Marennes, e referindo os trabalhos de Gaillon, Priestley, Berthelot, Bory de Saint Vincent.

Descreve a estrada de ferro de Santos a Jundiaby de um modo admiravel de exactidão e de belleza; explana-se em apreciações scientificas sobre a orographia de toda a região percorrida, trabalho verdadeiramente notavel, que se poderia, sem favor para Julio Ribeiro, attribuir a Gustavo Le Bon, se o auctor do *Civilização dos Arabes* escrevesse em portuguez... e tivesse o vigoroso e másculo estylo de Julio Ribeiro.

Toda essa carta sobre a viagem a Santos é um prodigio de observação e de sciencia, que poderia figurar com grande brilho em uma obra de historia geographica do Brazil. Mas em um romance psychologico, em um romance naturalista, o trecho está deslocado, está encaixado a martello, falsêa o grande principio da arte moderna.

Não é possível, não é natural que o Barbosa escrevesse aquillo. Demais, Barbosa não existe, nunca existiu.

E' um typo feito de incoherencias, é um manequim creado especialmente para prostituir a Lenita.

E não pára ali o *scientificismo da Carne*, tão contrario aos principios do grande mestre a quem Julio Ribeiro dedicou o seu livro, e tão desastrosamente espalhado, em uma promiscuidade de *bibliotheca do povo*, por quasi todas as paginas do romance.

Além do Barbosa, — que não perde vasa para exhibir seus conhecimentos, citando, a proposito da *atropina*, os estudos de Landenburg e Schmidt sobre a *daturina*; mostrando, n'uma caçada, sua erudição em Ornithologia; dando aos *catêtos* e aos *queizadas* os nomes technicos de *dycotilus torquatus* e *dycotilus labiatus*; dissertando, a proposito de uma mordedura de cobra, sobre o tratamento applicado por Claude Bernard e Paul Bert; além de toda essa sciencia, tão prejudicial ao livro, tão ostentosa, tão pedantesca, tão impropria, tão pouco natural no Barbosa, e, ainda mais, tão indigna do caracter paulista, — mesmo do paulista letrado, — a exhibição da sciencia de Julio Ribeiro faz-se, na *Carne*, tambem fora das personalidades no dominio do descriptivo.

Assim é que, na esplendida scena da Irmandade de S. Miguel das Almas, quando o feiticeiro Cambinda revêla ao neophyto os segredos da sua medicina, apparecem os termos *datura stramonium*, *pylocarpus pinatifolius*, *mappa graveolens*, *femillea cordifolia*, para designar o *mamoninho bravo*, o *jaborandy*, a *raiz de Guiné*, e a *nhandirova*; em outro trecho, descrevendo uma successão de idéas que se formam na imaginação doentia do Lenita, faz Julio Ribeiro um verdadeiro catalogo de *bibelots* e de objectos d'arte, em cuja leitura a gente esquece



a menina-prodigio, a illustrada menina que até *problemas sociologicos resoleto*, e vê, palpitando n'aquellas paginas, a personalidade do auctor, com todo o seu amor pelos *bibelots*, pelos bronzes de Barbedienne, pelas porcellanas da China e do Japão, pelos crystaes da Bohemia, pelos vasos de Sévres, pelos marmores de Falconet, pelas terras cottaes de Clodion...

Sem duvida que o romancista deve ter a *nota do seu tempo*, a intuição do progresso das sciencias.

A mesma lei que dirige a sociologia, a moral, a historia, predomina no selo das litteraturas: — a evolução transformista.

Ninguém hoje escreve como escreveu Balzac, como escreveren Stendhal. Mas esse elemento synthetico do espirito de uma época, "esse esforço humano, no dizer de Zola, que o homem ajunta á natureza, affim de novamente creala de conformidade com leis pessoas de *optica*" só deve apparecer em um caracter inconsciente no romance, fructo de observação, de analyse fria, "depoimento de uma testemunha occular", na bella expressão de Taine.

Foi por esse *processo* que um homem que se chamou Gustavo Flaubert escreveu um livro immortal, livro que ha de atravessar todas as idades, que ha de ser eternamente bello, porque é profundamente humano, porque é rigorosamente verdadeiro, porque é sinceramente honesto.

Foi ainda por esse processo que Zola escreveu essa atrevida epopéa da *Terra*, livro estupendo, de uma verdade terrivel, onde o amor bestial do camponex á terra, é estudado de uma maneira assombrosa: onde Zola, luctando contra todas as convenções, seguro do terreno, audaz, e altivo, "denunciou a folha de vinha como um ultraje aos costumes, aos bellos costumes naturaes e livres."

Mas esta arte está acima de tudo; por sobre essas miserias humanas, por sobre esse fervillar de uma pornographia imunda, porém *verdadeira*, observada em todos os seus infimos incidentes, em todas as suas *nuanças* medonhas, por sobre esse estudo *brutal*, porém *humano*, de uma observação precisa, de um colorido magestoso, de uma meticulosidade rigorosa, — a que nem sequer escapou a nota caracteristica, de um asno bebado, — por sobre todo esse monturo perpassa o sóprogenial de Emile Zola, depurando esse enxame de torpezas no cadinho de sua inspiração portentosa, erguendo, sobre a realidade banal da vida campesina, uma époppéa gigantesca, onde o camponex se fez estatua, no typo immortal do *peré Fouan*.

Que differença entre esse *processo* de estudo e a *nécrose* scientifica de Julio Ribeiro!



E' tristissima essa exhibição constante do auctor da *Carne*, essa preocupação fatal de mostrar tudo quanto sabe, tudo quanto estudou.

Será uma questão de *temperamento*?

Accelto. Mas semelhante temperamento, arrastando um auctor a uma tal ostentação de sabedoria, um temperamento que tão accentuadamente influe sobre o objectivo, deve forçosamente, fatalmente, matar a obra do artista e deixar, no lugar d'esta, simplesmente o *inventario* dos conhecimentos do auctor.

Não quero firmar o principio absoluto da *impersonalidade* na arte.

E' fóra de duvida que deve haver uma conexão entre a impressão objectiva, a reprodução da natureza, e o sentimento esthetico, a personalidade do romancista. O seu modo de *ver*, de *sentir*, de *perceber*, o seu processo logico, hão de necessariamente influir sobre o producto artistico, mas com um caracter de completa *passividade*, sem *parti pris*, sem influencia immediata, quasi inconscientemente, deixando apenas entrevêr, ao fundo da obra, as linhas geraes de um temperamento.

Isso é fatal. Toda a obra artistica traz o cunho de uma individualidade; o romance naturalista dá a nota, dá a photographia do mundo externo, modificada, porém, pelos factores mentaes, pelo estado do espirito, que varia na progressão evolutiva das faculdades estheticas.

Grande differença, porém, vae entre essa manifestação psychica e a exhibição constante, impertinente, massadora, do escriptor, com todas as qualidades do seu caracter.

Ahi está o *mal-entendido* da escola.

Chega a ser nojento, repulsivo, supinamente ridiculo, o illustrado phonographo Barbosa, idiota supremo, — caracter e typo impossiveis — a reproduzir a cada passo a erudição de Julio Ribetto!

Não! Isto não é precisamente a arte, a grande, a bella, a seductora arte, que palra muito acima d'esse escandalo, d'esse triste desvirtuamento da verdadeira comprehensão da esthetica naturalista.

Por entre esses grandes desastres, existem na *Carne* trechos de uma belleza incomparavel.

Ha ali fragmentos de uma força de attracção irresistivel, que prendem o espirito nas linhas soberbas, nos contornos firmes de um estylo maravilhoso, que agitam violentamente todas as fibras nervosas, que abalam as funcões cerebraes, que nos arrastam insensivelmente pelo caminho illuminado d'aquella adjectivação sem rival, d'aquellas phrases de bronze, photographando a imagem com uma nitidez irreprehensivel, batendo firme na idéa, subjugando-a, dominando-a, esticando-a sobre o papel, quente ainda da genesis cerebral, viva, rubra, palpitan-

te, sob o domínio absoluto de uma penna magica, vibrada por um mestre na grande arte de escrever.

Na bellissima descripção das dependencias da fazenda do Coronel, na grande scena do sonho, em que o *Gladiador* parece á imaginação de Lenita tomar estatura humana, mover-se, approximar-se do leito em que ella repousa e estender-se a seu lado, — scena que parece ter sido inspirada na leitura de outra semelhante no *Homem*; a do Christo e Magdá — o passelo de Lenita, por um dia quente, depois do almoço, e a scena magistral do banho, pagina de uma contextura deslumbrante, digna de um livro como *Madame Bovary*; a descripção da moagem, o mais bello trecho do livro, a meu vêr, trecho em nada inferior ás extraordinarias scenas da lavoura, em *La Terre*, descripção monumental, de uma plastica de estylo admiravel, em que a gente percebe o cheiro penetrante da canna esmagada e a morrinha suarenta dos escravos, parecendo até ouvir o chiar dos carros e o borborinho do trabalho, grande scena *impressionista*, de um vibrante colorido de realidade, tão expontanea, tão bella, tão verdadeira, tão perfeita como a do envenenamento de Emma, em *Madame Bovary*, que é uma das scenas mais grandiosas da litteratura de todos os tempos; o castigo de um escravo; outro trecho de um poderoso vigor descriptivo, e, finalmente, o episodio da velha entrevada, que ao saber da morte do filho, como por um milagre, se arrasta, engatinhando, até ao lado d'este, episodio de um grande valor artistico e que encerra, nas suas poucas linhas, todo o grande poema do amor materno; — tudo isso, todas essas paginas fulgurantes, traçadas por uma penna castigada, pura, audaz e valente, constitue a prova irrefutavel de que Julio Ribeiro, se o quizer, poderá escrever um livro de artista e de pensador, á altura do seu talento e do respeito devido aos grandes mestres do naturalismo.

A *Carne*, no seu conjuncto, como romance, como obra de arte, como livro de combate, de reacção contra os velhos moldes do romantismo, a que ainda se prende a nossa litteratura, é um trabalho indigno de Julio Ribeiro, é um trabalho falso, sem orientação esthetica, escripto com o proposito da pornographia, querendo, tentando arrastar a arte sagrada até á baixa craveira da *immoralidade* proposital em que elle se empolleirou.

Os personagens principaes do livro, Lenita e Barbosa, filhos do meio brasileiro, do meio paulista, descendentes de honestos e laboriosos fazendeiros, e com uma educação exaggeradissima, convencional, — porque se tornou necessaria ao exito da pornographia — são méras creações de phantasia. O falseamento da verdadeira intuição naturalista vae desde a illustração impossivel de Lenita até o fim do livro, — fazendo abstracção do scenario, do descriptivo, que é maravilhoso, e de uma ou outra scena rara, — vae até ao fim do livro, até á carta que Lenita escreve, de S. Paulo, a Barbosa; carta em que ella descre-



ve a capital, citando pessoas conhecidas, criticando Ramalho Ortigão, fazendo a apologia de casas commerciaes e dos bigodes do Gaspar da Silva, mostrando as qualidades do proprio Julio Ribeiro (!), e, depois de citar Spínosa, concluindo por um *texto de Direito Romano* (!) e por um *calamboury* nojento, indecentissimo, de feira, indigno de uma mulher, ainda que prostituida, nas condições de Lenita.

Esta carta é um dos elementos do escandalo, na *Carne*; carta-anuncio, carta-réclame, onde Julio Ribeiro nem sequer teve escrupulos em exhibir a sua personalidade, o seu nome, em chelo, com todas as letras, e ainda mais, as suas qualidades adoraveis.

Toda essa carta é um desastre lamentavel; entristece profundamente a quantos amam a arte *honestá* e a quantos admiram o talento de Julio Ribeiro.

Impressões atridas no papel sem pretensão a *estudo critico*, essas linhas que ahí ficam obedeceram a um pensamento unico: — o amor acrysolado, o culto religioso que voto ao Naturalismo.

Esta grande escola repelle a offerenda de Julio Ribeiro.

A *Carne* é indigna de ambos. Não tem a felção *natural*, embóra seja *carne...crúa*.

"Uma nota erda nem sempre é uma nota verdadeira".

A *Carne*, no seu conjuncto, é um livro deshonesto. Ha all a rara harmonia de um grande estylo; ha descripções magestosas; ha perliodos coruscantes, phrases potentissimas, ha palavras de uma sonoridade encantadora, palavras que falam, que riem, que choram, que cantam; ha coloridos vigorosissimos, esbrazeados, relampejantes.

Mas a banalidade dos typos é deploravel; o todo é chôcho, pulha, réies, pornographico, chato, sem uma direcção esthetica, sem unidade psychologica, sem arte, sem verdade, sem honestidade.

E' um máo romance; ou, melhor, não é um romance.

Julio Ribeiro tem fibra para muito mais.

A *Carne*, confessemol-o, é uma obra de escandalo, unica e simplesmente.

Não tem merito litterario, porque não é *honestá*, não é *verdadeira*, não é *possivel*.

A apothéose da pornographia só se accelta quando obedece a um grande impulso esthetico, como o que ditou *La Terre*.

A *Carne* obedeceu a um impulso muito rasteiro: — a sêde de uma popularidade inglória, indigna de um homem de espirito.

Felizmente para Julio Ribeiro, elle não irá á posteridade com esta *carne* á cabeça, á guiza de corôa de touros.

Antes d'isso, estou certo, ella ha de apodrecêr.

Camplinas, 4 de Setembro de 1888.

ALFREDO PUJOL



RESENHA DO MEZ

BRASIL-ALLEMANHA

Estamos em guerra declarada com a Allemanha. O Brasil não pôde, ante novas e terríveis affrontas que a Allemanha lhe fez, guardar a linha de protesto altivo que o governo lhe traçou, com a quebra da neutralidade, quando soffreu os primeiros attentados á sua soberania. Teve de chegar á guerra franca.

Sabíamos que havia de chegar até lá: a Allemanha quando eouverda pelo caminho da violencia vai até o fim. Não ha embaraço de obdormora! ou de ordem jurídica que a detenha.

Foi por isso que, ao commentar a ruptura das nossas relações com aquelle paiz, dissemos, mezes atraz, que ainda não tínhamos feito tudo quanto o nosso dever e os nossos interesses nos impunham. Pensávamos, então, como pensamos ainda hoje, que devíamos desde logo ir ao extremo inevitavel da guerra declarada.

Hoje, que chegamos afinal a esse extremo doloroso, nada mais temos que dizer: O governo soube ler nas linhas incertas do futuro e soube dignamente cumprir o seu dever. Corre-nos apenas doravante a obrigação de ficar ás suas ordens — para a vida e para a morte — olhos e ouvidos attentos ao appello da Patria.

Passou o momento das palavras sonoras e das disputas ardentes: o Brasil exige de cada um de seus filhos o maximo de energia e o maximo de abnegação. Bateu para cada um de nós a hora tragica em que é preciso abafar no fundo do peito todas as vozes da alegria e todos os clamores da personalidade na sua ancia de expansão. Ninguém mais tem o direito de ser dono de si e dos seus actos: Somos todos, devemos todos ser, meros instrumentos de defesa nas mãos da Patria. Ella que faça de cada um de nós o que quizer. E cada um dos que tiverem a felicidade de perecer ao seu serviço saiba, ao cair, enviar-lhe nas azas de um sorriso derradeiro — a expressão do seu orgulho pela gloria de lhe dar a vida.

Enquanto, porém, não sôa o appello supremo, tratemos de gravar no espirito e no coração as palavras patrioticas da proclamação do sr. presidente da Republica, em 29 de Outubro ultimo:

“Impellido a reconhecer o estado de guerra, que não foi obrigado a aceitar, depois de uma neutralidade modelar, em vista dos crescentes e graves attentados á nossa bandeira praticados pelo governo allemao, nelle entrou o Brasil, para defender sagrados direitos, formando ao lado dos que, ha mais de tres annos, se vêm batendo pelas conquistas da civilização e pelos direitos da humanidade, tendo já inicia-

do actos de franca belligerancia, de accordo com a deliberação do poder legislativo.

E' a paz a aspiração permanente do paiz. Foi ella em todos os tempos o ideal da Nação, educada nas normas do trabalho pacifico, do progresso na ordem, do respeito aos direitos alheios. Desde os primeiros dias da Independencia, a nossa acção internacional jamais se exerceu em detrimento de quem quer que fosse. Nossa extensa linha de fronteiras nós a fixámos pelo accordo e o arbitramento. Nenhum outro paiz offerce, como o nosso, a pratica desse recurso admiravel da arbitragem, como solução dos litigios internacionaes. Nunca tivemos guerra de conquista. E a índole do nosso povo está a indicar, em largos annos de vida laboriosa, que não nos movem outros intuitos, que não os da paz e do trabalho.

Entrando na guerra, a que outros povos já deram o melhor do seu sangue e dos seus recursos, conhece o Brasil a somma de sacrificios que está chamado a fazer. E os encara sem vacillações. Não precisa o governo traçar a regra de proceder de seus cidadãos. Do littoral aos sertões, cada brasileiro cumprirá o seu dever, como elle sempre entendeu e entende que deve cumprir. Na luta sangrenta, cujas surpresas dia a dia annullam os mais avisados calculos, a lição está, porém, a mostrar exemplos e situações, que convém não desprezar. E' necessario que se dissipem todas as divergencias internas e que a Nação appareça una e indivisivel, em face do aggressor: para isso o governo aconselha e espera de toda a Republica o maior acatamento ás suas decisões. A imprensa, que nunca faltou com o seu patriotismo nos momentos graves, se dispensará de discussões inopportunas. Nessas tradições liberas ensinaram sempre o respeito ás pessoas e bens do inimigo, tanto quanto forem compatíveis com a segurança publica, e assim devemos proceder. E' opportuno que aconselhemos a maior parcimonia nos gastos de qualquer natureza, publicos ou particu-

lares. Intensifique-se tanto quanto possível a produção dos campos, afim de que a fome, que bate já ás portas da Europa, não nos afflicta tambem, e antes possamos ser o colleiro de nossos alliados. Estojam todas as attentões alerta aos manejos da espionagem, que é multiforme, e emudeçam todas as boccas, quando se tratar de interesse nacional. Cordiaes saudações. — (a.) Wenealão Braz."

ALFREDO PUJOL

Não foi surpresa para ninguém a eleição do sr. Alfredo Pujol para a Academia Brasileira de Letras. Morto Lafayette, que occupava a cadeira de Machado de Assis, a Academia estava na obrigação de eleger para a vaga o autor do mais completo estudo que ainda se fez no Brasil sobre o grande romancista do *Braz Cubas*. A Academia, segundo suppunham todos, não procura, nos seus actos, afastar-se de liberadamente dos preceitos da logica e de bom senso.



Tambem não devia ter surpreendido a ninguém a escolha de um escriptor que havia publicado só um livro. Outros já tem sido escolhidos sem livro algum e um livro vale mais, ás vezes, que uma bibliotheca inteira... — Allás es o sr. Alfredo

Pujol publicou, até agora, só um livro é porque o quiz. Ha em jornaes e revistas, esparços, innumeros trabalhos seus que dariam para diversos volumes interessantes. S. a. não é, como podem pensar, um recruta das letras que os amigos, percebendo-lhe a lucidez e a flexibilidade da intelligencia, empurraram á ultima hora para as fileiras. E' um veterano que, desde as primeiras horas da juventude, correu voluntariamente a assentar praça. Aos 23 annos, quando modesto estudante do terceiro anno de direito, elle já escrevia sobre a *Carne* de Julio Ribeiro, um estudo que provocou nas rodas literarias tanto ou maior impressão que o seu recente curso a respeito de Machado de Assis...

Urbano Duarte, sceptico e zombador por dever de humorista profissional, que era, recolheu, por um instante, o seu permanente sorriso de troça e mandou-lhe, num cartão rapido, os parabens pelo "magnifico artigo critico sobre a *Carne*" acrescentando: "De plonissimo accordo com tudo".

Raymundo Corrêa, tão reservado sempre, não se contevo e desfochou-lhe esta carta: "Meu caro Alfredo Pujol — Vassouras, 14 de Setembro de 1888 — Decididamente não posso resistir ao desejo de felicital-o pelo seu brilhante artigo estampado no *Diario Mercantil* do dia 12 do corrente. Mil parabens, pois!

Não estou de inteiro accordo com tudo o que V. diz, entretanto.

Acho que a obra de Julio Ribeiro não pode ser uma decepção para ninguém; isto por mais elevado que seja o conceito, que se faça do seu auctor.

Mas apesar de sentir que a *Carne* não falta um grande merito literario, pelo menos, encheu-me de enthusiasmo a maneira franca, independente e sincera, pela qual omitia V. opinião contraria a esta.

Não obstante pensar eu de modo differente do seu, neste ponto, em outros concordo plenamente com o que V. diz. O seu juizo critico pro-

duziu em meu espirito impressão muito agradável; contem verdades admiravelmente expostas acerca do naturalismo e revela grande vocação para a critica. A critica, assim é que eu a prezo e admiro, criteriosa e imparcial sempre, embora fallivel muitas vezes, como todos os juizos humanos.

Receba V. estas linhas como uma prova espontaneamente exhibida do alto apreço em que tenho o seu talento, do muito que delle espero e do muito que, acerca delle, vaticino para as letras patrias.

Abraça-o com saudade o amigo e admirador, *Raymundo Corrêa.*"

Para um simples estudante que começava a sua carreira literaria esta carta, partindo daquella emnencia espirital, valia por uma promoção: o soldado, mal punha o pé na fileira, era logo luveatido nas insignias de official — por merecimento...

Devia ter sido immensa a alegria que, nesse momento, dilatou o peito do estudante. Nem um dos seus triumphos ulteriores, por maiores que tenham sido, não lhe deu, certamente, a satisfação profunda, deliciosa, completa desse instante em que principiou a sua lua de mel com as letras e com a fama...

Raymundo, prevendo a commoção que as suas linhas iriam produzir naquella alma juvenil e vibratil e receiando ficar envolvido no torvelim de escandalo e admiração que a *Carne* e o seu critico produziram, addicionou á carta, em *post-scriptum* este pedido cauteloso:

"Peço a V. que não dê publicidade a esta carta. Não foi escripta para esse fim, senão para manifestar-lhe particularmente a impressão, que me causou o seu bello artigo, como quasi tudo o que V. escreve. Desculpe-me o pedido, que talvez não fosse necessario fazer".

Lendo o artigo, que hoje publicamos em outra parte da *Revista do Brasil* e lembrando-se de quem foi Julio Ribeiro, não se hesitará um minuto em sabcrever os conceitos de Raymundo Corrêa...

Quem assim começou tinha de acabar, salvo uma catastrophe, por onde o sr. Alfredo Pujol acabou. A Academia de Letras, para quem assim se estreou e, mais ou menos, em contacto com as letras sempre se manteve, não é uma casa estranha: é uma casa de familia.

A muita gente, que de sua vida só conhece o brilho exterior, pôde parecer, e provavelmente ha de parecer, que na carreira do sr. Alfredo Pujol mais do que o seu merecimento tem prevalecido uma estrella sem par. Puro engano. Poucos homens terão a enorme capacidade de trabalho desse batalhador infatigavel e poucos terão lutado na vida com os obstaculos de toda a ordem que a sua energia e o seu talento tem vencido. Pobre e obscuro quando veio para S. Paulo em 1886 (a sua terra natal é S. João do Príncipe), o sr. Alfredo Pujol entregou-se a um esforço extenuante, revendo provas no *Diario Mercantil* e dando lições particulares, para conseguir manter-se e estudar. A sua vida, como estudante, foi o eterno romance, triste mais consolador, do rapaz pobre que, sentindo-se superior ao meio que o cerca e abafa, procura, com suas próprias mãos e sem quebra da sua dignidade, abrir caminho para o alto.

Dois annos depois de sua chegada a S. Paulo, em 1888, o seu talento já se tinha feito notar e, mudando-se para Campinas, Francisco Glycerio, habíl conhecedor de homens, o attrahia sugaremente para a propaganda republicana...

O mais, os seus triumphos oratorios, o brilhantismo da sua carreira politica, a reputação da sua banca de advogado, é sabido de todos.

Premiado o, com uma de suas cadeiras a Academia de Letras não se curva diante de um mero favorito da sorte: consagra uma vontade que sobre impor-se e uma intelligencia que se fez respeitada.

A *Revista do Brasil* não podia calar a satisfação que esse acontecimento lhe causa: o sr. Alfredo Pujol é um dos seus directores.

BIBLIOGRAPHIA

VICTOR DA SILVA
FREIRE — *A Orientação do Engenheiro Nacional, no Boletim do Instituto de Engenharia, S. Paulo.*

Escolheu o autor, para esse estudo que enche setenta paginas do formato da "Revista do Brasil", epigraphe um tanto perigosa. Andamos tão habituados, os que não pertencemos ás profissões cognominadas "scientificas", a encontrar sub-titulos semelhantes ou parecidos, dissertações, sabias por certo, mas obscuras para os não iniciados e como taes destituídas de interesse, que por um triz deixamos passar esta em branco.

E' precisamente essa uma das tendencias contra a qual se rebella o artigo e a que attribue elle a pouca influencia que representa o engenheiro na nossa vida publica, com manifesto prejuizo do progresso nacional. E, reforçando a these com o exemplo, urde o escripto uma teia logicamente concatenada onde se võem desfilar successivamente o problema capital Brasileiro, as suas relações com o engenheiro, as faltas até aqui commettidas e o processo pratico de agir sobre a classe de um lado, o meio social de outro, para pôr ambos de accordo a cooperar no objectivo commum.

Por forma que o conjunto dos pontos tratados vem a constituir, na accepção rigorosa do termo, um capitulo do que de mais urgente ha a cogitar no periodo intrincado em que vivemos: a educação nacional. Considera-os o autor sob varios aspectos attinentes á sua profissão, nunca perdendo de vista o que, no seu entender, é o escopo final do engenheiro. E' esse definido como sendo o delinear do aparelhamento economico e tecnico que permite attingir o rendimento maximo do individuo pondo em jogo as condições existentes da terra e do capital.

Que tal delinear depende mais da "educação" do que da "instrução" é o que resalta luminosamente dos contrastes apresentados entre a vida profissional dos nossos engenheiros e as dos outros meios em que costumes e processos differem por completo. E' bem architectada a demonstração da pouca ou nenhuma influencia das espheras governamentais em taes assumptos, cousa a que é tão commum entre nós attribuir-se a explicação de todos os insucessos. Em contraposição, mostra o autor que grande parte dos erros commettidos pelos homens da politica encontram sua razão de ser no abandono e indiferença a que os technicos votam os problemas mais palpitanes para o paiz.

A tal proposito desvenda o artigo os elementos basicos do problema do povoamento do sul do Brasil, ou melhor, de toda a região que se estende desde Minas até as divisas com a Argentina e a Republica Oriental. Percorreu-a o autor em 1910 em companhia de uma das notabilidades da sciencia agronomica contemporanea, o professor Vittorio Niccoli. E a conclusão desse exame foi a verificação do fracasso completo de todos os esforços tentados e dos rios de dinheiro despendidos, não em consequencia das condições naturaes desfavoraveis, mas pela negligencia no tomar em conta dos factores proprios ao territorio, factores que entre mãos habéis e disciplinados teriam provocado, ao envez, o mais fulgurante dos exitos.

Não se espraia o autor em doestos "aos responsaveis". Pelo contrario. Mostra que esse fracasso é a consequencia logica, fatal, do modo como cada uma das classes productoras encara entre nós a causa commum. Não a discutimos, não a pômos em fôca. Não o faz a escola, nem a faculdade. Não o fazem egualmente os profissionais com experiencia propria. Nenhum vem prestar o seu depoimento pessoal. Longe disso, retrahese. E' inutil esperar progredir em taes condições.

Anarchisa-se, em vez de se disciplinar, o meio social. E' de rara fe-

licidade o exemplo profissional citado pelo autor para mostrar que essa anarchia acaba invadindo os ambientes mais conservadores, ponderados, respeitaveis. Na propria Igreja catholica vai ser encontrado o caso narrado, mera resultante a que não ha escapar e que será repetido emquanto cada um se não compenetrar dos deveres que tem para com a comunidade.

Não se contenta com isso o artigo. Aponta os perigos possiveis que nos aguardam em futuro immediato, ameaçando golpear-nos na propria fonte de seiva da nacionalidade. A não se manifestar a reacção estamos arriscados, se não cahirmos em colapso completo, de ver escapar para mãos alheias o cabedal accumulado pelas gerações passadas. Cahiremos na tutela disfarçada, perdendo de facto a direcção dos negocios que directamente nos affectam.

E' o estudo do leute da nossa Polytechnica, em resumo, um vibrante toque de clarim, reflectido, documentado, sem exageros nem devaneios, concitando o engenheiro nacional a cumprir o seu patriotico dever. Toque que apresenta uma particularidade caracteristica: é de accordes simples e accessiveis no espirito de todos nós. Tão simples e accessiveis, tão interessantes e claros que o lemos, de começo a fim, sem nos lembrarmos sequer de que não eramos engenheiros.

MOVIMENTO ARTISTICO

AUGUSTO RODIN

Falleceu a 17 do corrente em Paris o grande escultor francez Augusto Rodin. Contava 77 annos de idade, e era talvez o maior artista do mundo moderno. Nasceu em Paris em 1840, começando a estudar com Barye. Premido pela necessidade, empregou-se no atelier de Carrier Belleuse, onde se iniciou nas parti-

cularidades da técnica da escultura. em 1864, começou a manifestar a sua fortíssima personalidade artística, esculpindo o "Homem do nariz quebrado". Após a guerra franco-alleman, Rodin, não encontrando trabalho em Paris, transferiu-se para Bruxellas, onde permaneceu até 1877.

Trabalhou no "atelier" do escultor belga Van Rosbourg e collaborou na escultura da parte externa e nos capitels da Bolsa daquelle cidade, expondo ali tambem um retrato do architecto Garnier.

Em 1877 foi que appareceu verdadeiramente no *Salon* de Paris, com o seu "L'Age d'Airain", que foi exposto novamente em 1880, já fundido em bronze, e que deu causa a uma verdadeira revolução na critica ar-



tística, sendo o escultor muito atacado. Entretanto, a sua obra obteve uma medalha de 3.ª classe e o Estado adquiriu-a, collocando-a no Museu de Luxemburgo e dando ao artista a consagração official.

Entre 1882 e 1885 Rodin expoz no *Salon* os bustos de Jean Paul Laurens e de Carrier-Belleuse (1882), de Victor Hugo e Dalou (1884) e de Antonin Proust (1885).

Desta época em diante quasi que se deddeou exclusivamente a uma grande composição decorativa de seis metros de altura, que só chegou a completar vinte annos mais tarde — a "Porta do inferno".

Esta porta, ou antes, portal — pelas suas proporções — uma verdadeira porta de cathedral, é uma especie de vasto painel cheio de figuras salientes em um relevo grandioso. A idea dominante dessa obra magni-

fica foi tirada da "Divina Comedia" de Dante (que tem sido fonte de inspiração de muitos artistas. Rodin bebera em Dante a sua concepção do inferno como um todo. A sua porta é a entrada do inferno. No alto está Dante assentado, absorto e pensativo, com os olhos fitos no infinito, com a expressão elevada que lhe deu a tradição e na qual o escultor insetiu grande serenidade. O grande Florentino parece como libertado das fraquezas humanas e contempla a sua obra.

Nesta, os entes condemnados á eterna vida do inferno volveem-se delirantemente, estorcendo-se em convulsões de dôr e de angustia, terríveis na sua verdade, mas vibrantes de belleza plastica. A suprema harmonia, diz um critico notavel, parece haver guiado o artista para a consecução do resultado total; e, todavia, que sópro de realidade perpassa em toda ella!

Parece que o escultor havia conseguido perpetuar ali todos os sentimentos da humanidade. Como paixão ardente criou elle o caso eterno de Paolo Malatesta e Francesca da Rimini, e que horrores de pesadelo nos assediam quando vemos Ugolino e seus filhos, um grupo de assombroso sentimento, no qual o artista parece haver sondado as profundezas secretar do soffrer humano.

Depois de iniciar essa bora titanica e enquanto a executava, Rodin fez para a cidade de Damvillers uma estatua do pintor Bastien-Lepage; para a cidade de Nancy, um monumento ao pintor Claude le Lorrain; para a cidade de Calais, os "Burguezes de Calais" entregando as chaves da cidade e implorando misericordia".

Neste monumento, abandonando toda tradição de escola, Rodin representa os cidadãos não agrupados em um quadro ou em um plinto circular, mas caminhando em fila. Essa obra foi exposta na Galeria Petit, em 1889.

Quando se deu a scisão da Sociedade Nacional de Bellas Artes e se formou o novo "Salon" em 1890, Rodin passou-se para este ultimo, on-



O PENSADOR, de Rodin



de expôz o busto de Puvis de Chavannes em 1892, a obra "Contemplation" e uma caryatide, ambas em marmore, e o monumento a Victor Hugo (1897), destinado ao jardim do Luxemburgo. Neste o poeta é representado nu, como um velho titan, estendendo o braço majestoso, com as musas de trás de si.

Em 1898 Rodin expôz "Le Baiser" (exposta novamente em 1900), um grupo em marmore representando Paolo Malatesta e Francesca da Rimini, e o esboço em gesso da estatua de Balzac, que se tornou logo o topico do momento em Paris. Foi feita por encomenda da "Société des Gens de Lettres", que atropelou o escultor para executá-la dentro de prazo determinado, sem comprehender que um artista como Rodin devia ter toda a liberdade de acção. Esta estatua foi recebida com vehementes discussões. Alguns criticos consideraram essa estatua, em que Balzac é representado em um amplo roupão, como os primeiros fructos de uma nova phase de escultura; outros declararam que ella era incomprehensivel, senão ridicula. Foi esta a opinião abraçada pela "Société des Gens de Lettres", que a recusou, passando a encomenda para Falguère. Este expôz o seu modelo em 1899. No mesmo "Salon" Rodin, para provar que a conducta da "Société" nada havia influido na sua amizade para com Falguère, expôz um busto em bronza do seu rival, bem como outro de Henri Rochefort.

Em 1900 a cidade de Paris, para honrar Rodin, construiu á sua custa um pavilhão próximo á entrada da Grande Exposição, onde foram reunidas quasi todas as obras do grande artista, mais especialmente a "Porta do Inferno", ainda incompleta. Este museu foi transportado para os terrenos da casa que o grande escultor possuía em Meudon, sendo mais tarde augmentado.

Rodin era representado no Luxemburgo por uma "Danalide" (marmore); um "São João" (bronze); "A que fez o Elmo" (estatuetta em bronze); pelos bustos do pintor "Jean Paul Laurens", de uma mulher e qu-

tras obras. No Museu Gallierna ha um busto de Victor Hugo. A "Mão de Deus", uma obra que despertou tambem muita attenção, foi exposta em 1904. Nesse mesmo anno um millionario inglez, Lord Grimthorpe (então simples Mr. Ernest Beckett), presenteou a nação inglesa com o "Le Penseur", de Rodin. Nesse mesmo anno Rodin foi eleito presidente da "International Society of Sculptors, Painters and Engravers", de Londres, succedendo a Whistler.

Impressão nas suas concepções, Rodin é realista na maneira de executá-las, a tal ponto que foi accusado de ter moldado o seu "L'Age d'Airain" sobre um modelo vivo.

As suas figuras revelam uma grande sciencia de modelado de contornos, grande severidade de linhas, expressão e movimento rhytmico. O seu principal caracteristico é vigor extraordinario na synthese da forma humana. Ha de ficar na historia da arte como uma gloria, não só da França, mas de toda a humanidade. A sua forte individualidade fez-se sentir poderosamente na moderna escola de escultura em França e mesmo fóra da França. Nos primeiros dez annos do seculo actual o seu nome tornou-se conhecido em todo o mundo, adquirindo uma fama universal. O Governo francez deu-lhe um grande numero de encomendas, bem como adquiriu para o museu de obras de arte moderna, o Luxemburgo, nada menos de vinte e cinco obras suas.

A sua productividade continuou inquebrantavel, pôde-se mesmo dizer, até aos seus ultimos dias.

Em abril de 1916 Rodin fez doativo ao governo francez de todas as suas collecções de arte e do palacio "Biron", em Paris, onde ellas se achavam reunidas, conservando porém, nesse edificio, um "atelier".

A EXPOSIÇÃO DO SACY

Productos de um concurso consequente a um inquerito que está na memoria de todos, estiveram expostos ao publico varios quadros e es-



culpturas onde, pela primeira vez na terra natal do Sacy, foi o Sacy guindado ás regiões da arte. O thema era difficil. Fixar um typo puramente subjectivo, de fórmulas instáveis, cheio de variantes, existente apenas na imaginação do sertanejo, é tarefa que requer do artista um bocado mais de talento do que o preciso para broxar um meião, retratar um empataçado Cav. Uff. ou copiar os fundos da Tabatinguera, thema illecto dos nossos paisagistas que enebriam-se ali com uns toques de Veneta muito seductores. Requer inventiva, requar composição, e composição das que não possuem commodos pontos d'apoio, isto é, obras anteriores do mesmo genero já consagradas, nas quaes o pintor "monta" sem percepção do publico. Devido a isso, talvez, os nossos pintadores de Bretanha e Cav. Uff. absteram-se. Compositores geniaes de Perdões, Salomés, e Tabatingueras, não lhes convinha perder a mascara de Regnaults do Café Paulista, e Corots da Varzea do Carmo para esta arriscada aventura do *algo nueto*. Continuam no *algo riejo*, e fazem muito bem. Um dos meios de ter talento é simulalo.

Nacionaes compareceram em pintura apenas dois trabalhos, uma aquarella ligeira do sr. Celso Mendes, bando de cavallos que o Sacy dispersa á noite, e o Sacy do Paraná do sr. Joab de Castro, que é uma criança e pertence ao numero dos "curiosos". A sra. Maffatti tambem deu sua contribuição em ismo. Um viandante e o seu cavallo, em pacato jornadaear por uma estrada vermelha, *degringolam-se* numa crise de terror ao deparar-se-lhes pendente duma vara de bambú uma coisa do outro mundo. *Degringola-se* o cavalleiro, *degringola-se* o cavallo, *degringola-se* a cabeça do cavallo, tentando arrancar-se do pescoço, o qual estira-se longo como feito da melhor borracha do Pará. Genero *degringolismo*. Como todos os quadros do genero *ismo*, cubismo, futurismo, impressionismo, marinetismo, está *hora concours*.

Não cabe á critica falar delle porque o não entende: a critica neste pormenor corre parellas com o publico que tambem não entende. E' de crer que os artistas autores entendam-n'os tanto como a critica e o publico. Em meio deste não entendimento geral é de bom aviso tirar o chapeu e passar adiante.

As demais telas são de artistas estrangeiros. Roberto Cippichia, o premiado compareceu com uma interpretação romantica muito sensata e harmoniosa, notavel pelo movimento que imprime á scena da cavallhada em fuga, dentro da noite, cavalgada por um sacy. Foi a tela que melhores louvores recebeu do publico, que os repartiu ainda com suas duas esculpturas, deveras originaes, muito suggestivas, e onde a caracteristica diabolica do duende está muito bem interpretada.

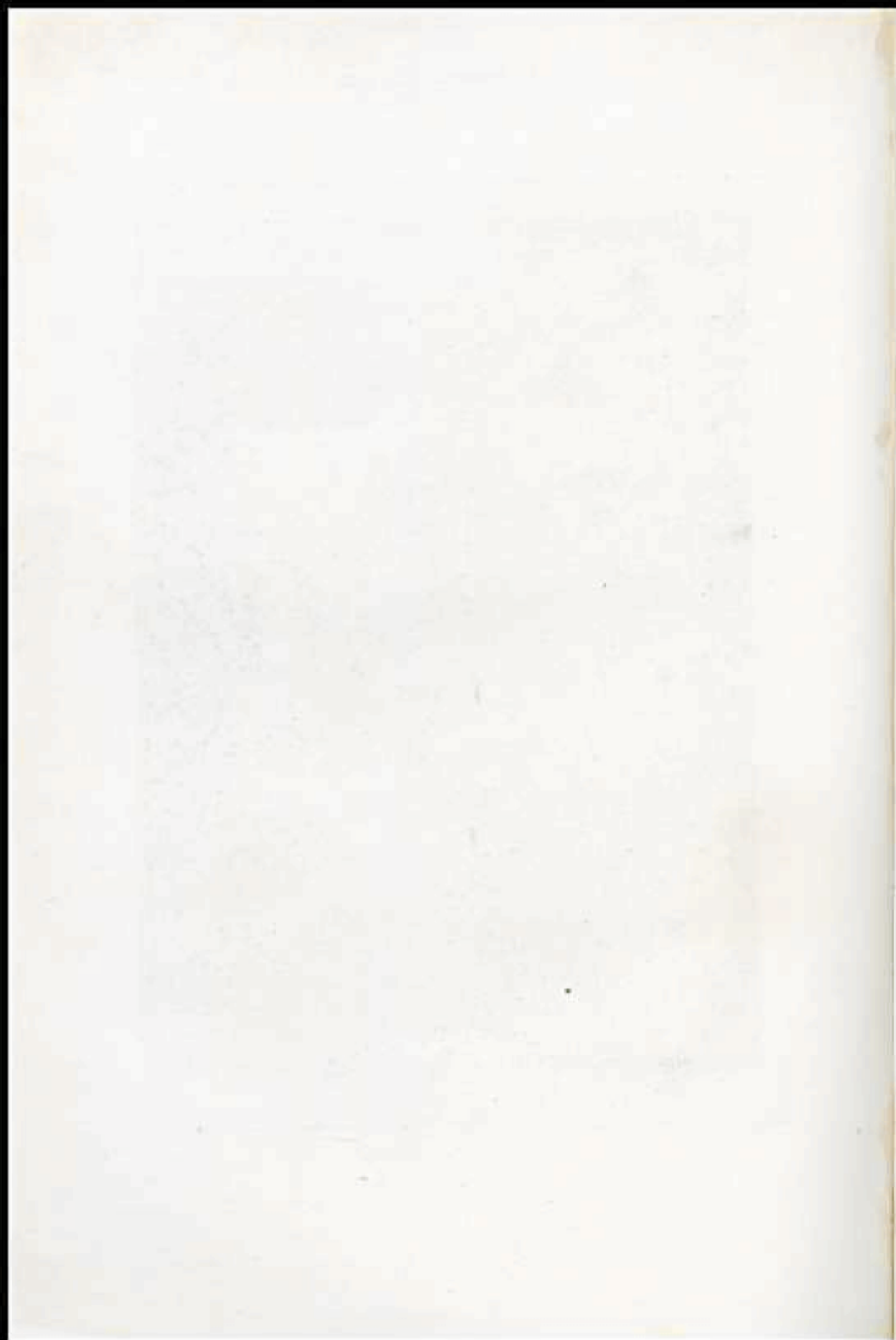
Richter apresenta duas aquarellas e um oleo: a das quellas negras em torno do fogo, com um sacyzinho que entra a aporrinhá-las, está optima no estado das pretas, uma das quaes é a negra mais bem estudada que conhecemos. O caracter physico e mental da africana está fixado nella com rara felicidade.

Peccou unicamente em afastar-se da lenda dando proporções microscopicas ao diabinho. A outra, um caipira que ao transpor uma pinguela esbarra com o sacy, está bem estudada, com um fundo ecletico e epitômico de paisagem brasileira; só foi commentado desairosamente a inserção da cabeça no tronco. O terror do caipira não vai até á desmoencar das vertebraes. Sen terceiro trabalho, a oleo, constituiu ainda uma das boas coisas do certamen.

Iara, pseudonymo de Norfini compareced com quatro aquarellas episodicas, todas muito interessantes. O thema da cavallhada a galope, com sacy a espantá-la, desenvolveu-o elle com largueza e optima movimentação. As demais foram compostas com o espirituoso tom anecdotico que caracteriza esse fino e elegante artista.

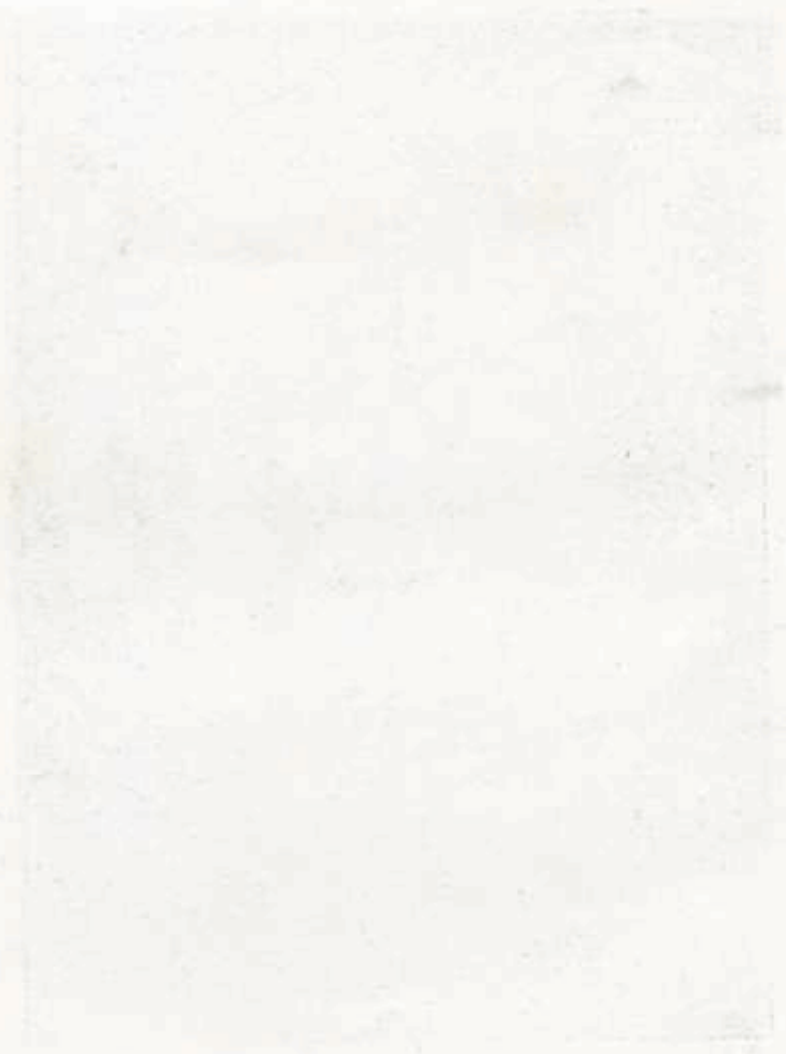


O SACY E AS PRETAS, aquatinta de Richter





O SACY E O CAIPIRA, aquarella de Richter.



509



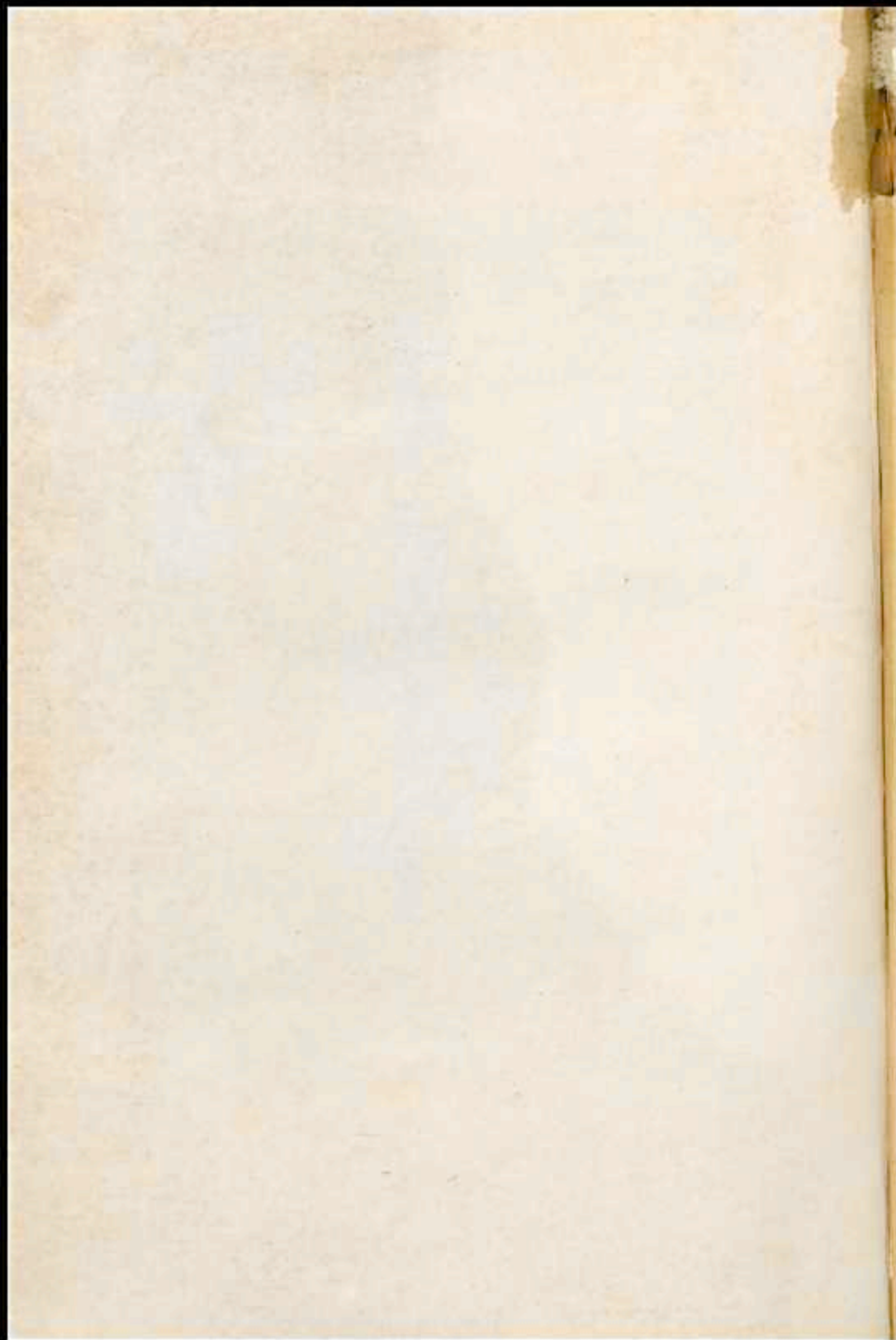
A TRANÇA DA CRINA, medalhão em gesso de R. Clippichia



400



O SACY E A CAVALHADA, quadro a óleo de B. Cippichia



De la Latta aquarelou um sacy no redomoinho bastante suggestivo e decorativo. No sacy satisfeito, moleque covorteiro sentado como o tição da discórdia entre um casal de pretos brigados, a physionomia do diabinho exprime melhor que em todos os trabalhos expostos o seu ar brejeiro de demonio familiar. São estes os trabalhos dignos de nota. Os demais revelam apenas boa vontade. Na esculptura o Sr. M. Vellez traz um gesso bem estudado e interessante, mas academico em excessão.

E' um fauno grego com cabeça de menino africano e não um diabo. O outro gesso lucide no mesmo juizo. E' só. Minto. Ha ainda o barro do Poá do sr. Oliveira Filho, que não é esculptor, mas compendiou em argila todos os caracteristicos da sua concepção sacyessa. Tem um merito: foi o primeiro sacy modelado no paiz que o almirante Alvares descobriu por accaso em 1500 e que os allados redescobriram agora por negocio. — M. L.

NOTAS DE SCIENCIA

AS DOENÇAS DO CORAÇÃO

Uma das mais importantes revistas italianas, a *Nuova Antologia*, traz um estudo interessante sobre o decrescimo da tuberculose e o incremento que vão tendo as doencas do coração. A tuberculose pulmonar, diz o autor do artigo, sr. Giovanni Galli, está em evidente diminuição, pois morre-se hoje menos do que antigamente, por essa molestia. Em 1905, por exemplo, morreram na Italia, de tuberculose, 40,340 individuos. Já em 1914 essa mortalidade descia a 37,624. A mesma diminuição mais ou menos se tem constatado com referencia ás outras formas de tuberculose humana. Entretanto, as estatísticas revelam o contrario, com referencia ás molestias do coração, ou, em termos mais

geraes, do apparelho da circulação sanguinea. Em 1905 morreram de molestias do coração, na Italia, ... 59,266 pessoas. Já em 1914 morreram 64,850. A mesma coisa se nota com relação á apoplexia e á congestão cerebral. Quanto á arterio-sclerose, morreram em 1905 na Italia 9,765 pessoas, ao passo que em 1914 o numero de mortos subia a 11,541. Assim, pode-se dizer que enquanto ha diminuição da mortalidade por tuberculose pulmonar, ha tambem um augmento bem notavel da mortalidade por doencas da circulação sanguinea. E esse facto se verifica em todo o mundo. A tuberculose pulmonar victima geralmente individuos jovens, que não formaram ainda uma familia e não tomaram compromissos sociaes e familiares. As doencas da circulação, entretanto, atacam em geral as pessoas que se acham entre os 40 e 60 annos, que é o periodo da vida mais importante. A perda de uma pessoa nessa idade, é, pois, uma perda grave para a sociedade e para a familia, perda muito mais grave do que a de um joven.

Comparando o coração a um motor, concluímos que como para este a sua duração e o seu rendimento são maiores quando elle é usado para os fins a que se destina. Assim, com o coração: embora doente, o seu rendimento e a sua longevidade serão maiores se não se reclamar delle mais do que pode dar. Basta ás vezes a mudança do officio ou profissão para que o coração affectado de grave vicio organico ou sob a ameaça de uma cardiopathia, possa durar muito mais tempo. Um dos primeiros conselhos, pois, a dar, é o que se refere á escolha do officio ou da profissão, que hoje se faz sem criterio algum.

Outra coisa que ha a fazer é promover a melhoria hygienica das massas populares. Todas nós temos visto rapazes muito jovens ás vezes bem creanças fumando pelas ruas ou mesmo paes sem consciencia dando alcool e café até ás creancinhas. Ora, sabemos quanto o uso do fumo e do café em tenra idade predispe

a doenças nervosas da circulação sangüinea. E' sabido que os fisiólogos obtêm os mais confortadores resultados therapêuticos nas "formas iniciais" de tuberculose pulmonar. Quando existem cavernas pulmonares, emagrecimento, febres cachecticas, o proprio profano não pensa mais na cura nem a pretende do medico. "E' muito tarde", costumamos dizer. Com relação ás doenças do coração, entretanto, é precisamente o opposto que se dá. Em primeiro lugar, ellas não tem, desde o inicio, manifestações tão alarmantes como as da tuberculose pulmonar. E' muito frequente entretanto que o medico trate de doentes cardiopathicos ou arterio-scleroticos, nas condições de um tuberculoso pulmonar. E' muito frequente entretanto que o medico trate de doentes cardiopathicos ou arterio-scleroticos, nas condições de um tuberculoso pulmonar. Como remediar esse facto? Nós vamos ao dentista todos os annos para um exame geral da bocca, afim de evitar as caries nos dentes, que se podem atalhar vantajosamente no inicio. Pois, ao que se vê, a integridade do coração é considerada praticamente como menos importante do que a dos dentes.

A UTILISAÇÃO DOS OSSOS

Tem-se falado muito da utilização dos ossos dos animaes. Os cadáveres de animaes contém, effectivamente, muitas materias uteis. Ha muito tempo se sabe, por exemplo, que a osseina, materia fundamental dos ossos, das cartilagens e dos tendões, se transforma em gelatina, por meio da ebulição. Poder-se-ia talvez obter uma substancia mais ou menos semelhante, tratando por meio do calor os pelos, as unhas, os chifres, etc.: a ceratina de que são compostos se transforma em propeptona, de que se poderia talvez tirar partido na alimentação, servindo a constituir albumina elemental. Com iguaes quantidades de azoto, as propeptonas podem substituir completamente a albumina na alimentação. Assim se acreditava tambem

com referencia á gelatina. Papin foi o primeiro que em 1681 preparou a gelatina. Pelos fins do XVIII e principio do XIX seculos, a gelatina era considerada como alimentar. Mas não foi empregada como alimento, por causa das experiencias de Majandi e Donné, que lhe pareciam desfavoraveis. Em 1870 Frémy declarou que se devia empregar a osseina, sendo do seu parecer varios scientistas. As experiencias realizadas nessa época mostraram que a gelatina extrahida da osseina satisfaz ás necessidades alimentares. Então utilisaram-na, mas depois da guerra foi abandonada. Em 1912 Maurie retomou o estudo da questão, e em 1914 propoz que se adoptasse a osseina cozida e reduzida a pó como tapioca grossa. Ella pode ser ingerida directamente numa sopa, em dose de 50 a 75 grammas por dia, quantidade em que presentaria em azoto 200 ou 300 grammas de carne fresca. E o pó dos ossos forneceria além disso aos tecidos uma boa quantidade de substancias mineiras. A proposta de Maurie applica-se á osseina obtida com ossos frescos. Nos ossos que acompanham os residuos da carne e dos ossos secos se extrahiria uma osseina util sómente na alimentação animal. Mas, só a osseina não bastaria: o homem precisaria ainda de um pouco de albumina de carne, visto como a osseina serve sobretudo a economisar albumina dos tecidos e as materias ternarias.

Dos cadáveres dos animaes, não se pôde extrahir uma gelatina para a alimentação humana. Mas os cavallos e os bois mortos por doença ou por feridas podem ser utilizados: pode-se tirar delles gordura industrial e gelatina, diversas substancias industriaes (glycerina para explosivos), ou que podosseem servir de alimento aos animaes. Esta industria existia já na Alemanha, antes da guerra. Não ha razão para que não exista tambem nos outros paises, em tempo de paz como em tempo de guerra. E' um aproveitamento muito natural que a sciencia aconselha e deve ser empregado pelos homens.

A HORA DO HEROISMO

Que é o heroísmo? Após tres annos de uma guerra como o Mundo nunca viu igual, parece que já se devia saber o que é o heroísmo. Centenas de milhares de homens já conhecem a longa espera mettidos na lama das trincheiras, a embriaguez dos assaltos, o impeto sublime no meio da metralha, o louco desespero de gloria. A guerra tem-nos dado exemplos de numerosíssimos soldados, humildes operarios ou intellectuaes superiores, realisando gestos de uma prestigiosa grandeza e extremamente simples. Mas qual é a força mysteriosa creadora de coragem, que eleva as almas até o sacrificio? Os poetas supõem tel-a comprehendido; philosophos a discutem; e sabios a analysam com prudencia e methodo. E' sempre o eterno "porque" e o "como" das coisas que obscura o espirito humano.

Ora, dois medicos, os Drs. L. Huot e P. Voivenel tratam do heroísmo num estudo publicado no "*Mercur de France*", sob o titulo "Diagrama psychologica da batalha". Os autores procedem com uma severidade rigorosamente scientifica ao exame do que constitue aos nossos olhos a manifestação do sentimento do sublime; sondam a alma como se sonda uma ferida; e lendo o seu trabalho, baseada em formulas precisas, uma tristeza nos invade, por não ver mais do que isso no fundo do melhor de nós. Desprezando as perturbações resultantes das pequenas emoções, os Drs. Huot e Voivenel tratam dos effeitos de uma emoção violenta sobre o psychismo do soldado normal, e relacionam tudo com o systema nervoso "acumulador de energia". Imediatamente antes do assalto a energia potencial neuro-cerebral se põe em tensão e a pressão energetica augmenta. Durante o combate, despende-se toda essa energia potencial, e produz-se então o que Dupuytren chamava uma "hemorragia da sensibilidade"; e depois do combate constata-se a depressão nervosa.

São estas as tres phases do heroísmo. Antes do assalto, o estado emo-

cional vai até á angustia e á ansiedade, que se traduzem sempre por um silencio tragico, pelo automatismo muscular geral ou parcial, e pela intensidade das representações mentaes. Os centros cerebraes trabalham enormemente, sob a mascara da face, produzindo uma tensão de espirito extrema, que augmenta ao infinito a acção de menor facto. E' a hora do heroísmo — ou a hora do medo. E' preciso que neste momento o dispendio nervoso se complete, se se quer evitar os effeitos da angustia e ansiedade. O organismo não se pôde libertar senão pelo combate do potencial nervoso que o opprimia, e a sensibilidade accumulada não se exerce senão pela acção. Produz-se então uma curiosa dissociação da personalidade, que permite ao soldado agir e vê-se agir ao mesmo tempo, acima de todo este automatismo polygonal, dizem os Drs. Huot e Voivenel. O Eu consciente julga, interessa-se, dá-se a si mesmo motivos de acção. E' uma flamma de magnésium que aclara todas as eynesthasias. E' um facto desse entusiasmo de que se tem dito que tem levantado o mundo... E' então a embriaguez, o "riso rubro", e nas conquistas de assalto de cidades e aldeias defendidas com vigor, a continuação automatica do gesto de morte e todas as consequências immediatas da crise nervosa! Depois vem a depressão. Uma tropa maravilhosa ao meio dia, talvez medicada á tarde: cederá tanto mais facilmente quanto ella tenha sido mais tenaz, porque a moleza será quebrada, por ter sido muito distendida... "O heroe cae em cinzas e não será mais do que um pobre homem, camponez, operario ou burgoez, simples como eram os nossos antepassados." Tudo isto pode ser muito scientifico, mas não nos explica sufficientemente a hora gloriosa do heroísmo. Ha mais alguma coisa na coragem, alguma coisa mais pura e mais nobre, attestando o valor da alma humana. Podem os nervos produzir a gloria ou a covardia, mas afinal de contas são os poetas que têm razão, porque só a alma crea a belleza...

M. P.

TH. RIBOT

O illustre professor da Sorbonne, dr. George Dumas, fez ha pouco no Rio de Janeiro uma interessante conferencia sobre o psychologista Theodule Ribot, fallecido recentemente em Franca.

Começou dizendo que para comprehender a revolução feita por Th. Ribot nos estudos psychologicos convinha recordar que ao tempo em que elle começou a pensar e a escrever, isto é, em 1867, os ataques dos positivistas e os ataques de Taine haviam demonstrado a franqueza da psychologia espiritualista da Escola de Cousin. Ribot sentia necessidade de sahir das entidades metaphysicas e das explicações verbaes; com a plena consciencia do fim que queria atingir, concebeu, ha 27 ou 28 annos, o projecto de organizar na Franca uma psychologia scientifica e de transformar, por meio da mesma, o ensino psychologico.

Pelo seu trabalho, seus methodos e sua autoridade pessoal, elle conseguiu fundar essa psychologia e foi-a triumphar, vendo-a aceita por todas. E' essa a principal obra da sua vida.

As influencias que Ribot recebeu e synthetisou são facéis de distinguir na sua obra, porque elle mesmo teve sempre o cuidado de as assignalar.

Assim, em primeiro logar e acima de toda a influencia do philosopho francez, cujo pensamento domina todo o desenvolvimento scientifico e philosophico do nosso tempo: Augusto Comte. Ribot, que o havia lido e meditado, em 1865 a 1870, reproduzia, com algumas variantes, todas as criticas que Comte dirigira contra a psychologia "cousiniana"; insistiu, como elle, embora menos, nas difficuldades da observação interior; criticou depois de Comte essa mesma observação, por não poder apprehender o antecedente physiologico dos factos de consciencia e de não poder assim fazer entrar a psychologia na série das sciencias naturaes; como elle, criticou o character intellectualista e

abstracto de toda a psychologia classica; finalmente, encontrou nelle o plano geral de uma psychologia positiva, na qual a psychologia animal, a psychologia social, a psychologia physiologica e a psychologia pathologica tinham todas o seu logar.

A psychologia Inglesa contemporanea, cujos principaes resultados Ribot expoz em 1870, exerceu igualmente sobre elle grande influencia, pelas suas tendencias empiricas e inductivas. Se Ribot, accusa Stuart Mill de fazer muitas vezes uma psychologia demasiado verbal e Spencer uma psychologia demasiado systematica, mostra-se cheio de sympathia para com a obra de Alexandre Bain do qual elogiou as faculdades de observação, o espirito de classificação, a prudencia na hypothese e o cuidado de procurar a explicação physiologica.

Na escola philosophica allemã de que igualmente expoz os trabalhos, Ribot considerara digno de particular louvor esse mesmo cuidado de explicação physiologica. Considerados em si mesmos fóra das suas condições physiologicas, os factos de consciencia têm um character vago e fugaz que se oppõe ao conhecimento objectivo e preciso.

Congregado todo o estado psychico (idéas, volição, sentimento) num estado nervoso correspondente, saesce do impreciso e do vago, para, como já observara Augusto Comte, se fazer entrar a sciencia do espirito na physiologia cerebral e, por isso mesmo, na série das sciencias naturaes. Enfin ao lado da psychologia physiologica de Wundt, elle colloca a psychologia de Ribot, a psychologia de Fechner e de Weber e a psychologia de laboratorio.

Mas todas essas influencias não obstarão, porém, que Ribot fizesse uma obra pessoal fundando a sua psychologia na observação interna, a psychologia cerebral principalmente sobre a pathologia nervosa e mental: "O methodo pathologico — escreveu elle — encerra ao mesmo tempo a observação para e a experimentação da categoria mais sub-

til, instituída pela própria natureza em determinadas circunstâncias e por processos de que a arte humana não dispõe. Ella attinge o inacessível. Ao demais, se a enfermidade não se encarregasse de desorganisar, para nós, o mecanismo do espirito, quem ousaria fazer experiencia que a mais rudimentar moral reprova!"

Os primeiros livros de Ribot, que foram inspirados por esse methodo ("Les maladies de la mémoire, Les maladies de la volonté") são hoje classicos e acham-se traduzidos em todas as linguas; foram e são ainda o breviario dos psychologos e dos medicos; trouxeram novos pontos de vistas á pedagogia e á medicina, á philosophia e até á literatura. Marca uma época não sómente na historia da psychologia, mas tambem na historia da philosophia geral. Além disso, como frequentemente se tem notado, essas obras prestam aos medicos e aos psychologos o precioso servico de os unir, dar-lhes modelos de trabalho, methodo e lingua commun. Fundaram definitivamente a união da psychologia e da medicina.

Entretanto, seria amesquinhar a obra de Ribot reduzi-la á applicação do methodo precedente. Esse methodo estabeleceu para as moléstias da memoria a famosa lei chamada "de regressão", segundo a qual as lembranças desaparecem ordinariamente na ordem inversa da sua aquisição, pois que as mais recentemente adquiridas são as mais frágeis e as mais antigas, as mais resistentes. Pouco a pouco foi Ribot estendendo essa lei "de regressão" a toda a vida do espirito e serviu-se della para fixar a ordem da formação das tendencias, instinctos, sentimentos, etc.

Assim, na sua psychologia, antes de mais nada puramente mecanica e statica, o ponto de vista evolutivo e dynamico passou a occupar um lugar cada vez maior. E, por essa fórma, chegou a fazer psychologia infantil, psychologia animal e psychologia social; e eis porque os livros escriptos no ultimo quartel da

sua vida apresentam uma feição mais complexa que as do primeiro periodo, taes como "Les maladies de la mémoire" e "La psychologie de l'attention".

Certo dia em que o professor Dumas, visitou Ribot em companhia de Medeiros e Albuquerque, Theodoro Ribot perguntou ao nosso compatriota qual era, dos seus livros, o que elle preferia? E a resposta foi: "A vossa "Psychologie des Sentiments". Ribot não compartilhou dessa opinião. Elle preferia a todos os seus livros "Les maladies de la mémoire", no qual affirmára o seu methodo e lançara os primeiros fundamentos da sua reputação; mas a maioria dos leitores e dos discipulos são da opinião de Medeiros e Albuquerque: "La psychologie des sentiments" é uma obra prima; Ribot nesse trabalho applica, de maneira a mais perfeita, o methodo physiologico, o methodo pathologico e o methodo dynamico. E, se elle passou rapidamente nesse livro sobre as desorganizações pathologicas da vida affectiva, é porque o assumpto, apesar de todo o seu interesse, era ainda, a esse tempo, pouco conhecido.

Se quizessem classificar a psychologia e a philosophia de Th. Ribot, seria na escola ideologica e, ao mesmo tempo, na escola positivista. Ribot fez, com a sua propria originalidade e graças a modernos processos de investigação, essa psychologia objectiva e biologica que Desjardins de Tracy e Cabanis, tinham previsto e da qual Augusto Comte, traçará mais tarde as principaes linhas.

Elle foi o herdeiro e representante dessas grandes escolas. Nessa qualidade e a despeito das influencias recebidas, a sua psychologia é uma psychologia accentuadamente franceza.

Ribot morreu a 9 de Dezembro de 1916, victima de uma hemorragia cerebral. Sobre a mesa de trabalho, junto á qual o seu mestre nunca mais se sentaria, o professor Dumas pôde ler algumas tiras de

um artigo inacabado contra "La conception finale de l'histoire".

Essas paginas, ultimas que Ribot escreveu são as mudas testemunhas de que elle guardou até ao seu ultimo dia toda a sua juventude e todo o seu vigor intellectual.

BRASIL ESCREVE-SE COM S

A convite do sr. director da Instrução Publica, dr. Oscar Thompson, e do respectivo corpo docente, o sr. Assis Brasil visitou em Setembro passado a nossa Escola Normal. Depois de haver percorrido varias aulas e dependencias, foi introduzido em um salão onde muitas alumnas e alumnos cantaram hymnos e recitaram poesias. Por fim, o director da Escola, sr. Gomes Cardim, pronunciou breve discurso de saudação ao illustre visitante.

Respondendo á saudação, o sr. Assis Brasil depois de se congratular com o director da Instrução Publica, director da Escola e professores presentes pelo alto gráo de excellencia attingido por esta instituição, pronunciou as seguintes palavras, cuja publicação somente agora póde ser feita, por ter sido necessario esperar pela revisão que o orador se incumbiu de fazer, das notas então tomadas.

Nesta casa trabalha-se; ensina-se e, sobretudo, aprende-se: aos que leem a boa sorte de ser nella recebidos não é licito alterar o regimen. Os que aqui veem, se não poderem contribuir para ensinar alguma coisa, devem esforçar-se por aprender, ou, pelo menos *estudar*. Não tenho competencia para ensinar; do pouco que vi já aprendi muito; mas desejo que a minha passagem por este templo do estado se assignale por uma contribuição que possa permanecer mais duradoura que o echo de simples palavras laudatorias: ancimos já se vos tornaram banaes, porque são de todos os dias. Quero contribuir com um estudo positivo, que submetto ao vosso juizo auto-

rizado e que desejo conserveis menos pelo seu valor intrinseco do que pelo que encerra de carinhoso sentimento.

Ao tomar nas mãos este programma dos exercicios que organisastes em minha honra, impressionou-me ver a palavra Brasil sempre escripta com *s*, e não com *z*. Impressionou-me bem, devo acrescentar; porque sou tambem da opinião de que essa é a orthographia da palavra que se transforma no sagrado symbolo verbal da nossa Patria.

Infelizmente essa opinião, bem que muito generalizada nestes tempos, não é unanime. E' facto talvez unico na historia, é com certeza unico nos tempos modernos — o dos cidadãos de uma mesma nação discordarem sobre a orthographia do nome do proprio paiz. E' unico, mas é bem expressivo: no Brasil tudo está por fazer, desde a orthographia do proprio Brasil.

Ora, não conheço obra mais meritória e mais em harmonia com a indole desse sacerdocio da civilização, que é o professorado, do que a de promover o accordo nacional. E a importancia do caso é multiplica quando se trata de professores de professores, como são os das Escolas Normaes. Deixo, pois, aqui os meus votos para que a lição contida neste papel, neste despretencioso programma — tudo nesta casa é ensino e exemplo — se dilate, se difunda por toda a enorme area alcançada pela luz que deste nobre foco se irradia: que os discipulos desta grande escola, professores de amanhã, levem daqui a convicção de que Brasil se escreve com *s* e não com *z*; que levem o habito consciente de o escrever assim e que o façam escrever assim pelos incontaveis discipulos cujos cerebros serão chamados a afelgoar para o serviço e a gloria da Patria.

Vós e elles, como mestres que sois e que serão elles, sabereis dar as razões da vossa preferencia. Eu vos exporei, entretanto, brevemente, as minhas, e serei feliz se dellas poderdes recolher algum apoio para as vossas.

BRASIL sempre se escrevem com *s*, desde que tal denominação foi applicada á conquista portugueza na America do Sul até aos dias contemporâneos. Se ha alguma excepção, é tão insignificante que não conta, como não conta o infinitamente pequeno.

João de Barros, um dos mais acoitados sacerdotes magros da lingua, e auctor das *Decadas*, parece ter sido o primeiro que, em livro destinado a ficar, escreveu a palavra Brasil. Aqui tenho um excerpto da folha 55, V., do Capitulo 2.º do livro da *Primeira Decada*, edição original, Lisboa, 1552. Eis a primeira referência: "...a grande terra a que communmente chamamos *Brasil*..."

A' folha 56, recto, está toda esta tirada: "Porém, como o demonio, por o signal da cruz, perdeu o dominio que tinha sobre nós, mediante a paixão de Christo Jesú consumada nella: tanto que daquella terra começou de vir o páu vermelho chamado *brasil* (com *s*), trabalho que este nome ficasse na bocca do povo e que se perdesse o de Santa Cruz. Como que importava mais o nome de *há páu* que tinge panos: que daquelle páu que deu tintura a todos os sacramentos porque somos salvos, per o sangue de Christo Jesú, que nelle foy derramado. El, pois que em outra coisa nesta parte me não posso vingar do demonio, amoeste da parte da Cruz de Christo Jesú a todos os que este lugar leveo, que deou a esta terra o nome que com tanta solêndade lhe foy posto, sob pena da mesma Cruz que vos há de ser mostrada no dia final os accusar de mais devotos do páu *brasil* (com *s*) que d'ella."

O demonio não somente não fez caso da objuratoria do velho clássico, mas divertiu-se ainda em deformar a graphia natural da palavra *Brasil*, inspirando a alguns pósteros o erro peccaminoso da troca do suave *s* pelo áspero *r*. Daqui a pouco vos direi quaes foram esses instrumentos de Satanaz.

Logo depois de João de Barros vem Fernão Lopes de Castanheda, com a sua classica HISTORIA DO

DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DA INDIA PELOS PORTUGUEZES, edição gothica, de Coimbra, 1554. No livro 1.º dos 10 da *Historia*, pag. LXIIIj (64), lê-se: "... (Cabral) lhe poz o nome de Terra de Santa Cruz; e depois se perdeu este nome e ficou o de *Brasil*, por amor do páu-brasil."

A edição original dos *Lusiadas*, aquella em que o modo de escrever do grande épico apparece com as maiores garantias da authenticidade, é a de 1572. Nella, á pagina 171, está a unica occorrenceia da palavra *Brasil* em toda a opoepia:

"Das mãos do teu Estavam vem tomar
As redes hums, que já fora illustrado
No *Brasil*, com vencer e castigar
O pirata francez ao mar usado."

Na ordem chronologica, a primeira historia do *Brasil* é a de Gândavo, edição de 1576, obra tambem apreciavel como documento da evolução da lingua portugueza. O titulo é: HISTORIA DA PROVINCIA DE SANTA CRUZ, MAIS GERALMENTE CHAMADA BRASIL (com *s*).

Para terminar com os antigos patriarchas, contemporâneos do berço da nossa Patria, invocarei o apostolo do *Brasil*, o mais famoso dos missionarios, batalhador da fé e letrado a um tempo, o padre José de Anchieta. A sua grammatica da lingua geral, tupi, ou abanicoenga, é um monumento fundamental da nossa historia e civilização. A edição primitiva, de Antonio de Mariz, é de Coimbra, 1595. Eis o titulo: ARTE DA GRAMMATICA DA LINGUA MAIS USADA NA COSTA DO BRASIL, FEYTA PELO PADRE JOSEPH DE ANCHIETA DA COMPANHIA DE JESU'. Contem no todo 62 vezes a palavra *Brasil*, sempre com *s*.

Para não dizer que não houve uma excepção á regra, cita-se a obra mais obscura, de pouco valor litterario e informativo, de Pedro de Mariz, provavelmente irmão, sócio, em todo caso da familia do editor de Anchieta, intitulada DIALOGOS DE VARIA HISTORIA, appareci-

da egualmente em Coimbra, em 1594, um anno antes da publicação da *Grammatica*, e na qual Brasil está escripto com *z*. Prova, porém, de que a mudança não pegou, ou foi puramente accidental — talvez méro lapso typographico — é o proprio livro de Anchieta, impresso logo a seguir sob os cuidados do mesmo editor, ou da mesma casa.

Comprehende-se que, depois de taes principios, a regra devia ter sido escrever Brasil com *s*. Assim foi realmente. Todas as linguas estrangeiras adoptavam essa graphia, inclusive a latina, já chamada *lingua morta*, mas, então, no seu maior florescimento como lingua sábia, preferida para os tratados fundamentaes, para os grandes registos historicos e scientificos e para as inscripções destinadas a perpetuar na pedra ou no metal os acontecimentos culminantes. Só houve duas excepções — a do inglez e a do hollandez.

O inglez adoptou o *z* para a graphia de Brasil por uma necessidade da sua pronunção peculiar. Todos os iniciados nas subtilidades da pronunção ingleza, algumas realmente finas bastante para se tornarem insensíveis ao ouvido profano e impossiveis de ser reproduzidas por quem não mamou essa lingua com o primeiro leite, — sabem que nella o *s*, mesmo entre duas vogaes, não tem som egual ao do *z*, como no portuguez e outros idiomas. Posto entre duas vogaes, o *s* sã muito aproximadamente como um *z*; mas não é completo; é mais macio, guarda alguma cousa de si proprio. Escrevendo Brasil com *s*, o inglez não lhe daria, ao lêr a palavra, a pronunção exacta do portuguez, como escrevendo-a com *z*. O inverso aconteceria com o Italiano, que dá ao *z* o valor do nosso *ts*, nem com o hespanhol, que lhe dá o valor de *th* inglez.

Não tenho do hollandez o conhecimento que possuo do inglez; mas, se o caso não foi análogo em relação a essa lingua, pôde ter havido um simples facto de imitação, de adopção pelos Hollandezes da fór-

ma usada pelos Inglezes, seus proximos vizinhos, com quem entraram em tão estreito contacto a proposito do Brasil, já como rivaes, já como socios.

Ora, é sabido que os Hollandezes invadiram o Brasil, onde ficaram encravados por mais de meio seculo, assim como os Inglezes, em varias emergencias, especialmente por occasião do terror causado pelo vendaval napoleonico, invadiram Portugal, onde tambem ficaram por muito tempo, e d'aonde mesmo ha quem diga que ainda não se retiraram...

Contrariando o paradoxo historico, segundo o qual os povos invasores geralmente adoptam a lingua e os costumes dos povos invadidos, os Portuguezes de Portugal e os não Portuguezes do Brasil, em mais de uma circumstancia, têm procedido de modo inverso. E' uma ductilidade do caracter que pôde encerrar virtudes, mas com o qual, francamente, não sympathizo. Estes factos historicos e esta qualidade psychologica nacional são, para mim, grandemente responsaveis por esta outra invasão — a do *z*, na palavra Brasil, que se tornou muito generalizada, especialmente em Portugal, pelos fins do seculo 18 e até ao ultimo quartel do seculo 19. Foi só modernamente que o *s* reagiu, amparado por elementos efficazes, especialmente pelos jornalistas e por alguns sabios da Academia das Sciencias de Lisboa, entre os quaes se destaca o erudito lexicographo Sr. Candido de Figueiredo.

Neste particular, eu mesmo reclamo uma pequena comparticipação: Logo á minha chegada a Lisboa, em 1895, com a grata missão de restar as relações diplomaticas, rôtas entre os governos do Brasil e de Portugal por um incidente da nossa última recente guerra civil, tive a honra e a surpresa de ser acolhido como socio da Academia. Guardo com saudoso carinho a lembrança das muitas horas agradaveis e proveitosas que passei no seio d'aquella verdadeiramente illustre Companhia. Sempre amigo de trabalhar e de

aprender, em varias occasões tomá parte em debates e conversações, em que as questões de orthographia não eram as menos consideradas. Cheguei mesmo a offerecer uma moção, que foi unanimemente approvada, para uma aproximação entre as Academias do Brasil e de Portugal com o fim de se estabelecer um accordo orthographico. Retirando-me para outra missão diplomatica, deixei a sorte do meu projecto confiada ao meu grande mestre e amigo Sr. Theophilo Braga, a quem as preoccupações, e logo as occupações, politicas não permittiram dar-lhe o conveniente andamento. Nas confabulações intimas que por diversas vezes mantive sobre estas questões, não raro insisti sobre a especie de depressão moral que me causava ver o nome do meu paiz, que é o meu proprio nome, ser ainda objecto de dissidencia quanto ao modo de ser escripto, e, naturalmente, quebrei lanças pelo meu x. De alguns escriptores, sobretudo jornalistas, passo mesmo assegurar que consegui o repúdio definitivo do z. Reconheço que a minha influencia tinha de ser minima; mas é de cousas minimas que se fazem as cousas grandes.

Entre nós, Brasileiros do Brasil, creio não estar errado pensando que a grande maioria emprega o z ou o x inconsistente e indifferentemente, e, desse grande numero de inconsistentes, a maior parte vai com o z. A razão é que o z predomina no commercio, onde predomina a tradição portugueza, na qual predomina a influencia ingleza.

Já nas letras se dá evidentemente o contrario. Os nossos principaes jornaes, em unanimidade, ou quasi, adoptaram o s; com s escreveu Rio Branco, que logrou ser considerado o primeiro dos Brasileiros do seu tempo, uma especie de palladio da existencia nacional; com s escreveu elle milhares de vezes a palavra Brasil nos seus abçoados e fecundos estudos e nos luminosos arrazoados que conseguiram a integridade e até a expansão do nosso territorio; com s escreve ainda Capistrano de Abreu, • Brasileiro que mais sabe; com s

escreve Roy Barboza, o Brasileiro mais eloquente, sem rival no presente e sem superior no passado quanto á arte da expressão em lingua portugueza.

O partido do z tem o seu mais efficaz apoio no grande prestigio do principe dos nossos historiadores — Varnhagen. Foi, para este caso, uma infeliz circumstancia que Varnhagen bem que accidentalmente nascido em Sorocaba, neste Estado de São Paulo, se educasse em meio anglo-portuguez. Por algum tempo, parece que elle proprio se considerou portuguez, tendo mesmo servido no exercito portuguez. Quando, na primeira metade do seculo passado, reclamou a sua qualidade de Brasileiro, houve relutancia em ser aceito, relutancia que não vingou por se haver declarado por elle a influencia palatina, pela symphthia que ao Imperador inspiraram os seus nactentes estudos sobre historia do Brasil.

E' muito natural que Varnhagen empregasse o z desde a primeira vez em que escreveu a palavra Brasil, nos bancos da escola primaria; assim faziam todos os Portuguezes contemporaneos, grandes e pequenos. Empregou naturalmente essa mesma graphia nos primeiros escriptos que deu a lume. Possuo um exemplar de um dos seus primitivos ensaios sobre historia do Brasil, — o folheto intitulado *As Primeiras Negociações Diplomaticas Respectivas ao Brasil*, impresso por deliberação e á custa do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, segundo a acta da sessão do mesmo Instituto, em 15 de dezembro de 1842. Nesse folheto, desde o titulo, Brasil comparece sempre com z. E' curioso, entretanto, que no appendice d'esse mesmo trabalho transcreva Varnhagen uma carta do celebre doutor Diogo de Gouvêa, erudito Portuguez, professor no collegio de Santa Barbara, em Paris, na qual a palavra Brasil, quer significando o pau tintorial, quer designando o paiz, é escripta com s. A carta é de 1.º de março de 1532, e Varnhagen indica o sitio do Real Archivo, mas-

zo e numero em que ella se acha. E', como se vê, um documento muito anterior aos proprios que já referi.

Aos estudiosos, que se interessam pela psychologia dos nossos grandes homens representativos, não é extranho que Varnhagen não escappava á tara que tão frequentemente acompanha o merito intellectual — era orgulhoso, vaidoso, pretencioso mesmo. Se acharem feios esses epithetos, aliás usados no melhor dos sentidos e com o carinho com que todos nós podemos reconhecer defeitos nas pessoas da nossa maior affeição, direi simplesmente que Varnhagen era — teimoso. Entrou insensivelmente, mechanicamente, pelo *x*; quando alguém objectou contra essa graphia, o seu movimento mais natural foi o de recalceitrar. Na primeira edição da *Historia Geral*, a par de uma tirada em louco da correção da sua linguagem portugueza, que aliás concede que possa não ser modelo de bom gosto, produz ligeira defeza do *x* em Brasil.

O unico fundamento d'essa defeza é a etymologia, combinada com a historia. Pretende Varnhagen que Brasil vem de *Verziao*, uma substancia tintorial vermelha que a Europa importava do Oriente, passando por Veneza, e muito generalizada na Italia e nos paizes de raça, lingua e civilisação latinas, como nos do Norte. Fere logo a attenção que, apesar de tal circumstancia, a propria Italia e todos os povos de lingua latina escrevessem, desde o principio até hoje, Brasil com *s*, e não com *x*.

Esta etymologia, como tantas outras, presta-se a largas discussões. Direi somente, em supplemento á observação precedente, que parece mais natural e razoavel, e é mais geralmente acccito — que Brasil provenha de *brasa*, e não de *Verziao*. Brasa é expressão encontrada nas linguas do Sul e do Norte da Europa, até no antigo allemão, no flamengo e no escandinavo, com a mesma significação de *carvão ardente* que tem no portuguez antigo e moderno. Tal páu, ou a tinta d'elle extrahida, apresentava cor verme-

lha como fogo, como brasa; foi chamado *brasil*. E' a opinião de Littré, que observa judiciosamente ser incorrecção dizer-se — *pau do Brasil*, em vez de *páu-brasil*, *bols do Brasil*, em vez de simplesmente *brasil*, porque é certo que o páu foi que deu o nome ao paiz, e não o paiz ao páu.

Quanto ao *Verziao* de Varnhagen, Littré chama-o *berzi*, citando a descripção feita por Marco Polo d'essa substancia originaria de Ceylão. Mas o mesmo Marco Polo, ainda citado por Littré, emprega logo a seguir esta outra forma — *brasia*. Compreende-se: escrevendo *berzi*, o *s* não podia ser usado, porque mudaria a pronuncia; não assim na forma *brásis*, ou *brésil*, ou *brasil*, em que o *s* se encontra entre duas vogaes.

A verdade é que os documentos mais remotos e mais fundamentaes, bem que claudicando algumas vezes para o *x*, pendem — pode dizer-se decisivamente — para o *s*. No nosso tempo esta ultima é a versão triumphante; é a linha da menor resistencia para chegarmos ao desejado accordo sobre essa cousa aparentemente tão insignificante, mas realmente tão significativa, como seja o modo de representar por letras o nome querido da Patria.

A IDÉA DE JUSTIÇA

Eis, senhores, um assumpto, que, conforme o aspecto sob o qual fôr contemplado, e as disposições de animo de quem o perquirir, pôde despertar os mais divergentes sentimentos, e levar-nos ás conclusões mais profundamente oppostas. Aos homens que, com o espirito sempre voltado para preoccupações de outra ordem, e sempre extranhos á justiça, desta sómente ouvem contar o mal que algumas vezes ella nos faz, nada mais antipathico do que a idéa de justiça. A esses unicamente occorrem certas regras do sentido ambiguo, ou obscuro, adaptaveis á satisfacção de todas as pretensões e interesses, e algumas outras, claras e

precisas, mas torturadas pela cavilosa hermenêutica de certos advogados e juizes, regras sophismadas e fraudadas por mil expedientes na applicação, depois de enfalchamento expostas em fastidiosas dissertações estafantes. Vên-íbes ainda á mente complicados e abstrusos préceitos, que, segundo se recordam vagamente de ter ouvido, foram o objecto de extensas paraphrasas, mais ou menos engenhosas, ou de enumerações e distincções, mais ou menos subty, compostas num latim, que nada tem do vigor do que se escrevia no tempo dos Scipíones, nem da elegancia do que se fallava no tempo de Cícero; porque é o insulso latim dos Antonino Gomesius, dos Petrus Barbosa e dos Mendes Castro. Demais, ha tambem para depreciar a justiça as interminaveis delongas forenses, "as dilaciones da lei", que Shakspeare com razão, no monologo do Hamlet, incluiu entre os mais fortes motivos que podem levar um homem ao suicidio.

Como excellenté preparatorio para a formação de um exacto conceito da justiça, de um conceito que bem lhes revele essa necessidade social, inelutavel, e faculte uma comprehensão scientifica do seu fundamento, varreado-lhes do cerebro qualquer confusão da idéa de justiça com as de oppressão, arbitrio, ou avillação, deviam os que nunca tiveram antes ensejo de se occupar desta materia, ler um dos mais empolgantes primores da sciencia e da litteratura contemporaneas, "A vida das abelhas", de Maeterlinck. Que verdades, fecundas em seguros corollarios e nas mais uteis applicações, se encerram nesse livrinho! Que proveitosas lições e que exemplos admiraveis nos offerecem os curiosos hymenopteros! Propellidas pelo instincto, que lhes traduz uma necessidade irrefragavel, a necessidade da vida social, fundam as abelhas a sua cidade, ou, antes, o seu Estado, a colmeia, modelo vivo de disciplina, de ordem, de cohesão. Desde que a vida em commun é uma fatal imposição da natureza, uma condição indispensavel de conservação, de

bem-estar e de desenvolvimento, com a mesma fatalidade se impõe a todos os consociados a limitação das actividades individuaes, que é a condição imprescindivel da sociedade, ou, em substancia, no que esta consiste. Essa restricção quer dizer um incessante sacrificio apparente da actividade e do interesse individuaes á actividade e ao interesse geraes. Sómente apparente é o sacrificio; visto como, fóra do ambiente social, os animaes gregarios nunca attingiram a plenitude de vida que ostentam, e os individuos isolados seriam sempre infelizmente mais lastimaveis do que aquellos que mais o são na existencia collectiva. Para viver e attingir o maximo bem-estar, forçoso é que cada animal gregario renuncie aos seus crimes, actos de independencia e de revolta, fataes á sociedade, e por isso mesmo intoleraes. Vivendo socialmente, legram as abelhas diminuir os esforços de que precisam para subsistir, a inseguridade, a miseria da existencia singular, augmentando o seu bem-estar, as suas probabilidades favoraveis e a autoridade da especie, ao mesmo tempo que augmentam a perfeição architectonica, economica e politica, do cortiço.

A este outro enxame, muito mais vasto e muito mais complexo, que é a sociedade dos homens (tribu, nação, ou povo) não impoz a natureza uma lei fundamental diversa. *Confinar as actividades individuaes*, para que a sociedade e todos os seus membros possam subsistir, gozando da maxima liberdade compativel com o viver collectivo, e vão progredindo em todos os ramos de trabalho intellectual e material, eis uma necessidade capital da sociedade humana, ou, mais precisamente, a modalidade que reveste entre os homens o principio cardinal da restricção das actividades individuaes, como condição indispensavel da vida em commun. E essa necessidade fundamental, dada a conhecer pela mais ligeira observação, e de uma evidencia inquestionavel, que os animaes inferiores realizam pelo instincto, e os homens (dotados, como notou Mae-

terlinek, da faculdade de infringir as leis naturaes), pela intelligencia, pelo sentimento e pela vontade, essa necessidade fundamental é o direito.

... Presuppõe a boa justiça dois requisitos essenciaes: 1.º, a existencia de normas juridicas, que traduzam com exactidão as leis naturaes da sociedade, que provejam com effi-ciencia ás necessidades do todo colectivo e dos seus membros, que assegurem a realização das acções e omissões que se verificou serem condições de vida e desenvolvimento da sociedade e dos individuos; 2.º, a existencia de juizes, que applicuem essas regras com a maxima rectidão.

... Dada a extrema complexidade da vida das sociedades contemporaneas, precisa o legislador ter um vasto preparo scientifico para bem apprehender, além das necessidades geraes e permanentes do Estado, as peculiaridades ao seu momento. Mas, não bastam a intelligencia, a perspicacia e o preparo. E' indispensavel ainda a isenção de animo, a imparcialidade, o sacrificio do interesse individual e do interesse regional ás supremas necessidades da Nação. Intelligencia apta para descobrir as exigencias sociaes e para dispôr as medidas, as combinações legislativas proprias para as satisfazer, e caracter sufficiente para preferir esses alvitres de utilidade geral a quaesquer outros conducentes unicamente a beneficios particulares, são os requisitos actuaes do legislador.

Como assegurar pela sancção do direito a eleição dessa aristocracia intellectual, que queria Renan para a direcção dos negocios publicos, aristocracia que devia antes ser intellectual e moral, da intelligencia e do caracter? Certo que nenhum povo toleraria o governo de um restricto numero de sabios, profundos conhecedores da ethica e da politica, incumbidos de tarefa superior de produzir as opiniões que devessem prevalecer, por todos ventadas, como propoz A. Comte. Educar e instruir o povo, inculcando-lhe bem no espirito a noção do dever (de moral social), de eleger os mais idoneos intellectual e moralmente, é o que

podemos e devemos fazer. E' isso que nos incumbem.

Que valeriam as melhores leis, se no pratical-as fosse licito eliminar-lhes os effectos, se lhes faltasse a recta applicação pelos juizes? Se não desculpamos o engenheiro, o advogado, o medico, o industrial, o artifice, que dolosamente, ou por incapacidade, infringem os preceitos artisticos de sua profissão; se no exercicio de todas as artes technicas sempre foi a humanidade severa para com os que erram, ou delinquem; como justificar de qualquer modo os homens que, tendo a missão de applicar as regras da mais necessaria de todas as artes, o direito, não a cumprem acurada e dignamente?

Ao juiz incumbem applicar as leis imparcial e religiosamente. Mas, que é applicar imparcial e religiosamente as leis? Ah! senhores! Como é miseravel a condição dos que mourejam neste ingrato, neste espinhoso campo do direito! Como é difficil entenderem-se os homens em meio da profusão de conceitos, de opiniões, de doutrinas e de escolas! Depois de assentado por todos, durante um longo periodo historico, que, para bem applicar as leis, precisa o juiz conhecer-lhes com segurança o contendo, reproduzir no seu espirito, tão exacta e nitidamente quanto possivel, o pensamento do legislador, de modo que a vontade do quem elaborou o preceito juridico seja cumprida rigorosamente, em toda a sua pureza; depois de assim pensarem e praticarem os homens por dilatado tempo, entrou-se a preconizar como o melhor dos meios de applicar convenientemente as leis a decisão dos pleitos forenses, não de accordo com aquillo que quiz e ordenou o legislador, com a lideia que serviu de substrucção á lei, e com o mandamento nestá contido, mas attendendo o juiz ás *necessidades da vida pratica, á conveniencia, á oportunidade, ás exigencias da época, ás imposições da vida, ás opiniões e tendencias do grupo social de que foi órgão o legislador, á razão e á consciencia do proprio juiz, á evolução das instituições, ao fim*

prático, á utilidade social que guiou o legislador.

Não pude nunca adherir a essas theorias, que são, aliás, de notáveis mestres de direito, dos Ihering, dos Salicet, dos Kohler, dos Geny, dos Van der Eycken e de alguns outros.

Explica-se perfeitamente que o pretor romano tenha a faculdade de auxiliar, corrigir e supprir o direito civil; ainda se explica facilmente que ao juiz dos povos musulmanos seja permitido conciliar as novas e diversissimas necessidades da vida social com os principios de um direito irrevogavel por sua origem, e que só assim pôde ser alterado. Em nenhum desses paizes existiu nunca um apparelho creado especialmente para reformar e melhorar o direito, com todos os requisitos necessarios para bem auscultar o corpo social, apprehender as necessidades e aspirações de todas as estratificações da sociedade, perceber-lhe as menores trepidações e anhelos, e (o que é decisivo) em nenhum desses paizes fôra consagrado, como uma das supremas garantias da vida, da liberdade e da propriedade dos cidadãos, o principio da separação dos poderes, sem o qual não ha segurança para nenhum dos males necessarios dos nossos direitos. Desde que antes sob a fórma da rigorosa e precisa demonstração de um theorema, e com a linguagem de um geometra, do que com a apparencia da explanação de um raciocinio sociologico, foi ensinada no *Espirito das Leis* a necessidade de separar o poder de julgar do poder de legislar; e desvendado o perigo a que se offerecem os homens, quando o juiz tem a faculdade de, no momento de lhes dirimir as contendas, com o espirito dominado por seus interesses e temores, odios e affeições, crear uma norma para solver a questão; nunca mais se poz em duvida esse canon do direito constitucional. Nem um só dos propugnadores das alludidas innovações repudiou, ou contestou, a verdade juridica traduzida pelo dogma intangivel de Montesquieu.

No paiz que tem a magistratura — com toda a justiça — mais acatada e mais encomiada do mundo, e que é tambem o ultimo dos paizes cultos em que o costume ainda se mantem como um orgão de elaboração do direito, na Inglaterra, é que mais respeitam os juizes, não só os textos legais, mas igualmente os precedentes judiciais, os casos julgados, a jurisprudencia, a *common law*. Muito facil lhes fôra, já que são elles que, em larga escala, fazem a lei, alterar, reformar, melhorar o seu direito. Entretanto, com os receios, com que recursos sinuosos, "*com que ficções e subterfugios*", não têm procedido os juizes ingleses, quando corrigem e melhoram uma regra da sua legislação, protestando sempre um grande respeito ás normas do direito consagrado, no que consiste a primeira das virtudes profissionais do magistrado, segundo Cruet! Sem esse acatamento ao direito existente, o que temos é o arbitrio, o peior dos despotismos, a falta de garantia para todos os direitos, porque nenhum é protegido por uma lei; visto como todas as leis são alteraveis inopinadamente no momento da applicação.

Mas, perguntar-me-heis, a que se reduz a tarefa do juiz no interpretar as leis antes de applical-as? O criterio já está traçado, e com elle dada a resposta, por um dos principios ha pouco formulados. Desde que para a produção de todo o direito concorrem estes dous factores, as necessidades de conservação e de desenvolvimento da sociedade e de seus membros, necessidades complexas, de difficil apprehensão, como em geral os factos sociais e a intelligencia humana com suas deficiencias, com seus preconceitos, com seus interesses individuaes, a perturbarem a nitida percepção, ou a expressão verdadeira e precisa, das necessidades sociais que tambem são necessidades individuaes, mas não comprehendidas tão facilmente, não são intensamente queridas; desde que assim é que se vai construindo o direito, ainda um vasto dominio,

necessario e incontestavel, somos forçados a assignar á actividade do juiz, á sua intelligencia, á sua perspicacia, illustração e integridade de caracter. Se não lhe é dado, por nenhum motivo e em nenhuma circumstancia, desprezar a lei, ou mutilala, ou de qualquer modo desaccental-a na applicação, ao juiz incumbe extrahir dos preceitos legais, e de accordo com a logica do direito, todas as deducções, todos os corollarios, todas as consequencias que encerram virtualmente esses preceitos. Nessas deducções temos as regras latentes do direito, o qual não reside só nas regras expressas, ou o direito real, distincto, mas inseparavel do direito formulado, como bem accentuou Ihering. Clingindo-se a um trabalho, tão util, tão necessario, e tão erigido de difficuldades, quanto não pôde o magistrado enriquecer, dilatar e completar o direito, provendo ás novas necessidades serias, semelhantes ás que solicitaram e preoccuparam o espirito do legislador!

Perdoai-me, senhores, se insisti neste ponto. Apavora-me um pouco a autovisão da anarchia juridica, fatalmente desencadeada, se num vastissimo paiz de muito desigual instrução, fôr divulgada e perfilhada, como uma verdadeira e bella doutrina a opinião, felizmente ainda hoje em reduzida minoria, dos que ao juiz tanto poder outorgam, confundindo-o com o legislador.

Nem nesta época, em que se legisla descomedidamente, e a proposito de tudo, e com tão grande facilidade, fôra toleravel a aggravação do mal com o acrescimo de mais um legislador, e este não previsto pelos que organizarem e limitarem os nossos poderes politicos. A incerteza das decisões, com que nos surprenderiam os juizes — legisladores, equivaleria á absoluta falta de leis. Eis a consequencia final da temeraria innovação.

Devo o juiz applicar os preceitos da lei como estes são, nem com demasiado rigor, ou dureza, nem com excessiva brandura, ou indulgencia. Pior do que o juiz excessivamente

rigido só conheço uma calamidade, que é o juiz extremamente compassivo. Nenhum dos dous applica puramente a lei, e ambos causam um grande mal á sociedade. A extraordinaria severidade faz que dos effeitos da pena se percama dois muito salutaros, que consistem em servir de exemplo, intimidar, funcionar como motivo que afasta os homens da perpetração dos delictos, e em corrigir, quanto possivel, o criminoso. Revoltam-se contra a dureza do castigo os outros membros da collectividade, que têm noticia da condemnação com immercedo rigor, e o sentimento de indignação não se compadece com a calma reflexão proveitosa sobre a pena, comp necessaria consequencia do crime para o criminoso. Insurge-se o proprio culpado contra a injusta severidade, e ainda esse estado de espirito é um obstaculo ao arrependimento, á regeneração, á educação moral do condemnado.

A indulgencia, que sob o manto da equidade, absolve, quando lhe cumpria punir, converte-se logo num estimulo para a reiterada pratica do crime. Desde que se logra o beneficio, a utilidade almejada, com o delicto, sem os inconvenientes, ou os incommodos effeitos legais deste, vale a pena delinquir para quem não disciplinou o seu espirito pelas regras da moral e do direito.

Para bem evidenciar os pessimos resultados da fraqueza ou prevencção dos juizes, que se revela sob a modalidade da excessiva indulgencia, ha um caso famoso, que nunca será por demais lembrado. E' o daquelle jornalista de uma das cidades do sul da Italia, que, um dia, em Londres, tendo visto processar e condemnar em menos de duas horas um operario, que grosseiramente injuriava um seu camarada, escreveu attonito para o seu jornal, pondo em contraste o que acabava de presenciar e o que estava habituado a ver em sua patria, onde o offendido, de accordo com os precedentes de todos os dias, teria por certo preferido responder ao insulto com uma facada; porquanto a jue-

tiça nunca lhe daria a reparação a que elle tinha direito. Conhecemos todos um paiz sob esse aspecto muito parecido com a Italia, um paiz em que para quasi todos os crimes, e especialmente para esse commetido e immediatamente castigado sob os olhos maravilhados do jornalista italiano, é sempre inexcedível a compassividade dos juizes, acarretando o indefectivel resultado das vindictas particulares, da incessante perpetração de novas infrações do direito penal.

Nem se cuida que é só no applicar as leis criminaes que precisa o juiz proceder sem excessivo rigor, e sem desalento, nem tibieza. Que significaria a propriedade, o credito, os direitos e obrigações dos membros da familia, se pela imperdoavel frouxidão dos magistrados fossem pouco a pouco sendo desatados todos os vinculos que prendem os homens, e lhes dominam a vontade, em todas essas relações juridicas? Que confiança teria o commercio, que seguridade a agricultura, que garantia as industrias fabris, e as profissões liberaes, e as artes e sciencias; que progresso fôra possível em todas essas especies de actividade social, se pela timidez e complacencia, e pelo langor moral dos juizes, se relaxasse a disciplina do direito, ao ponto de não haver mais fé na applicação das leis?

Ha um principio juridico, que em todos os tempos e em todos os paizes em que o direito se cultivava, tem sido sempre reputado uma indispensavel garantia, do mais precioso valor, dos direitos civis de nacionaes e estrangeiros; é o principio da retroactividade das leis, em virtude do qual nenhum lei nova pôde offender direitos adquiridos. E' a segurança da propriedade e da familia, do bem-estar e da tranquillidade dos homens. Pois bem: se aos juizes se facultasse dirimir os pleitos forenses, sem o maior acatamento ás normas consagradas do direito, ou por se arrimarem a alguma das theorias a que alludi, ou por excessivo rigor, ou demasiada indulgencia, no applicar as leis; se o imperio

da lei pudesse ser dilatado ou cerceado, pela vontade dos magistrados, como abusivamente se fez algumas vezes, a que ficaria reduzida a preciosissima garantia do respeito aos direitos adquiridos? Autorizada a liberdade de distender, ou contrahir, a lei, no momento de applical-a e inesperadamente, evolvar-se-ia a certeza dos direitos, que é o maximo beneficio da justiça, que é da essencia da justiça.

Se, em geral, e qualquer que seja o regimen politico abraçado por uma nação, ao juiz não se deve exculpar a debilidade no exercicio de funções tão necessarias á vida e á saude do organismo social, ainda mais exigentes e rigorosas para com os magistrados devemos ser nos paizes em que vigora o direito publico federal, como foi ideado e posto em pratica na America do Norte, dando e trasladámos para o Brazil, com interessantes modificações; porque em taes paizes mais vastas e relevantes são as attribuições da judicatura.

E' este, não ha duvida, quando bem executado, o mais garantido dos regimens conhecidos, o que com razão denominam os Norte-Americanos o regimen da lei, e não da vontade dos homens, o regimen em que o proprio legislador não tem o poder de elaborar leis offensivas das garantias constitucionaes dos direitos individuaes e politicos do cidadão. A principio, ao tempo em que a lei era a vontade do monarcha, sentenciava o juiz, e da sua decisão se recorria muitas vezes para o poder absoluto, que assim fazia as leis, revogava e applicava, a seu talante. Depois dividiram e separaram os poderes, e ficou o judiciario independente do legislativo e do executivo, mas sujeito sempre a applicar as leis, quaesquer que ellas fossem, ou quaesquer que fossem os seus defeitos. Finalmente, mais um passo foi dado para garantir os direitos do homem, e assentou-se em algumas nações (tal é hoje o nosso direito) que dos juizes é dever não applicar as leis contrarias aos textos da Constituição. E' uma optima garantia. Sempre se votam as cons-

tuições políticas com certo espirito liberal, como a expressão de um progresso juridico, como o remate ou corramento de uma conquista social, e são por isso elaboradas com o concurso entusiastico da nação. Não assim as leis secundarias, que, revestidas de menor solemnidade, promulgadas em épocas diversas e successivamente, em meio da indiferença ou da despreocupação do povo, e sob a pressão de circumstancias passageiras, mais facilmente podem attentar contra principios de direito, já consagrados pela nação.

Não é de reformas radicacaes, mas unicamente de retoques, que precisa a nossa justiça. Em seus geraes lineamentos, e em sua estrutura legal, é uma das mais adiantadas do mundo. Tal como foi delineada em seu paiz de origem, invejam-na os espiritos mais progressistas das mais cultas nações da Europa. Na França não grande admiração tem suscitado entre os juristas de intelligencia mais aberta ás grandes innovações do direito, que bem visível é o seu influxo na formação da doutrina, especialmente na jurisprudencia dos tribunaes administrativos.

Do que acima de tudo, temos urgentes necessidades, é de melhorar, não as leis, mas os homens; é de um *arsena corda* nacional. Necessitamos daquillo que um illustre parlamentar francez preconizava ha pouco, como verdade a que não pôde ser esquivo quem tenha o sentimento da gravidade deste periodo da vida universal: *a restauração da vontade e a constancia no esforço. As lições do presente devem constituir para todas as nações a occasião de uma reforma e de um renascimento.* Nunca a historia nos havia offerecido uma demonstração, tão convincente, na necessidade iniludível de subordinar os interesses particulares aos interesses collectivos. Enfeixados aos escarmentos do nosso passado e no males do nosso presente, os actuaes ensinamentos dos povos mais civilizados reforçam, dilatam, intensificam e impõem com a maxima imperiosidade os conselhos e os ditames da moral de todos os tem-

pos acerca do trabalho, da disciplina e do cumprimento do dever.

Os primeiros predicados do juiz, as suas virtudes primaciaes, são os primeiros predicados de todos os homens, desde o chefe do Estado até aos cidadãos que formam as mais obscuras classes sociais: a amor ao trabalho e a integridade de caracter, ser laborioso e honrado.

A energia e a perseverança no esforço, intellectual ou physico, em que consista a luta da vida, com o seu ideal mais ou menos difficil e mais ou menos elevado, isto é, o trabalho incessante de todos os dias, é o maior de todos os prazeres do homem de bem. Deve-se repetir com o poeta: "*Je plains l'homme accablé du poids de son loisir!*" Nada mais desprezível do que o ocio.

Para aquelles cuja tarefa quotidiana é administrar a justiça, trabalhar quer dizer devotar-se acima de tudo numa continua e ardente actividade ás aridas pesquisas do direito. Conhecer o direito, tão vasta e profundamente quanto possível, é a primeira obrigação do juiz. Mas, conhecer o direito não significa restringir-se á leitura das regras escriptas, dos preceitos dos codigos e dos seus commentadores. Importa muito que o jurista se alicie até nos principios, nos conceitos fundamentaes, que constituem o substracto das theorias scientificas, ás construcções philosophicas, que nos dão a razão de ser das normas formuladas nos textos legais, fazendo-nos penetrar e comprehender em sua base todo o edificio do direito. Não pôde ser estranhada dedicação á justiça, um intenso e fervoroso culto pelo direito; quem não esteja bem penetrado da sua necessidade, por lhe saber unicamente os preceitos, que nada mais exprimem do que mandamentos fundados nessas verdades superiores, nessas fecundas generalizações, espiritualizadoras e vivificantes, que são os principios philosophicos de todo o direito. Como poderia consciente, logica e utilmente, applicar as normas a respeito da propriedade, ou dos contratos mercantils, e de todo o direito pa-

rimonial, quem se conservasse alheio ás lições da economia politica, concorrentes a todas essas materias, e que a todos servem de base? E como igualmente poderia applicar com toda a utilidade e efflicia as disposições do direito acerca da capacidade das pessoas de certas relações de familia e da responsabilidade penal, quem fosse completamente extranho ás investigações da anthropologia sobre todos esses assumptos?

E' preciso ser operario infatigavel e imperterrito para, no cabo de um longo estadio, poder, o jurista desempenhar as funções de juiz, reduzindo as suas possibilidades de erro a um minimo toleravel. Para assim e tão afieadamente laborar nesta difficulosissima, nesta asperissima serra do direito, não devemos ter os olhos erguidos para as recompensas que, sob as fórmulas legais, podem vir dos outros poderes. Nada mais util do que a justiça dos necessos, das promoções, que nos mais aptos dão os postos mais elevados e espinhosos. Mas, indigno dessa elevação é quem satisfactoriamente cumpre as obrigações do cargo, como deixaria de cumpri-las correctamente, pela esperança de taes retribuições, ou pelas decepções que lhe causa a injustiça dos homens. Com o exercicio de missão tão augusta são incompativeis aspirações e sentimentos tão pequeninos.

Mas, não basta, senhores, cultivar a intelligencia do juiz; indispensavel é cultivar-lhe tambem o sentimento e a vontade. Para applicarmos aos factos, sem desvios, nem dealises, os nossos juizos, as nossas conclusões ácerca das normas do direito, é imprescindivel que não sejamos dominados, por sentimentos inferiores, ou tolhidos pelas deficiencias da vontade. A integridade do caracter, que se fórma com os principios e maximas da honra e da probidade e com uma vontade firme e constante de applical-os em todas as circumstancias da vida, é tão necessaria como um vasto e quanto possível profundo saber juridico. Nenhum dos essenciaes requisitos vale sem o outro. Mas, pela especialida-

de da profissão, releva muito notar, o preparo scientifico e artistico, á condição principal do caracter. Em assumptos tão complexos, tão subtis, tão erivados de sérias difficuldades, como são muitas vezes as pleitos judiciais, não pode haver firmeza na vontade, se não houver nitidez com precisão nas idéas. O juiz de mui parca instrução ha de oscillar frequentemente no embate das pretensões oppostas, engalfinhadamente atiradas na luta pela victoria, e só poderá resistir á pressão do erro e do interesse reprovado quem a um caracter solido alliar uma solida illustração.

E' difficil imaginar, senhores, esse combate ininterrupto e mysterioso da idéa e do sentimento do justiça com os seus invisiveis inimigos, que os assaltam a todo instante, revestindo as apparencias mais innocentes, mais justas, mais santas. E' a anciandade veneranda e querida que nos traz coberta pelo respeito e reverencia que a cercam, a mais injurata e illegal das pretensões; é a viuvez, digna de gentileza e piedade, que, sob o manto que a envolve quer abrigar uma aspiração revoltante; é a orphandade, tão sympathica e merecedora de carinhosa protecção que, explorada pelas alianças forenses, procura extorquir-nos a mais iniqua das sentenças; é a suprema necessidade da salvação do Estado, preconizada pelos seus mais autorizados órgãos, que tenta arrastar-nos a mais encanecada injustiça, pelo mais patente golpe nam texto de lei, transparente, fulgindo, deslumbrante de luz. São esses os peiores inimigos do direito; porque logram ás vezes illudir, ou arrastar, os juizes de curração bom e compassivo, ou de sentimentos patrioticos, ou visceralmente amaveis a julgarem contra o direito excellento, incontestavel. Do conhecido trampolheiro e do audacioso ladrão cadimo é facil defender-se a magistratura mais desatenta e confiante. Mas, dos que pleiteiam contra o direito, algumas vezes de boa fé, envolvidos nas exterioridades mais recommendaveis e

enganosas, embaçados na capa da justiça e ostentando com a maior publicidade os títulos mais especiosos, só podemos preaver-nos com uma agudíssima perspicacia e com a mais forte resistência moral.

Aqui é preciso não esquecer a maior das abjeções a que está exposto o juiz de espirito débil intelectual ou moralmente, que é ser inflexível, ou sómente justo, com os fracos, os ignorantes, os pobres, os humildes de toda especie, e nimiamente brando, ou crimosamente indulgente, com os fortes, com os poderosos, com os ricos, com os que occupam altas posições sociais. Não conhece maior vileza sobre a terra. Nem o facto é desconhecido de uma época em que o extorcinario, o homicida, os criminosos mais repellentes, quando rodeados de certa influencia social, não se contentam com uma decisão absolutoria, ou favoravel; julgam-se com incomeusso direito a pratas de apreço e de admiração da sociedade; querem ser acatados e estimados.

Vede, senhores, quanto discernimento, quanta sagacidade, quanta energia e firmeza de caracter são necessarios ao juiz, para, em meio de todo esse tumultuar de baixos appetites, de infrenes desejos condemnados, de odios e violencias, dirimir as contendas dos homens, applicando as leis em toda a sua pureza aos factos, clara, calma e imparcialmente pesquisados.

Nas aggremações humanas de todos os tempos sempre houve, sempre tem havido o sentimento de que sem a justiça é impossivel a expansão da vida, não podemos progredir, ser felizes. Com varios pensamentos, por fórmulas differentes, sempre manifestaram os homens essa convicção, asentada numa realidade irrecusavel. A despeito da immensa distancia entre a nossa concepção da vida e a das antigas Hellenos, hoje, como então, a justiça reputada uma virtude, em cujo exercicio reside a condição primordial da felicidade dos homens. Apenas variam os modos de exprimir a eterna verdade. Reproduzindo uma das amavelis ficções em que

tanto se comprazia a simplicidade artistica do genio da antiga Hellade, Pindaro, numa das olympicas, nos mostra o destino que tem como premio os homens justos, aquelles que tiveram a forza de vontade necessaria para durante a vida, nunca se afastar das normas do direito. Seguem a estrada de Jupiter até á terra de Saturno, de onde passam para o seu fantastico paraizo: a *Ilha dos Maculados*, acariada eternamente pelas brisas do oceano, e onde eternamente brilham flôres douradas, umas nascidas da terra sobre as arvores e outras miraculosamente brotadas no seio das ondas.

Symboliza a imagem a felicidade dos povos que sabem cultivar a justiça; que, num dos seus aspectos, é, como o definiu a sciencia dos Romanos, inspirada na philosophia dos Gregos, a constante e perpetua vontade de dar a cada um o que lhe pertence. Ainda hoje não é outra coisa a Justiça. Dando-se a cada um o que é seu, tem-se a condição principal da honra, da vida, da prosperidade e do bem-estar das nações e dos individuos. E' só pela justiça que podemos assegurar-nos todas essas bens. (Da conferencia do sr. Pedro Lessa, realisada a 22 de Outubro, no Rio de Janeiro, iniciando a serie de conferencias da Liga da Defesa Nacional).

O CULTO DO PASSADO E O CENTENARIO DA INDEPENDENCIA

Em meio dos esplendores desta rica e prospera capital, em face do extraordinario salto de progresso desta magnifica metropole, que eu conheci ha cincoenta annos, no inaugurar-se o nosso primeiro caminho de ferro, com a população apenas de vinte mil almas, conservando ainda então os mesmos usos e costumes, a mesma feição da era colonial — ha um facto, ou antes, uma falta, que apesar da fama de extremado bairrismo, justa ou injustamente collada ao nome pau-

lista, nem vós nem eu podemos deixar de reconhecer e confessar, uma anomalia que contrista e desola todo coração patriótico: é a fria e desengonçada indiferença do povo de S. Paulo para com as suas "res memorabíles".

Brilhante expoente de cultura intellectual, vestindo as galas e os requintes da civilização contemporânea, centro industrial e mercantil da mais intensa actividade, campo aberto ás exuberancias de variada floração de obras pias e institutos de assistência social, a segunda cidade brasileira e talvez a terceira da America Latina, em summa, grande em tudo, S. Paulo só não tem sido grande no culto da maior de suas grandezas, no culto do seu passado!

Sim, meus senhores, S. Paulo está em atraso incompreensível, em pobreza de fazer vergonha, comparado com qualquer cidade estrangeira de terceira ordem e mesmo com muitas cidades do Brasil, pelo que diz respeito ao que chamarei o culto externo do patriotismo, ás homenagens publicas que todo povo civilizado faz timbre de prestar aos feitos notaveis de sua historia e aos varões illustres de sua ascendência.

O Rio de Janeiro em boa hora perpetuou na memoria inextinguível de suas melhores obras de arte os acontecimentos culminantes da vida do Brasil.

Pedro Alvares Cabral, Estacio de Sá, d. Pedro I, José Bonifacio, d. Pedro II, Mauá, Ottoni, Caxias, Ovario, Barroso, Rio Branco, Deodoro, Floriano, Telzeira de Freitas, Gonçalves Dias, Alencar, João Caetano, Passos... são vultos glorificados em quadros celebres e notaveis monumentos de bronze pelo reconhecimento e pela admiração popular.

Se, por um cataclysmo de nova especie, pudesse emmudecer a tradição, apagar-se a historia patria da lembrança dos tempos, falariaem os heroes encarnados naquella população de estatuas, contando os seus feitos notaveis, a sua obra patriótica, e estaria reconstituída a

historia do Brasil em suas grandes linhas gloriosas.

Como o Rio de Janeiro, a Bahia, o Recife, as capitães do extremo norte e tambem as do extremo sul não têm deixado de cultivar os seus magnos feitos, os seus varões assinalados.

Que penoso contraste entre o que se vê fóra de S. Paulo e a desolada nudez das nossas praças! Como é triste o aspecto que offerece a nossa "urbs" — apesar do torvelinho de sua moderna vida intensa — completamente deserta das grandes figuras que fiseram o brilho de seus velhos tempos heroicos, sem um unico monumento, uma só obra de arte que lembre os factos insignes do nosso antigo passado.

Diz-se-lá que não temos nem uma nem outra coisa, nem figuras que mereçam a homenagem, nem factos dignos de commemoração.

Entretanto, não ha contestar que possamos uma historia esmaltada de lances de verdadeira grandeza épica, a começar pela sua primeira pagina, a fundação de S. Paulo, uma das mais folgoentes do poema missionario que o Christianismo vem escrevendo através dos seculos, em sua eterna campanha avassaladora de almas e de corações.

Voltada a primeira pagina, a seguinte não é menos brilhante. E' que nos fastos do Brasil colonial nemham capítulo fulgura mais intensamente do que a epopéa das intrepidas bandeiras que daqui partiam, rumo ao mysterio, ao interminoso sertão ignoto, a descobrir, conquistar e colonisar a mais vasta e formosa gleba do continente occidental.

Não é um filho da terra quem o diz, é Oliveira Martins, o notavel historiador portuguez, quem affirmar: "De S. Paulo poude sair a raça que fez o Brasil; tivessamos nós tido outro S. Paulo e teriamos criado em Africa outro Brasil".

Depois, quando o povo brasileiro, sacudindo o jugo da metropole, conquistou o lugar que occupa na communição internacional, ainda foi á cidade de S. Paulo que coube

a excelsa distincção de ser o cenário do acontecimento máximo da nossa historia — a proclamação da Independencia — e paulista foi o seu grande Patriarcha!

Constituida a Patria brasileira sabe-se que nenhum departamento do paiz tem tido a fortuna de contribuir para a grandeza do Brasil como a abençoada terra de São Paulo, pois certo é que, se os povos antigamente sobranceavam pelo valor da sua força, da sua riqueza economica, e na communhão federal a capacidade productiva de S. Paulo vale tanto quanto, em conjunto, a dos demais Estados da União. Sim, teve razão Enrico Ferri quando, contemplando maravilhado o verde mar sem fim dos cafezões paulistas, declarou que estava a admirar o phenomeno economico mais notavel do seculo!...

Porque então são desamadas as nossas tradições? Porque então não prezamos como mereço esse velho patrimonio de glorias e de energias, de vitalidade e de força que é a nossa maior riqueza, o mais forte propulsor da evolução para o nosso remantado predestino?

Representando um povo, em qualquer tempo, o producto de seus factores atavicos, a summa das qualidades de sua raça, porque então vivemos em pleno divoreio sentimental com as grandes raizes germinaes do que somos e do que valemos — ethnica, social e economicamente?

Tanto menos se comprehende a estranha anomalia, quanto é certo estar em causa, como já uma vez eu tive ensejo de dizer — notavel medida de justiça social a recomendar-se tambem por alta razão de Estado.

Sabe-se que o Brasil, e especialmente S. Paulo, é terra de immigração. Por mais emprehendedor e energico que seja o espirito de iniciativa paulista, nem tão fecunda teria sido a sua nação, se o braço estrangeiro não tivesse vindo intensificar a efficiencia do trabalho indigena.

Mas se a grande immigração representa para nós uma bem, uma

necessidade, todavia não está isenta dos defeitos de suas proprias virtudes. Se ha conveniencia em absorver-a, não deixa de haver perigo em se deixar absorver por ella.

Affirma notavel sociologo que os povos levam seculos a adquirir uma certa estrutura mental, e a perdem ás vezes depressa, sendo a evolução regressiva sempre mais rapida que a evolução ascendente.

Tanto importa reconhecer que devemos cultivar com carinho os caracteres da nossa raça, se queremos a sua permanencia e estabilidade, se queremos preserval-os de se afogarem e desapparecerem para sempre nos sedimentos alluviaes do immigrantismo.

Ora, um dos processos de cultura do velho genio paulista, um dos meios de defesa do espirito do nosso povo estaria no culto da tradição, do nacionalismo, estaria na perenne homenagem publica ás virtudes da nossa alma ancestral.

O grande centenario aproxima-se, e S. Paulo que foi "magni pars" na proclamação da independencia do Brasil, S. Paulo que tanto vem cooperando para o lustre e relevo do Brasil, S. Paulo que carrega a dupla e indeclinavel responsabilidade criada pelas circunstancias, S. Paulo está na obrigação iniludivel de resgatar por uma vez as suas velhas culpas — glorificando, como a nobreza dos seus sentimentos exige e a solemnidade da occasião impõe, os feitos memoraveis de seus annos e as preclaras virtudes de seus heroes.

Em verdade, é preciso que se saiba, porque não está vulgarizado, que, se a proclamação da Independencia teve lugar em S. Paulo, não foi isso um golpe do acaso, um acontecimento fortuito, foi sim a consequencia de um plano previamente assentado. Esta affirmativa não é minha, o facto consta desta passagem da monumental "Historia do Brasil", de Rocha Pombo: "Era chegado o momento em que o drama devia ter o seu desfecho; e não só José Bonifacio, por um capricho do seu coração, desejava que isso se

dêse na terra do seu nascimento, como ainda entrava nos cálculos da política que vinha seguindo — a conveniência de rematar a obra fóra do Rio, embora fazendo parecer o proprio remate um incidente imprevisto, ou mais, um daquelles protestos com que o príncipe rebatia sempre o despotismo das Côrtes portuguezas”.

Não havendo ainda um plano official regulando as homenagens que devemos prestar ao grito do Ipiranga, e por isso mesmo que os effeitos da crise que o mundo inteiro atravessa estão a aconselhar-nos um programma que, sob o minimo de encargos e despesas, seja em sua execução ao mesmo tempo solenne e digno, — não ha duvida que o melhor que temos a fazer é dar ás festas commemorativas da proclamação da Independencia um caracter accentuadamente historico, fazendo vibrar, em suas grandes cordas sonoras, o nobre sentimento nacionalista.

Nesta ordem de idéas teve já o governo de S. Paulo uma feliz iniciativa promovendo, com o concurso da União e dos Estados, a erecção no Ipiranga de um monumento nacional destinado a perpetuar a gloriosa memoria de 7 de Setembro.

A homenagem vem a tempo e proposito, podendo-se desde já considerar que será o numero fundamental das solennidades do fausto centenário.

Mas seria fazer muito pouco do nosso passado, suppor que elle nasceu do grito do Ipiranga, quando é certo que então já contava tres seculos de idade, e durante o maior trecho desse prazo teve a perlustar a valorosa estirpe dos fundadores do Brasil colonial, nossos bravos conterrâneos dos seculos XVII e XVIII.

E' igualmente certo que a epopéa bandeirante teve a sua fiamma na potencialidade dos elementos ethnicos que collaboraram na fundação e no desenvolvimento inicial de Piratininga.

Pois bem, havemos nós, os paulistas, de solennisar o centenário da

Independencia, havemos de cultuar os seus heroeas — deixando que continuem sepultados em negro e desolado obvido os seus grandes factores atavicos?

Por todas as razões, o primeiro monumento historico a erigir-se nesta cidade deve ser o monumento commemorativo da sua fundação, em honra das principaes figuras representativas do memoravel acontecimento.

E' facto de dominio publico que uma commissão aqui se constituiu para promover esse preito de admiração e reconhecimento a Nobrega, Anchieta e Tibiriçá, e que o monumento a erigir-se, magnifico trabalho modelado em Roma por distincto escultor, e alli fundido em bronze, se acha, já ha alguns annos, em S. Paulo, com suas peças ainda encaxetadas como vieram da Europa, não tendo podido até agora ser assentado no local que de direito lhe cabe, ao centro do velho largo do Collegio, precisamente onde nasceu a cidade, porque, logo depois de iniciada, foi suspensa a demolição do velho palacio do governo, que era projecto reconstruir com a nova frontaria subordinada ao alinhamento da rua do Carmo, havendo assim um recho que teria por effeito dar maior amplitude á antiga praça, pondo-a em condições mais compatíveis com a importancia do acontecimento de que foi berço e da egregia homenagem que se lhe pretende tributar.

E' certo que uma prolongada crise financeira, a que succederam as graves anormalidades produzidas pela magna guerra, não tem permitido o proseguimento da obra. Logo, porém, que desponte a branca alvorada da paz — da paz christã por que todos nós anseamos, da paz sellando para sempre as santas reivindicações do direito, da justiça e da liberdade dos povos — evidentemente não havemos de continuar de braços cruzados, vendo, inertes e impassíveis, aproximar-se a data memoravel do grande centenário historico.

Não é, pois, fóra de propósito que desde já, cedendo ao imperio de circumstancias de excepcional força maior, o poder competente se disponha a examinar a materia com a boa vontade que ella merece, para ficar habilitado a executar opportunamente qualquer resolução sobre o edificio que occupa o logar do velho Collegio e da primitiva Igreja dos Jesuitas, seja no sentido de reconstruill-o segundo o projecto assentado ha alguns annos, seja para arrasal-o de vez, cedendo todo o terreno em beneficio de um plano completo de ampliação e aformoseamento da mais antiga praça da cidade, que é tambem o sitio historico em que germinou a sua primeira cellula vital.

Não ha duvida que a solução radical seria a mais conveniente. Ella permittiria a realisação de um plano de obras que, aproveitando as condições singulares do local, faria daquelle logradouro publico uma aprimorada joia, em que a natureza, a historia e a arte collaborariam de mãos dadas.

Em verdade, por um eventual curso de condições especialissimas, o antigo Largo do Collegio reúne elementos que, aproveitados como merecem, podem transformal-o em um centro cívico de attractivos incomparaveis.

Começa por estar cercado de edificios monumentaes, achar-se junto á via publica de mais activa circulação urbana e dever em breve constituir-se a desembocadura de duas novas arterias de visção, de uma parte — a que lhe abrirá comunicação com a bella esplanada da Cathedral.

A topographia natural deu-lhe o bello realce da posição, que o chronista da fundação de Piratininga chamou suggestivamente — o mais patente destes campos — referindo-se á sua situação a cavalleiro da extensa e pittoresca superficie que se desdobra na baixada, desde o antigo leito do Tamandateby até ás encostas azuladas da Cantareira, através da operosa colmeia industrial que é hoje o Braz.

A sua boa fortuna, que já o premiára com tão felizes attributos, ainda o enriqueceu com um thesouro de espiritalidade historica, fazendo alli nascer o embryão de uma cidade, deste embryão uma raça predestinada, e desta raça um povo, uma nação.

Assim ennobrecido, pela natureza e pela historia, como se em São Paulo devessemos ver reunidos em um só sitio as recordações e as belezas que Roma venera e contempla no Capitolio e no Pincio, — o antigo Largo do Collegio está naturalmente fadado a vér a arte levantar sobre o seu chão sagrado o monumento glorificador das figuras primicias da fundação de São Paulo.

A notavel obra de arte, plantada no centro da praça, será realmente um novo gracioso florão a fazer sobresahir o esthetismo do esplendido conjunto.

Cultuando a memoria de Nobrega, de Anchieta e de Tibiriçá, o monumento commemorativo da fundação desta cidade será o symbolo perpetuo da veneração dos posteror aos maiores vultos dessa grande obra de benemerencia, tão relevante na sobrevivencia do seu immenso alcance politico, social e economico, tão heroica e intemerata em sua phase inicial; e o justo e digno preito, sem pungente sacrificio da verdade historica, não pode deixar de ser rendido no proprio torrão sagrado em que se reuniram ha alguns seculos, num ingente esforço solidario, illuminadas pelo mesmo supremo ideal, as grandes energias que alli assentaram os alicerces do commettimento que, bem apurados os effeitos de sua incommensuravel influencia, se pôde qualificar o facto maximo da historia colonial do Brasil.

Mas o plano da transformação da praça ainda reclamaria um complemento. Para tirar todo o partido que ella offereceria, engrandecida com a demolição do velho palacio uma outra obra de arte — a construção de amplo e artistico "belvedere", guardado por elegante

columnata — estaria a recomendar-se allí como remate decorativo da face de largo voltada para a varzea de Carmo, em vespertim de ser aliçada pelo magnifico projecto de melhoramentos que a digna Prefeitura Municipal trata de levar a effeito.

A perspectiva da extensa esplanada convertida em delicioso parque, com suas multiplas obras de arte e suas quadras destinadas a diversões sportivas, entremeadas de tableiros relvados, cobertos aqui e allí de graciosos tufos de arbustos ornamentaes, com o Tamanduatehy a deslizar pelo meio, ora comprimido entre os taludes verdejantes do canal, ora* refinando os contornos da paisagem com a perspectiva serena de um lago — deve ser um esplendido golpe de vista a se apreciar do alto.

Mas o que pôde tornal-o verdadeiramente fêérico, juntando no aprazível conjunto os effeitos de notavel maravilha no genero, é a circumstancia especialissima de possuir S. Paulo um dos maiores syphões hydraulicos do mundo, e poder facilmente aproveitar a sua formidavel capacidade de descarga, susceptível de borbotar cerca de dois milhões de litros por hora, sujeitos allí á pressão natural de cem metros de altura — para transformar o lago do parque em bellissima bacia de jogos de agua e fontes luminosas, com as mais variadas combinações artisticas de jactos, cortinas liquidas e focos de luz electrica espargindo raios de todos os matizes.

As famosas grandes aguas de Versalhes — com jactos optidos á custa de pressão artificial e alcançando quasi muito mais vinte metros de altura — que attraem, no primeiro domingo de cada mez, immensa multidão a admirar o formoso espectáculo, para cujo encanto não contribue pouco a belleza das esculpturas de Le Brun e Mignard, que adornam as bacias e os jardins em redor, as famosas grandes aguas não passariam de modesta miniatura dos incomparaveis effei-

tos do mesmo genero que aqui se poderiam obter com insignificante dispendio.

O artistico "belvedere" que se construisse no local do velho palacio — além de permittir aos habitantes da cidade o gozo de soberba vista panoramica e, de quando em quando, nos dias festivos, o prazer de admirar os mais notaveis jogos de agua do mundo — ainda proporcionaria logar, e logar magnifico como nenhum outro, á execução de notabilissima obra de justiça historica.

Uma gratissima impressão de viagem que senti e conservarei sempre, uma das horas de mais intenso gozo espirital que tenho vivido, foi ao visitar a celebre "Galeria degli Uffizi", em Florença, especie de Pantheão em plena praça publica, onde se admiram, esculpidas em marmore branco, as estatuas dos mais illustres filhos da gloriosa terra em que se encarnou o genio do renascimento literario e artistico do seculo XV.

E quem se não sensibilizaria ao vêr emergirem da historia, redi-vivos em corpo e espirito, graças ao poder evocativo da arte, os vultos notaveis de uma das épocas mais brilhantes da vida da humanidade?!

Gravaram-se-me especialmente na memoria algumas daquellas nobilissimas effigies... Miguel Angelo, um dos artistas mais renomeados de todos os tempos, o architecto reconstructor do mais celebre monumento que existe, a basilica de S. Pedro de Roma, o pintor do "Juizo Final" da Sixtina, o esculptor do "Moysés", do "David", da "Pietà"; Dante Alighieri, o maior poeta italiano, o cantor immorial da "Divina Comedia"; Leonardo Da Vinci, uma das mais complexas mentalidades genicas que tem dignificado a humana estirpe, o pintor da "Gioconda" e da "Ultima Ceia", esculptor, musico, engenheiro, tão exímio cultor das letras como profundo investigador das sciencias physicas e naturaes; Gallien, o sabio mathematico, physico e as-

troumo, um dos fundadores do verdadeiro methodo das sciencias physicas, o methodo experimental; Machiavel, o celebre homem de Estado e emulente escriptor politico, cujo nome atravessou tres seculos como que fulminado pelo anathema universal, mas a quem a critica moderna faz já a justiça reparadora de attribuir uma alma de patriota; Petrarca, coroado pelo Senado de Roma como o principe dos poetas de seu tempo, Petrarca que cantou as peregrinas virtudes de Laura, em sonetos e canções que a admiração dos seculos consagrou como fazendo parte dos mais finos primores da litteratura universal...

Como vêdes, senhores, são brilhantes, admiraveis, as figuras que povoam a galeria dos immortaes de Florença, e o culto que a bella cidade italiana presta à memoria de seus filhos illustres não é só um preito às suas virtudes; é tambem uma sabia lição pratica, intuitiva, de civismo. O nobre gesto de Florença é digno de ser imitado em S. Paulo. E' que, como os florentinos, tambem nós podemos nobremente nos orgulhar dos herões da nossa historia.

Eu não sei se a justiça social, que tão desamorada tem sido até aqui para com as figuras plutarchianas do nosso passado, cumprirá desta vez o seu dever, ou ainda deixará passar o momento, flagrantemente opportuno, para fazer erigir o Pantheon dos immortaes de São Paulo; o que, porém, em minha alma de paulista, em minha consciencia de patriota, eu tenho a gratissima satisfação de reconhecer e ajuizo a necessidade de proclamar é que, para gloria de minha terra, nenhum povo se honra com ascendencia mais digna da egregia homenagem.

Outros deixem de cumprir o seu dever, nem por isso nós, senhores, nós que aqui estamos reunidos, montando guarda aos nobres ideaes patrioticos, deixaremos de cumprir o nosso, ao menos da fórma que está ao nosso immediato alcance, e, pois, penetrando no silencioso cam-

pó santo em que repousam as venerandas reliquias que são como o "substractum" da nossa formação, vamos, de campã em campã, acordando as cinzas que alli dormem na triste solidão do abandono, render o tributo da nossa profunda e sincera veneração à cada um dos egregios representantes da nobre raça paulista.

.....

Tibiricã, o inclito chefe guayanaz; Affonso Sardinha, Domingos Jorge Velho, Paschoal Moreira Cabral Leme, Bartholomeu Bueno da Silva, Antonio Raposo, Fernão Dias Paes Leme, Amador Bueno da Ribeira, Balthazar de Borbã Gato, Belehior de Pontes, Pedra Vaz de Barros, Gaspar da Madre de Deus, Alexandre de Gusmão, Bartholomeu Lourenço de Gusmão, Pedro Taques de Almeida Paes Leme, José Arouche de Toledo Rendon, Jesuino do Monte Carmello, Os Andradas, Diogo Antonio Feijó, José Feliciano Fernandes Pinheiro, José Joaquim Machado de Oliveira, Nicolau Pereira de Campos Vergueiro, Francisco de Paula Souza e Mello, d. Antonio Joaquim de Mello, Francisco Adolpho de Varnhagen, Gabriel José Rodrigues dos Santos, José Antonio Pimenta Bueno, Arthur Silveira da Motta, Clemente Felção de Souza Filho, Antonio de Quel-rox Telles, José Bonifacio de Andrade e Silva, o moço; Antonio Carlos Gomes, José Ferraz de Almeida Junior, Prudente José de Moraes Barros, Manuel Ferraz de Campos Salles, Fernandes Glycerio, Bernardino de Campos, Cesario de Azevedo Motta Magalhães, Eduardo da Silva Prado, Oswaldo Cruz, Francisco de Paula Rodrigues.

.....

Erguei-vos, mortos illustres, columnas reditivas de toda a nossa estrutura — geographica, politica, social, economica, religiosa, scientifica, litteraria e artistica! Erguei-vos, modelos sublimados de eximias virtudes, fragmentos imperciveis de nossa grande alma ancestral, alma gentil, temperada de heroismo e repassada

de nobres ideias criadores, saero espirito predestinado que a gloria beijá na suprema consagração da immortalidade!

Perante vós, missionarios da nova redempção, paranympchos do renascimento civico da Patria, perante vós curvamo-nos todos nós, os vossos descendentes, os vossos legitimos herdeiros, os legatarios viscernas de vosso incomparavel espolio, para render-vos o preito reconhecido da nossa mais profunda admiração e reverencia, e pedir-vos que sejais, agora e sempre, os genios tutelares do nosso futuro historico, os espiritos guiladores da directriz que ha de conduzir a seu alto destino a nossa extramecida terra paulista, a terra que conquistastes com o vosso valor, que fecundastes com o vosso trabalho, que dignificastes com o vosso patriotismo, afim de que seja ella nos tempos porvindouros, como foi nos que passaram, o factor maximo da grandeza e felicidade do Brasil.

Possuindo um patrimonio historico ennobrecido por tão extraordinarios feitos, por tantas figuras olympicas, a desentranhar-se numa caudal de glorias e de bençãos sobre os seus descendentes, S. Paulo não commetteria apenas um crime de leso-patriotismo, S. Paulo commetteria um crime de lesa-justiça, de lesa-civilização, de lesa-humanidade, se, ao passar a primeira grande etapa da existencia nacional, o centenario da Independencia, deixasse permanecer no inconcebível ovidio em que têm jazido os vultos immortaes do seu passado. E' que não ha, não pôde haver patriotismo, onde não ha o culto da patria, dos seus heróes; não ha, não pôde haver justiça, onde não se presta homenagem ás mais eminentes virtudes dos cidadãos; não ha, não pôde haver civilização onde a solidariedade humana não existe e o povo desama as suas proprias raizes, a substancia e o processo de sua formação, a maior porção do seu ser, onde, em summa, o povo é o proprio a deamar-se a si mesmo.

Das festas civicas a que tive a satisfacção de assistir em terras estrangeiras a que mais me tocou o

coração foi a cerimonia do "decoration day" na America do Norte.

O "decoration day", que corresponde á data de 30 de Maio, é um dia festivo nacional nos Estados Unidos, o dia em que os norte-americanos commemoram os seus mortos heróicos, cobrindo de flores os seus tumulos, os seus monumentos historicos.

Como todos nós celebramos o 2 de Novembro, fazendo a romagem aos cemiterios em visita aos membros da familia, pedaços do nosso coração, que alli repousam, nos Estados Unidos, paiz em que o sentimento civico é extremamente apurado, entendeu-se, com profunda sabedoria politica, que a patria, como a familia, tem tambem os seus mortos, pedaços de seu grande coração, e a commemoração patriótica do "decoration day" é o preito collectivo dos vivos á memoria dos grandes mortos.

Pois bem, estivesse em S. Paulo levantada a galeria dos benemeritos do nossa historia, e certo é que nenhuma cerimonia falaria mais intencionalmente ao sentimento nacionalista, nenhuma homenagem poderíamos instituir contribuindo mais suggestivamente para a commemoração do passado do que a solennidade civica do "decoration day", sobretudo se, para accentuar-lhe a importancia e dar-lhe maior esplendor, fizessemos do 7 de Setembro o "decoration day" do Brasil, o nosso dia memoravel, o dia consagrado ao enfeite dos tumulos e das estatuas dos nossos mortos illustres, fixando para inicio da festiva cerimonia o proprio dia glorioso do centenario da Independencia.

Que espectáculo supremamente dignificante não seria então a romaria do patriotismo e da saudade, o desfilar da mocidade das escolas, dos novos e exuberantes rebentos da nossa velha raça — em continencia á sua nobre e heroica estirpe, a saudar e cobrir de flores os constructores insignes da nossa nacionalidade, dos denodados campeões da conquista, da colonização, da grandeza e da civilização do Brasil!

Mas, senhores, o momento historico é proprio, excepcionalmente propi-

cia, não só para fazermos justiça á memoria dos nossos antepassados benemeritos como para uma outra obra que tambem diz respeito ao culto da tradição.

E' que na formação historica de cada povo, na genesis de sua alma ancestral — não entra só o elemento propriamente ethnogenico; a velha habitação, os antigos usos e costumes, os moveis e utensilios, todo esse conjunto de coisas que guarnecem o lar e formam o trem da vida domestica, tudo faz parte de sua constituição social, do regimen de sua existencia.

Ora, assim como S. Paulo tem-se esquecido inteiramente de seus preciares avoengos, igualmente nada tem feito no sentido de conservar o que quer que seja dos tempos antigos.

A habitação primitiva, o mobiliario e toda sorte de utensilios domesticos em uso até a época da Independencia, e mesmo annos depois, tudo, absolutamente tudo vae desaparecendo na voragem dos tempos, de modo que, brevemente, não restarão nenhuns vestigios do nosso passado.

Para que se não consumme esse desastre, reagindo em boa hora contra o despreço a que têm sido votadas entre nós tão preciosas reliquias, condemnadas ao desaparecimento completo — se em tempo as não reunirmos e não tratarmos de conservá-las como merecem — surgiu em nosso meio a feliz iniciativa de uma exposição retrospectiva, projecto que bem valia ser convertido na realidade permanente de um museu de antiguidades paulistas.

Tendo a satisfação de haver sido convidado á fazer parte da commissão que estuda a realisação da magnifica idéa, posso informar que é seu pensamento reconstituir no Ipiranga, que é o nosso Aventino, a collina historica da Liberdade, o "fac-simile", mais ou menos em grandexa natural, da velha egreja do Collegio, representação archeologica do primeiro edificio que se construiu em S. Paulo, grupando em redor alguns typos caracteristicos das habitações da era colonial. No interior desses edificios se reuniriam, em exposição

permanente, os moveis, utensilios, objectos de arte, em summa, os preciosos remanescentes da herança avoenga, as reliquias que ainda se não perderam de todo no miseravel abandono em que têm sido deixadas.

Para ser completo o programma das solennidades commemorativas do centenário, restaria, depois de assentada a contribuição de caracter historico, combinar a outra parte das manifestações festivas.

Nenhum ensejo pôde ser mais favoravel do que o primeiro centenário da vida autonoma de um povo para inventario geral de suas forças, para um balanço dos recursos de sua potencialidade economica, uma vez que os phenomenos desta natureza são os que primam hoje em toda parte, decidindo os destinos dos Estados. Porção é, pois, mostrar cada um o que vale, o que tem feito e o que tem a fazer, não só para garantir a sua existencia social como para desenvolvê-la e aperfeiçoá-la em seus elementos vitaes.

Assim, uma exposição pecuaria, agricola e industrial, a que se poderia annexar uma secção artistica, exhibindo as conquistas que tem feito o Estado de S. Paulo nesses differentes ramos de trabalho, seria um magnifico numero do programma das festas, offerecendo a vantagem de reunir o util ao agradável, o ensino pratico que resulta sempre de taes certameis á diversão que elles proporcionam aos seus visitantes.

Confeccionado como tenho exposto o plano da solenne commemoração civica, cuido que nada mais seria indispensavel acrescentar-lhe senão a moldura do quadro: as festas que independem de antecipada preparação, as paradas militares, os espectaculos theatraes e sportivos, os bailes, em summa, toda sorte de passatempos recreativos com que a cortesia mandará que sejam distinguidos e obsequiados os representantes officiaes da União e dos Estados, bem como quantos se dignarem honrar-nos com a sua visita.

O programma suggerido não é de certo um programma sumptuario, em que brilhem o fausto e a pompa com

que, em outra situação financeira, seria dever solenizar a lembrança do acontecimento que fez entrar o Brasil na communhão das nações, mas que se me releve a pretensão de supôr que é um programma digno, discreto, de accentuada espiritalidade historica e tendo a recommenda-o esta circumstancia de monta — em vez de passar e desaparecer como o clarão ephemero das apotheeses theatraes, sobreviverá na magnificencia de um aprimorado conjunto de melhoramentos publicos e obras de arte, glorificando a memoria dos grandes feitos e das figuras heroicas do nosso passado.

Um codicillo é indispensavel ás disposições justificadas.

Se a gratidão devida á omnipotencia criadora tem que ser medida pela grandexa da obra criada, infinito deve ser o reconhecimento do Brasil; porque incomensuravel é a grandexa dos favores com que todos nós, brasileiros, fomos cumulados pela suprema munificencia.

Para nenhum povo, em verdade, o curso da vida e da civilização desliza em mais suave e formoso leito; cobre-o de dia um céu do mais bello azul de que Deus coloriu a cúpula do planeta que habitamos; vela-o de noite infinito numero de cirios accesos, como em adoração perpetua ao symbolo sagrado da redempção, o cruzeiro austral; tão ricos e abundantes são os thesouros de seu reino inorganico, que a admiração de seus intrepidos exploradores não encontrou designação mais adequada ás primeiras terras abertas ás suas incursões descobridoras que o suggestivo nome de "Minas Geraes"; de sua flora sem par o menos que se pode dizer é que vive a se desabotoar numa perpetua paschoa de côres, de perfumes e de frutos, eterno sorriso a florir nos labios da mais fecunda, da mais generosa das mães; nada iguala ao spectaculo de seus grandes rios, tranquillios mediterraneos sem fim, luminosas estradas de automoveis para as remotas regiões que estanciam no interior do Continente, ora colheando pelas varzeas a beijar a orla dos hervados em flor, ora

estroudeando em cataractas triumphaes, em soberbos gestos titanicos, capazes de accionar todo o aparelho mecanico da industria e da civilização nacional.

Sendo, assim, de todos os povos da terra o mais favorecido pelos dons naturaes, e possuido uma historia que não é simplesmente uma historia, mas antes um poema, o poema das virtudes heroicas de sua grande alma ancestral. — o povo brasileiro seria o mais ingrato dos povos, compor-se-ia das mais descaraveis das criaturas, se, no momento de celebrar a maior das suas festas civicas, olvidasse o maior de seus benefectores e, no solennissimo instante historico, sob a immensa abobada do mais sumptuoso de seus monumentos de arte, a nova cathedral de S. Paulo, concluida a tempo de prestar-se á santa homenagem, não erguesse os olhos para o céu, num supremo lance de reconhecimento, a entoar o hymno sagrado do louvor, o "Magnificat" da eterna glorificação a Deus, Senhor Nosso... (Da conferencia do sr. Adolpho Augusto Pinto, a 15 de Novembro, em S. Paulo, por delegação da Liga Nacionalista)

REVISTAS E JORNAES

HOMENS E COISAS NACIONAES

O FUNDADOR DA REPUBLICA

A adversidade, quanto mais dura é, com mais perfeição forja os bellos caracteres. Foi assim que formou o de Benjamin Constant, desde os verdes annos experimentado pelas asperezas da existencia. Aos 14 annos perdia seu pae — o tenente Leopoldo H. Botelho de Magalhães, official portuguez, que adoptou a nacionalidade brasileira nos primeiros dias da independencia nacional. Orphan e pobre, teve de trabalhar para o sustento de sua mãe e de cinco irmãos menores. Estudou com as difficuldades advindas de tal situação. Ao cabo de al-

gum tempo, matriculava-se na Escola Militar e conseguia reunir ao seu pequeno soldo o que lhe proporcionava o magisterio particular para a manutenção da família. Eis como se tornou militar e professor, seguindo a dupla profissão paterna, para benefício do Brasil. Em 1866, já capitão, marchava para a guerra do Paraguay, onde revelou calma e valor em lances arriscados. Depois de servir no estado-maior do commando em chefe, foi encarregado de construir trincheiras e baterias avançadas em Tuyuty, á direita da famosa "Linha negra", sob o fogo da artilharia e infantaria do inimigo, que tentava impedir o trabalho. Mandada a Corrientes para remetter canhões e petrechos, enfermou gravemente, assaltado pelo "cholora-morbus", que devastava nossas tropas. Melhorando, voltou a Tuyuty, não só para terminar os entrancheiramentos, como para desempenhar arduas missões da commissão de engenheiros nos frequentes reconhecimentos das posições do exercito de Lopez, escapando de ser aprisionado pela cavallaria paraguaya. Por fim, a fazer pontes e estradas, sobre rios e banhados pestíferos, contrahiu febres intermittentes, cuja prolongação o obrigou a vir ao Rio de Janeiro, licenciado por intervenção de amigos. Durante mais de um anno esteve inutilisado para o serviço e, por isso, julgou-se na obrigação de solicitar sua baixa, reconada pelo governo imperial. De novo entregue ao magisterio, pôde Benjamin Constant consagrar-se á fructifera tarefa de formar pelo doutrinamento a legião de alumnos que o havia de ajudar a 15 de Novembro de 1889. Nunca, porém, se importou com a politica, que detestava, até que os acontecimentos o chamaram ao terreno da revolução, para salvar o paiz da anarchia e do despotismo.

Quando irromperam tempestuosas as questões militares, com a propaganda abolicionista e republicana, Benjamin Constant collocou-se ao lado de seus camaradas nos ju-

tos protestos contra a opposição do governo imperial. Procurou, no entanto, impedir as explosões de um nefasto pretorianismo a perturbar a vida nacional. E' assim que, em 1897, numa reunião convocada para tratar do caso Senna Madureira, disse que, "se no regimen democratico é condemnada a predominancia de qualquer classe, muito maior condemnação deve haver para o predomínio da espada, que tem sempre mais facil e melhores meios de executar os abusos e propontencias".

Fiel ao mesmo pensamento, em Novembro de 1889, empregou toda o seu esforço em desviar o exercito, de uma simples sedição militar, para a extincção do regimen monarchico. E em consequencia consistiu o seu maior merito como propulsor dos eventos que nos levaram á proclamação da Republica, sem derramamento de sangue.

Na noite de 14 de Novembro de 1889, o tenente-coronel Benjamin Constant era chamado em sua casa para collocar-se á frente das tropas revoltadas contra a monarchia. Anxiosa e inquieta, sua esposa veio acompanhá-lo á porta, para dar-lhe o adeus — talvez o ultimo. Ao despedir-se, o austero soldado disse-lhe calma e simplesmente, movido por uma resolução inabalavel:

— "Vou cumprir o meu dever."

Não ignorava o perigo que ia correr, como um dos cabeças da revolução. Arriscava a sua vida, compromettia o futuro de sua familia e provavelmente cortaria a sua carreira, se fosse infeliz na audaciosa aventura. Mas, que importava tudo isso, se era mister cumprir o seu dever de brasileiro? Acima de tudo não estava o interesse da Patria? Soldado, bem o sabia e não vacillou nesse angustioso momento. Na madrugada do dia 15, Benjamin Constant se encontrava no campo da Aclamação com seus companheiros, chefiados pelo bravo marechal Deodoro da Fonseca, cujo concurso elle conquistára com palavras persuasivas. Estavam promptos para o combate: fazia embalados e

canhões carregados. Mas tudo se resolveu em paz, com alegria geral, ao troar das salvas festivas. Porque o throno, desprestigiado, já não tinha defensores: a nação inerte o desamparou, sem esperanças.

Triumphante o movimento que animou e guiou, o Fundador da Republica não pensou sequer um instante em disputar possesões e proventos. Por seu empenho, foi o marechal Deodoro escolhido para chefe do governo provisório. E se, a instancias dos companheiros, aceitou o cargo de ministro da Guerra, o fez unicamente para assegurar a consolidação das novas instituições.

Dias depois, aclamado general numa manifestação popular, o brioso tenente-coronel recusa o elevado posto. E' que, havendo sido o principal promotor da revolução republicana, não queria se lhe attribuissem intuições egoisticas e ambiciosas. Teve, porém, de submeter-se para não collocar Deodoro e Wandenkolk em difficeis condições, embora até á hora de morrer declarasse que "os penedos horridos de general lhe queimavam os punhos". Nasceu-o vis intrigas que o apontavam como competidor do marechal Deodoro na futura presidencia da Republica, Benjamin apressou-se em desmentir publicamente tal invenção. A 9 de Novembro de 1890, na reunião commemorativa da data em que seus camaradas lhe deram plenos poderes para preparar a revolução republicana, pronunciava-se com esta lealdade, no Club Militar:

— "Acho que elle (Deodoro) deve ser o futuro presidente da Republica Brasileira. Se posses' enfeitar na mão todos os votos do Congresso, dal-es-ia ao general Deodoro."

Lembrando o seu nome para senador federal pelos Estados do Rio e do Pará, onde a eleição era certa, recusou tambem com o mesmo escrupulo. Declarou então, pela imprensa, "que não era candidato a cargo algum e que, se por qualquer circumstancia fosse eleito, recusaria". Nem sequer acceptou uma casa que seus amigos pretendaram offerrecer a sua familia. Ao ser infor-

mado desta idéa, pediu e conseguiu fosse ella abandonada. (Paulo Pestana — *Estado de S. Paulo*, São Paulo).

A BANDEIRA DO BRASIL

Refero Joaquim Norberto, numa memoria historica sobre a bandeira nacional, onde ensina a quem não sabe e recorda a quem sabe, ter Antonio Candido de Lima, autor de uma colleção de poesias ligeiras dedicadas ás senhoras fluminenses, composto algumas endeiças entoadas no coração do povo pelos labiões das mães ao nutarem os filhos:

*"Aurora celesia
Cór matizada
Nossa divisa
Tem retratada.*

*Cada folhinha
Em si encerra
O distinctivo
Do nosso terra*

*Tu és o emblema
Do Brasileiro
Admirado
Do mundo inteiro."*

O decreto de 18 de Setembro de 1822, com a rubrica de Sua Alteza Real o Príncipe Regente e a referenda de José Bonifacio, diz textualmente ser conveniente dar ao Reino do Brasil um novo tope nacional, como o Príncipe já lhe concedera escudo de armas. Assim, o parecer do Conselho de Estado, ordenou o Governo que a lago ao tope nacional brasileiro ficasse composto das cores emblematicas — verde de primavera e amarello d'ouro.

Por muito tempo, refero Joaquim Norberto, foi creença que a idéa do desenho e das cores da bandeira nacional, creada por outro decreto de 18 de Setembro de 1822, nascesse de D. Pedro I e houvesse tido por executor tecnico Luiz Aleixo Bonlangier, rei de armas da casa imperial e calligrapho insigne.

O referido decreto desdobrou aos olhos da Nação a bandeira que, desse momento em avante, cobriu o povo

brasileiro com a sua sombra querida e sagrada, abrigando-lhe os dias de glória ou de infortúnio.

A bandeira nacional, ordenava o decreto, será composta de um parallelogramo verde e nelle inscripto um quadrilatero rhomboidal cõr de ouro, ficando no centro deste o escudo das armas do Brasil.

Tal escudo tinha em campo verde espheira armillar de ouro, atravessada por uma cruz de Christo, circundada a mesma espheira por dezanove estrellas de prata em orla axial, firmada a corõa real diamantina sobre o escudo cujos lados seriam abraçados por dois ramos das plantas de café e tabaco, emblemas de sua riqueza commercial, e ligados na parte inferior pelo laço da Nação.

Não cabe a Luiz Aleixo Boulanger, a idéa do desenho e das côres da bandeira nacional.

No palacio de S. Christovão, D. Pedro I mostrou o plano da bandeira do nascente Imperio, attribuindo-a a João Baptista Debret, pintor historico e membro da colonia artistica, a quem se deve a fundação da Academia de Bellas Artes.

O Imperador sujeitou o plano ao juizo de outro francez, Felix Emilio Taunay qual Debret professor da Academia, seu director e membro da referida colonia artistica, que, por ordem de D. João VI, o Marquez de Marialva encaminhara para o Brasil.

Felix Emilio era paisagista; não lhe agradaram nem o desenho nem a combinação das côres da bandeira.

Externou opinião, com a lisura dos homens de caracter diante de quem quer que seja, encontrando o Imperador bem humorado e disposto a aceitar as razões do artista opposto ao artista.

Assim, Felix Emilio Taunay não concordou com o desenho do escudo intercalado no quadrilatero rhomboidal e com a cõr verde, em repetição.

Propunha a vermelha em vez da verde, mas a tanto se oppoz D. Pedro, pela semelhança com o escudo portuguez.

O ferro da corõa imperial seria tambem verde; D. Pedro I conveio fosse vermelho, concordando com Taunay.

Não houve meio de ceder o Imperador quanto ás côres verde e amarella, allegando representarem a primavera eterna do Brasil e o ouro, achando-se no demais já lavrado o decreto da criação da bandeira.

Feita a independencia, cumpria acelamar o Imperador. Entretanto, no cerimonia da aclamação, por falta de tempo, não podia figurar a nova bandeira.

No dia 10 de Novembro de 1822 realizou-se o acto solenne do benzimento das bandeiras nacionaes, com festa na Capella Imperial e procissão.

Deus saudado, o Imperador desceu ao largo do Paço, onde a tropa faiscava em armas. Dirigiu-lhe a indispensavel proclamação tão do estylo militar da época, tão amada do homem da Corsega e de Santa Helena, de Marengo e de Waterloo.

D. Pedro I tambem gostava das proclamações, onde se lhe expandia o genio de imperador imperioso.

Fallou "aos soldados de todo o Exercito do Imperio", e um dos topicos da sua proclamação vai a calhar nos dias de hoje:

"Quando a patria precisa ser defendida e o Exercito tem por divisa — Independencia ou morte — a patria descansa tranquilla e os inimigos assustam-se, são vencidos e a gloria da nação redobra o brilho."

A voz de D. Pedro I extinguiu-se na ultima palavra da proclamação, a palavra Brasil, e uma salva de cento e um tiros, tres descargas de infantaria, cumprimentaram a nova bandeira, quando começou a subir no tope das fortalezas, de onde, até hoje, graças a Deus, ainda ninguem se fez arriar.

No dia seguinte, 11 de Novembro de 1822, as mesmas bandeiras cobriram de sombra e de prestigio os vasos da Armada Nacional e Imperial. No dia 13 foram saudadas pelos navios de guerra estrangeiros surtos no porto, circumstancia muito para notar, porquanto a Inde-

pendência ainda não recebera a benção diplomática de chancery al-guna.

No começo da Republica appareceram bandeiras, diversas, desde a hasteada no edificio da Camara Municipal, no proprio dia 15 de Novembro, pelo vereador José do Entrocínio, até as nascelas *post factum*, quando o Governo Provisorio, por decreto de 19 de Novembro de 1889, declarou manter as antigas cores nacionaes — verde e amarello — com a legenda — *Ordem e Progresso*.

Houve uma listrada de preto e branco; outra vermelha semeada de estrellas brancas. Acerca da historia da bandeira brasileira existe livro abundante e consciencioso, sob o titulo *Os symbolos Nacionaes*, da lavra de Enrico de Góes, polygrapho tão distincto quanto incansavel.

Nesse livro util e nesse autor prestado ha muita informaçao curiosa, muito servico feito ao estudioso.

Debaixo das duas fórmas de governo, a monarchica e a republicana, o Brasil, quasi centenario, tem conservado, mais ou menos, o seu pavilhão, intactas sempre as duas cores gratas aos olhos, ao peito e á sanidade de quantos nasceram nas bandaeas estreladas do Cruzeiro do Sul, esmalte da astronomia e honra de nossos céos. (Eschagnolle Dorin — *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro).

ALCOOLISMO,

OPILAÇÃO E IMPALUDISMO

São esses os tres maiores inimigos da população brasileira, os causadores maximos da depressão physica da nossa gente de trabalho, da sua apregonda indolencia, da sua apathia, da sua tristeza, e ausencia de ambicão natural e justa de conforto e de progresso.

Dahi a deficiencia da nossa produçao; a renda insignificante das nossas estradas de ferro; a necessidade das suas tarifas elevadas para podrem se manter; a desolação de leguas e leguas de terras, ás suas margens, deshabitadas, incultas, sem

rebauhos, pontilhadas de longe em longe, nas estações, de pequenos nucleos de população e uma ou outra villa, baptizada pomposamente de cidade.

Os habitantes desses pequenos nucleos, de casas sem hygiene, sem conforto, com deficiente mobiliario, taseo e rudimentar, com os quintaes cobertos de matto, sem hortas nem jardins, apresentam, em geral, o aspecto da doença, de desanimo e de tristeza lastimavel.

Ha poucos dias ainda percorri longo trecho da E. F. Leopoldina, na sua linha do litoral, penetrando, a cavallo, a região do municipio de S. João da Barra, trazendo dessa jornada, dolorosa impressao, pelo abandono e tristeza de toda a região, de terras fertilissimas, outrora prospera e rica, hoje desprezada, sem moradores, sem culturas, sem rebauhos, servida de pessimos caudões, com atoleiros de kilometros de extensao, em que o animal se enterra até á barriga.

Nas poucas moradas (tres a um percurso de cerea de tres leguas) encontrei todos os seus habitantes — homens, mulheres e crianças — profundamente prejudicados pela opilação e pela malaria, diabolinamente associada na sua faina destruidora, ajudadas ainda nos adultos pelo abuso da cachaca.

Infelizmente essa é, em geral, a impressao que têm os que querem observar, em quasi todas as regiões do paiz.

Nenhuma oportunidade se nos offeroce mais propicia, do que esta do estado de guerra, para estabelecer as bases de um combate efficaz a esses tres inimigos traicoeiros e implacaveis da nossa efficiencia de produçao, da nossa energia moral, do nosso caracter e da nossa raça, que se não deve deixar extinguir-se, porque é com os seus elementos, allás de primeira ordem, quando convenientemente cuidados e educados, que temos de contar para a nossa expansao economica e para a defesa da nossa bandeira.

O grande espirito, que foi o de Alberto Torres, nacionalista por ex-

cellencia, patriota inexcedível, servido de rara cultura e de espirito de observação, seguro e penetrante, levou os dez últimos annos da sua vida, inteiramente consagrada, desde a idade de 16 annos, ao serviço da patria, a prégar na imprensa e em livros, cujas paginas deveriam ser impressas com letras de ouro, a necessidade de "Organização Nacional", em moldes nacionaes, de accordo com as nossas tendencias, as nossas tradições, as nossas condições geographicas, ethicas e physicas.

Nesses notaveis trabalhos, que bem pouca gente terá lido, e que, talvez, nem meia duzia dos nossos politicos tenha folheado, são estadados com cerrada documentação e profunda erudição, a natureza brasileira, o seu territorio, a origem da sua população, a sua indole, a sua innata bondade e generosidade, o seu espirito pacifico, no mesmo tempo destemido e espaz das maiores bravuras.

Não temos que invejar a outros povos, senão quanto á defesa da saúde, e á organização efficiente da educação e da instrução.

Paiz vasto, de população escassa para immenso territorio, que não chega a tres habitantes por kilometro quadrado, consentimos que ella se internasse e disseminasse ainda mais pelos sertões, quando a nossa politica deveria ter sido a de centralisa em centros agricolas, eaneados, em torno dos nucleos já formados, conservando virgens os sertões, como reservas do futuro, para serem aproveitadas á proporção da expansão natural da sua raça, para o levantamento das suas forças, para a sua resistencia ás doenças, para a expansão economica do paiz e para a organização da nossa defesa.

Na impossibilidade material da applicação de medidas radicaes de prophylaxia do hepátudismo, couvria, desde já, crear a quinina do Estado, a preço infimo, fazendo-a chegar a todos os pontos do paiz, por intermedio de funcionarios federaes, estaduais e municipaes.

Salvar-se-ia muita gente, e impedir-se-ia a destruição de innumerables valores preciosos da produção.

Nem teriamos que inventar coisa alguma. Bastava-nos imitar o que tem feito a Italia, nesse particular, com surpreendente resultado economico.

Quanto á ankylostomiasse (opilação), a mais espalhada das nossas endemias, prejudicando 70 % ou mais da população brasileira, conviria decretar a obrigatoriedade do uso das fossas e installações sanitarias, simples, rudimentares que fossem; a obrigatoriedade do uso do calçado; ao menos nos centros povoados; e a creação, a preço minimo, ou gratuita, de medicamentos do Estado, curativos dessa doença, com indicações precisas do modo de usal-as.

Essa distribuição, porém, de medicamentos sem a providencia imprescindível da obrigatoriedade das fossas e latrinas, para evitar o lançamento das fezes á flór do solo, não dará resultado, ou será elle minimo e imperceptivel.

Além do combate a essas endemias, uma outra, que constitue uma vergonha — a variola — poderá ser eliminada de vez, com o estabelecimento da vacinação obrigatoria, embarçada até agora pelo receio da turba ignorante, e da propaganda insensata de meia duzia de sectarios orthodoxos, de uma seita que não tem raizes na opinião nacional.

A educação de um povo analfabeto e atrasado, faz-se mais pela applicação rigorosa de leis sabias, educativas, do que pela propaganda e conselhos.

Não fóra a lei especial, pedida por Oswaldo Cruz para sanear esta capital, e a applicação integral do regulamento sanitario della decorrente, denominado então código de torturas, e não teria podido o grande brasileiro levar a termo a ingente tarefa, que constitue o feito mais notavel da Republica.

Hoje, ninguém mais chama de código de torturas o regulamento sanitario, e a educação hygienica da

população desta capital se vai fazendo sem relutância.

O estado de guerra, com a guerra possível, traz para o povo obrigações sagradas, deveres indiscutíveis de dar todo o seu esforço, e até o seu sangue em benefício da Pátria.

Creia também para os governos deveres iniludíveis de fornecer ao povo os elementos indispensáveis, pró ou contra a sua vontade, para tornar eficiente e productivo o seu concurso.

Sem os elementos, que geram, ou que mantêm a saúde, não pôde haver augmento de produção, nem organização satisfactoria de defesa nacional. (Bellisario Penna — *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro).

HOMENS E COISAS ESTRANGEIRAS

LOURENÇO COSTER, O INVENTOR DA IMPRENSA

A *Revue de Hollande* publica um artigo do sr. Arthur Hubens, em que se demonstra que Guttenberg não é o inventor da imprensa. Isso não é bem uma descoberta, pois a thesa do sr. Hubens tem sido geralmente admittida pelos historiadores que estudaram a questão com imparcialidade. Nem por isso, entretanto, os allemães a aceitam. E' que elles são terriveis monopolisadores que, não contentes das poucas glorias antigas que não se lhes podem contestar seriamente, pretendem reivindicar as dos outros, e proceder á annexações retrospectivas de grandes homens ou de grandes idéas. Foi por isso que, quando 500º anniversario do nascimento do em 1900 a Alemanha festejou o celebre impressor de Mogúncia, numerosos discursos classificaram de dementes todos aquelles que não reconhecessem Guttenberg como o inventor da typographia. Não obstante, Guttenberg não o é — e o artigo bem documentado do sr. Arthur Hubens corta decisivamente a

questão. Este critico não nega o merito nem a importancia de Guttenberg. O cidadão de Mogúncia aperfeçoou notavelmente a invenção, e a sua famosa biblia de quarenta e duas linhas, apparecida por volta de 1456, e de que um dos rarissimos exemplares que até nós chegaram foi recentemente comprado por 250 mil francos por um americano, deve sempre ser considerada como a primeira obra prima que produziu a nova arte. Seja como fôr, entretanto, Guttenberg não foi o iniciador della.

Foi na Hollanda, em Haarien, que nasceu a imprensa, cujo verdadeiro inventor se chama Lourenço Coster. Sabe-se que o que caracteriza esta invenção é o emprego de caracteres moveis fundidos em metal. Antes della já se havia impresso alguns opusculos sobre taboas de madeira, por um processo identico ao da gravura. Isso já era uma tentativa para se chegar á imprensa propriamente dita, mas ninguem pode dizer se com esse processo se conseguiria esse objectivo, porque os chinezes já o conheciam ha muitos seculos, sem ter passado além. Lourenço Coster, entretanto, foi quem primeiro fundiu os typos moveis, que certamente outros procuravam fabricar desde algum tempo. A idéa pairava no ar, mas foi Lourenço Coster quem a executou. E se elle não chegou logo á perfeição ideal, nem por isso se lhe pode contestar o direito de prioridade. A "Chronica de Colonia" confessa em 1449 que "o primeiro esboço desta arte foi realizado na Hollanda". Outro chronista que florescia no seculo XVI, e que parece ter sido o primeiro que assignou, sob o pseudonymo de Junius, proclama que foi bem Lourenço, filho de João e natural de Haarem que "teve a honra de inventar a typographia". Junius acrescenta que tendo a invenção dado bons lucros, um dos operarios de Lourenço Coster trahiu o seu patrão e, fugindo, levou para Mogúncia os segredos em que elle tinha sido iniciado sob juramento de os não revelar a ninguem.

Os primeiros livros impressos por Lourenço Coster na primeira metade do século XV eram os *Donata*, especie de manuaes escolares assim chamados por causa do nome do grammatico Donatus, e o *Speculum humanæ salvationis*, especie de bilheta elemental em versos latinos. Estes escriptos tiveram uma grande voga durante a Idade Média, e é precisamente o espirito da Idade Média que a imprensa ia prolongando, como notou Michelet. Como todas as conquistas da sciencia e da industria, esta arte ou esta technica podia ser empregada nos usos mais differentes, e é dos homens que a empregam que depende fazer della um grande mal ou um grande bem. Felizmente, sobreveio a Renascença: a imprensa não poderia ser considerada como uma das causas da Renascença, mas é certo que a serviu da maneira mais effizaz. A Renascença era o grande movimento emancipador, e a imprensa o adoravel instrumento de emancipação, porque punha ao alcance de um publico enorme o que os manuscritos reservavam a uma "elite". E' por isso que Michelet declara que o papel de Mogancin foi ultrapassado pelo de Veneza e de Paris, onde os Aldos e os Estienne applicaram a imprensa á resurreição e á divulgação libertadoras do genio antigo. Em 1470, porém, o Parlamento ordenou a apprehensão dos primeiros livros impressos que se introduziram em Paris. O povo considera os primeiros impressores como feiticeiros, e os copistas de manuscritos os accusavam de concorrência desleal. Em 1535 a Sorbonne reclamou a supressão da imprensa. Não foi attendida, mas obteve em compensação o estabelecimento da censura. Como se vê, a censura não data de hontem... (Paul Souday — *Le Temps*, Paris).

A GUERRA ACTUAL E OS PRINCIPIOS DE ESTRATEGIA

A guerra de trincheiras, que continúa a fazer-se em França ha tres

annos, perturbou os espiritos. Teriam mudado os principios da guerra? Não seria mais a batalha um meio classico de destruir as forças organisadas do inimigo?

O aspecto mais novo do desenvolvimento da guerra hodierna é a applicação illimitada das trincheiras, que na frente occidental tem quasi immobilizado a batalha. Mas isto provém do facto de que após a batalha do Marne nenhum dos adversarios ponde conseguir sobre o outro uma predominancia decisiva, sendo ainda de notar que os reforços de effectivos se faziam com rapidez de ambos os lados, de maneira que se estabelecia um certo equilibrio entre ambos. Além disso, as duas extremidades da frente da batalha iam acabar por uma successiva e continua extensão ao mar e numa região neutra, dois obstaculos insuperaveis que impediam o cerco.

Mas essas condições que fixaram ao solo a batalha raramente se apresentam juntas, donde a impossibilidade de tirar dellas consequencias geraes. Em Marden, por exemplo, onde os russos tinham construido trincheiras contra as quaes eram lauteis os ataques frontaes, a lueta não se ponde perpetuar, porque a ala direita russa, sem o apoio de um obstaculo natural, foi facilmente cercada pelos japonezes. Se a França no momento da batalha, tivesse podido dispor de mais meio milhão de homens, o inimigo não se teria consolidado em Aisne; e se mesmo isso tivesse succedido, com as suas forças superiores, a Republica desenvolvendo a ala esquerda dos seus exercitos, teria conseguido transformar a batalha defensiva do Yser numa offensiva victoriosa. Von der Goltz já sentenciou que para fazer a guerra é preciso atacar e que o uso exclusivo da trincheira é o suicidio de dois exercitos, que não querem mais combater ou que o não possam mais. (General Percin — *La Grande Revue*, Paris).

A ADIVINHAÇÃO E A GUERRA

Estava escripto que a arte divinatoria se havia de exercer copiosamente com a guerra. Desde o início das hostilidades viu-se nos jornaes um verdadeiro dilúvio de annuncios. Dir-se-ia que cogumellavam prophetas sobre toda a extensão da França. E que prophetas! Por um franco ou cincoenta centesimos punham a sua arte divinatoria á disposição dos amadores. Aqui está por exemplo um annuncio bom característico: "A todos, por 50 centesimos, com a data do nascimento e um pedacinho de unha do pé direito, a celebre vidente M. . . remetterá, escripta por sua mão, o vosso destino". Seguia-se o endereço. A clientella affluia, e pouco a pouco foram apparecendo nos jornaes outros annuncios semelhantes. As adivinhas se tornaram tão numerosas e tão audaciosas com o transeorror das hostilidades, que o proprio governo se impressionou com isso, e para acabar com a exploração teve de dar instruções aos jornaes. Nem por isso, entretanto, deixaram de existir taes prophetas, que continuam a realisar magnificas receitas. Desgraçadamente, a guerra é uma occasião propicia á arte divinatoria. Quanto mais terríveis são os meios de destruição dos exercitos modernos, quanto maiores os perigos que correm os combatentes, maior é a ansiedade dos seus parentes e dos que os amam. Todos quantos recorrem aos adivinhos não se lembram, entretanto, de que as respostas destes não podem deixar de lhes ser favoraveis. Como poderiam elles destruir a ultima restea de esperanza que ainda alimenta uma pobre alma, desejoza de saber o paradeiro que teve um filho, um pae ou um irmão?

Como quer que seja, com relação á conducta geral da guerra, a arte divinatoria tem errado completamente. Ser-á porque não tenhamos mais oráculos? Terão estes desapparecido no cataclysmo do desmoronamento religioso do Olympo? — No tempo em que os deuses habitavam esta montanha sagrada, a adivinhação

florescia. Então, os prophetas, magicos, adivinhos e Sybillas não tinham necessidade de recorrer aos annuncios baratos de jornaes para attrahir a clientella. Povos inteiros eram seus devotos. Ninguém duvidava que os deuses falassem pela sua bocca, e todos elles representavam um papel politico e dispunham da força armada. Os proprios philosophos, que são uma casta eminentemente raciocinante, ás vezes edificavam theorias divinatorias. Platão, para explicar como os phenomenos physiologicos dão lugar a interpretações propheticas, disse que o figado é um espelho, em que se reflecte o pensamento divino e em que se concentra durante a vida a intuição divinatoria. Depois da morte, accrescentava elle, encontra-se no figado a impressão das imagens contempladas pela alma. Como os prophetas eram interpretes incontestados dos pensamentos dos deuses, gosavam de autoridade indiscutida, e a sua pessoa e o seu sacerdocio se rodeavam de proligioso luxo e infinita consideração. Hoje, o templo de nossas Sybillas é figurado as mais das vezes por um quarto estreito, de mobilia sem estylo, e de uma decoração cuja pobreza só se pode comparar á banalidade muitas vezes repellente e grotesca do ambiente. Como estamos longe dos magnificos palacios dos gregos! Essas sumptuosas moradas eram levantadas com o dinheiro de subscrições publicas. A Pythia de Delphos habitava um templo que havia custado tres mil talentos de ouro, ou sejam 256.500.000 francos em mobia franceza, e toda a sua fachada era feita de marmore de Paros. A Pythia Delphiana não prophetisava senão quando Apollo estava a isso disposto. E Apollo era absolutamente refractario a todo o trabalho durante os tres mezes de inverno consagrados ao seu collega Dionysos. A bem dizer, a Pythia operava durante um dia do mez para as consultas gratuitas ou a preços reduzidos, que ella dava sentada sobre os degraus do templo. O resto do mez ella prophetisava para os

elientes serios, installada no sanctuario. Nenhum cliente era admitido perante ella sem ter se submettido a uma prova que decidia se elle era ou não do agrado de Apollo. A Pythia purificava-se primeiro por abluições na fonte da agua sagrada e fumigações; vestia em seguida um costume que imitava o de Apollo Mussageta, bebia agua de uma outra fonte santa, collocava uma folha de louro na bocca, tomava uma segunda na mão direita e subia para o sanctuario. Hoje, para interpretar o sonho, as nossas Sybillas abrem a "Chave dos Sonhos" e fazem o commentario banal que já sabem de cór. Em Epidaurio, o consulente devia primeiro observar uma dieta de quinze dias, tomando banhos simples ou mineraes, com fricções, unções e fumigações. Suggestionavam-no com a narração de curas maravilhosas, inebriavam-no com uma musica deliciosa, o odor das flores e de perfumes queimados. (Louis Marquet — *Revue Bleue*, Paris).

A INIMIGA DE NAPOLEÃO

No dia 14 de Julho de 1817 morria em Paris, com cincoenta annos, Anna Louise Germaine Necker, honrera de Staël, um dos mais singulares engenhos femininos de que guarda memoria a historia contemporanea. Mme. de Staël tem o seu nome ligado ao de Napoleão Bonaparte, não por ter collaborado com elle, mas bem ao contrario, por ter votado no primeiro consul e depois Imperador uma profunda e irreductivel inimizade. Com effeito, desde o dia em que o astro do grande corao começou a subir no horizonte politico, não só da França como da Europa inteira, não houve manifestação litteraria de Mme. de Staël que não buscasse origem ou inspiração na politica. O longo e aspero dissidio entre essas duas pessoas que queriam ser uma o Imperador omnipotente; a outra, a imperatriz do pensamento, é o resultado do choque de duas grandes ambições, uma das quaes, a feminina, se differen-

ciava do valor pessoal e o orgulho de uma conspicua tradição familiar. Filho do ex-ministro Necker, ella queria que ninguém esquecesse a sua origem. Mas o seu erro maior foi pretender a todo o custo esse reconhecimento, de quem, menos do que qualquer outra pessoa, estava disposto a prestar essa homenagem. Na tenaz opposição desta mulher havia, com o despreso da origem esportiva de Bonaparte, um fundo de razão, que em nome dos supremos principios da Moral e da Civilização não podemos hoje deixar de reconhecer e reconhecer. Affirmava ella que o espirito militar constitue um dano imminente para os Estados livres; que a guerra é o maior flagello desencadeado pelas paixões humanas e que a gloria das armas é ephemera; e acrescentava que, sem principios philosophicos não ha moral e que sem moral não se pode reger as nações.

Estas idéas se ligam ao conceito philosophico fundamental de toda a doutrina de Mme. de Staël, que claramente encontramos já exposto na obra publicada em 1800, sob o titulo "De la littérature considérée dans ses rapports avec les institutions sociales", onde se pretende demonstrar o dogma do progresso e da marcha sempre ascendente do espirito humano.

Essa mulher por varias vezes metrou, porém, na opposição que fazia a Napoleão, não ser o portento de genio e de equilibrio que se dizia. Em 1802, por exemplo, discutiam-se os artigos do Codice Civil referentes ao instituto do matrimonio, e varios oradores sustentavam a necessidade de garantir a estabilidade do contracto perante a lei. O proprio Bonaparte pensava assim, elle que não tinha feito nunca mysterio da opinião segundo a qual o divorcio era damnosissimo do ponto de vista social. A questão do divorcio, de resto, achava-se estreitamente ligada á questão mais geral da restauração dos costumes, que Napoleão, muito louvavelmente pretendia fazer. Pois bem; Mme. de Staël não hesita em considerar tudo

isso com um espirito de scepticismo intoleravel numa mulher: "Bonaparte quer que todos se casem — escrevia a 3 de Maio de 1802, a Mme. de Récamier — bispos, cardenas, etc." No mesmo anno apparecia *Delphine* que o *Journal des Debats* considerava "trés faux, três antisocial, três dangereux". As primeiras hostilidades, porém, surgiram abertamente pelos fins de 1799, ou pelos principios de 1800, quando se formou contra a politica de Bonaparte uma opposição organizada. Mme. de Staël teve de passar por isso dez annos no exilio, durante os quaes escreveu as obras que deviam contribuir para a sua notoriedade: "Corinne" e "L'Allemagne", a primeira publicada em 1807 e a segunda em 1813. (Carlo Meola — *Essegna Nazionale* — Florença).

VARIEDADES

REMEDIOS CHINEZES

A pharmacopéa chinesa recorre muito ao reino vegetal, tanto que a sciencia de um boticario da hoje publica da China se limita ao conhecimento de tres livros ou herbarios classicos.

Esses livros são os seguintes: o *Sheng-nourg*, que descreve as virtudes de 365 plantas, correspondentes aos 365 dias do anno; o *Pelhu*, supplemento do precedente, que trata de outras 365 drogas vegetaes, e o *Li-Shi-Chen* que enriquece a pharmacopéa com 252 simplicies novos.

Ha muito tempo, pois, os chinezes são mestres na arte de cultivar as plantas medicinas que exportavam depois para a Europa e a America.

As difficuldades da navegação, consequentes á guerra, prejudicaram enormemente essa industria. Chegamos agora a noticia de que dois letrados chinezes iniciaram a traducção em latim do *Codex chinser*, formado pelos tres livros acima. Não ha duvida nenhuma de que essa obra será lida com curiosidade por todos os medicos dos dois Mundos...

A ORIGEM DO BEIJO

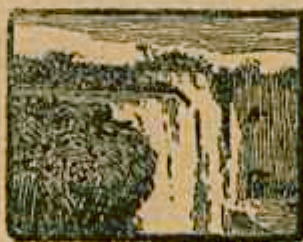
Este assumpto fez objecto de um grave artigo publicado pela *Revue Anthropologique*, em que o sr. Charles Lejeune procura mostrar que o beijo se originou de um rito religioso. No Oriente, diz elle, nós vemos as pombas intimamente ligadas ao culto de Venus Astarté. Daver-se-ia por acaso a este culto a glorificação do beijo, tão frequente e tão prolongado nessas aves sagradas? — O que é certo é que o rito do beijo se desenvolveu, com todas as religiões do Oriente, ao mesmo tempo que o das pombas. Entre os antigos, cujos costumes eram mais simples do que os nossos, o beijo foi provavelmente, ao sahir do estado selvagem, o modo mais natural de manifestar o respeito. O livro de Job ensina que os adoradores do sol e da lua estendiam as mãos para esses astros e as levavam depois á bocca. Em todos os tempos se têm beijado e se beijam ainda as estatuas dos idolos e dos santos. O beijo que se dava no hospede tornava-o sagrado. Quando o beijo se generalizou, distinguiram-se nelle diversas especies; segundo era dado na bocca, na mão, na barba, na fronte, etc. e considerando ainda o grão de parentesco, o sexo, a idade e os usos locais, o beijo significava amor, respeito, fidelidade, amizade, protecção, submissão ou adoração. O catholicismo, que conservou os ritos principaes das religiões preexistentes, fez do beijo o signal pelo qual se reconheciam os irmãos da fé. Na Idade Média o beijo fazia parte das formalidades que devia preencher o novo cavalleiro, e ainda hoje quando entrega uma medalha a um soldado, o commandante sella a acta com um beijo. Em certos povos o beijo era um penhor de fé que as partes contractantes se davam mutuamente, e correspondia assim ao aperto de mão que fecha os negocios; e era ainda um signal de reconciliação.

A BIBLIOTHECA DE JULIO
LEMAITRE

Vendeu-se ha pouco tempo em Paris a magnifica bibliotheca de Julio Lemaître, o critico subtil que, por causa de uma molestia horrivel, pouco antes de morrer já não sabia mais lêr. Os livros de Lemaître formavam uma bibliotheca admiravel, que foi, como diz seu *ex-libris* — *inveni portam*. Attingiram a preços extraordinarios os livros, alguns de edições preciosissimas, pelas illustrações ou pela raridade. E' assim, por exemplo, que as *Metamorphoses*, de Ovidio, em marroquim, se venderam por 5.305 francos; o *Roman Comique*, edição de 1796,

tambem em marroquim, por 2.205 francos; o *Voltaire*, de grande formato, 2.000 francos; o *Temple de Gnide*, illustrado por Eisen, em vendo antigo, por 1.250 francos.

Entre as edições origininas modernas ou romanticas, os preços maiores foram os seguintes: *Eugénie Grandet*, de Balzac, por 295 francos; as *Fleurs du Mal*, de Baudelaire, 580 francos; *Da sung, de la volupté, de la mort*, de Maurice Barrés, com uma parte do manuscrito, 190 francos; *Adolphe*, de Benjamin Constant, 540 francos; *Chansons morales*, de Béranger, datado de 1816, 261 francos; *Mémoires d'Outre Tombe*, de 1850, por 900 francos; *Oeuvres*, de André Chenier, edição de 1819, por 600 francos.



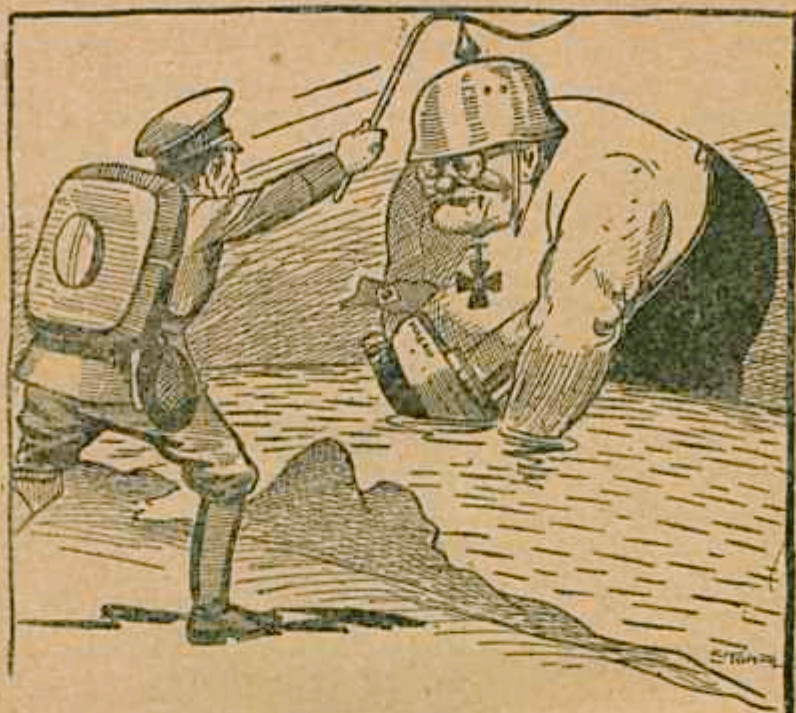
AS CARICATURAS DO MEZ

A GUERRA!



— O mundo é testemunha de que fiz, com dignidade, o que era possível para não participar da luta!

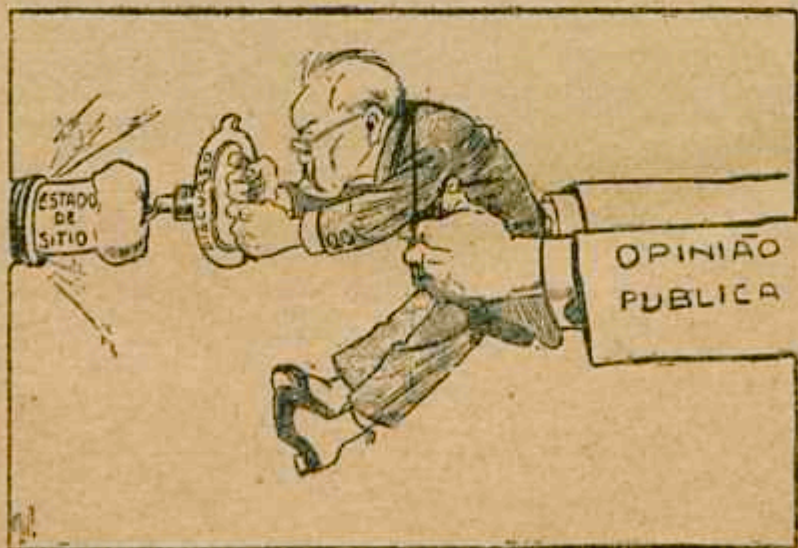
(Julião Manhado — "D. Quixote", Rio).



Contra as armas da covardia falta esta peça no equipamento!

(Storni—"D. Quixote", Rio).

A FORÇA FAZ A UNIÃO...



E a união faz-se à força.

(Calisto—"Gazeta de Notícias", Rio.)

NA BOTICA MAIS PROXIMA



— O senhor tem aguardente allemã?

— ! ! ! ! !

(Paul—"D. Quixote", Rio).

CASA DODSWORTH

RUA BOA VISTA, 44

DIRIGIR-SE A

COSTA, CAMPOS & MALTA

END. TELEG. - DORMAN - Caixa, 962

TELEPHONE, 4305

SÃO PAULO

IMPORTAÇÃO DIRECTA DE TODOS

ARTIGOS DE ELECTRICIDADE

INSTALAÇÃO DE LUZ FORÇA

REVISTA DO BRASIL

SUMMARIO do numero de Outubro: — Souza Bandeira, por Mario de Alencar, da Academia Brasileira; A Independencia do Brasil, conferencias, por Armando Prado e Amadeu Amaral; A morte do Saey, conto, por Sergio Espinola; O "Salão" de 1917, com otto illustrações, por Monteiro Lobato; Livros... por Medeiros e Albuquerque, da Academia Brasileira; Alguns novos do Rio Grande do Sul, por Homero Prates; Vida ociosa, romance, por Godofredo Rangel; A defesa nacional, por Assis Brasil; Dois sabios holandezes no Brasil, por Juliano Moreira; O saneamento do interior do país, por A. Amaral; O movimento nacionalista, por Matheus de Albuquerque; A philosophia no Brasil, por João Ribeiro; O Norte literario, por Xavier Marques; Notas de sciencia; Bibliographia; Movimento artistico; Revistas e jornaes; As caricaturas do mez; etc.





— *Prefiro o Chocolate Falchi.*



VOZES DA AMERICA



Uma muito forte e muitissimo mais pratica...
(Lutz—"Jornal do Brasil", Rio).

O PEIXE MORRE PELA BOCCA



'O Brasil espera que cada um cumpra o
seu dever'.
(“Carreta”, Rio).

“LE MONDE MARCHÉ”



(Storai—"D. Quixote",
Rio de Janeiro).

Cortar e enviar o seguinte coupon:

Sr. Secretario-Gerente da “REVISTA DO BRASIL”

Caixa, 1373 - S. Paulo

Remetto-lhe a importancia de 15\$000 réis para a reforma de
minha assignatura até dezembro de 1918.

Nome _____

Localidade _____



5 Motivos porque V. S. nos deve dar a sua preferencia:

1. O nosso "stock" é hoje sem rival em todo o Brasil.
2. Os nossos artigos são procedentes das melhores casas inglezas e francezas no seu genero e são de qualidade garantida.
3. A enorme variedade de artigos que apresentamos nos trinta departamentos da casa torna a sua escolha facil e agradável.
4. Embora as nossas mercadorias sejam de qualidade fóra do commum, os preços são relativamente bem modicos. Centenas dos nossos freguezes, conhecedores do artigo, attestam isso.
5. A nossa reputação lhe garante completa segurança em todos os seus negocios com a casa. Se qualquer artigo comprado não estiver de accôrdo com os seus desejos, accetamos a devolução do mesmo, trocando-o ou restituindo a respectiva importancia.

MAPPIN STORES
S. PAULO

The British Bank of South America, Ltd.

FUNDADO EM 1853

Casa Matriz, 4 MOORGATE STREET, Londres

Filial em São Paulo, RUA SÃO BENTO N. 44

Capital subscrito . . .	£ 2.000.000	Succursaes em: BAHIA,
„ realizado. . . .	£ 1.000.000	RIO DE JANEIRO, MONTEVIDÉO,
Fundo de reserva . . .	£ 1.000.000	ROSARIO DE STA. FÉ e BUENOS AIRES.

O Banco tem correspondentes em todas as principaes cidades da Europa, Estados Unidos da America do Norte, Brasil e Rio da Prata, como tambem na Australia, Canadá, Nova Zelândia, Africa do Sul e Egypto.

Emittem-se saques sobre as succursaes do Banco e seus correspondentes.

Encarrega-se da compra e venda de fundos, como tambem do recebimento de dividendos, transferencias telegraphicas, emissão de cartas de credito, negociação e cobrança de letras de cambio, coupons e obrigações sorteadas e todo e qualquer negocio bancario legitimo.

Recebe-se dinheiro em conta corrente e em deposito abonando juros, cujas condições podem ser determinadas na occasião.

Firmas e particulares que desejarem manter uma conta corrente em esterlinos, em Londres, podem abril-a por intermedio desta filial que, a pedido, fornecerá talão de cheques e quaes quer esclarecimentos.

Este Banco, tambem abre contas correntes com o primeiro deposito de Rs. 50\$000, e com as entradas subsequentes nunca inferiores a Rs. 20\$000, até o limite de Rs. 10.000\$000 abonando juro de 3% ao anno.

As horas do expediente sómente para esta classe de depositos, serão das 9 horas da manhã às 5 da tarde, salvo aos sabados, dia em que o Banco fechará à 1 hora da tarde.

Wilson Sons & Co. Limited

RUA B. DE PARANAPIACABA, 10

TELEPHONE, 123

CAIXA DO CORREIO, 523 End. Teleg. "ANGLICUS"

SÃO PAULO

IMPORTADORES:

de carvão de pedra, forja, anthracite, coke, etc.; ferro guza, cobre, chumbo, chapas e canos de ferro galvanizado, folhas de flandres e ferragens; óleo de linhaça e tintas; drogas e adubos para industrias; barro e tijolos refractarios, barrilha etc.

AGENTES DE:

- Alliance Assurance Co. Ltd., Londres
Seguros maritimos e contra fogo
- J. B. White & Brothers, Londres
* Cimento Portland "J. B. W."
- Aberthaw & Rhose Portland Cement &
Lime Co. Ltd. Cimento marca "Mitra"
- Read Brothers Limited, Londres
Cerveja Guinness "Cabeça de cachorro"
- Curtis's & Harvey Ltd., Londres
Dynamite marca "Dragão"
- Brooke, Bond & Co. Ltd., Londres
Chá preto e verde marca "Bond"
- William Pearson Ltd., Hull
Creolina, Pacolol e Pacofluido
- Andrew Usher & Co., Edinburgo
Whisky "Liqueur"
- J. Bollinger, Ay Champagne
Champagne "Bollinger"
- P. Virabian & Cie., Marselha
Ladrilhos e Cimento
- Holzapfels Ltd., New-Castle-on-Tyne
Tintas preparadas "Lagoline"

Accetam pedidos para importação directa mediante
modica commissão



ETABLISSEMENTS BLOCH

Société Anonyme au Capital de 4.500.000 francos



FAZENDAS, TECIDOS, ETC.

RIO DE JANEIRO
116, Rua da Alfandega

S. PAULO
47, Rua Direita

PARIS, 26, CITÉ TRÉVISE

As Machinas **LIDGERWOOD**

Para CAFE MANDIOCA
ARROZ MILHO
ASSUCAR FUBÁ, etc.

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil

GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura

CORREIAS-OLEOS-TELHAS DE ZINCO-FERRO EM BARRA

GRANDE STOCK de canos de ferro galvanizado e pertences

CLING SURFACE, massa sem rival para conservação de correias

Importação directa de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

Para informações, preços, orçamentos, etc., dirigir-se a

Rua de São Bento N. 29-C

SÃO PAULO

OFFICINAS DO 1º ESTADO DE S. PAULO

